
alyson noël
Primeiro lugar na lista de mais vendidos do The New York Times
para sempre
os imortais

TRADUÇÃO DE MARCELO MENDES

Copyright © 2009 Alyson Noël, L.L.C.

Todos os direitos reservados, incluindo os de reprodução de todo o conteúdo ou de parte dele, em qualquer formato.

TÍTULO ORIGINAL
Evermore

CAPA
Angela Goddard e Jeanette Levy

ADAPTAÇÃO DA CAPA
retina 78

FOTOS DA CAPA
Garota © Zen Shui Photography/VEER
Tulipas © Marcel Steger/Solus Photography/VEER

PREPARAÇÃO
Juliana Souza

REVISÃO
Liciane Guimarães Correia
Umberto Figueiredo Pinto
Sheila Til

REVISÃO DE EPUB
Luana Gonçalves

GERAÇÃO DE EPUB
Selênia Serviços

E-ISBN
978-85-8057-051-9

Edição digital: 2011

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrinseca

Para Jolynn “Snarky” Benn —
minha amiga por muitas encarnações.
(Na próxima, seremos *rock stars*!)

agradecimentos

Este livro não teria sido escrito sem a imensa generosidade e a sabedoria das seguintes pessoas: Brian L. Weiss, M.D., e Christina Gikas, que me mostraram um passado que eu jamais poderia ter imaginado; James Van Praagh, que me ensinou a olhar para o mundo de um jeito inteiramente novo; Kate Schafer, minha agente literária, que tão habilmente me guia e orienta; Rose Hilliard, minha editora nos Estados Unidos, que cuida de minhas histórias com tanto carinho; NaNá V. Stoelzle, copidesque de muitos livros meus, que me poupa dos mais variados constrangimentos gramaticais, e, como sempre, Sandy, o último dos homens da Renascença!

as cores da aura
e seus significados

Vermelho: energia, força, raiva, sexualidade, paixão, medo, ego

Laranja: autocontrole, ambição, coragem, poder de reflexão, desânimo, apatia

Amarelo: otimismo, felicidade, intelectualidade, amizade, indecisão, vulnerabilidade à influência alheia

Verde: serenidade, poder de cura, compaixão, farsa, ciúme

Azul: espiritualidade, lealdade, criatividade, sensibilidade, generosidade, humor instável

Violeta: alta espiritualidade, sabedoria, intuição

Índigo: benevolência, intuição apurada, busca existencial

Rosa: amor, sinceridade, amizade

Cinza: depressão, tristeza, cansaço, falta de energia, ceticismo

Marrom: ambição, egoísmo, opiniões fortes

Preto: falta de energia, doença, morte iminente

Branco: equilíbrio perfeito

O único segredo que as pessoas guardam / É a imortalidade.

— EMILY DICKINSON

um

— Adivinha!

As mãos quentes e úmidas de Haven apertam minhas bochechas, e seu anel, um crânio de prata escurecido, deixa uma marca de sujeira sobre minha pele. E mesmo que meus olhos estejam cobertos e fechados, sei que os cabelos dela, tingidos de preto, estão partidos ao meio; um espartilho de vinil preto se sobrepõe a uma blusa de gola rulê — mantendo-se em conformidade com o código de vestimenta de nossa escola; a saia comprida de cetim preto, apesar de nova, já tem um furo próximo à bainha, de quando ela pisou com o bico das botas Doc Martens; os olhos parecem dourados, mas só porque ela está usando lentes de contato amarelas.

Também sei que o pai dela não está viajando "a trabalho", como ele mesmo disse; que o personal trainer de sua mãe é muito mais "personal" que "trainer" e que o irmão caçula quebrou um CD dela, do Evanescence, e agora está com medo de contar.

Mas não sei isso tudo porque andei bisbilhotando a vida dela, nem porque alguém me contou. Sei porque tenho poderes sobrenaturais.

— Anda logo, adivinha! Daqui a pouco o sinal vai tocar! — ela diz com a voz rouca, como se fumasse um maço de cigarros por dia, embora só tenha tentado fumar uma vez.

Enrolo um pouco enquanto penso na última pessoa com quem ela gostaria de ser confundida.

— Hilary Duff?

— Eca! Vai, tenta de novo. — Ela aperta ainda mais forte, nem sequer desconfiando de que não preciso *ver* para *saber*.

— Será a sra. Marilyn Manson?

Ela ri e desencosta as mãos, e então lambe o polegar para apagar a tatuagem de sujeira em minha bochecha, mas levanto o braço antes que ela possa me alcançar. Não porque tenha nojo da saliva dela (quer dizer, *sei* que Haven não tem doença nenhuma), mas porque não quero que encoste em mim novamente. O toque humano é muito revelador, muito cansativo, então procuro evitá-lo a todo o custo.

Com um gesto rápido, ela tira o capuz de minha cabeça e aperta os olhos ao ver meus fones de ouvido.

— O que você está ouvindo?

Levo a mão ao bolsinho para iPod que costurei no capuz de todos os meus moletons (para esconder dos professores os tão conhecidos fiozinhos brancos) e entrego a ela o aparelho.

— Puxa... — ela diz com os olhos arregalados. — Quer dizer, que barulheira é essa? Quem é que está cantando isso?

Haven se curva para que nós duas possamos ouvir Sid Vicious berrando sobre a anarquia no Reino Unido. Na verdade, nem sei se ele é a favor ou contra. Sei apenas que berra o suficiente para dar uma acalmada em meus supersentidos.

— Sex Pistols — respondo, desligando o iPod e guardando-o de volta no esconderijo.

— Nem sei como você pôde me ouvir. — Haven sorri ao mesmo tempo que o sinal toca.

Simplesmente dou de ombros. Não preciso *escutar* para *ouvir*. Claro, não é isso que digo a ela. Falo apenas que a gente vai se ver de novo na hora do almoço e vou para minha aula, atravessando o

campus da escola e encolhendo-me ao intuir os dois garotos que se aproximam pelas costas de Haven e pisam a bainha da saia dela — por pouco não a fazem cair. Mas quando ela se vira para trás, faz o sinal do Mal (certo, não é o sinal do Mal, mas algo que ela mesma inventou) e os encara com aqueles olhos amarelos, eles imediatamente se afastam e a deixam em paz. Quanto a mim, suspiro aliviada e entro na sala de aula, sabendo que não vai demorar muito até que eu deixe de sentir a energia persistente do toque de Haven.

A caminho de meu lugar, no fundo da sala, desvio-me da bolsa que Stacia Miller deixou de propósito em meu caminho e ignoro a serenata que ela diariamente sussurra ao me ver — "*Per-de-do-ra!*". Em seguida, acomodo-me na cadeira, tiro livro, caderno e caneta da mochila, coloco os fones de ouvido, visto o capuz, jogo a mochila na carteira vazia a meu lado e espero pela chegada do sr. Robins.

O sr. Robins está sempre atrasado. Sobretudo porque gosta de tomar uns goles de seu cantil de prata entre uma aula e outra. Mas bebe apenas porque a mulher grita com ele o tempo todo, a filha o considera um fracassado e ele, quase sempre, detesta a própria vida. Descobri tudo isso em meu primeiro dia nesta escola, quando acidentalmente toquei na mão dele ao entregar o formulário de transferência. Agora, portanto, sempre que tenho de lhe entregar algo, deixo na beirada da mesa.

Fecho os olhos e espero, enquanto meus dedos deslizam pelo moletom, a fim de trocar o barulhento Sid Vicious por algo mais leve, mais tranquilo. A gritaria de Sid não é mais necessária agora que estou na sala de aula. Acho que a relação entre professor e alunos ajuda a conter, pelo menos até certo ponto, minha energia mediúnica.

Nem sempre fui essa bizarrice que sou hoje. Já fui uma adolescente normal, do tipo que ia às festinhas da escola, se apaixonava por celebridades e tinha tanto orgulho dos cabelos louros que jamais pensaria em prendê-los num rabo de cavalo ou escondê-los sob um capuz. Eu tinha mãe, pai, uma irmã caçula chamada Riley e uma cadela labrador amarela, fofíssima, de nome Buttercup. Morava numa casa agradável, num bairro bacana de Eugene, no Oregon. Era popular, feliz e mal podia esperar para chegar ao segundo ano, pois tinha acabado de me tornar chefe de torcida da principal equipe da escola. Minha vida era completa, e o céu era o limite. Essa história de céu pode ser um tanto gasta, mas, no meu caso, ironicamente, é também a mais pura verdade.

No entanto, sei tudo isso apenas por ouvir dizer, pois desde o acidente só me lembro claramente de uma coisa: eu morri.

Tive o que as pessoas chamam de "experiência de quase morte", ou EQM. Acontece que *as pessoas* estão erradas. Podem acreditar, não houve nada de "quase" no que me aconteceu. Foi assim: num instante, Riley e eu estávamos no banco de trás do SUV do papai, Buttercup com a cabeça pousada no colo de minha irmã e o rabo batendo suavemente em minha perna, e a próxima lembrança... os airbags inflados, o carro inteiramente destruído e eu lá, assistindo a tudo do lado de fora.

Olhando para os destroços — os estilhaços de vidro, as portas amassadas, o para-choque dianteiro agarrado ao tronco de um pinheiro num abraço letal —, fiquei me perguntando o que poderia ter acontecido de errado, esperando e suplicando que todos tivessem conseguido sair dali como eu. De repente, ouvi um latido familiar; virei para trás e vi minha família seguindo por um caminho, guiada por Buttercup, que abanava o rabo.

Fui ao encontro deles. De início, tentei correr e alcançá-los, mas depois fui mais devagar, querendo me demorar e passear por aquele campo vasto e perfumado de árvores e flores vibrantes

que tremeluziam, e apertando os olhos diante da névoa deslumbrante que refletia e brilhava intensamente, iluminando tudo.

Prometi a mim mesma que seria rápido, que logo voltaria para encontrar minha família. Mas, quando enfim olhei, só deu tempo de, num relance, eles sorrirem e acenarem para mim ao atravessarem uma ponte, sumindo de vista pouco depois.

Entrei em pânico. Olhando para todas as direções, comecei a correr de um lado para o outro, mas tudo parecia igual: uma névoa sem fim, tépida, branca, brilhante, iluminada, bonita e estúpida. Então, caí no chão e fiquei ali, morrendo de frio, chorando, gritando, xingando, implorando, fazendo promessas que sabia jamais poder cumprir.

Foi então que ouvi alguém dizer:

— Ever? É esse seu nome? Abra os olhos e olhe para mim.

Aos tropeços, voltei para a superfície, onde tudo era dor e sofrimento, e minha testa porejava de tanta dor, uma dor lancinante. Então olhei fixamente para o sujeito que se curvava sobre mim, dentro de seus olhos escuros, e sussurrei:

— Sim, sou Ever. — E desmaiei outra vez.

dois

Segundos antes de o sr. Robins entrar na sala baixei o capuz, desliguei o iPod e fingi ler meu livro, sem me dar o trabalho de levantar a cabeça quando ele disse:

— Pessoal, este é Damen Auguste. Acabou de se mudar do Novo México. Muito bem, Damen, pode se sentar lá atrás, ao lado da Ever. Vai ter de acompanhar com o livro dela até comprar o seu.

Damen é lindo. Sei disso sem precisar espiá-lo nem uma única vez. Mantenho os olhos cravados no livro enquanto ele anda para o fundo da sala, pois já conheço minha turma como a palma de minha mão. No que me diz respeito, um pouquinho de ignorância até que não seria mau.

Mas, segundo os pensamentos mais recônditos de Stacia Miller, sentada apenas duas filas à minha frente, *Damen Auguste é um espetáculo*!

A melhor amiga dela, Honor, concorda em gênero, número e grau.

Assim como o Craig, namorado da tal Honor, mas isso já é outra história.

— Oi. — Damen se espreme na carteira a meu lado, minha mochila produzindo um baque surdo ao ser jogada no chão.

Retribuo o cumprimento com um aceno de cabeça, recusando-me a olhar além das botas de motoqueiro dele. Lustrosas e pretas, muito mais para revista de moda que para Hells Angels. Bem diferentes da profusão de chinelos coloridos que salpica o carpete verde da sala.

O sr. Robins pede que a gente abra o livro na página 133, e Damen se inclina em minha direção.

— Posso acompanhar com você? — diz.

Apavorada com tanta proximidade, hesito um pouco, mas depois empurro o livro até a beirada de minha carteira, o mais longe que consigo sem derrubá-lo no chão. E quando ele arrasta sua cadeira para perto, ocupando o pouco espaço que havia entre nós, deslizo para a extremidade oposta da minha, o mais longe possível. E novamente me escondo sob o capuz.

Damen ri baixinho. Como ainda não olhei para ele, não faço a menor ideia do que isso possa significar. Foi um risinho discreto e gostoso, mas talvez tivesse um duplo sentido qualquer.

Afundo na carteira ainda mais, a cabeça apoiada em uma das mãos, os olhos fixos no relógio e determinada a ignorar todos os olhares e comentários maldosos desferidos contra mim. Tais como: *Coitado do novato bonitão, gostoso, sexy... ter de se sentar ao lado da esquisitona!* É mais ou menos isso o que passa pela cabeça de Stacia, Honor, Craig... e de quase todo mundo na sala.

Bem, todo mundo menos o sr. Robins, que, como eu, não vê a hora de chegar o fim da aula.

No almoço, ninguém fala de outro assunto que não seja Damen.

Já viu o aluno novo? Que gato, hem?... É, um gostoso... Ouvi dizer que é do México... Do México, não, da Espanha... Tanto faz, de um outro país qualquer... É claro que vou convidá-lo pro Baile de Inverno... Mas você nem conhece o cara ainda!... Fique tranquila, porque vou conhecer...

— E aí, amiga? Já viu o tal de Damen? O que acabou de chegar! — Haven se senta a meu lado e espia através da franja, que de tão comprida chega a roçar os lábios pintados de vermelho.

— Ah!, não, você também, não... — Balanço a cabeça e cravo os dentes em minha maçã.

— Aposto que você não diria isso se tivesse tido o privilégio de *ver* o cara — ela diz, retirando o cupcake de baunilha da caixa de papelão rosa e lambendo a cobertura de glacê, tal como faz todos os

dias, embora ela se vista como alguém que não hesitaria nem mesmo um segundo antes de trocar um cupcake por um bom copo de sangue.

— Vocês estão falando sobre o Damen, é? — sussurra Miles, deslizando no banco e fincando os cotovelos na mesa, os olhos castanhos oscilando entre nosso rosto, um sorriso maroto estampado no rostinho de bebê. — Que *gato*! Vocês viram as botas? Tão *Vogue*... Acho que vou perguntar se ele quer ser meu próximo namorado.

Haven aperta os olhos amarelos na direção dele.

— Tarde demais — diz. — Eu vi primeiro.

— Poxa, foi mal. Não sabia que você curtia "não góticos". — Ele dá um risinho, revira os olhos e desembrulha seu sanduíche.

Haven ri de volta.

— Se forem como ele, curto. Juro que ele é simplesmente um absurdo de tão irresistível, você *precisa* ver. — E balançando a cabeça, irritada com minha indiferença, vira-se para mim e diz: — Ele é *gostoso demais*!

— Você ainda não viu? — espanta-se Miles, segurando o sanduíche.

Baixo os olhos para a mesa, muito inclinada a contar uma mentira. Diante daquele carnaval todo, não conseguia ver outra saída. Mas não posso mentir, não para eles. Haven e Miles são meus melhores amigos. Os únicos que tenho. Além disso, já guardo segredos demais.

— Ele se sentou ao meu lado na aula de inglês — digo, finalmente. — Fui obrigada a dividir o livro com ele, mas não cheguei a vê-lo direito.

— *Obrigada?* — Haven move a franja para o lado para ver melhor a maluca que foi capaz de proferir tamanha asneira. — Ah, deve ter sido horrível pra você, um suplício, né? — Ela revira os olhos e suspira. — Eu juro: você não faz ideia da sorte que tem! Devia estar agradecendo de joelhos!

— Que livro vocês leram juntos? — pergunta Miles, como se o título pudesse revelar algo de muito importante.

— *O morro dos ventos uivantes* — respondo, dando de ombros. Coloco o que restou da maçã sobre um guardanapo e dobro as pontas em torno dela.

— E o capuz? — pergunta Haven. — Com ou sem?

Depois de certo esforço, lembro que botei o capuz enquanto Damen caminhava em minha direção.

— Hmm... com. É, tenho certeza: com.

— Ainda bem — resmunga Haven, aliviada, partindo o cupcake em dois. — A última coisa de que preciso é competir com a deusa dos cabelos dourados.

Eu me encolho e mais uma vez baixo os olhos para a mesa. Fico envergonhada quando as pessoas fazem elogios assim, que no passado costumavam ser muito importantes para mim. Agora, não são mais.

— Mas, e o Miles? — pergunto, desviando a atenção para alguém realmente capaz de apreciá-la. — Você não acha que ele também é um forte candidato?

— Isso mesmo! — Miles passa a mão pelos curtos cabelos castanhos e vira de perfil, oferecendo-nos seu melhor ângulo. — Eu também estou na parada!

— Bobagem — diz Haven, limpando do colo as migalhas brancas. — Damen e Miles não jogam no mesmo time. Pelo menos dessa vez, a beleza estonteante e incomparável de nosso amigo top model não vai contar.

— Como você sabe em que time ele joga? — pergunta Miles, apertando as pálpebras enquanto

destampa sua garrafa de isotônico. — Como pode ter tanta certeza assim?

— Meu *gaydar* não apitou — explica Haven, dando um tapinha na própria testa. — Confie em mim: o cara não aparece nele.

Pois bem, Damen é meu colega não só na aula de inglês do primeiro tempo, como também na de educação artística do sexto (não que ele tenha se sentado ao meu lado, nem que eu tenha procurado, mas os pensamentos que pipocavam pela sala, mesmo os de nossa professora, a sra. Machado, foram suficientes para que eu me desse conta da presença dele). E como se isso não bastasse, agora vejo que ele estacionou o carro bem ao lado do meu. Até então eu havia conseguido me conter e não olhar para outra parte além das botas do sujeito, mas agora, eu sabia, minhas possibilidades de escapar chegavam ao fim.

— Ai, meu Deus! É ele! Está vindo bem em nossa direção! — exclama Miles, com os trinados de soprano que reserva apenas para os momentos mais excitantes. — E olha aquele carro! Um BMW preto novinho em folha! E com o insulfilme mais escuro que existe! Um espetáculo! Olhe, o plano é o seguinte: vou abrir a porta e *acidentalmente* bater na porta dele; então terei uma desculpa pra falar alguma coisa. — Ele se vira para mim em busca de aprovação.

— *Não* arranhe meu carro. Nem o carro dele. Nem o de qualquer outra pessoa — eu digo, balançando a cabeça e tirando as chaves da mochila.

— Tudo bem — resmunga Miles, fazendo beicinho. — Pode arruinar meus sonhos, não me importo. Mas faça um favor a si mesma e *dê uma conferida no cara*! Depois quero ouvir você dizer, olhando fundo nos meus olhos, que não pirou nem ficou de perna bamba com o que viu!

Reviro os olhos e me espremo entre meu carro e o Fusca vizinho, tão mal estacionado que parece querer montar no meu Miata. Já estou com a chave na porta quando, atrás de mim, Miles me surpreende, puxa meu capuz para baixo, arranca meus óculos e corre para o lado do passageiro, onde, com gestos nada sutis da cabeça e do polegar, insiste para que eu olhe para o Damen, que a essa altura já está atrás dele.

Então, obedeço. Bem, não posso continuar evitando o cara pelo restante da vida. Assim, respiro fundo e levanto os olhos.

E o que vejo me deixa incapacitada de falar, piscar ou mover qualquer outra parte do corpo.

Percebendo meu estado, Miles arregala os olhos e começa a abanar as mãos freneticamente, fazendo o que pode para abortar a missão e me trazer de volta ao "quartel-general", à normalidade. Mas não posso. Quer dizer, bem que eu gostaria, porque sei que estou agindo exatamente como a esquisitona que todos já acham que sou. Mas não dá, é impossível. E não apenas por causa da beleza inquestionável do tal de Damen. Tudo bem, os cabelos são lindos, luminosos e compridos; vão descendo ao longo das maçãs do rosto, salientes e esculpidas a cinzel, até roçar os ombros. Mas quando ele ergue os óculos de sol para me fitar de volta, constato que os olhos dele, estranhamente familiares, são amendoados e escuros, emoldurados em cílios tão longos que quase parecem falsos. Ah, e os lábios! Os lábios são carnudos e convidativos, tão bem desenhados quanto um arco de Cupido. E o corpo que sustenta tudo isso é alto, magro, firme. Vestido de preto de cima a baixo.

— Ei, Ever! Alô-*ou*! Você pode acordar agora. *Por favor!* — Miles vira-se para Damen, rindo de nervosismo. — Não repare na minha amiga, não. Geralmente ela se esconde debaixo do capuz.

Não é que eu não saiba que tenho de parar, e parar agora. Mas os olhos de Damen, pregados nos meus, vão se tornando de um colorido cada vez mais intenso à medida que os lábios esboçam um

sorriso.

Mas, como já disse, não é a beleza estonteante dele que me paralisa dessa forma. Um fato não tem nenhuma relação com o outro. Acontece que toda a área em torno do corpo dele, desde a gloriosa cabeça até a ponta quadrada das botas pretas de motoqueiro, consiste em nada além de um espaço vazio, em branco.

Nenhuma cor. Nenhuma aura. Nenhum espetáculo de luzes pulsantes.

Todo mundo tem uma aura. Todos os seres vivos têm espirais de cor que emanam do corpo. Um campo energético multicolorido do qual nem se dão conta. Nada perigoso ou assustador, nem ruim, de forma alguma, mas apenas parte de um campo magnético visível — bem, ao menos para mim.

Antes do acidente, eu nem fazia ideia de coisas assim. E, definitivamente, não era capaz de vê-las. Mas, desde que acordei no hospital, vejo cores por toda parte.

— Tudo bem com você? — perguntou a enfermeira ruiva, preocupada.

— Sim, mas por que você está toda rosa? — respondi, sem entender o porquê daquele brilho rosado que a cercava.

— Por que estou o *quê*? — ela se esforçou para disfarçar o susto.

— Rosa. Isso que está aí ao seu redor, principalmente da cabeça.

— O.K., meu amor, fique aí descansando, que vou chamar o médico. — Ela me deixou sozinha no quarto e saiu correndo pelo corredor.

Só depois de passar por uma bateria de exames oftalmológicos, ressonâncias cerebrais e avaliações psiquiátricas foi que aprendi a guardar minhas visões para mim mesma. E mais tarde, quando passei a ouvir pensamentos, a captar histórias de vida pelo toque e a conversar com minha irmã morta, já estava escaldada o suficiente para ficar de bico calado.

Acho que já me acostumei a viver assim; nem sequer recordava que existe um jeito diferente. Mas ao ver Damen emoldurado apenas no preto reluzente da carroceria de um carro chiquérrimo e caríssimo, acabei me lembrando de outro tempo da minha vida, mais feliz e mais normal.

— Seu nome é Ever, certo? — ele pergunta, enfim abrindo o sorriso esboçado há pouco e revelando mais uma de suas inúmeras perfeições: dentes incrivelmente brancos.

Eu fico ali, inutilmente tentando desviar o olhar, enquanto Miles começa a pigarrear feito um maluco. Só então me lembro de quanto ele detesta ser ignorado.

— Ah, desculpe. Miles, Damen, Damen, Miles — digo, sem ao menos piscar.

Damen dá uma olhada rápida para o Miles, cumprimenta-o com a cabeça e logo se volta para mim. Sei que vai parecer maluquice minha, mas durante a fração de segundo em que Damen desviou o olhar senti uma fraqueza e um frio muito estranhos.

Mas assim que ele vira seu olhar novamente para mim tudo volta ao normal — tudo fica quente e bem de novo.

— Posso pedir um favor? — E sorri. — Será que você pode me emprestar seu *O morro dos ventos uivantes*? Preciso colocar a leitura em dia, e hoje não vou ter tempo de passar na livraria.

Abro a mochila, retiro meu exemplar todo amarfanhado e estendo o braço com o livro na palma da mão, parte de mim torcendo para que a ponta de meus dedos toque a ponta dos dedos dele, enquanto outra parte, a mais forte e sábia, aquela com poderes sobrenaturais, treme só de pensar nas revelações que podem brotar do contato com um desconhecido tão lindo.

Ele joga o livro no interior do BMW, baixa os óculos escuros e diz:

— Valeu, a gente se vê amanhã.

Só então percebo que nada aconteceu com aquele breve toque, além de um leve formigamento na ponta dos dedos. E antes que eu possa dizer o que quer que seja, ele já está dando a ré para sair da vaga.

— Amiga — diz Miles, balançando a cabeça e se acomodando a meu lado no Miata. — Desculpe, mas quando falei que você iria pirar quando visse o cara eu não estava *sugerindo* que você pirasse. Não era pra você seguir *ao pé da letra*. Caramba, Ever, o que *foi que deu em você*? Que esquisitice foi aquela? Só faltou você dizer: *Muito prazer, eu sou a Ever, a psicopata que vai perseguir você pelo restante da vida!* Não estou brincando. Achei que a gente teria de *ressuscitar* você! E olhe, pode acreditar, você deu uma tremenda sorte. Imagine se a Haven, nossa queridíssima amiga, estivesse lá para ver a cena, hã? A senha número 1 é dela, meu amor, já esqueceu?

Miles continua tagarelando sem parar durante todo o caminho. Simplesmente eu o deixo falar enquanto presto atenção no trânsito, roçando o dedo na cicatriz espessa em minha testa — a que escondo debaixo da franja.

Como explicar a ele que, desde o acidente, as únicas pessoas cujos pensamentos não posso ouvir, cujos toques nada revelam e cujas auras não consigo ver são as que já morreram?

três

Entro em casa, pego uma garrafa de água na geladeira e subo direto para o quarto, uma vez que não preciso perambular pelos cômodos para saber que Sabine ainda está trabalhando. Sabine está sempre no trabalho, o que significa que este casarão está quase sempre a meu inteiro dispor, ainda que eu raramente saia do quarto.

Sinto pena de Sabine; a vida que ela construiu para si mesma, à custa de tanto sacrifício, foi brutalmente alterada quando caí de paraquedas sobre ela. Por outro lado, como mamãe era filha única e todos os meus avós já haviam morrido antes que eu completasse dois anos, ela não teria muita escolha. Isto é, ou me botavam num orfanato até eu completar dezoito anos ou me entregavam para tia Sabine, irmã gêmea e única de papai. Embora ela nunca tivesse tido filhos, não sabendo nada do assunto, sequer esperou que eu saísse do hospital para vender seu apartamento, comprar esta casa e contratar um dos melhores decoradores de Orange County para arrumar meu quarto.

Quer dizer, tenho todas as coisas que todo mundo geralmente tem: uma cama, uma cômoda e uma escrivaninha. Mas também tenho uma TV de tela plana, um closet, um banheiro enorme com jacuzzi e boxe de chuveiro separados, uma varanda com uma vista maravilhosa para o mar, além de uma sala de estudos/jogos só para mim, com sofás, mesas, pufes, aparelho de som, mais uma TV de tela plana e uma minicozinha com micro-ondas e frigobar.

Engraçado como antes eu daria qualquer coisa por um quarto como este.

Hoje, porém, daria o mesmo só para voltar ao que já foi um dia.

Sei lá. Como Sabine passa a maior parte do tempo com outros advogados ou com os figurões endinheirados que ela representa, talvez tenha achado necessário me cercar de toda essa tralha. Além disso, nunca soube direito se ela não teve filhos por falta de tempo — em função do trabalho —, porque não encontrou o cara certo ou simplesmente porque nunca quis ter. Ou, quem sabe, uma combinação desses três fatores?

Uma pessoa com minha mediunidade talvez tivesse a obrigação de saber isso tudo. Raramente, porém, consigo enxergar a motivação das pessoas. Quase sempre vejo fatos: uma sucessão de imagens que descrevem a vida delas como se formassem o trailer de um filme. Às vezes, no entanto, vejo apenas símbolos, que preciso decifrar para saber o que significam. Feito cartas de tarô, ou as metáforas daquele livro que a gente teve de ler ano passado, *A revolução dos bichos*.

Mas estou longe de ser infalível, e muitas vezes me atrapalho toda. Por outro lado, quando isso acontece, a culpa é sempre minha. Ou, então, da multiplicidade de significados que alguns símbolos podem ter. Certa vez, por exemplo, interpretei um coração partido ao meio como símbolo de uma desilusão amorosa — até que a mulher em questão caiu dura depois de um infarto. Às vezes, fico bastante confusa na hora de fazer minhas interpretações. Mas os símbolos e as imagens nunca mentem.

De qualquer modo, ninguém precisa ser médium para saber que, quando sonham em ter filhos, as pessoas geralmente pensam num bebezinho embrulhadinho numa pequenina manta azul ou rosa, e *não* numa adolescentona de 1,65 metro de altura, com olhos azuis, cabelos louros, poderes sobrenaturais e todo um passado de vivências e emoções. Portanto, no que me diz respeito, procuro sempre ficar na minha e não atrapalhar a vida da minha tia. Tenho todo o respeito por ela.

Mas não a ponto de contar que converso com minha irmã morta quase todo santo dia.

Na primeira vez que apareceu para mim, Riley estava diante de minha cama no hospital, no meio da noite, segurando uma flor com uma das mãos e acenando com a outra. Até hoje não sei direito o que me despertou, pois minha irmã nada falou, nem fez qualquer ruído. Acho que senti a presença dela ou algo assim, uma mudança no quarto, a eletricidade no ar.

Primeiro achei que fosse alucinação — mais um efeito colateral dos analgésicos que eu estava tomando. Mas depois de piscar um milhão de vezes e de esfregar os olhos continuei vendo Riley à minha frente; por algum motivo, em nenhum momento me ocorreu gritar ou pedir a ajuda de alguém.

Observei-a indo para o lado da cama; apontou para os gessos que cobriam meus dois braços e uma das pernas e começou a rir. Quer dizer, uma risada silenciosa, mas ainda assim uma risada. Tão logo notou minha cara de poucos amigos, parou de rir e fez um gesto, como se estivesse perguntando se doía.

Dei de ombros, ainda um tantinho irritada com a risada dela e um tantão assustada com o que estava acontecendo. E mesmo duvidando de que era realmente minha irmã quem estava ali, não me furtei de perguntar:

— Onde estão a mamãe, o papai e a Buttercup?

Ela inclinou a cabeça para o lado como se eles estivessem logo ali, mas nada vi além de um espaço vazio.

— Não entendi — falei.

Mas Riley simplesmente sorriu, juntou as palmas das mãos e, movendo a cabeça, sugeriu que eu voltasse a dormir.

Então fechei os olhos, mesmo nunca tendo acatado ordens dela antes. Logo depois, no entanto, abri os olhos novamente e perguntei:

— Ei, quem falou que você podia pegar meu suéter emprestado?

E de um segundo para o outro ela sumiu.

Devo confessar: passei o restante daquela noite me remoendo por ter feito uma pergunta tão estúpida, egoísta e superficial. Tinha jogado no lixo a oportunidade de obter respostas para algumas das perguntas mais importantes da vida, de descobrir respostas que a humanidade especula há séculos. Em vez disso, preferi implicar com minha irmã morta, só porque ela havia invadido meu guarda-roupa. É como dizem: certos hábitos vão para o túmulo com a gente.

Na segunda vez que Riley apareceu, eu estava tão aliviada e feliz por vê-la de novo que não disse absolutamente nada ao reparar que ela estava usando não só meu suéter predileto, mas também meus melhores jeans (tão compridos nela que a bainha embolava nos tornozelos) e a charmosa pulseira que eu havia ganhado no aniversário de treze anos, para a qual ela sempre havia espichado os olhos.

Simplesmente sorri, cumprimentei-a com a cabeça e agi como se não tivesse notado nada. Erguendo-me na direção dela, perguntei:

— Então, cadê o papai e a mamãe? — Naquele momento, achei que bastaria firmar o pensamento para que eles aparecessem ali também.

Mas Riley apenas sorriu e sacudiu os braços como se estivesse batendo asas.

— Quer dizer que eles viraram anjos? — perguntei com os olhos arregalados.

Ela revirou os olhos e fez que não com a cabeça, plantando as mãos na cintura enquanto se dobrava de tanto rir.

— Tudo bem, deixe pra lá. — Esborrachei a cabeça no travesseiro, pensando que, apesar de morta, minha irmã estava brincando com fogo. — Então, como é do lado de lá? — perguntei, disposta a não brigar. — Quer dizer... Você está... vivendo no céu, não está?

Riley fechou os olhos e estendeu a palma das mãos como se estivesse equilibrando algo. De repente, do nada, uma pintura se materializou ali, bege, desbotada, com uma elegante moldura dourada.

Erguendo-me da cama outra vez, examinei de perto a paisagem retratada no quadro: uma praia de areia dourada e águas muito azuis, cercada por penhascos tortuosos e árvores florescendo; ao longe, a silhueta embaçada de uma pequena ilha.

— E por que você não está lá agora? — perguntei.

Mas ela não disse nada. Apenas sacudiu os ombros e sumiu, juntamente com a pintura.

Por conta de muitos ossos quebrados, uma concussão, uma hemorragia interna, diversos hematomas e cortes, entre eles um talho bastante profundo na testa, fiquei hospitalizada por mais de um mês, toda engessada e quase sempre sedada. Portanto, coube a Sabine toda a chatice de esvaziar nossa casa, providenciar os enterros e empacotar meus pertences para a mudança que estava por vir.

Ela pediu que eu listasse tudo aquilo que queria levar comigo. Tudo o que deveria ser transplantado da vida perfeita que eu tinha em Eugene, Oregon, para a vida nova e assustadora que passaria a ter em Laguna Beach, Califórnia. Mas, exceto por algumas roupas, eu não queria levar nada. Não seria capaz de suportar tantos lembretes de tudo o que havia perdido; além do mais, uma caixa idiota cheia de tralhas jamais traria minha família de volta.

Durante todo o tempo em que fiquei confinada naquele quarto branco e insípido recebi visitas regulares de um psicólogo: um residente sempre embrulhado no mesmo suéter bege, com uma prancheta nas mãos, excessivamente preocupado. E que sempre começava nossa conversa com a mesma pergunta imbecil, querendo saber como eu vinha lidando com minha "perda profunda" (palavras dele, não minhas), para depois tentar me convencer a subir para o quarto 618, onde rolavam sessões de aconselhamento pós-traumático.

Nem morta eu participaria de algo assim. Nem morta eu me juntaria a um bando de pessoas angustiadas, esperando minha vez de contar a história do pior dia de minha vida. Em que isso poderia ajudar? Por que eu me sentiria melhor só por confirmar algo que já sabia: que não só fui a única responsável pelo que aconteceu à minha família, como também fui bastante estúpida, bastante egoísta e bastante preguiçosa para perder tempo, demorar e, assim, adiar minha ida para a eternidade?

Sabine e eu não falamos muito durante o voo de Eugene para Laguna Beach. Fingi que estava quieta por causa da tristeza e das dores no corpo, mas, para falar a verdade, precisava apenas de um pouquinho de distanciamento. Sabia do conflito de emoções que rolava na cabeça da minha tia. Por um lado, ela queria desesperadamente tomar a atitude certa; por outro, não conseguia parar de perguntar a si mesma: *Por que eu?*

Quase nunca me pergunto isso. Em geral, penso: *Por que eles*, e não *eu*?

Mas também não queria correr o risco de magoar Sabine. Depois de tudo o que ela havia feito por mim, assumindo minha tutela e providenciando uma casa legal para me receber, eu não poderia deixar que ela nem sequer suspeitasse de que todo o trabalho e todas as boas intenções haviam sido

em vão, e que não faria a menor diferença caso ela tivesse me abandonado num orfanato pulguento qualquer.

O trajeto do aeroporto até a nova casa se resumiu a uma imagem embaralhada de sol, mar e areia. E quando Sabine me levou para o quarto no andar de cima, passei os olhos rapidamente pelo cômodo e balbuciei alguma frase equivalente a um *muito obrigada*.

— Sinto muito por ter de deixar você aqui sozinha — ela disse, obviamente ansiosa para voltar ao espaço organizado e seguro do trabalho, onde nada lembrava o mundo fragmentado de uma adolescente traumatizada.

E tão logo ela saiu, eu me joguei na cama, afundei o rosto entre as mãos e desandei a chorar.

Até que alguém disse:

— Ah, tenha dó, olhe pra você! Por acaso já deu uma boa olhada neste lugar? Viu a TV de tela plana, a lareira, a banheira que faz bolhas? Alô-*ou*?

— Achei que você não pudesse falar — retruquei assim que virei o rosto e deparei com Riley, que, aliás, usava um moletom rosa da Juicy, um par de tênis dourados da Nike e uma peruca fúcsia, dessas que a gente vê em bonecas chinesas de porcelana.

— Claro que posso falar, não seja ridícula — ela disse, e revirou os olhos.

— Mas das outras vezes...

— Eu só estava zoando você, algum problema? — Ela passeava pelo quarto enquanto falava, passando a mão sobre minha escrivaninha, dedilhando o iPod e o laptop novinhos em folha que Sabine havia deixado ali. — Mal posso acreditar que você agora tem tudo isso. Não é justo, caramba! — ela exclamou, as mãos plantadas na cintura, as sobrancelhas franzidas. — Pior, você não está nem aí! Quer dizer, você já viu essa varanda? Pelo menos pensou em dar uma olhada nessa vista?

— Não quero saber de vista alguma — eu disse, cruzando os braços diante do peito e fulminando minha irmã com o olhar. — Está difícil engolir essa de que você aprontou comigo, fingindo que não podia falar.

Riley simplesmente riu e disse:

— Deixa de drama, vai. — Ela atravessou o quarto, abriu as cortinas e tentou destrancar a porta de vidro que dava para a varanda.

— E onde é que você descolou essas roupas? — perguntei, examinando-a da cabeça aos pés, ressuscitando nossa velha rotina de briguinhas bobas e mágoas intermináveis. — Porque, primeiro, você aparece com minhas coisas e, agora, está usando essas peças de marca. Sei que mamãe nunca comprou um moletom da Juicy pra você.

Ela riu.

— Por favor, como se eu ainda precisasse da permissão da mamãe, quando posso simplesmente abrir o armário celestial e tirar de lá o que me der na telha. *E sem pagar nada!* — acrescentou, esboçando um sorriso.

— Sério? — perguntei, meus olhos se arregalando e pensando que aquilo parecia um ótimo negócio.

Mas Riley não fez mais que balançar a cabeça e apontar para a varanda.

— Ande, venha dar uma olhada em sua nova vista.

Obedeci. Levantei-me da cama, enxuguei os olhos com a manga da blusa e, passando direto por minha irmã, fui rumo à varanda com seu piso de mármore, meus olhos arregalados com o que vi

diante de mim.

— Por acaso isso é uma piada? — perguntei. A paisagem à minha frente era uma réplica exata do quadro com moldura dourada que Riley havia me mostrado no hospital.

Mas quando virei para trás ela já havia partido.

quatro

Foi Riley quem me ajudou a recuperar a memória. Recontando histórias de nossa infância, relembrando a vida que levávamos, os amigos que tínhamos, até que tudo voltou à tona. Também foi ela quem abriu meus olhos para a bela vida que passei a ter no sul da Califórnia; ao vê-la tão empolgada com meu quarto novo, o lustroso conversível vermelho, as praias maravilhosas e minha nova escola, percebi que, embora essa não seja a vida que escolhi, ainda assim tem seu valor.

E mesmo que a gente ainda brigue, discuta e implique uma com a outra tanto quanto antes, a verdade é que, hoje, eu vivo para as visitas dela. Agora que posso vê-la, tenho uma pessoa a menos de quem sentir saudades. E os momentos que passamos juntas são os melhores de cada dia.

O único problema é que ela sabe disso. Portanto, sempre que toco nos assuntos proibidos, tais como: *Quando vou poder ver a mamãe, o papai e a Buttercup outra vez?* ou *Para onde você vai quando não está aqui?*, ela me castiga passando uns dias sem aparecer.

Esse mistério todo me deixa furiosa, mas não sou boba de insistir nisso. Também não contei a ela sobre meus novos poderes sobrenaturais, de enxergar auras e ler pensamentos, muito menos sobre as mudanças que esse dom provocou em mim, inclusive no jeito de eu me vestir.

— Você nunca vai arrumar namorado vestida assim.

Ela diz isso esparramando-se em minha cama enquanto cumpro o ritual das manhãs, tentando me aprontar para a escola e sair mais ou menos a tempo.

— Bem, nem todo mundo pode simplesmente estalar os dedos e... *puf!*, ter a roupa que quiser — respondo, calçando os tênis surrados e amarrando os cadarços puídos.

— Ah, deixe de onda! Como se Sabine não lhe desse o cartão de crédito na mesma hora em que você pede. E esse capuz aí? Por acaso você faz parte de uma gangue?

— Não tenho tempo pra ficar de papo. — Recolhendo livros, iPod e mochila, vou em direção à porta. — Você vem comigo? — pergunto, e minha paciência quase chega ao limite quando vejo Riley fazendo beicinho enquanto decide, com a maior calma do mundo, o que vai fazer.

— Tudo bem — ela diz finalmente. — Mas só se você baixar a capota. Adoro sentir o vento no cabelo.

— Ótimo. Mas veja se dá o fora antes de a gente chegar à casa do Miles, falou? É horrível ver você sentada no colo dele sem permissão.

Quando Miles e eu chegamos à escola, Haven já está esperando por nós no portão, correndo os olhos por toda parte.

— Olha só — ela diz —, daqui a cinco minutos o sinal vai tocar e o Damen ainda nem deu as caras. Vocês acham que ele caiu fora? — pergunta, os olhos amarelos em nós, arregalados de inquietação.

— E por que ele faria isso? Acabou de chegar — eu digo, seguindo para meu armário, enquanto Haven saltita a meu lado, tamborilando no chão as grossas solas das botas.

— Hmm... porque não somos dignos dele. Ou porque ele é bom demais pra ser verdade, quem sabe.

— Mas ele precisa voltar. A Ever emprestou pra ele seu exemplar de *O morro dos ventos*

uivantes, e ele agora precisa devolvê-lo — diz Miles, antes que eu possa detê-lo.

Balançando a cabeça enquanto abro o cadeado do armário, sinto nas costas todo o peso do olhar furioso de Haven.

— Quando foi que isso aconteceu? — ela diz, as mãos apoiadas na cintura. — Você sabe que a senha número 1 é minha, não sabe? E por que eu não fui informada disso? Por que ninguém me contou nada? Na última vez que a gente se falou, você ainda nem tinha visto o cara.

— Ah, mas ela viu. Quase tive de ligar pro disque-emergência pra ressuscitar nossa amiga — diz Miles, rindo.

Mais uma vez balanço a cabeça, fecho o armário e sigo pelo corredor.

— É verdade. — Miles dá de ombros e segue na minha cola.

— Quero ver se entendi direito: você agora não é mais uma ameaça; é um risco, é isso? — Haven me espia através das pálpebras apertadas e emplastradas de rímel, o ciúme deixando sua aura com um tom feio, tipo verde-vômito.

Respiro fundo e olho para eles, muito inclinada a dizer como a situação toda era ridícula. Desde quando as pessoas saem por aí distribuindo senhas? Além do mais, que ameaça pode representar alguém em minha situação, que anda por aí embrulhada num moletom largão, ouvindo vozes e enxergando auras? Mas como eles são meus amigos, em vez disso, acabo dizendo:

— É verdade: sou uma tremenda queimação de filme, um enorme desastre prestes a acontecer, totalmente. Com certeza não sou ameaça a ninguém. Sobretudo porque não estou interessada. Sei que é difícil acreditar, porque o cara é aquilo tudo: bonito, lindo, estonteante, gostoso, um abuso, seja lá o nome que vocês queiram dar. Mas a verdade é: *Não gosto de Damen Auguste!* Que mais eu posso dizer?

— Hmm... acho que mais nada — sussurra Haven, olhando para a frente sem nem piscar.

Sigo o olhar dela e deparo com... Damen Auguste. Parado, os cabelos pretos reluzentes, olhos ardentes, um corpo maravilhoso e aquele conhecido sorriso. E meu coração quase vem à boca quando, sorrindo, ele abre a porta da sala e diz:

— Ever, você primeiro.

Traço uma reta em direção ao fundo da sala e por pouco não tropeço na mochila que Stacia colocou no caminho. Meu rosto queima de vergonha, pois sei que Damen vem logo atrás de mim e que ouviu tudo o que eu disse a Miles e Haven, cada uma daquelas palavras horríveis.

Jogo minha mochila no chão, escorrego carteira adentro, coloco o capuz e ligo o iPod no volume máximo, na esperança de abafar o zum-zum-zum à minha volta e de esquecer o que acabou de acontecer. Afirmo para mim mesma que um cara como ele, tão seguro de si, tão deslumbrante, tão completamente formidável, não se abala com o que diz uma garota como eu.

Mas assim que começo a relaxar, já decidida a não ligar mais para isso, levo um susto devastador, uma descarga elétrica que invade minha pele e segue correndo pelas veias, fazendo meu corpo inteiro formigar.

E tudo porque Damen colocou a mão sobre a minha.

Não é fácil alguém me surpreender. Desde que adquiri os poderes, só a Riley consegue essa façanha; aliás, acredite, ela sempre encontra um jeito novo de fazer isso. Mas quando levanto os olhos de minha mão para o rosto de Damen, ele apenas sorri e diz:

— Eu queria devolver isto aqui. — E me entrega o exemplar de *O morro dos ventos uivantes*.

Sei que soa estranho, talvez um tanto maluco, mas quando ele abriu a boca e falou não ouvi nada

mais à minha volta. Sério, foi como se eu, em um momento, estivesse ouvindo pensamentos e vozes ao acaso e, em outro, começasse a ouvir isto: _____.

Sabendo como isso é ridículo, balanço a cabeça e digo:

— Tem certeza de que não quer ficar com ele mais um pouco? Não estou precisando, já sei como a história termina. — Damen recolhe a mão, mas o formigamento continua ainda um tempinho.

— Também já sei o fim — ele diz, olhando para mim de um jeito tão intenso, tão obstinado e tão íntimo que rapidamente desvio o olhar.

E quando vou recolocar os fones no ouvido, a fim de bloquear os comentários maldosos de Stacia e Honor, Damen novamente pousa a mão na minha e diz:

— O que você está ouvindo?

E o silêncio se refaz. Sério, durante aqueles poucos segundos somem as espirais de pensamento, os cochichos maldosos, tudo, menos a voz suave e lírica de Damen. Da outra vez que isso aconteceu, achei que fosse maluquice minha. Mas agora *sei* que é real. Porque, embora as pessoas continuem a falar, a pensar e a fazer tudo o que normalmente fazem, nada chega a meus ouvidos. Só o som das palavras dele.

Mais uma vez percebo a corrente elétrica que invade meu corpo, sinto como ele está quente e penso no que poderia estar causando isso. Bem, não é que esta tenha sido a primeira vez que alguém segura minha mão, mas nunca antes senti nada nem de longe parecido.

— Perguntei o que você está ouvindo. — Ele sorri. Um sorriso tão íntimo e particular que me deixa com as bochechas vermelhas.

— É... hmm... é só uma coletânea de músicas góticas que minha amiga Haven baixou pra mim. A maioria é coisa antiga, tipo Siouxsie and the Banshees, Bauhaus, The Cure... — respondo, afinal, dando de ombros. Desta vez não consigo desviar o olhar. Encarando-o de volta, tento descobrir a cor exata dos olhos dele.

— Você gosta de gótico? — pergunta Damen, surpreso e cético, correndo os olhos por mim como se estivesse me inventariando: o rabo de cavalo, o moletom azul-marinho, o rosto totalmente desprovido de maquiagem...

— Eu, não. Mas a Haven curte muito. — Deixo escapar uma risada nervosa, estridente, dessas que assustam. Tenho a impressão de que ela ricocheteia pelas quatro paredes da sala antes de voltar para mim.

— E você, curte o quê? — Damen ainda me encara, claramente gostando da conversa.

Estou prestes a responder quando o sr. Robins entra na sala com as bochechas muito vermelhas, mas não por ter vindo correndo pelo corredor, como todo mundo acha. Damen se recosta na carteira, e eu respiro fundo, aliviada por voltar aos ruídos de sempre: a ansiedade típica dos adolescentes, o estresse com as provas, a insatisfação com a própria aparência, as frustrações do sr. Robins, os pensamentos de Stacia, Honor e Craig, todos se perguntando o que um gato desses pode querer comigo.

cinco

Quando chego à mesa em que sempre almoçamos, Haven e Miles já estão lá. Mas ao ver que Damen está com eles, fico tentada a correr na direção contrária.

— Você pode se sentar com a gente, mas só se prometer *não* ficar encarando o novato — diz Miles, rindo. — Encarar os outros é falta de educação, sabia? Será que ninguém lhe ensinou isso?

Reviro os olhos e me sento ao lado dele no banco, determinada a provar que não estou nem aí para a presença de Damen.

— Fui criada por lobos, o que é que eu posso fazer? — Dou de ombros e trato de abrir o zíper da bolsa térmica em que trago meu almoço.

— Fui criado por uma drag queen e por uma escritora — diz Miles, surrupiando um confeito do cupcake pré-Halloween de Haven.

— Desculpe, mas esse não é você, querido — intervém Haven, rindo. — É o Chandler de *Friends*. Eu, por minha vez, fui criada por uma congregação de bruxas. Fui uma linda princesa vampira, amada, adorada e admirada por todos. Cresci num luxuoso castelo gótico, e nem sei como vim parar aqui, nesta horrenda mesa de fibra de vidro, junto com a ralé. — Ela acena para Damen. — E você?

Ele dá um gole no que está bebendo, um líquido vermelho iridescente em uma garrafa de vidro, e então corre os olhos por nós três e diz:

— Itália, França, Inglaterra, Espanha, Bélgica, Nova York, Nova Orleans, Oregon, Índia, Novo México, Egito e mais alguns lugares por aí. — Ele sorri.

— Filho de militar, aposto. — Haven dá uma risada, retira um confeito do cupcake e o arremessa para Miles.

— Everédooregon — ele não consegue falar direito enquanto captura o doce com a língua e o engole com seu isotônico.

— O quê? — pergunta Damen, confuso.

Miles ri.

— Falei que a Ever, nossa amiga aqui, é do Oregon — diz, provocando um olhar torto de Haven, que, mesmo depois do mico que paguei ontem, ainda me vê como a maior pedra em seu caminho rumo ao amor absoluto e não gosta nem um pouco de me ver no centro das atenções, ainda que por um breve instante.

Damen sorri, olhando para mim.

— Onde no Oregon? Já morei em Portland.

— Eugene — respondo, focando meu sanduíche, não Damen, pois mais uma vez, exatamente como aconteceu na sala de aula, quando ele fala, sua voz é o único som que ouço.

E toda vez que nossos olhares se encontram sinto meu corpo ficar quente.

E quando o pé de Damen roça o meu, todo o meu corpo começa a formigar.

E essa história já está me deixando nervosa.

— Como você veio parar aqui? — Damen se inclina em minha direção, e Haven logo dá um jeito de se aproximar dele, deslizando no banco.

Sem tirar os olhos da mesa, crispo os lábios como faço sempre que estou aflita. Não quero falar

sobre meu passado. Não vejo motivo para revelar todos os detalhes sórdidos; para explicar como, por culpa exclusivamente minha, toda a minha família morreu, e eu, por algum motivo insondável, sobrevivi. Portanto, simplesmente retiro a casca do pão e digo:

— É uma longa história.

Posso sentir o olhar de Damen sobre mim, um olhar intenso, quente, convidativo. Fico tão nervosa que minhas mãos começam a suar, e deixo escorregar a garrafa de água mineral. Tudo acontece tão rápido que não tenho tempo de fazer nada, além de esperar pelo barulho provocado pela queda.

Mas antes que a garrafa chegue à mesa Damen a pega no ar e a devolve a mim. Fico ali, encarando minha água mineral e evitando o olhar dele, cogitando se fui a única a perceber o borrão que se formou no lugar do braço dele, tamanha a rapidez do gesto.

Em seguida, Miles pergunta sobre Nova York, e Haven se aproxima ainda mais, quase se sentando no colo de Damen. Respiro fundo e termino meu almoço, preferindo achar que imaginei tudo aquilo.

Quando finalmente o sinal toca, recolhemos nossos pertences e caminhamos de volta para a sala de aula. Assim que Damen se afasta, viro para meus amigos e digo:

— Como é que ele foi parar em nossa mesa? — Sinto um arrepio só de perceber a estridência e o tom de acusação em minha voz.

— Ele queria se sentar na sombra, então o convidamos a ficar com a gente. — Miles dá de ombros, joga sua garrafa no cesto de lixo reciclável e nos conduz ao corredor do prédio. — Não precisa ficar nervosa, ninguém arquitetou um plano diabólico pra colocar você numa saia justa.

— É, mas você não tinha nada que tocar naquele assunto de novo, na história do estacionamento. — Sei que estou sendo ridícula e sensível demais. Mas não posso dizer o que realmente estou pensando. Não quero magoar meus amigos com esta pergunta cruel, porém absolutamente válida: *Por que um garoto como Damen iria querer andar com a gente?*

Sério. Entre tantos alunos nesta escola, entre tantas tribos de garotas e garotos descolados, que motivos ele teria para querer ficar logo conosco, as três ovelhas mais desgarradas e esquisitonas do pedaço?

— Relaxe, ele achou engraçado — retruca Miles. — Além disso, vai passar na sua casa hoje à noite. Falei pra ele chegar lá pelas oito.

— Você o quê? — devolvi. De repente lembro que durante todo o almoço Haven ficou pensando no que iria vestir e Miles estava imaginando se teria tempo para uma sessão de bronzeamento artificial. Só agora tudo se encaixa.

— Bem, Damen detesta futebol tanto quanto a gente, como descobrimos no interrogatório que Haven estava fazendo pouco antes de você chegar. — Haven sorri e faz uma pequena reverência, flexionando os joelhos cobertos por uma meia arrastão. — E como o cara acabou de chegar e ainda não conhece ninguém, achamos por bem passar o laço nele, antes que tenha tempo de fazer outros amigos.

— Mas... — Na verdade, nem sei o que dizer. Sei apenas que não quero ver Damen em minha casa, nem hoje nem nunca.

— Vou chegar um pouquinho depois das oito — diz Haven. — Minha reunião termina às sete, e tenho de passar em casa para trocar de roupa. *Aliás*, antes que eu me esqueça, sou eu quem vai ficar do lado dele na jacuzzi. Acabei de pegar a senha!

— Você não pode fazer isso! — contesta Miles, ultrajado. — Não vou deixar!

Mas Haven simplesmente se despede com um aceno e sai saltitando rumo à sua aula.

— Qual será a reunião do dia? — pergunto a Miles.

Ele abre a porta da sala e diz:

— Sexta é dia dos gulosos.

Haven é o que se pode chamar de viciada em grupos de ajuda. Ao longo do pouco tempo que nos conhecemos, já frequentou grupos anônimos para alcoólatras, fumantes, drogados, sociopatas, endividados, codependentes, colecionadores compulsivos, viciados em jogo, viciados em internet e viciados em vulgaridade. Até onde sei, hoje é a primeira vez que vai a uma reunião de comedores compulsivos. Acontece que, com aquela pinta de bailarina de caixinha de música, linda, alta e magra, minha amiga, definitivamente, não é uma comedora compulsiva. Como também não é alcoólatra, nem fumante, nem drogada... nada disso. No entanto, por ser totalmente ignorada pelos pais autocentrados, sai em busca de amor e compreensão em qualquer lugar onde possa encontrá-los.

É pelo mesmo motivo essa história de gótico. Haven não pertence a essa tribo. Caso contrário, não andaria saltitando pelos corredores da vida, mas se esgueirando por aí. Muito menos haveria paredes cor-de-rosa (resquício da fase bailarina, logo antes da fase patricinha) sob os pôsteres do Joy Division no quarto dela.

Ela simplesmente chegou à conclusão de que a maneira mais rápida de conseguir destaque numa cidade infestada de louras com roupas de marca é vestir-se como a Rainha das Trevas.

No entanto, não vem colhendo os frutos que esperava. Quando a viu vestida assim pela primeira vez, sua mãe simplesmente suspirou, pegou as chaves do carro e se mandou para a aula de pilates. Quanto ao pai, nunca fica em casa o suficiente para notar o que quer que seja. O irmão caçula, Austin, esse sim levou um baita susto, mas logo se acostumou. E na escola os arroubos de excentricidade se tornaram tão comuns com a presença de câmeras da MTV no ano passado que ninguém se espanta com mais nada.

Mas sei que, debaixo de tantas caveiras e piercings e daquela maquiagem de noiva cadáver, há uma garota que apenas quer ser vista, ouvida, amada e receber atenção — nada que nenhuma de suas encarnações passadas conseguiu obter até agora. Portanto, se Haven se sente bem ficando de pé diante de uma plateia de desconhecidos e inventando uma história lacrimosa qualquer sobre sua luta diária contra esse ou aquele vício, não sou eu que vou impedi-la.

Na minha vida antiga, eu não andava com pessoas como Miles e Haven. Não tinha o menor contato com garotos perturbados, muito menos com os esquisitões ou com aqueles que serviam de saco de pancada para quase todo mundo. Fazia parte da tribo dos populares, onde éramos todos bonitos, atléticos, talentosos, inteligentes, ricos ou tudo isso junto. Frequentava as festinhas da escola e tinha uma melhor amiga chamada Rachel (que era líder de torcida, como eu) e até mesmo um namorado, Brandon, o sexto garoto que beijei na vida (o primeiro foi o Lucas, mas só por causa de uma aposta que fiz no sétimo ano; nenhum dos outros vale a pena mencionar, acredite). Por outro lado, não chegava a ser uma garota do mal. Não zoava com as pessoas só porque elas não faziam parte de meu grupo, mas também não prestava a menor atenção nelas. Essas pessoas simplesmente não tinham nada a ver comigo. Portanto, eu agia como se elas fossem invisíveis.

Pois agora sou invisível também. Soube disso no dia em que Rachel e Brandon foram me visitar no hospital. Por fora eles se mostraram supergentis e atenciosos, mas, por dentro, nos pensamentos, a história foi bem outra. Ficaram horrorizados com as bolsas que pingavam soro em minhas veias, com a quantidade de cortes e hematomas, com os gessos que cobriam meus braços e minhas pernas; mal

conseguiam olhar para a cicatriz horrenda que desfigurava minha testa. Estavam, sim, tristes com o que havia acontecido, por tudo o que eu havia perdido, mas não viam a hora de sair dali.

Notei que as auras de Rachel e Brandon tinham se misturado, adquirindo o mesmo tom marrom opaco, e percebi que eles estavam se afastando de mim, ficando mais próximos um do outro.

Portanto, quando me mudei para a Califórnia e fui estudar na Bay View, nem me dei o trabalho de tentar uma aproximação com Stacia, Honor e companhia: fui direto para Miles e Haven, os dois desgarrados que imediatamente aceitaram minha amizade, sem fazer nenhuma pergunta. E mesmo que nós formemos um grupinho bastante estranho, ao menos por fora, não sei o que seria de mim sem os dois. A amizade deles é uma das poucas coisas que realmente prezo na vida. Perto deles sou quase normal outra vez.

E é exatamente por isso que preciso ficar longe de Damen. Não posso ceder à tentação de me deixar levar por ele, por aquele toque que me deixa eletrizada, pelo silêncio que me cerca quando ele abre a boca para falar.

Não quero correr o risco de perder minha amizade com Haven.

Não posso correr o risco de me aproximar demais.

seis

Damen e eu somos colegas em duas matérias, mas só na aula de inglês é que nos sentamos um ao lado do outro. Portanto, volto a vê-lo apenas quando já terminou o sexto tempo, a aula de educação artística, e já recolhi minhas tralhas, pronta para ir embora.

Ele corre a meu encontro, segura a porta para mim, e eu passo ao corredor olhando para baixo, bolando um jeito de desconvidá-lo.

— Seus amigos me chamaram pra passar na sua casa hoje à noite — ele diz, andando passo a passo comigo. — Mas não vai dar.

— Ah, não? — retruco, surpresa, e arrependendo-me da forma como minha voz me traiu, ao soar tão feliz. — Quer dizer, tem certeza? — Tento baixar a bola e parecer um pouco mais sociável, como se realmente fizesse questão da presença dele, mas... tarde demais.

Damen me encara com os seus olhos brilhantes e um sorriso entre os lábios.

— Infelizmente, sim. A gente se vê na segunda — diz, e aperta o passo rumo ao carro, que está parado na área reservada aos professores, o motor misteriosamente ronronando.

Quando chego ao Miata, encontro Miles já à minha espera, de braços cruzados, olhos apertados e com o tradicional sorrisinho de irritação estampado no rosto.

— É melhor você contar logo o que acabou de acontecer ali, porque boa coisa não deve ter sido — ele diz, entrando às pressas no carro.

— Damen falou que não vai mais à minha casa, só isso. — Dou de ombros, olho pelo retrovisor e engato a ré.

— Mas o que *você* falou, pra que ele pulasse fora? — diz Miles, olhando furioso para mim.

— Nada.

O sorrisinho falso fica mais aparente.

— É verdade! — insisto. — Não tenho culpa nenhuma se seus planos pra essa noite furaram! — Saio do estacionamento e pego a rua, percebendo que Miles continua com os olhos pregados em mim. — Que foi?

— Nada.

Miles ergue as sobrancelhas e olha pela janela. Mesmo sabendo o que ele está pensando, não falo nada. Prefiro me concentrar no trânsito. Mas, claro, ele não consegue segurar a língua. Vira para mim e diz:

— Prometa que não vai ficar brava comigo.

Fecho os olhos e, suspirando, penso: *Pronto, lá vamos nós.*

— É que... bem, não consigo entender você. Assim... nada em você faz sentido.

Respiro fundo, determinada a não levar a conversa adiante. Sobretudo porque sei aonde ela vai chegar.

— Pra começar, você é essa gata maravilhosa, de parar o trânsito... ou pelo menos acho que é, porque está sempre escondida debaixo desse capuz medonho. Sinto muito, amiga, mas vou dizer: esse seu modelito é uma tragédia, parece coisa de morador de rua. E tem mais: odeio precisar dizer isso pra você, mas essa história de ficar evitando o novato gostoso, quando ele está obviamente a fim de você... Sei não, é muito esquisito pra mim.

Ele se cala por um instante e lança um olhar encorajador em minha direção; eu me preparo para o que está por vir.

— A não ser que... a não ser que você seja gay.

Dobrando uma esquina, novamente deixo escapar um suspiro; pela primeira vez na vida dou graças a Deus por meus poderes mediúnicos, que nesse momento ajudaram a aplacar o susto.

— Olhe, não tem problema algum se você for — ele continua. — Afinal, sou gay também, né? Não serei eu que vou discriminar você por causa disso, *certo*? — Ele dá um risinho meio nervoso, porque estamos entrando num território ainda não desbravado de nossa amizade.

Simplesmente balanço a cabeça e freio.

— Só porque não estou interessada no cara não significa que eu seja gay, ora essa! — Percebo que fui muito mais defensiva do que pretendia. — A atração envolve muitos elementos além da aparência física, sabia?

O olhar que faz a gente derreter, o toque que faz a gente formigar, a voz que silencia o mundo...

— Então é por causa da Haven, não é? — ele pergunta, não se dando por convencido.

— Não. — Aperto o volante com as mãos e fixo os olhos no sinal, torcendo para que não demore muito a abrir. Quero deixar Miles em casa e acabar com essa conversa o mais rápido possível.

Mas percebo que respondi depressa demais quando ele diz:

— Eu *sabia*! *É* por causa da Haven, sim! Só porque ela inventou essa história de senha. Não acredito que você está levando essa parada a sério! Por acaso não vê o que está fazendo? Não percebe que está abrindo mão de perder a virgindade com o cara mais gostoso da escola, talvez até do *planeta*, só porque a Haven levantou o dedo primeiro?

— Não seja ridículo — resmungo e balanço a cabeça, finalmente chegando à casa de Miles e parando o carro diante da entrada.

— Não me diga que já perdeu a virgindade, já? — Ele ri, claramente se divertindo com tudo isso. — Como é que você me esconde um babado desses, garota?

Reviro os olhos, mas não consigo me conter: dou uma risada também.

Miles fica me olhando por um tempo, depois recolhe os livros e sai do carro. Antes de chegar à porta da casa, no entanto, vira pra trás e diz:

— Tomara que a Haven saiba dar valor à amiga que tem!

No fim das contas, nossa noite de sexta é cancelada. Bem, não a noite em si, só nosso encontro. Em parte porque Austin, o irmão caçula da Haven, ficou doente, e ela era a única que estava por perto para cuidar dele; e também porque o pai de Miles, fanático por esportes, arrastou o filho para ver um jogo de futebol, obrigando-o a vestir a camisa do time e a fingir que estava feliz da vida. Portanto, assim que fica sabendo que estou sozinha em casa, Sabine sai mais cedo do trabalho e me convida para jantar fora.

Careca de saber que minha tia não aprova nem um pouco o jeito de eu me vestir e querendo ser gentil depois de tudo o que ela fez por mim, escolho o vestidinho azul que ela me deu de presente não faz muito tempo, calço uma sandália de salto, passo um pouquinho de gloss na boca (relíquia da minha vida antiga, quando eu curtia essas coisas), transfiro o essencial da mochila para a pequena bolsa de metal que combina com o vestido e substituo o habitual rabo de cavalo por cabelos soltos e penteados.

Estou quase na porta do quarto quando Riley se materializa atrás de mim e diz:

— Já estava na hora de você se vestir de mulher!

Por pouco não tenho um treco.

— Caramba, você quase me matou de susto! — sussurro, fechando a porta para que Sabine não escute.

— Eu sei. — Riley ri. — Então, aonde você está indo?

— Um restaurante aí, chamado Stonehill Tavern. Fica no hotel St. Regis. — Meu coração ainda bate feito um tambor.

— Ui, que chique!

— Como é que você sabe? — pergunto. Não é impossível que ela já tenha ido lá; afinal de contas, minha irmã nunca diz o que faz quando não está comigo.

— Sei de muita coisa — ela diz, rindo. — Muito mais do que você. — Riley pula na cama e ajeita os travesseiros antes de se esparramar.

— Não faz mais que a obrigação, né? — retruco, irritada ao ver que ela está usando o mesmo vestido e as mesmas sandálias que eu. Só que, como é quatro anos mais nova e bem mais baixa, parece que está fantasiada de adulto.

— Falando sério, você devia se vestir assim com mais frequência. Porque, detesto dizer, essas roupas que você usa não a ajudam em *nada*. Por acaso acha que o Brandon ia dar mole se antes você só andasse de moletom? — Ela cruza os tornozelos e fica ali, me encarando, mais relaxada que qualquer outra pessoa viva ou morta. — Por falar nisso, sabia que ele está namorando a Rachel agora? Pois é. Faz cinco meses que eles estão juntos. Muito mais que o tempo que vocês ficaram, não foi?

Contraio os lábios, bato o pé e repito o mantra de sempre: *Não vou deixá-la me irritar, não vou deixá-la me irritar...*

— Ah, você nem vai acreditar, mas eles quase chegaram lá! Sério, eles saíram mais cedo de uma festinha da escola, já tinham planejado tudo, mas então... — Ela fica calada tempo suficiente para dar uma risada. — Bem, acho que não devia ficar contando essa história por aí. Digamos que o Brandon tenha feito algo terrível, de matar qualquer um de vergonha e cortar qualquer clima possível. Você tinha de estar lá pra ver. Pode acreditar, foi *hilário*! Quer dizer, não me leve a mal, ele sente saudades de você e tudo mais... Até já trocou o nome da Rachel pelo seu umas duas vezes, mas... sabe como é, a fila anda, né?

Respiro fundo e aperto os olhos, observando minha irmãzinha querida esparramada na cama feito uma Cleópatra na liteira, criticando minha vida, minhas roupas, praticamente tudo o que me diz respeito, e distribuindo boletins informativos, que eu nem pedi, sobre ex-amigos, como se fosse uma autoridade pré-adolescente qualquer.

Deve ser ótimo viver assim, aparecendo só quando dá vontade, sem ter de entrar nas trincheiras e enfrentar a barra-pesada da vida real como todo mundo faz!, pensei.

De repente fico tão irritada com os pequenos ataques-surpresa de Riley, desejando que ela me deixe em paz para viver o que resta da minha vidinha sem ter de conviver com o veneno de uma aborrescente tão petulante que olho fundo nos olhos dela e digo:

— Então, quando é que você vai voltar pra escola dos anjos? Ou será que foi expulsa por ser tão perversa?

Ela me fulmina com o olhar, as pálpebras tão apertadas que os olhos se reduzem a dois traços

furiosos no rosto. A essa altura, Sabine bate à porta e diz:

— Está pronta?

Olho sério para minha irmã, antes que ela faça qualquer bobagem e deixe Sabine com a pulga atrás da orelha sobre os últimos e estranhos acontecimentos aqui.

Mas Riley apenas sorri e diz:

— Papai e mamãe mandaram um beijo. — E some no ar segundos depois.

sete

A caminho do restaurante, não consigo pensar em outro assunto que não seja Riley e o recadinho irônico que tão cruelmente ela deixou antes de desaparecer. Quer dizer, durante todo esse tempo venho suplicando a ela que me dê alguma informação sobre nossos pais, só me falta ajoelhar a seus pés para obter qualquer notícia, uma migalha que seja, sobre eles. No entanto, em vez de me colocar a par das novidades, de contar o que tanto quero saber, ela fica toda nervosinha e enigmática, recusando-se a explicar por que eles ainda não apareceram para mim.

Era de esperar que a morte deixasse as pessoas um pouquinho mais gentis e generosas. Que nada! Riley ainda é a mesma pentelha mimada e cruel que sempre foi quando viva.

Sabine deixa o carro com os manobristas e entramos no hotel. Assim que vejo o enorme lobby de mármore, os gigantescos arranjos de flor e a extraordinária vista para o mar, arrependo-me de tudo o que acabei de pensar. Riley *tinha* razão. O lugar é realmente chique. Chique, não, chiquérrimo. Perfeito para um jantarzinho romântico com o namorado — e *não* com a sobrinha taciturna.

À porta do restaurante, a recepcionista nos conduz a nosso lugar: uma mesa linda, com toalha de linho branco, velas cintilantes e utensílios com sal e com pimenta que lembram duas joias de prata. Já sentada, corro os olhos pelo salão, mal acreditando que possa existir um lugar tão requintado assim, sobretudo se comparado aos restaurantes a que estou acostumada.

Mas logo caio na real. De que adianta ficar comparando minha vida nova à antiga, mentalmente examinando fotos do "antes" e do "depois"? De que adianta ficar revendo os filminhos arquivados em minha memória sobre como tudo *costumava ser*? Por outro lado, com a proximidade da Sabine, gêmea do papai, não é lá muito fácil evitar as comparações.

Ela pede um copo de vinho tinto para si e um refrigerante para mim, depois damos uma olhada rápida no cardápio. Assim que a garçonete se afasta, Sabine prende os cabelos louros e curtos atrás das orelhas, abre um sorriso cordial e diz:

— Então, como vão as coisas? Escola, amigos... Tudo em paz?

Não me levem a mal: adoro minha tia e tenho a maior gratidão por tudo o que ela fez por mim. Mas só porque tira de letra um júri de doze marmanjos não significa que seja boa de conversa fiada. Apesar disso, olho para ela e digo:

— Tudo em paz.

O.K. Conversa fiada também não é lá meu forte.

Em seguida, Sabine pousa uma das mãos em meu braço para dizer algo mais, porém ela nem sequer havia ainda encontrado as palavras certas quando me vejo de pé e arrastando a cadeira para trás.

— Volto já — falo baixinho e quase atropelo a cadeira ao voltar pelo mesmo caminho de antes, sem me dar o trabalho de perguntar à garçonete, quase atropelada também, onde fica o banheiro. Ela olha automaticamente para mim, convencida de que não vou chegar a tempo ao fim do longo corredor.

Seguindo na direção que ela involuntariamente indicou, passo por uma galeria de espelhos gigantes, com molduras folheadas a ouro e pendurados lado a lado numa parede. Como é sexta-feira, o hotel fervilha com os convidados de um casamento que, a julgar pelo que *vejo*, não tem a menor

chance de dar certo.

Um grupo de pessoas passa por mim, as auras espiralando com uma energia tão intensificada pelo álcool que chega a me afetar também, deixando-me enjoada, tontinha da silva, tão desorientada que vejo à minha frente uma longa fileira de Damens com o rosto virado para trás.

Aos trancos e barrancos, entro no banheiro, apoio as mãos na bancada de mármore e tento recuperar o fôlego. Concentrando o olhar nos vasos de orquídeas, nos frascos de perfume e na pilha de toalhas felpudas sobre a bandeja de porcelana, aos poucos vou me sentindo mais calma, mais lúcida e mais centrada.

Já habituada a toda essa energia que aleatoriamente encontro aonde vou, acho que não lembrava mais os efeitos devastadores que ela é capaz de produzir quando minhas defesas não estão ativadas, quando o iPod não está comigo. Mas quando a Sabine pousou a mão em mim, fiquei tão assustada com a solidão e a tristeza contidas naquele toque que tive a sensação de ter levado um soco no estômago.

Sobretudo ao lembrar que a culpa de tudo isso é minha.

Acho que sempre ignorei a solidão da minha tia. Moramos na mesma casa, mas raramente nos vemos. Sabine passa boa parte do tempo no trabalho, e eu, na escola. Nas noites e nos fins de semana, se não estou trancada no quarto, estou na rua com meus amigos. Acho que algumas vezes esqueço que não sou a única pessoa abandonada no mundo; embora tenha me recebido e tentado ajudar, a Sabine ainda se sente tão sozinha e vazia quanto no dia em que tudo aconteceu.

Por outro lado, por mais que eu queira me aproximar dela ou consolá-la de alguma forma, simplesmente não consigo. Sou uma pessoa machucada demais, esquisita demais. Um E.T. que ouve pensamentos e conversa com mortos. Não posso correr o risco de dar bandeira ao me aproximar demais das pessoas, nem mesmo da minha tia. O melhor que tenho a fazer é terminar logo o ensino médio, ir embora para uma universidade qualquer e deixar que Sabine volte à vida normal dela. Talvez então ela possa se aproximar do tal cara que trabalha em seu prédio e que ela ainda nem conhece — o dono do rosto que vi quando a mão dela tocou meu braço.

Dou uma ajeitada nos cabelos, passo mais um pouquinho de gloss e volto à mesa, determinada a me esforçar um pouco e levantar a bola da minha tia, mas sem colocar em risco meus segredos. Depois de me acomodar novamente, dou um gole rápido no refrigerante e, sorrindo, tentando ser o mais convincente possível, digo:

— Estou ótima, juro. — E dali a pouco: — Então, algum caso interessante no trabalho? Algum gato trabalhando por lá?

Depois do jantar, fico esperando do lado de fora enquanto Sabine entra na fila para pagar o manobrista. Estou tão distraída com o drama que se desenrola à minha frente, entre a noiva e sua suposta dama de "honra", que literalmente dou um pulo quando sinto alguém tocar meu braço.

— Oi, é você? — digo, o corpo esquentando e formigando assim que nossos olhares se cruzam.

— Você está linda — diz Damen, seus olhos passeando do vestido até as sandálias para depois voltar aos meus. — Quase não a reconheci sem o capuz. — Ele sorri. — Então, gostou do jantar?

Faço que sim com a cabeça, uma verdadeira proeza diante do estado de confusão mental em que me encontro.

— Vi você no corredor. Teria cumprimentado se você não estivesse com tanta pressa.

Olho para ele, imaginando o que poderia estar fazendo sozinho num lugar como este numa sexta-

feira à noite. Estava todo de preto: blazer, camiseta sem gola, jeans e botas — uma produção talvez sofisticada demais para alguém da sua idade, mas que nele ficava totalmente natural.

— Vim me encontrar com uma pessoa de fora, que está hospedada aqui — ele diz, respondendo à pergunta que nem cheguei a fazer.

Ainda estou pensando no que poderia dizer quando Sabine aparece ao nosso lado. E eles já estão apertando as mãos quando, enfim, consigo explicar:

— Hmm... Damen é meu colega de escola.

Aquele que faz minhas mãos suarem, meu coração palpitar... e que não sai da minha cabeça de jeito nenhum!, penso.

— Acabou de se mudar do Novo México — acrescento, esperando que isso baste até o carro chegar.

— Onde no Novo México? — pergunta Sabine. Quando vejo o sorrisão estampado no rosto dela, fico pensando se minha tia também não está tomada pelo mesmo êxtase que eu.

— Santa Fé — ele responde sorrindo.

— Ah, dizem que lá é maravilhoso. Sempre tive vontade de conhecer.

— Sabine é advogada, trabalha pra caramba — digo, olhando na direção de que o carro virá daqui a dez, nove, oito, set...

— Estamos indo pra casa — diz Sabine —, mas se quiser uma carona...

Imediatamente entro em pânico, pensando em como pude não prever isso. Olho para Damen, rezando para que ele recuse o convite.

— Obrigado, mas preciso voltar pra lá — ele diz, apontando com o polegar por sobre os ombros.

Meus olhos seguem na direção apontada até que param numa ruiva incrivelmente deslumbrante, usando o pretinho básico mais lindo que já vi na vida, empoleirada em sandálias de salto alto.

Ela sorri para mim, mas sem qualquer entusiasmo. Apenas lábios rosados que se curvam ligeiramente e olhos distantes demais para serem lidos. Mas não posso deixar de notar certa ironia na expressão dela, como se a presença de Damen a meu lado fosse algo engraçado ou, no mínimo, improvável.

Olho de volta para ele, assustada ao vê-lo tão perto, seus lábios úmidos e entreabertos a poucos centímetros dos meus. Então ele ergue a mão e, roçando de leve em minha bochecha, tira uma tulipa vermelha de trás da minha orelha.

Quando dou por mim, estou sozinha novamente, e ele, caminhando de volta para a ruiva.

Fico ali, admirando a tulipa, acariciando as pétalas aveludadas, imaginando de onde uma flor tão linda poderia ter saído — sobretudo levando em conta que a primavera acabou faz tempo.

Só mais tarde, já sozinha em meu quarto, é que me dou conta de um detalhe: a tal ruiva também não tinha aura.

Eu devia estar num sono muito profundo, pois mesmo ao ouvir alguém andando pelo quarto, minha cabeça está tão cansada, tão confusa, que nem sequer abro os olhos.

— Riley? — resmungo. — É você? — Ela não responde, então deduzo que minha irmã está aprontando mais uma das suas. E como estou cansada demais para brincar, pego meu travesseiro e cubro a cabeça com ele.

Pouco depois escuto mais um barulho.

— Olha, Riley, estou exausta, o.k.? Desculpa se fui ríspida com você, se a deixei irritada comigo.

Mas realmente não estou a fim de brincadeira. Afinal de contas, são... — Levanto o travesseiro e com apenas um dos olhos confiro a hora no despertador. — São três e quarenta e cinco. Melhor você voltar lá pra onde quer que você sempre volta e deixar essa história pra depois, certo? Pode até pegar aquele vestido que usei na formatura da oitava série que não vou falar nada, palavra de escoteiro.

Acontece que depois de falar tudo isso perco o sono. Então, jogo o travesseiro para o lado e, furiosa, olho para a forma embaçada que está sentada na cadeira da escrivaninha, imaginando o que haveria de tão importante assim que não podia esperar até a manhã.

— Já pedi desculpas, O.K.? Que mais você quer que eu diga?

— Você pode me ver? — ela pergunta, afastando-se da mesa.

— Claro que... — De repente fico muda. A voz não é de minha irmã.

oito

Vejo pessoas mortas. O tempo todo. Na rua, na praia, nos shoppings, nos restaurantes, nos corredores da escola, nas filas do correio, na sala de espera dos consultórios... mas nunca no do dentista. Porém, ao contrário dos fantasmas que a gente vê na televisão e no cinema, elas jamais me perturbam, pedem minha ajuda ou vêm conversar comigo. De modo geral, não fazem mais que sorrir e acenar quando notam que estão sendo vistas. Como a maioria dos vivos, elas adoram ser vistas.

Mas a voz em meu quarto, definitivamente, não era de um fantasma. Também não era de Riley. A voz em meu quarto era de Damen.

E por isso sei que foi um sonho.

— E aí? — Ele sorri e se senta segundos depois de o sinal tocar, mas, como a aula é do sr. Robins, isso é o mesmo que chegar cedo.

Cumprimento-o apenas com um aceno de cabeça, de um jeito displicente, neutro, como se não estivesse nem aí para ele. Esperando esconder o fato de que, a essa altura, estou tão a fim que até ando sonhando com ele.

— Sua tia parece ser uma pessoa legal — ele diz, olhando para mim e batendo com a caneta na carteira, num irritante *tec tec tec*.

— É, ela é muito legal — resmungo, furiosa com o sr. Robins, que não sai daquele banheiro, desejando que ele largue o maldito cantil de uísque e venha logo dar sua aula.

— Também não moro com minha família — diz Damen, a voz silenciando a sala, aquietando meus pensamentos, enquanto ele gira a caneta na ponta dos dedos, para lá e para cá, sem deixá-la cair.

Não digo nada. Apenas ajusto o iPod no compartimento secreto do capuz, cogitando ligar a música para bloquear Damen também. Não, isso seria grosseiro demais.

— Fui emancipado — ele acrescenta.

— Sério? — pergunto, apesar de ter prometido a mim mesma limitar nossas conversas ao mínimo necessário. Só que, bem, nunca conheci um outro emancipado e sempre achei que todos fossem pessoas tristes e solitárias. Mas, a julgar pelo carro que dirige, as roupas que usa e os lugares que frequenta nas noites de sexta, Damen não parece nem um pouco infeliz com sua condição.

— Sério — ele diz. E assim que para de falar ouço os cochichos febrilmente trocados entre Stacia e Honor, que me chamam de esquisitona e outros qualificativos bem menos simpáticos que esse. Depois me espanto ao vê-lo arremessar a caneta para o alto, sorrindo enquanto ela desenha uma série de oitos preguiçosos no ar, antes de aterrissar perfeitamente na ponta do dedo dele. — E sua família, onde está? — ele pergunta.

Como é estranha essa alternância entre barulho e silêncio, barulho e silêncio, barulho e silêncio... Parece até uma versão nova para a dança das cadeiras, uma versão em que sempre acabo sobrando de pé.

— O quê? — digo, distraída pela caneta que agora paira entre a gente, bem como pelos comentários de Honor a respeito de minhas roupas. Quanto ao namorado dela, bem, o garoto concorda com tudo, feito um cordeirinho, mas ao mesmo tempo se pergunta por que ela, Honor, nunca se veste como eu. Minha vontade é pôr o capuz, ligar o iPod no volume máximo e dar um fim a essa história toda. Em tudo. Inclusive em Damen.

Principalmente em Damen.

— Onde sua família mora? — ele pergunta.

Fecho os olhos enquanto ele fala, saboreando a delícia que são esses poucos segundos de silêncio. Depois volto a abri-los e, encarando-o, digo:

— Estão todos mortos.

Finalmente o sr. Robins entra na sala.

— Sinto muito.

Damen se senta à minha frente na mesa do almoço, e eu corro os olhos pelo pátio, ansiosa para que Haven e Miles não demorem a chegar. E quando abro a bolsa com o lanche, vejo o quê? *Uma tulipa!* Igualzinha à do outro dia, espetada entre o sanduíche e o saco de batatas fritas. Não sei como ele fez isso, mas tenho certeza de que foi Damen quem a colocou ali. Na verdade, não são os truques de mágica que me incomodam, mas o jeito como ele olha para mim, fala comigo, aquilo que me faz sentir...

— Sua família. Eu não sabia que...

Olhando para baixo, fico rodando a tampinha da garrafa de suco para lá e para cá, para cá e para lá, preferindo mil vezes que ele tivesse esquecido o assunto.

— Não gosto de falar nisso — digo.

— Sei como é perder as pessoas que a gente ama — ele sussurra, estendendo o braço por cima da mesa e colocando a mão sobre a minha.

Sinto uma onda tão boa de calma, aconchego e segurança... que fecho os olhos e baixo a guarda, entregando-me totalmente a esse momento de paz, feliz por ouvir o que ele diz, e não o que ele pensa. Feito uma garota normal. Mas com um garoto bem mais lindo que o normal.

— Hmm, licença — diz alguém. Abro os olhos novamente e dou de cara com Haven, as mãos plantadas na mesa, os olhos amarelos apertados e fixos em nossas mãos. — Eu não queria interromper.

Imediatamente coloco a mão no bolso, como se estivesse fazendo algo errado, algo que ninguém deveria ter visto. Minha vontade é explicar que aquilo não havia sido nada, que não significava nada, mas conheço minha amiga o bastante para saber que seria inútil.

— Cadê o Miles? — falo afinal, sem saber mais o que dizer.

Haven revira os olhos e senta ao lado de Damen, a aura passando de um amarelo forte a um vermelho muito escuro em razão dos maus pensamentos.

— Miles está trocando torpedos com sua nova paixão da internet, bilau_no_cio_307 — ela diz, evitando meu olhar enquanto desembrulha seu cupcake. Em seguida, virando-se para Damen, acrescenta: — Então, como foi o fim de semana de todo mundo?

Mesmo sabendo que a pergunta não foi dirigida a mim, dou de ombros e fico olhando para minha amiga. Como faz todo santo dia, Haven prova o cupcake com a ponta da língua. (Nem sei por que faz isso; nunca a vi recusar um único cupcake desde que a conheço!) Mas quando volto o olhar para Damen, fico chocada ao vê-lo sacudindo os ombros também: pelo que vi na sexta-feira, imaginei que o fim de semana dele havia sido infinitamente melhor que o meu.

— Bem, como vocês podem imaginar — continua Haven —, minha noite de sexta foi um fracasso. Ótimo — diz ironicamente. — Passei a maior parte do tempo limpando o vômito do Austin, já que a empregada tinha ido pra Las Vegas e meus pais não se deram o trabalho de voltar de sei lá onde eles

estavam. O sábado, em compensação, foi *sen-sa-ci-o-nal*! Tipo, o melhor da minha vida! Teria chamado vocês, claro, mas foi tudo de última hora. — Só então ela me dirige o olhar.

— Aonde você foi, afinal? — pergunto como quem não quer nada, embora tenha acabado de ver um lugar escuro, de péssima energia.

— Uma boate muito irada a que uma garota do meu grupo me levou.

— Qual grupo? — Tomo um gole de água.

— Sábado é dia dos codependentes — ela responde sorrindo. — Bem, essa tal garota, a Evangeline... Ela é hardcore total! Do tipo que eles chamam de doadora.

— Quem chama o que de doadora? — pergunta Miles, deixando seu Sidekick sobre a mesa e sentando-se a meu lado.

— Os codependentes — respondo, colocando-o a par.

Haven revira os olhos e diz:

— Eles, não, garota. Os *vampiros*. Doador é qualquer um que deixe outros vampiros se alimentarem dele. Chupar o sangue, sabe, essas coisas. Mas eu sou o que eles chamam de "cachorrinho", porque só fico por perto deles. Não deixo ninguém se alimentar de mim. Pelo menos, ainda não. — Ela ri.

— Por perto de quem? — pergunta Miles, levantando o Sidekick e conferindo as mensagens.

— Dos vampiros! Poxa, cara, se liga! Então. Essa codependente doadora, a tal da Evangeline... Aliás, este é só o nome de vampiro dela, não o nome real...

— As pessoas têm um nome de vampiro? — intervém Miles outra vez, deixando o telefone na mesa, agora num lugar onde possa vigiá-lo.

— Pode crer. — Haven faz que sim com a cabeça, empurrando o glacê do cupcake e lambendo a ponta do dedo.

— É como um nome de stripper? Tipo, o nome de seu primeiro animalzinho de estimação mais o nome de solteira de sua mãe? Porque aí meu nome seria Princesa Slavin. Uau, abalei. — Ele desanda a rir.

Haven suspira em busca de paciência.

— Ai, não é nada disso, garoto. Nome de vampiro é assunto sério pra caramba. Aliás, ao contrário da maioria, nem preciso trocar o meu, porque Haven já é nome de vampiro, *orgânico*, cem por cento natural, sem aditivos ou conservantes. — Ela ri. — Falei pra vocês que eu era uma princesa das trevas, não falei? Bem, voltando, a gente foi pra essa boate ultradescolada em algum lugar de Los Angeles, chamada Nocturnal ou qualquer nome parecido.

— Nocturne — corrige Damen, encarando Haven e dando um gole em sua bebida.

Ela larga o cupcake e começa a aplaudir.

— Muito bem! — exclama. — Finalmente alguém que sabe das paradas nesta mesa!

— E por acaso você encontrou algum "imortal" por lá? — ele pergunta, ainda com os olhos fixos nela.

— Milhares! O lugar estava lotado. Tinha até uma área VIP reservada só pra bruxos. Claro que dei um jeito de entrar, né? Tomei todas no bar de sangue.

— Ninguém pediu sua carteira de identidade? — pergunta Miles, digitando algo no telefone, participando de duas conversas ao mesmo tempo.

— Pode rir quanto quiser, porque me diverti muito! Mesmo depois de a Evangeline ter me dispensado para se embolar com um cara lá. Porque acabei conhecendo outra garota, mais irada

ainda. Que, aliás, acabou de se mudar pra cá também. É bem provável que a gente comece a andar juntas.

— Mentira! — exclama Miles, fingindo espanto. — Você está dispensando a gente?

Haven revira os olhos.

— Não amole, garoto. Só sei de uma coisa: meu sábado foi muito melhor que o de vocês. Talvez não o seu, Damen, porque você é um cara antenado, sabe das tendências, ao contrário desses dois manés aí — ela diz, apontando para mim e Miles.

— Então, como foi o jogo? — Dou uma cotovelada em Miles para que ele deixe de lado o cibernamorado e preste atenção exclusivamente em nós.

— Sei lá. Só sei que tinha *muita* gente torcendo, um time que ganhou e um outro que perdeu. Quanto a mim, passei a maior parte do tempo no banheiro teclando com esse carinha aqui, que aparentemente é *um mentiroso de marca maior*! — Balançando a cabeça, ele nos mostra o visor do telefone. — Olhem só pra isto! — ele diz, fincando o indicador no aparelho. — Passei o fim de semana inteiro pedindo uma foto dele, porque jamais vou me encontrar com ninguém sem ter visto antes, né? E é *isto o* que o desgraçado manda! Estúpido exibido!

Dou uma olhada rápida na tal foto e não entendo o porquê de tanta revolta.

— Como você sabe que este aí não é ele? — pergunto.

Mas é Damen quem responde:

— Porque este aí sou eu.

nove

Ao que parece, Damen trabalhou como modelo durante um tempo quando morava em Nova York; por isso as fotos dele estão por aí, flutuando no espaço cibernético, apenas esperando que alguém faça o download delas e se passe pelo garoto.

Todos nós demos uma boa olhada na foto no telefone de Miles e rimos muito daquela bizarra coincidência. Apesar disso, há uma questão que ainda não consigo engolir: se Damen acabou de se mudar do Novo México, e *não* de Nova York, bom, não seria razoável esperar que ele parecesse um pouco mais jovem na tal foto? Afinal de contas, não conheço ninguém que, aos dezessete anos, tenha exatamente a mesma aparência que tinha aos quatorze, ou mesmo aos quinze. Mas o Damen que estava naquele telefone era idêntico ao Damen atual.

E isso não faz o menor sentido.

Chegando à aula de educação artística, entro na fila para o armário de materiais, pego minha tralha e vou para o cavalete. Finjo que não estou nem aí quando vejo que Damen está instalado bem a meu lado. Simplesmente respiro fundo e, sem a menor pressa, abotoo o jaleco e vou escolhendo os pincéis, aqui e ali espichando o olho para a tela vizinha e tentando não babar com a obra-prima que Damen está fazendo: uma versão absolutamente perfeita de *Mulher de Cabelos Amarelos,* de Picasso.

Nossa tarefa é reproduzir um dos grandes mestres, escolher uma dessas pinturas clássicas da história da arte e tentar copiá-la. Por algum motivo besta, achei que aqueles redemoinhos simplesinhos de Van Gogh não me dariam trabalho algum, que eu tiraria a parada de letra e ganharia nota máxima facilmente. Mas quando olho para a tela à minha frente, para as pinceladas caóticas e apressadas que consegui produzir até agora, vejo que estava redondamente enganada. Só que a essa altura não posso mais voltar atrás e salvar a situação. Pior, não tenho a menor ideia do que fazer.

Desde que me tornei mediúnica não preciso mais estudar. Nem ler. Basta colocar as mãos sobre um livro que seu conteúdo imediatamente pipoca em minha cabeça. Quanto às provas? Digamos que hoje sou à prova de provas: basta passar os dedos sobre cada pergunta para que a resposta se revele na mesma hora.

Mas o buraco da arte é bem mais embaixo.

Porque talento não pode ser fabricado.

Portanto, não é à toa que meu quadro parece um lixo se comparado ao de Damen.

— *Noite Estrelada*? — ele pergunta, indicando com a cabeça os borrões azuis que vergonhosamente escorrem pela minha tela. Minha vontade é de cavar um buraco no chão e nunca mais sair dali. Fico pensando em como ele pôde adivinhar o que estou fazendo só de olhar para este amontoado de manchas.

Em seguida, só para me torturar um pouquinho mais, dou outra espiada rápida no trabalho dele, nas pinceladas sinuosas que ele produz sem esforço. E acrescento mais um item na lista aparentemente interminável de qualidades e talentos do garoto.

Sério. Na aula de inglês, por exemplo, ele responde a todas as perguntas que o sr. Robins faz, o que é bastante estranho, já que teve só uma noite para ler as trezentas e tantas páginas de *O morro*

dos ventos uivantes. Sem falar nos comentários que acrescenta depois: Damen é capaz de discorrer sobre fatos históricos, eventos que aconteceram séculos atrás, como se tivesse presenciado tudo com os próprios olhos. Além disso, é ambidestro, o que aparentemente é uma bobagem; mas o garoto consegue escrever com uma das mãos e pintar com a outra sem qualquer esforço. E as tulipas que ele tira do nada? E a caneta mágica?

— Excelente! — exclama a sra. Machado. — Exatamente como Picasso! — Ela alisa a trança comprida enquanto corre os olhos pela tela de Damen, mentalmente dando cambalhotas de alegria, a aura vibrando num lindo tom azul-cobalto. Vasculha a memória em busca de outro aluno tão talentoso quanto ele, mas não encontra.

Depois vem para meu lado.

— E você, Ever? — Ainda está sorrindo, mas por dentro pensa: *Que diabos isso deve ser?*

— É, hmm... era pra ser Van Gogh — respondo, vermelha de tanta vergonha. — Sabe o *Noite Estrelada*?

— Bem... é um bom começo — ela diz, tentando evitar uma careta de espanto. — O estilo de Van Gogh é bem mais difícil do que parece. Ah, não se esqueça de acrescentar os dourados e amarelos! Afinal de contas, a noite estava estrelada, não estava?

Enfim, ela passa para outro aluno, a aura se dilatando em pequenas centelhas. Sei que não gostou de meu trabalho, mas fico agradecida pelo esforço que fez para esconder isso. Em seguida, tonta que sou, mergulho o pincel na tinta amarela sem sequer me dar o trabalho de limpar o azul que estava nas cerdas. Resultado: um grande borrão verde em minha tela.

— *Como* é que você consegue? — pergunto frustrada a Damen, comparando sua obra-prima a meu desastre, já muito disposta a me conformar com o fracasso.

Ele sorri e, buscando meu olhar, diz:

— Quem você acha que ensinou a Picasso?

Jogo o pincel no chão, furiosa, salpicando tinta verde por toda parte: nos sapatos, no jaleco, no rosto. Sem ao menos conseguir respirar, fico olhando para Damen enquanto ele recolhe o pincel e o coloca de volta em minha mão.

— Todo mundo tem de começar em algum lugar — ele diz em seguida, os olhos escuros e ardentes, enquanto seus dedos buscam a cicatriz em meu rosto.

A cicatriz da testa.

A que escondo sob a franja.

Essa cuja existência ele não tinha a menor chance de saber.

— Até Picasso tinha um professor. — Ainda sorrindo, Damen afasta a mão e leva consigo o calor que ela é capaz de produzir em mim. Calmamente, volta a pintar.

Só então me lembro de respirar outra vez.

dez

Na manhã seguinte, enquanto me arrumo para a escola, faço a besteira de pedir a opinião de Riley na hora de escolher um moletom.

— O que você acha? — Levanto o azul, depois o verde.

— Vai de rosa outra vez — ela diz, empoleirada na cômoda, inclinando a cabeça para o lado enquanto avalia as opções.

— Não tem rosa nenhum aqui! — digo irritada, pensando que seria ótimo se pelo menos uma vez minha irmãzinha não transformasse tudo numa grande brincadeira. — Anda, me ajuda aí, vai. Estou correndo contra o tempo.

Ela esfrega o queixo e aperta as pálpebras.

— Esse azul... Está mais para o *cerúleo* ou para o *violeta*?

— Chega! — Jogo o moletom azul na cama e já estou passando o verde pela cabeça quando Riley diz:

— Vai de azul.

Paro, só os olhos à mostra, nariz, boca e queixo ainda escondidos pela malha.

— Sério. O azul valoriza seus olhos.

Contando até dez para não avançar na pentelha, acato a opinião dela e troco o verde pelo azul. Vasculho meus objetos em busca do gloss, mas não chego a passá-lo; Riley me interrompe:

— Desembucha, vai. Quer dizer, primeiro a crise do moletom, depois o suor nas mãos e agora a maquiagem. Quero saber o que está rolando.

— Não estou de maquiagem! — digo, quase gritando.

— Não quero ser chata, Ever, mas tecnicamente falando gloss é maquiagem, sim. Claro que é. E você, querida irmã, estava quase pintando a boca.

Jogo o gloss de volta na gaveta, pego meu protetor labial de sempre e lambuzo os lábios com ele.

— Alô-*ou*! Ainda estou esperando uma resposta!

Contraio os lábios, dou as costas para Riley e saio correndo escadaria abaixo.

— Tudo bem, não precisa contar nada — ela diz, seguindo em meu encalço. — Mas não pode impedir que eu tente adivinhar.

— Não amole — resmungo, entrando na garagem.

— Bem, sei que não é o Miles, já que você não faz o tipo *dele*, e sei que não é a Haven, já que ela não faz *seu* tipo. Então só pode ser o... — Ela atravessa a porta trancada do carro e acomoda-se no banco do carona enquanto eu tento não ceder. — Acontece que você não conhece mais ninguém! Portanto, desisto. Fale aí, por favor.

Abro a porta da garagem e entro no carro do jeito tradicional, depois ligo o motor para abafar a voz dela.

— Sei que você está aprontando alguma — continua Riley, berrando mais alto que a barulheira. — Porque, desculpa, mas você está agindo exatamente como antes de começar a namorar o Brandon. Lembra como ficava toda nervosa e aflita só por causa dele? Ah, será que o Brandon gosta de mim também?, blá-blá-blá. Então, desembucha. Quem é o infeliz? Quem é a próxima vítima?

Assim que ela diz isso, o espectro de Damen se materializa à minha frente, tão lindo, tão sexy e

tão palpável que fico tentada a esticar o braço para tocá-lo. Em vez disso, limpo a garganta, engato a ré e digo:

— Ninguém. Não estou a fim de ninguém. Mas de uma coisa você pode ter certeza: nunca mais vou pedir sua opinião pra porcaria nenhuma!

Aula de inglês. Ao entrar na sala, percebo que estou suando frio nas mãos, tão nervosa e aflita quanto Riley acabou de dizer. E quando vejo Damen conversando com Stacia, incluo paranoica a essa lista.

— Com licença — digo. Dessa vez não é a habitual mochila de Stacia que impede minha passagem, mas as pernas gloriosamente compridas de Damen.

Ele faz que não ouviu; debruçado na carteira da garota, leva a mão até a orelha dela e produz uma rosa.

Um botão de rosa branca.

Novinho em folha, ainda úmido de orvalho.

Ao recebê-lo, Stacia dá um gritinho agudo, desses de furar o tímpano. Parece até que acabou de ganhar um anel de brilhantes.

— Não *a-cre-di-to*! *Impossível! Como* é que você fez isso? — Ela exibe a flor para todos ao redor.

Quanto a mim, baixo os olhos para o chão e aumento o volume do iPod até abafar a voz da garota.

— Preciso passar — resmungo.

Quando Damen se vira, levanto o rosto a tempo de ver a última centelha de afabilidade que escapa dos olhos dele, antes do gelo que se instala quando ele enfim se afasta para me deixar passar.

Sigo furiosa para o fundo da sala, os pés se alternando automaticamente como os de um zumbi ou os de um robô, um depois do outro, simplesmente fazendo o que têm de fazer, incapazes de qualquer espontaneidade. E a coreografia continua quando alcanço a carteira: retiro caderno, caneta e livros da mochila, fingindo não perceber os passos relutantes de Damen quando o sr. Robins o manda sentar.

— Mas que *borra* é essa que está rolando ali? — diz Haven, jogando a franja para o lado e olhando direto à sua frente. Não falar mais palavrões é a única promessa de Ano-novo que ela tem cumprido até agora, mas só porque acha *borra* engraçado.

— Eu sabia que não ia durar. — Miles balança a cabeça enquanto observa Damen seduzindo a ala VIP da escola com seu charme natural, a caneta mágica e a *borra* de suas rosas brancas. — Eu sabia que era bom demais pra ser verdade. Aliás, falei isso logo no primeiro dia. Lembra que eu falei, lembra?

— Não — resmunga Haven, ainda fitando Damen. — Não me lembro de nada.

— Mas eu falei — insiste Miles, dando um gole no isotônico. — Juro que falei. Só que você não ouviu.

Baixo os olhos para meu sanduíche e dou de ombros, nem um pouco disposta a me envolver nessa discussão de "quem disse o quê" e, muito menos, a olhar para Damen, Stacia ou qualquer outra pessoa daquela mesa. Ainda nem me recuperei da aula de inglês, quando Damen se inclinou para meu lado, bem no meio da chamada, para me entregar um bilhete.

Mas só para que eu o passasse para Stacia.

— Passe você mesmo — falei, recusando-me a tocar no papel, surpresa com a dor que uma reles

folha de caderno dobrada em triângulo era capaz de causar.

— Quebre essa pra mim, vai — ele disse. E deu um peteleco no bilhete, que veio parar a poucos centímetros dos meus dedos. — Ninguém vai notar, garanto.

— O problema não é esse.

— Então qual é? — ele perguntou, seus olhos negros me fitando.

O problema é que não quero tocar neste papel! Não quero saber o que está escrito nele! Porque bastam alguns segundos de contato para que as palavras pipoquem em minha cabeça: seu recadinho adoravelmente sexy, de cabo a rabo, sem nenhuma vírgula fora do lugar. Sei que isso nada vai adiantar, pois de um jeito ou de outro vou ouvir os pensamentos da garota. Mas pelo menos posso fingir que está tudo deturpado, que foi tudo do cérebro de passarinho daquela infeliz. Mas, se tocar neste papel, vou saber que tudo é verdade, e aí não vou aguentar...

— Passe você mesmo — repeti, afinal, empurrando o bilhete com a ponta do lápis até a beira da mesa. Quase morri de ódio de mim mesma quando senti o coração retumbar no peito ao ouvir a gargalhada que ele deu antes de pegar o papel de volta.

— Alô-*ou*! Terra chamando Ever! — Miles me traz de volta ao presente. — Perguntei o que foi que aconteceu! Quer dizer, não quero acusar ninguém de nada, mas você *foi* a última pessoa que esteve com o gato hoje.

Quem dera eu soubesse de algo! Imediatamente me lembro do que aconteceu ontem na aula de educação artística, do jeito como os olhos de Damen buscaram os meus, do carinho com que ele tocou minha testa... Achei que algo especial, até mesmo *mágico*, tivesse rolado entre a gente. Mas depois me lembro da outra garota antes de Stacia, da ruiva linda e arrogante que vi ao lado dele no hotel, que por mera conveniência eu já havia apagado da memória. Então me sinto uma boba, uma ingênua, por achar que Damen pudesse ter gostado de mim. Porque a verdade é que o cara não passa disto: um jogador. E ele joga o tempo todo.

Quando enfim decido olhar, vejo Damen formando um buquê inteiro com as rosas que tira de Stacia: da orelha, da manga, do decote, da bolsa. E logo desvio o olhar, contraindo os lábios, poupando-me de ver o abraço totalmente gratuito que decerto está por vir.

— Não fiz *nada*! — respondo afinal, tão confusa quanto Miles e Haven com o comportamento volúvel de Damen, porém bem menos disposta a dar o braço a torcer.

Consigo ouvir os pensamentos de Miles, que avalia minhas palavras, decidindo se pode acreditar nelas ou não. Depois suspira e diz:

— Por acaso você está se sentindo tão abalada, arrasada, traída e destruída quanto eu?

Minha vontade é de abrir o coração para meu amigo e despejar *tudo* em cima dele, o pacote inteiro de sentimentos contraditórios. Ontem, eu tinha certeza de que a gente tinha alguma ligação significativa, e hoje... bem, hoje é *isso* que está aí. Mas não digo nada. Apenas balanço a cabeça, recolho meus pertences e saio para a aula, muito antes de o sinal tocar.

Durante todo o quinto tempo, que é de francês, fico pensando na melhor maneira de matar a próxima aula, de educação artística. Mesmo enquanto participo dos exercícios orais, lábios movendo-se, repetindo palavras estrangeiras, não consigo pensar em outro assunto que não seja a doença que devo inventar: dor de estômago, enjoo, febre, tonteira, gripe... Qualquer uma serve.

E não é só por causa do Damen. Na verdade, nem sei onde estava com a cabeça quando resolvi me matricular nessa aula de educação artística. Não levo o menor jeito para a matéria, meu quadro

vai de mal a pior e não tenho a mínima intenção de me tornar artista; portanto, corro o sério risco de arruinar minha média final. Mas, como se isso não bastasse, agora tenho de enfrentar 57 minutos de saia justa ao lado de Damen.

No fim das contas, acabo indo para a aula. Em grande parte porque essa é a atitude certa. Estou tão concentrada no ato de vestir o jaleco e recolher o material de pintura que, de início, nem percebo que ele ainda não chegou. Os segundos vão passando e nada, nenhum sinal do garoto. Por fim, pego meu material e vou para o cavalete.

Só para me deparar com um maldito bilhete dobrado em triângulo, equilibrado na beira do cavalete.

Encaro o papel com tanta intensidade que, aos poucos, tudo a meu redor vai ficando preto e fora de foco. A sala inteira se reduz a um único ponto escuro. Só tenho olhos para o triângulo, o nome "Stacia" escrito na parte da frente. Não faço a menor ideia de como isso veio parar aqui. E depois de uma rápida olhada à minha volta vejo que Damen ainda não chegou. Mesmo assim, não quero a menor proximidade com esse bilhete. Não vou participar desse joguinho idiota, não vou mesmo.

Com a ponta de um pincel, arremesso o triângulo o mais longe possível. Ele alça voo e vai pousar a alguns metros de distância. Sei que estou sendo ridícula e infantil, sobretudo quando a sra. Machado recolhe o bilhete do chão e vem rapidamente para meu lado.

— Acho que você deixou cair uma coisinha! — ela diz, quase cantarolando, sem sequer suspeitar que fiz de propósito.

— Isso não é meu — resmungo, arrumando minhas tintas, torcendo para que ela mesma passe o bilhete a Stacia ou, melhor ainda, jogue no lixo.

— Será que tem outra Ever por aqui e eu não sabia? — ela pergunta sorrindo.

O quê?

Pego o bilhete que ela sacode no ar e imediatamente leio *Ever* escrito na frente. Não há dúvida: a letra é mesmo dele. Como isso é possível? Que explicação isso pode ter? Não estou ficando doida, tenho certeza do que vi.

Com os dedos trêmulos, desdobro as pontas do triângulo e desamasso o papel. E quase tenho um treco quando deparo com o conteúdo: um desenho, pequeno mas bastante detalhado, de uma linda tulipa vermelha.

onze

Faltam apenas alguns dias para o Halloween e eu ainda estou dando os retoques finais em minha fantasia. Haven vem de vampira (*dã*) e Miles, de pirata — mas só porque consegui convencê-lo a não vir de Madonna na fase dos sutiãs de cone. Quanto a mim, não vou contar nada. O problema é que minha ideia inicial, ótima, aos poucos foi se revelando ambiciosa demais, difícil de fazer, e já não levo a menor fé nela.

Tenho que confessar: fiquei bastante surpresa quando Sabine disse que queria dar uma festa. Em parte porque ela nunca parece dar realmente muita bola para essas questões, mas sobretudo porque, considerando nosso círculo de amizades, seria bastante difícil juntar mais de cinco convidados. Mas aparentemente Sabine é muito mais bem-relacionada do que eu imaginava: rapidamente preencheu duas colunas e meia de nomes. Minha lista, por outro lado, estava pateticamente menor: consistia nos únicos amigos que tenho, dois, e seus possíveis acompanhantes.

Pois bem. Minha tia contratou um bufê para cuidar das comidas e bebidas, e o restante ficou por minha conta. Pedi a Miles que assumisse a parte audiovisual (o que significa que ele vai usar seu iPod e também alugar uns filmes de terror), e a Haven, que providenciasse os cupcakes. Portanto, para o comitê de decoração sobramos apenas Riley e eu. E como Sabine me entregou um catálogo e um cartão de crédito com ordens estritas para não economizar, passamos os últimos dois dias transformando a casa: o estilo campestre da Toscana aos poucos deu lugar a um tenebroso castelo cheio de criptas e esqueletos. E tem sido muito legal, fazendo-me lembrar o passado, quando a gente decorava nossa casa para a Páscoa, para o Dia de Ação de Graças e para o Natal. Além disso, Riley e eu estamos tão ocupadas e concentradas no trabalho que mal temos tempo para as picuinhas de sempre.

— Você devia se fantasiar de sereia — ela diz. — Ou, então, como uma daquelas donas de casa dos reality shows da TV.

— Caramba, não me diga que você ainda assiste a essas porcarias — digo, precariamente equilibrada no penúltimo degrau da escada enquanto penduro mais uma teia de aranha.

— A culpa não é minha. É da TV a cabo, que aparentemente só transmite o que dá na telha dela.

— Você tem TV a cabo? — pergunto, curiosa. Qualquer informação sobre a vida no Além é sempre bem-vinda, já que minha irmã raramente deixa escapar algum detalhe.

Mas ela apenas ri e diz:

— Poxa, como você é ingênua! Acredita em qualquer bobagem! — Riley balança a cabeça e revira os olhos, depois retira um fio de pisca-pisca da caixa de papelão a seu lado. — Quer trocar? — pergunta, desatando os nós. — Quer dizer, é ridículo você ficar aí, subindo e descendo escadas, quando posso simplesmente levitar e resolver o assunto.

Faço que não com a cabeça. Mesmo sabendo que seria bem mais fácil para Riley, ainda gosto de fingir que levo uma vida mais ou menos normal.

— Então, de que você vai se fantasiar, afinal? — ela insiste.

— Esqueça, não vou dizer. — Desço da escada para ver melhor a teia que acabo de pendurar. — Se você pode ter segredos, eu também posso.

— Isso não é justo! — Riley cruza os braços e fica de um jeito que sempre derretia o papai, mas

nunca a mamãe.

— Relaxe, na festa você vai ver — digo, e separo os membros de um esqueleto fosforescente.

— Quer dizer que eu posso vir também? — ela pergunta com a voz aguda, os olhinhos brilhando de alegria.

— Como se eu pudesse fazer algo pra impedir... — respondo rindo. Penduro o esqueleto próximo à porta de entrada, de modo que ele possa receber os convidados.

— Seu namorado vem também?

— Você sabe que eu não tenho namorado algum — respondo, revirando os olhos e respirando fundo, já irritada com a aporrinhação que está por vir.

— Ah!, me poupe. Não sou nenhuma idiota — ela diz, irritada. — Ainda não me esqueci da crise do moletom, se você quer saber. Mal posso esperar pra conhecer o cara. Ou melhor: pra *ver* o cara, porque é claro que você não vai me apresentar. O que é uma grande falta de educação, sabia? Só porque ele não pode me ver não significa que...

— Caramba, não o convidei, O.K.? — digo aos berros, e logo percebo que caí em mais uma das armadilhas de minha irmã.

— Aha! — ela exclama, olhos arregalados, sobrancelhas arqueadas, lábios curvados num sorriso de deleite. — Eu *sabia*! — Riley joga as luzinhas no chão e começa a pular, rodar e rebolar, sempre rindo e apontando o dedo pra mim. — Eu *sabia*, eu *sabia*, eu *sabia*! — ela cantarola, dando socos no ar. — Aha! Eu *sabia*! — E dá um último rodopio.

Fecho os olhos e suspiro, praguejando por não ter sido só um pouquinho mais esperta.

— Você não *sabe* de nada, garota! — digo. — Ele nunca foi meu namorado, tá? É só um... só um cara novo na escola, que no começo achei bonitinho e tal, mas, quando vi que ele só brinca com as pessoas, perdi completamente o interesse. Quer saber? Nem acho mais ele bonito. Sério. O entusiasmo durou, tipo assim, uns dez segundos, só isso. E só porque eu não o conhecia melhor. Além disso, não fui a única a cair na lábia dele, porque a Haven e o Miles só faltaram se estapear por causa do infeliz. Portanto, que tal você parar com essa palhaçada e voltar a trabalhar, hem?

Assim que fecho a boca, vejo que fui defensiva demais para ter sido levada a sério. Mas agora não há como voltar atrás. Só me resta ignorar minha irmã enquanto ela dá voltas pela sala, cantarolando:

— Eu *sabia*, eu *sabia*, eu *sabia*! Eu *SABIA*!!!

Na noite de Halloween, a casa está incrível. Riley e eu pregamos teias em todos os cantos e janelas, com enormes aranhas pretas no meio; penduramos morcegos de borracha pelo teto; espalhamos braços e pernas ensanguentados (falsos, claro) por diversos cômodos. Sobre uma das mesas colocamos uma bola de cristal ao lado de um corvo a pilha que, quando ligado, acende os olhos e grita: "Você se arrependerá! Quóc! Você se arrependerá!" Vestimos zumbis com trapos cobertos de "sangue" e os espalhamos pelos lugares mais inusitados da casa. Na entrada, colocamos um fumegante caldeirão de bruxa (que na verdade tinha só água e gelo seco) e espalhamos, basicamente por toda parte, caveiras, múmias, gárgulas, caixões, velas pretas, crânios, gatos e ratos pretos (horripilantes, apesar de falsos). No quintal, abóboras esculpidas e iluminadas com velas; na piscina, globos de plástico com pisca-pisca. Ah, não posso deixar de mencionar o terrível Ceifador em tamanho natural que colocamos no gramado da frente.

— Então, como estou? — pergunta Riley, examinando as longas madeixas vermelhas e o corpete

roxo cravejado de conchas enquanto abana a cintilante cauda de peixe de lantejoulas verdes.

— Igualzinha à sua personagem predileta da Disney — digo, passando pó compacto no rosto até deixá-lo bem pálido, imaginando a melhor maneira de tirar minha irmã do quarto para que eu possa me trocar e, pelo menos dessa vez, quem sabe?, surpreendê-la.

— Vou tomar isso por um elogio — ela diz sorrindo.

— Faz muito bem. — Puxo os cabelos para trás e prendo com um grampo junto da nuca, preparando-me para a enorme peruca loura que vou usar.

— E sua fantasia, é de que, afinal? — pergunta Riley. — Conte logo, garota, porque esse suspense todo já está me matando! — Imediatamente ela irrompe numa gargalhada, dobrando-se para a frente e para trás, quase caindo da cama de tanto rir. Minha irmã adora fazer piadinha com a morte. Acha bastante engraçado. Mas geralmente não acho graça alguma.

Fingindo que não ouvi, viro para ela e digo:

— Você me faria um favorzinho? Dê um pulo lá no quarto da Sabine e veja se ela decidiu usar o narigão de bruxa, desses com uma verruga cabeluda na ponta. Falei que a fantasia era linda e tal, mas que o nariz de bruxa não era uma boa ideia. Os homens nunca acham muita graça nisso.

— Ela tem alguém? — pergunta Riley, visivelmente surpresa.

— Não se usar aquele nariz horroroso. — Observo minha irmã se levantar da cama e arrastar sua cauda de sereia na direção da porta. — Mas não faça qualquer barulho nem nada que possa assustá-la, ouviu bem? — acrescento, e sinto um frio na barriga ao vê-la atravessar a porta sem se dar o trabalho de abrir. Quer dizer, só porque já a vi fazer isso um milhão de vezes não significa que já tenha me acostumado.

Vou para o closet e de lá tiro a fantasia que tinha escondido bem no fundo, dentro de um saco fechado com zíper. Um vestido lindo, preto, de decote quadrado, corpete justíssimo, mangas três-quartos transparentes e uma grande saia rodada, igualzinha à do vestido que Maria Antonieta usou para o baile de máscaras (ou o que Kirsten Dunst usou para o baile do filme). Depois de alguns minutos me debatendo com o zíper de trás, vou para o espelho, coloco a peruca louríssima (porque mesmo que eu já seja loura, nunca ia conseguir prender os cabelos numa altura dessas), passo um pouco de batom vermelho, coloco uma máscara preta fininha sobre os olhos e um par de brincos bem compridos, de diamantes falsos. Satisfeita com o resultado final, sorrio, rodopiando várias vezes diante do espelho, o que faz o vestido preto e brilhante se mover também.

Assim que volta ao quarto, Riley balança a cabeça e diz:

— Tudo certo... *finalmente*! Quer dizer, primeiro ela pôs o nariz, depois tirou, depois colocou de volta, depois ficou um tempão se olhando de perfil no espelho, só para tirar de novo. Juro que tive de contar até dez pra não arrancar a porcaria do nariz das mãos dela e jogar pela janela.

Só de ouvir isso sinto um calafrio na espinha. Tomara que ela não tenha feito nenhuma bobagem parecida. Em se tratando da Riley, a gente nunca sabe.

Tomando impulso com a cauda verde e reluzente de sereia, ela se esborracha na cadeira da escrivaninha.

— Mas não se preocupe — diz. — Quando saí, ela já tinha largado o nariz na bancada do banheiro, perto da pia. Depois um cara ligou pedindo informações sobre como chegar aqui e ela ficou horas falando das maravilhas que você fez na casa, dizendo que não sabia como você tinha conseguido fazer tudo isso sozinha, blá-blá-blá... Você deve estar adorando, não está? Receber todos os elogios pelo trabalho que *nós duas* fizemos juntas. — Ela se cala de repente e me encara por um

bom tempo. — Então, Maria Antonieta — diz afinal, correndo os olhos pela minha fantasia. — Quem diria, hem? Nunca soube que você tinha jeito pra fazer bolos.

Reviro os olhos e digo:

— Pra sua informação, a Sabine nunca disse nada a respeito de bolo nenhum. Foi só uma invenção maldosa de uma dessas colunas de fofoca. Não dá pra acreditar em tudo o que essa gente publica, né? — Não consigo parar de me olhar no espelho: pela milésima vez, dou uma conferida na maquiagem, uma ajeitada na peruca, esperando que tudo esteja em seu devido lugar. Mas de repente vejo o reflexo de Riley, e algo na expressão dela me faz parar. — Está tudo bem com você? — pergunto.

Ela fecha os olhos, morde o lábio inferior e, balançando a cabeça, diz:

— Caramba, olhe só pra nós duas. Você aí, vestida de rainha adolescente trágica e eu aqui... Daria qualquer coisa para *ser* uma adolescente.

Quando tento alcançá-la, acabo abraçando o nada. Estou tão acostumada com a presença de Riley que às vezes esqueço que ela não está *realmente* aqui, que não faz mais parte deste mundo e, portanto, nunca vai ter a chance de completar treze anos. Mas quando lembro que a culpada de tudo isso sou eu, sinto-me um zilhão de vezes pior.

— Riley, eu...

— Esquece o que eu disse, vai — ela diz, balançando a cabeça e rodopiando a cauda, e sorri. — Anda, os convidados já vão chegar.

Haven veio com Evangeline, sua amiga codependente doadora, que, quem diria?, também está vestida de vampira; e Miles trouxe Eric, um carinha que conheceu na aula de teatro, provavelmente muito bonito sem a máscara e a capa de Zorro, ambas de seda preta.

— Não acredito que você não convidou o Damen — diz Haven, balançando a cabeça, antes mesmo de dar boa-noite. Faz uma semana que ela está brava comigo, desde que soube que o Damen não estava na lista.

Reviro os olhos e respiro fundo, já cansada de bater na mesma tecla, de ter de repetir pela milionésima vez que o cara não quer nada com a gente, que agora é figurinha fácil não só na mesa de almoço de Stacia, mas também na carteira dela; além disso, não para de presentear a garota com os botões de rosa que tira de toda sorte de lugares, e sua *Mulher de Cabelos Amarelos*, a tela que vem pintando na aula de arte, está cada vez mais parecida com sua nova musa.

Inclusive — desculpe se deixei de mencionar isso —, apesar das tulipas vermelhas, do bilhete misterioso e do olhar íntimo que trocamos naquele dia, faz quase duas semanas que ele não fala comigo.

— Mesmo que eu tivesse convidado, ele não teria vindo — digo afinal, torcendo para que minha amiga não perceba a tristeza que deixei escapar na voz. — Tenho certeza de que está por aí em algum lugar com a Stacia, ou com a ruiva, ou com a... — Balanço a cabeça, me recusando a continuar.

— Peraí — diz Haven, com os olhos apertados. — Você disse *ruiva*? Quer dizer que tem uma *ruiva* na parada também?

Simplesmente dou de ombros. Por mim ele poderia estar com qualquer uma, já que não está aqui comigo.

— Você precisa ver o cara — ela diz a Evangeline. — É uma *coisa*! Lindo como um artista de cinema, sexy como um astro de rock... Sabe até fazer truques de ilusionismo! — E suspira.

Evangeline arqueia as sobrancelhas, espantada.

— Vai que ele *é* um truque de ilusionismo! Ninguém é tão perfeito assim.

— Mas o Damen é. Pena que você não vai ver com os próprios olhos. — Haven mais uma vez olha torto para mim, os dedos brincando com a fita de veludo preto que amarrou no pescoço. — Mas se um dia você vir, não esqueça que ele é meu, tá? Peguei a senha muito antes de conhecer você.

Observando Evangeline — a aura turva e escura, a meia arrastão, o short preto curtíssimo, a camiseta transparente —, sei que ela não tem a menor intenção de prometer o que quer que seja.

— Se eu lhe emprestasse uns dentes falsos e um pouco de sangue pra jogar no pescoço — diz Haven, olhando para mim —, você também podia virar uma vampira, sabia? — Mentalmente ela oscila feito um pêndulo: ora quer ser minha amiga, ora tem certeza de que sou sua pior inimiga.

Agradeço a gentileza e conduzo as duas vampiras para o outro lado da sala, torcendo para que Haven se interesse logo por algo e mude de assunto.

Sabine está conversando com amigos, Haven e Evangeline estão batizando o suco delas e Miles está dançando com Eric. Riley, por sua vez, diverte-se com a capa de Zorro de Eric, abanando-a pelas pontas e olhando ao redor para ver se alguém está notando. Estou prestes a chamar a atenção dela, mandando que se comporte caso queira continuar na festa, quando a campainha toca e nós duas apostamos uma corrida para atender.

Chego primeiro, mas nem sequer me lembro de zoar a pentelha, porque é Damen quem está à porta. Flores em uma das mãos, chapéu de bordas douradas na outra, os cabelos amarrados num longo rabo de cavalo. Em vez das roupas pretas de sempre, uma camisa de frufrus brancos, um casaco de botões dourados, algo que pode ser descrito como culotes de montaria e sapatos pretos de bico fino. Penso na inveja que Miles vai sentir ao vê-lo, mas, quando finalmente percebo em quem Damen se inspirou, sinto o coração retumbar no peito.

— Conde Fersen — sussurro, mal conseguindo articular as palavras.

— Marie. — Ele abre um sorriso e se dobra numa longa mesura.

— Mas... ninguém sabia... e você nem foi convidado — balbucio. Imediatamente olho por sobre os ombros dele, procurando por Stacia, pela ruiva, sei lá por quem, convicta de que ele não tinha vindo por minha causa.

Mas Damen simplesmente sorri, entrega-me as flores e diz:

— Então deve ter sido uma feliz coincidência.

Não me resta alternativa senão mandá-lo entrar. Atravessamos a sala de estar e a de jantar e seguimos para dentro, minhas bochechas ardendo em chamas, o coração batendo tão forte que por pouco não vem à boca. Como isso foi possível? Como arrumar uma explicação lógica para que Damen tenha aparecido em minha festa assim, perfeitamente vestido como minha histórica cara-metade?

— Meu Deus! Damen está aqui! — exclama Haven, os braços balançando, o rosto brilhando de felicidade. Quer dizer, tanto quanto pode brilhar o rosto de uma vampira de presas à mostra e sangue pingando dos lábios. Mas tão logo repara na fantasia e se dá conta de que Damen está vestido como o Conde Axel Fersen, o amante nem-tão-secreto-assim de Maria Antonieta, ela murcha na mesma hora e me fulmina com o olhar.

— Então, quando foi que vocês combinaram tudo? — pergunta, vindo em nossa direção e tentando manter a voz neutra e calma, mais por Damen que por mim.

— Não combinamos nada — digo, torcendo para que ela acredite, mesmo sabendo que não vai. Quer dizer, diante de uma coincidência tão bizarra como essa até eu estou começando a duvidar.

Começo a me perguntar se não dei uma bandeira qualquer, mesmo sabendo que a resposta é não.

— Pura coincidência — intervém Damen, e passa o braço pela minha cintura. Apenas por alguns segundos, mas o bastante para deixar meu corpo inteiro formigando.

— Você *só pode* ser o Damen — diz Evangeline, postando-se ao lado dele, correndo os dedos pelos frufrus da camisa. — Achei que a Haven estivesse exagerando, mas pelo visto não aumentou nem um pouco! — Ela ri. — E essa fantasia, de que é?

— Conde Fersen — responde Haven entre os dentes, olhando torto para mim.

— Nunca ouvi falar — murmura Evangeline. Depois rouba o chapéu de Damen, coloca-o sobre a própria cabeça, sorri com malícia e sai puxando o conde pela mão.

Assim que eles se afastam, Haven dispara:

— Não *acredito* no que você fez! — O rosto se contorce de raiva, as mãos estão fechadas em punho, mas nada que se compare aos pensamentos horríveis que zunem em sua cabeça. — Você sabe que eu estou a fim do cara! Eu *me abri* com você! *Confiei* em você!

— Haven, juro por Deus, não planejei nada disso. Foi só uma estranha coincidência. Nem sei como ele veio parar aqui! Você sabe que eu não convidei o cara! — Sei que estou gastando minha saliva à toa. Nada que eu diga vai fazê-la mudar de ideia. — Aliás, caso você não tenha notado, é sua grande amiga Evangeline quem está praticamente se esfregando na perna dele.

Haven corre os olhos pela sala, sacode os ombros e diz:

— Ela faz isso com todo mundo, não chega a ser uma ameaça. Ao contrário de você.

Respiro fundo em busca de paciência e tento segurar o riso quando vejo Riley ao lado dela, repetindo cada palavra, imitando cada gesto, zoando com minha amiga de um jeito muito engraçado, embora nem um pouco gentil.

— Olhe, Haven — digo afinal. — Eu *não* gosto dele! Que mais posso fazer pra convencer você disso? É só você dizer, que eu faço!

Ela balança a cabeça e desvia o olhar, ombros murchos e pensamentos cada vez mais sombrios, redirecionando para si mesma toda a raiva que sente.

— Não precisa fazer nada — diz, piscando os olhos rapidamente para represar as lágrimas. — Se o cara gosta de você, então gosta e pronto. Vou fazer o quê? Afinal, que culpa você tem de ser essa garota linda e inteligente que os caras sempre vão preferir? Sobretudo quando está sem o capuz. — Ela tenta rir, sem muito sucesso.

— Você está fazendo tempestade em copo d'água — digo, tentando convencê-la, tentando convencer a mim mesma. — Só o que Damen e eu temos em comum é nosso gosto por cinema e fantasias de Halloween. Só isso, juro. — Sorrio, esperando que isso pareça mais natural do que realmente é.

Haven mais uma vez olha para Evangeline, que a essa altura está com o chicote de Zorro em punho, demonstrando o jeito certo de usá-lo. Depois se vira para mim e diz:

— Mas você vai me fazer um favor, certo?

Digo que sim com a cabeça. Qualquer pedido para dar fim a isso tudo.

— Chega de mentiras. Você manda mal pra caramba quando mente.

Observo quando ela se afasta, então viro para Riley, que não para de pular e gritar:

— Caramba, esta *é* a melhor festa de todos os tempos! Drama! Intrigas! Ciúmes! E por pouco não rola um barraco entre mulheres! Estou *muito* feliz por não ter perdido isto!

Quase mando um sonoro *psiu!* para calar a pentelha quando lembro que sou a única pessoa capaz

de vê-la e ouvi-la. Seria muito estranho se alguém me visse fazendo *psiu* para o nada. E quando a campainha toca de novo, dessa vez é ela quem chega primeiro à porta, apesar da longa cauda de sereia.

— Ora, ora, o que temos aqui! — diz a mulher na varanda, olhando alternadamente para mim e Riley.

— Posso ajudá-la? — pergunto, vendo que ela não está vestida a caráter. A menos que o estilo básico em geral usado na Califórnia conte como fantasia.

— Desculpe o atraso — diz a mulher, os olhos castanhos voltados para os meus. — Mas o trânsito estava uma mer... Bem, você sabe. — Em seguida ela olha na direção de Riley, como se realmente pudesse vê-la.

— Você é amiga de Sabine? — pergunto. Talvez seja um tique nervoso olhar para onde teoricamente não há ninguém. Apesar da aura violeta, uma aura linda, não consigo ler os pensamentos da tal mulher.

— Meu nome é Ava — ela diz. — Fui contratada pela Sabine.

— Você é do pessoal do bufê? — Se é, por que então está usando esse top preto, essa calça skinny e essas sapatilhas de balé, em vez do uniforme que os outros estão vestindo?

Ela simplesmente ri e acena para Riley, que se esconde atrás das dobras de minha saia, do mesmo modo que fazia com a mamãe quando estava tímida.

— Sou a vidente — diz enfim a mulher, afastando do rosto os cabelos avermelhados, depois se ajoelhando ao lado de Riley. — E vejo que tem uma amiguinha com você.

doze

Ao que tudo indicava, a vidente Ava deveria ser uma surpresa para os convidados da festa. Mas tenha uma certeza: ninguém ficou mais surpreso do que eu. Quer dizer, como é que não previ que isso ia acontecer? Será que estava tão imersa em meu próprio mundo que me esqueci por completo do de Sabine?

Eu não poderia, tipo assim, mandar a mulher embora, apesar de ter ficado tentada. Ainda me recuperava do susto de vê-la falando com Riley quando minha tia surgiu à porta e a convidou para entrar.

— Ainda bem que você chegou. Pelo visto, já conheceu minha sobrinha — diz Sabine, conduzindo a mulher para dentro, onde uma mesa já estava à espera dela.

Sigo na cola delas, receando que Ava, a vidente, faça algum comentário sobre minha irmãzinha morta. Mas então Sabine pede que eu busque uma bebida para a recém-chegada, que, quando volto, já está no meio de uma consulta.

— Melhor você entrar na fila antes que apareça mais gente — diz minha tia, ombro a ombro com um Frankenstein, o qual, com ou sem a máscara pavorosa, *não* é o bonitão que trabalha no prédio dela. Também não é o poderoso banqueiro que diz ser. Na verdade, ainda mora com a mãe.

Mas não pretendo contar nada disso a Sabine, não quero estragar a noite dela. Portanto, simplesmente balanço a cabeça e digo:

— Mais tarde, quem sabe?

É ótimo ver minha tia se divertindo um pouco só para variar; bom saber que ela tem um vasto círculo de amigos e, pelo visto, está de volta ao circuito das paqueras. E embora seja hilário ver minha irmã dançando com pessoas que nem sequer desconfiam da presença dela, ou bisbilhotando conversas que ela não deveria ouvir, preciso dar um tempo nesta confusão toda: os pensamentos que vêm de toda parte, as auras vibrantes, a energia que circula a meu redor. Mas, sobretudo... preciso me afastar de Damen.

Até agora tenho feito o possível para ficar longe dele, para fazer cara de paisagem sempre que nos encontramos na escola, mas ao vê-lo aqui hoje, nitidamente vestido com a segunda metade de uma fantasia de casal... bem, nem sei ao certo o que pensar. Quer dizer, da última vez que o vi, ele estava dando mole para uma ruiva, para Stacia, para todo mundo que não fosse eu. Encantando a mulherada com seu charme, sua boa aparência, seu carisma, seus inexplicáveis truques de mágica.

Mergulho o nariz nas flores que ele me trouxe, vinte e quatro tulipas, todas vermelhas. As tulipas não são lá as flores mais perfumadas do mundo, mas estas, de algum modo, têm um cheirinho doce e envolvente que por pouco não me deixa tonta. Respiro fundo entre as pétalas, perdendo-me na fragrância do buquê e secretamente admitindo que gosto do garoto. Quer dizer, gosto *muito* dele. Não consigo evitar. Gosto e pronto. Por mais que eu tente fingir o contrário, o sentimento continua lá, do mesmo tamanho.

Antes de Damen surgir, eu já havia me resignado a um destino solitário. Não que adorasse a ideia de nunca mais ficar com outra pessoa, de nunca mais ter outro namorado. Mas como posso namorar alguém que vai provocar tantas reações em mim com um toque? Como posso me relacionar com um

cara sabendo sempre o que ele está pensando? Sem nunca ter a chance de pirar com uma suspeita qualquer, de tentar dissecar o significado secreto de tudo o que ele diz ou faz?

Pode parecer bacana ser capaz de ler pensamentos e auras, mas não é. Não é mesmo. Eu daria tudo para ter de volta minha vida de antes, ser tão normal e sem noção quanto qualquer outra garota. Porque, às vezes, até nossos melhores amigos podem ter pensamentos nada agradáveis a nosso respeito e, na ausência de um botão de *off*, é preciso uma inesgotável capacidade de perdoar.

Pois é isso que tanto me encanta em Damen. Ele é uma espécie de botão de *off*. A única pessoa cuja mente não consigo ler, a única capaz de silenciar os ruídos que vêm de fora. Perto dele tenho uma incrível sensação de paz, penso que sou uma pessoa normal outra vez. Por outro lado, não posso deixar de achar tudo isso muito estranho.

Sento em uma das cadeiras em torno da piscina, ajeito minha saia e fico observando os globos espalhados pela água, mudando de cor enquanto deslizam sobre a superfície iluminada. Estou de tal modo perdida em meus pensamentos, na paisagem maravilhosa à frente, que sequer percebo a chegada de Damen.

— E aí? — ele diz, sorrindo.

Só de olhar para ele sinto uma quentura da cabeça aos pés.

— Bela festa. Estou feliz por ter vindo sem convite. — Ele senta a meu lado e eu mantenho os olhos grudados na piscina: sei que Damen está zoando com minha cara, mas estou nervosa demais para reagir. — Você me saiu uma linda Maria Antonieta — ele acrescenta, correndo o indicador pela pluma negra que espetei na peruca no último minuto.

Contraio os lábios, sentindo-me nervosa, ansiosa, com vontade de sair correndo. Mas respiro fundo e consigo segurar a onda. Talvez seja bom levar essa brincadeira adiante e me permitir viver um pouco... ainda que por uma única noite.

— Você também não está mal como Conde Fersen — digo enfim.

— Pode me chamar de Axel. — Ele ri.

— E esse furo que as traças fizeram aí? — pergunto, apontando o queixo para um ponto esgarçado da casaca, achando melhor não mencionar o cheiro de mofo que ela exala. — Por acaso lhe cobraram a mais por ele?

Damen me encara e responde:

— As traças não têm nada a ver com isso. Esse furo é resultado do fogo de artilharia. Por pouco não bati as botas.

— Bem, se não me falha a memória, nessa cena em particular você estava perseguindo uma garota de cabelos escuros. — Olho de relance para ele, lembrando o tempo em que eu mandava muito bem na paquera, procurando ressuscitar a garota que eu costumava ser.

— Houve uma mudança de última hora — ele diz sorrindo. — Não mandaram para você o novo roteiro?

De repente sinto uma onda de alívio, feliz com a possibilidade de agir outra vez como uma garota normal, de dar mole como todo mundo faz.

— Nessa nova versão só tem a gente — ele continua —, mais ninguém. E você, minha cara Antonieta, não perde sua linda cabecinha. — Damen desliza a ponta do indicador ao longo de meu pescoço, deixando uma deliciosa trilha de arrepios até a orelha. — Por que você não entrou na fila pra se consultar com a vidente? — ele sussurra, e vai correndo o dedo pelo meu maxilar, acariciando a bochecha, retraçando a curva da orelha... os lábios tão próximos dos meus que nossos hálitos se

confundem.

Não digo nada. Simplesmente dou de ombros, torcendo para que ele feche logo a matraca e me dê esse beijo.

— Não acredita nessas coisas?

— Não é isso... É que... Sei lá — murmuro, a essa altura já tão impaciente que fico tentada a gritar.

Por que o garoto insiste em conversar? Ele não percebe que talvez essa seja minha última chance de viver um momento de garota normal, de dar uns beijos como todo o mundo da nossa idade faz? Que uma oportunidade dessas talvez nunca volte a acontecer?

— E você, por que não entrou na fila também? — pergunto, já nem um pouco preocupada em disfarçar minha frustração.

— Perda de tempo. — Ele ri. — Não existe essa história de ler pensamentos, de prever o futuro... *certo*?

Voltando os olhos para a piscina, por pouco não tenho uma síncope ao constatar que os globos não só ficaram cor-de-rosa como também se alinharam na forma de um coração.

— Porventura falei algo que a irritou? — ele pergunta, trazendo meu rosto de volta para o dele com os dedos em meu queixo.

Também tem isto: às vezes Damen fala tão coloquialmente quanto um surfista da Califórnia; outras, usa palavras tão fora de moda que ainda parece viver nos tempos de *O morro dos ventos uivantes*.

— Não, *porventura* você não falou nada — digo, sem conseguir conter uma risada.

— Está rindo de quê? — ele pergunta, e desliza os dedos sob minha franja, encontrando a cicatriz na testa, fazendo com que eu me afaste. — Como foi que isto veio parar aqui? — pergunta, e recolhe a mão. Olha para mim com tanto carinho e preocupação que por pouco não conto toda a verdade.

Mas não digo nada. Pois esta é a única noite do ano que tenho para ser outra pessoa. De fingir que não sou a única responsável pela perda dos maiores tesouros que já tive na vida. Hoje quero paquerar, brincar, tomar decisões sem pensar nas consequências, das quais provavelmente venha a me arrepender no futuro. Porque hoje não sou mais a Ever, sou Maria Antonieta. E se o Conde Fersen que está a meu lado não for um blefe, vai parar com esse papo furado e me tascar um beijo agora mesmo.

— Não quero falar sobre isso — digo. Já nem me espanto mais quando vejo os globos na piscina formando uma tulipa.

— Sobre o que quer falar então? — Damen me encara com um par de olhos que mais parecem dois lagos me instigando a pular.

— Sobre nada — sussurro, e mal consigo respirar quando os lábios dele finalmente pousam nos meus.

treze

Se a voz já era aquela maravilha, capaz de me cercar de silêncio, e o toque aquele espetáculo, capaz de eletrizar minha pele, o beijo... bem, o beijo é uma experiência *sobrenatural*. Embora não seja nenhuma especialista no assunto, tendo beijado não mais que meia dúzia de garotos na vida, sou capaz de apostar que um beijo desses, tão completo e tão transcendental, é algo único na vida de alguém.

Quando Damen se afasta e fica me olhando, fecho os olhos novamente e puxo o garoto de volta pelas lapelas da casaca.

Até que Haven aparece e diz:

— Caramba, faz horas que estou procurando vocês! Devia ter desconfiado que estavam escondidos aqui!

Imediatamente recuo, querendo morrer por ter sido pega no flagra pouco depois de jurar que não estava nem um pouco a fim do garoto.

— A gente só estava...

Ela ergue a mão para me calar.

— Por favor, poupe-me dos detalhes. Só queria avisar que a Evangeline e eu vamos nos mandar.

— Já? — pergunto, calculando mentalmente o tempo que já havia passado desde que vim para a piscina.

— É. Minha amiga Drina acabou de chegar e vai levar a gente pra outra parada. Se quiserem, vocês podem vir conosco. Mas acho que estão ocupados demais — ela ironiza.

— Drina? — pergunta Damen, levantando-se tão rápido que sua imagem se desmancha num borrão.

— Vocês se conhecem? — pergunta Haven, mas a essa altura Damen já foi, tão rápido que o perdemos de vista.

Sigo correndo atrás de Haven, louca para me explicar, mas quando enfim a alcanço, já nas portas de vidro do pátio, e coloco a mão sobre os ombros dela, sinto uma energia tão pesada, tão carregada de raiva e desespero, que as palavras se congelam em minha boca.

Ela se desvencilha de mim e, olhando por sobre os ombros, diz:

— Falei que você não sabia mentir. — E segue adiante.

Respiro fundo e continuo correndo atrás dos dois, Haven e Damen, enquanto eles atravessam a casa inteira — sala, cozinha, escritório — rumo à porta de entrada, meus olhos fixos em Damen; fico espantada com a segurança e rapidez com que ele se move, como se soubesse de antemão onde estava a tal de Drina. E quando finalmente chego ao hall, quase caio dura ao vê-los juntos: ele em todo o seu esplendor oitocentista e ela também vestida de Maria Antonieta, mas numa fantasia bem mais elaborada que a minha, infinitamente mais requintada e linda, deixando-me até envergonhada.

— Ah, você deve ser a... — Ela levanta o queixo e planta os olhos nos meus, duas esferas cintilantes de um verde-esmeralda.

— Ever — balbucio, e corro os olhos pela criatura à minha frente, a peruca alta e quase branca, a pele sedosa e perfeita, o colar de pérolas em torno do pescoço, os lábios rosados perfeitos que deixam entrever dentes quase irreais de tão brancos.

Olho para Damen na esperança de que ele explique, com um mínimo de lógica, como a ruiva do hotel St. Regis veio parar no hall de entrada da minha casa. Mas ele está muito ocupado admirando a obra-prima à sua frente para perceber que eu existo.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta, quase sussurrando.

— Haven me convidou — ela responde sorrindo.

Olhando de volta para Damen, sinto um calafrio de pavor correndo pela espinha.

— Como vocês se conhecem? — pergunto, notando uma mudança no comportamento de Damen, uma súbita frieza, como se uma nuvem escura tivesse encoberto o sol que costumava ficar ali.

— Nós nos conhecemos na Nocturne — responde Drina, fitando-me diretamente nos olhos. — Aliás, é pra lá que estamos indo. Espero que você não se importe por eu roubar sua amiga.

Ignorando a dor no coração e a pontada no estômago, aperto os olhos num esforço para ler a mente dela. Mas nada encontro: os pensamentos estão completamente inacessíveis. E a aura simplesmente não existe.

— Ah, como fui burra — continua Drina —, você estava se referindo ao Damen, não estava? — Ela ri, os olhos lentamente passeando por minha fantasia até voltarem para meus olhos. E percebendo que não vou responder, emenda, acenando com a cabeça: — Damen e eu nos conhecemos desde os tempos do Novo México.

— Nova Orleans — ele corrige.

Drina dá uma risada que por algum motivo nunca chega a seus olhos.

— Digamos que nos conhecemos desde os velhos tempos. — Estende o braço para tocar a franja de miçangas de meu vestido; depois desce a mão até meu pulso e, apertando-o, diz: — Belo vestido. Foi você mesma que fez?

Desvencilho-me rapidamente, não porque me ofendi com o sarcasmo, mas por causa do frio absurdo que senti com o toque dos dedos dela, com a pressão das unhas, que, afiadas, pareciam injetar gelo em minhas veias.

— Ela não é o máximo? — diz Haven, admirando Drina com a mesma intensidade que de modo geral dedica apenas aos vampiros, aos roqueiros góticos e a Damen.

Ao lado dela, Evangeline revira os olhos e confere as horas no relógio.

— Melhor a gente ir nessa — diz — se quisermos chegar à Nocturne antes de meia-noite.

— Você pode vir conosco, se quiser. — Drina sorri para mim. — O freezer da limusine está totalmente abastecido.

Olhando para Haven, posso ouvi-la pensar: *Diz que não vai, por favor! Diz que não vai!*

Drina olha para mim, depois para Damen.

— O motorista está esperando... — cantarola.

Meu coração despenca quando percebo a indecisão de Damen. Limpo a garganta e busco forças para dizer:

— Pode ir com elas, se quiser. Mas eu tenho de ficar. Não dá pra fugir da própria festa, não é? — Em seguida dou um risinho, como se não estivesse nem aí para a decisão dele, quando na verdade mal consigo respirar.

Drina continua olhando ora para Damen, ora para mim, as sobrancelhas arqueadas, a expressão altiva, deixando escapar não mais que uma centelha de espanto quando ele finalmente balança a cabeça e pega minha mão em vez da dela.

— Foi um prazer conhecê-la, Ever — diz Drina. E depois de uma pequena pausa, antes de entrar

na limusine, acrescenta: — Algo me diz que ainda vamos nos reencontrar.

Elas descem a rua e, assim que somem de vista, digo a Damen:

— Então, quem será que ainda vai chegar? Stacia? Honor? Craig?

Fico envergonhada por ter perguntado isso, demonstrando a boba, ciumenta e patética pessoa que sou. Eu já devia ter imaginado o que aconteceria, não devia ter ficado surpresa. Damen é um jogador. Essa é a verdade pura e simples.

Hoje fui a bola da vez, só isso.

— Ever... — ele diz, e acaricia minha face com o polegar. Mas antes que eu possa recuar e voltar à festa, já que não estou nem um pouco disposta a ouvir um monte de desculpas esfarrapadas, ele olha fundo em meus olhos e sussurra: — Talvez seja melhor eu ir embora.

Vasculho os olhos dele em busca de alguma pista. Minha mente aceita a verdade que meu coração preferiria mil vezes não ter de enxergar. E mentalmente completo as palavras que Damen deixou de dizer: *Ir embora... para me encontrar com ela.*

— Tudo bem, obrigada por ter vindo — digo enfim, mais como uma garçonete já cansada ao fim do expediente que como uma namorada em potencial.

Damen apenas abre um sorriso, retira a pluma de minha peruca e, roçando-a contra meu pescoço, diz:

— Posso levar esta lembrancinha?

Antes que eu tenha a chance de dizer o que quer que seja, ele já está de volta ao carro, pisando fundo no acelerador.

Sento nos degraus da escada e afundo a cabeça entre as mãos, por pouco não deixando a peruca cair, desejando ser capaz de desaparecer no ar, voltar no tempo e começar tudo de novo. Jamais deveria ter convidado o garoto a entrar, muito menos deixado que ele me beijasse...

— Ah, aqui está você! — diz Sabine, tomando-me pelo braço e puxando-me para cima. — Já procurei você por todos os cantos! Ava concordou em ficar um pouquinho mais, só pra fazer uma consulta com você.

— Mas eu não quero me consultar com ela — digo, sem querer ofendê-la, mas nem um pouco disposta a me encontrar com a vidente. Quero apenas subir para meu quarto, tirar essa peruca e cair num sono profundo, de preferência sem sonho algum.

Só que Sabine bebeu um pouquinho mais do que devia, o que significa que está tonta demais para me dar ouvidos. Puxando-me pela mão, ela me conduz ao encontro da vidente no escritório.

— Olá, Ever — diz Ava assim que me vê.

Esborracho-me na cadeira diante dela e, apoiada na mesa, espero passar o efeito da energia alcoolizada de minha tia.

— Leve o tempo que precisar — diz Ava, sorrindo.

Olhando para as cartas de tarô dispostas à minha frente, digo:

— Hmm... não é nada pessoal, mas não quero me consultar. — Encaro Ava antes de desviar o olhar.

— Que assim seja, então. — Ela dá de ombros, recolhe as cartas e começa a embaralhá-las. — Que tal fingirmos que estamos fazendo algo só pra deixar sua tia feliz? Ela se preocupa com você. Não sabe se está agindo certo, se está dando liberdade de mais ou de menos. — Ela olha para mim. — O que você acha?

Sacudo os ombros e reviro os olhos. Até agora ela não disse nada que eu já não soubesse.

— Sua tia vai se casar, sabia?

Levanto o rosto, assustada, meus olhos encontrando os dela.

— Não hoje — diz Ava, rindo. — Nem amanhã. Portanto, não se preocupe.

— E por que eu deveria me preocupar? — Revirando na cadeira, observo a mulher cortar o baralho ao meio e espalhar as cartas em meia-lua. — Quero que Sabine seja feliz, e se isso significa se casar...

— Certo. Mas você já passou por mudanças de mais neste último ano, não foi? Nem teve tempo de se adaptar ainda. Sei que não é fácil. — Ela me olha diretamente nos olhos.

Mas nada respondo. E por que deveria? Ela ainda não disse nada esclarecedor ou devastador. Todo mundo passa por mudanças na vida, ora bolas. Não seria esse o propósito da vida? Crescer, mudar e seguir adiante? Além do mais, minha tia não é enigma algum. Está longe de ser uma pessoa complexa ou insondável.

— Então, como você está lidando com seu dom? — Ava vira algumas cartas.

— Meu *o quê*? — Olho desconfiada para a mulher, tentando imaginar aonde ela pretende chegar com tudo isso.

— Sua mediunidade — ela explica e sorri, como se tivesse absoluta certeza do que acabou de dizer.

— Não sei do que você está falando — resmungo. Com uma rápida olhada através da porta, vejo Miles, Eric, Sabine e Frankenstein dançando juntos, alheios à minha irmã invisível.

— É difícil no começo — Ava concorda com a cabeça. — Pode acreditar, eu sei. Fui a primeira a saber da morte de minha avó. Ela apareceu em meu quarto e, bem ali, diante de minha cama, despediu-se com um aceno. Eu só tinha quatro anos na época. Portanto, você pode imaginar qual foi a reação de meus pais quando corri à cozinha para contar a eles. — Ela balança a cabeça e ri. — Mas você me entende, não é? Porque também pode vê-los.

Fico olhando para as cartas sem dizer uma palavra, as mãos juntas.

— A mediunidade, às vezes, é perturbadora, a gente fica se sentindo isolada. Mas não tem de ser assim. Você não precisa se esconder debaixo de um capuz ou estourar os tímpanos com uma música da qual você nem gosta. Há muitas maneiras de lidarmos com a mediunidade, e eu terei o maior prazer em ajudá-la, Ever. Você não precisa continuar vivendo desse jeito.

Levanto da cadeira com as mãos apoiadas na mesa, as pernas trêmulas, o estômago esquisito. Essa mulher só pode estar louca se acha que a mediunidade é um *dom*. Estou careca de saber que não é. Sei que é um castigo por tudo o que fiz, tudo o que causei. É um peso que carrego, e o que tenho de fazer é lidar com ele.

— Não tenho a menor ideia do que você está falando — digo finalmente.

Mas ela simplesmente concorda com a cabeça e me passa um cartão de visitas.

— Quando se sentir pronta, entre em contato comigo.

Pego o cartão não só porque Sabine está nos observando de longe, mas também porque não quero ser mal-educada. Aperto o papel entre os dedos, amassando-o numa pequena bolota.

— Posso ir agora? — pergunto, já um tanto irritada.

— Só mais uma coisa. — Ela guarda as cartas numa pequena caixa marrom de couro. — Estou muito preocupada com sua irmã mais nova. Já é hora de ela seguir em frente, você não acha?

Olho para essa mulher sentada à minha frente, cheia de si, sabendo de tudo e julgando a vida de uma pessoa que ela nem mesmo conhece, e sussurro:

— Pra sua informação, Riley *já* seguiu em frente! Está morta! — E jogo o cartão amassado sobre a mesa, pouco me lixando para quem possa estar vendo.

Mas, sem perder a calma, ela retruca, sorrindo:

— Você sabe o que eu quis dizer.

catorze

A festa já acabara havia muito tempo, todos os convidados já tinham ido embora, quando, deitada em minha cama, fiquei pensando em Ava, no que ela dissera sobre Riley estar presa por aqui, em como eu era culpada por isso. Sempre achei que minha irmã *já tivesse* seguido em frente e viesse me visitar por vontade própria. Porque, tipo assim, não sou eu quem a *convida* para vir me ver: é ela que aparece, quando bem entende. E quando não está comigo... bem, provavelmente fica batendo perna em algum lugar do Céu. Sei que Ava só está querendo ajudar, como uma espécie de irmã mais velha mediúnica, mas o que ela não percebe é que não quero ser ajudada; que mesmo que eu deseje voltar a ser uma garota normal e levar a vida que eu levava antes, compreendo também que tudo isso faz parte de meu castigo. Esse *dom* terrível é o que mereço por todo o mal que causei, pelas vidas que interrompi. Agora só me resta aceitar isso — e fazer o possível para não prejudicar mais ninguém.

Quando, enfim, caí no sono, sonhei com Damen. Um sonho tão forte, tão intenso e tão movimentado que parecia real. De manhã, no entanto, só restavam fragmentos desse sonho, imagens fugidias, sem pé nem cabeça. A única lembrança clara era de nós dois correndo por um vale gelado, varrido pelo vento — na direção de algo que eu não podia ver muito bem.

— Que deu em você hoje? Por que tanto mau humor? — pergunta Riley, empoleirada na beira de minha cama, vestindo uma fantasia de Zorro idêntica à que Eric usou na festa.

— O Halloween já acabou, sabia? — digo, olhando para o chicote que ela bate contra o chão.

— Dã. — Riley faz uma careta e continua a açoitar o carpete. — Gostei da fantasia, e daí? Acho que vou me vestir assim todos os dias.

Diante do espelho, coloco os dois pequenos brincos de brilhante que sempre uso e prendo os cabelos num rabo de cavalo.

— Não acredito que você vai continuar se vestindo assim — observa Riley, torcendo o nariz de desgosto. — Achei que tivesse descolado um namorado. — Ela larga o chicote, pega meu iPod e começa a bisbilhotar quais músicas estão gravadas.

Olho para trás, perguntando-me o que exatamente ela tinha visto.

— Alô-*ou*? Na festa? Na piscina? Ou será que você estava só ficando?

Arregalo os olhos, mais vermelha que um tomate.

— O que você sabe sobre ficar, garota? Só tem doze anos! E que história é essa de me espionar?

Ela revira os olhos e diz:

— Me poupe, vai. Como se eu fosse perder meu tempo espionando você quando tenho coisa muito melhor pra ver. Pra sua informação, apenas cheguei na piscina exatamente na hora em que você estava empurrando a língua pra dentro da garganta do Damen. Preferia mil vezes *não ter visto* aquilo, pode acreditar.

Balanço a cabeça e abro a gaveta da cômoda, transferindo minha irritação com Riley para os moletons lá dentro.

— Bem, sinto muito decepcioná-la, mas o cara não é meu namorado porcaria nenhuma. Nem falei com ele desde... — digo, odiando os embrulhos que sinto no estômago. Depois, pego um moletom cinza e visto pela cabeça, destruindo completamente o rabo de cavalo que acabei de fazer.

— Posso espioná-lo se você quiser. Ou assombrá-lo! — Ela ri.

Olho para Riley e exalo um suspiro. A ideia até que não é má; por outro lado, sei que preciso tocar minha vida adiante, virar a página e esquecer tudo o que aconteceu.

— Fica fora dessa história, tá bom? — digo por fim. — Se você não se importa, prefiro ter uma experiência normal no colégio.

— É você quem sabe. — Ela sacode os ombros e deixa o iPod de lado. — Mas, pra seu governo, Brandon está disponível de novo.

Recolho minha pilha de livros e outros objetos e coloco na mochila, surpresa por não me sentir nem um pouco melhor com a novidade.

— É verdade. A Rachel deu um toco nele na noite de Halloween, ao pegar o cara dando uns amassos numa coelhinha da *Playboy*. Só que não era uma coelhinha de verdade, era a Heather Watson fantasiada.

— Sério? Heather Watson? Está brincando!

Tento visualizar Heather fantasiada de coelhinha da *Playboy*, mas não faz sentido.

— Palavra de honra. Você tinha que ver, a garota emagreceu uns dez quilos, tirou o aparelho dos dentes, fez escova progressiva e agora parece outra pessoa. Infelizmente, também tem se comportado como outra pessoa. Agora é uma... *vagaba*, entende? — sussurra Riley. — Dessas que dão mole pra todo mundo. — E volta a chicotear o chão.

Levo um tempo para assimilar toda essa bizarrice.

— Sabe, é muito feio isso que você está fazendo, essa mania de bisbilhotar a vida das pessoas — digo, mais preocupada com uma possível espionagem da minha própria vida do que com a dos meus amigos. — É muita falta de educação, você não acha? — Jogo a mochila nas costas e sigo para a porta do quarto.

Riley ri e diz:

— Não seja ridícula. É ótimo ficar em dia com o pessoal de nossa antiga vizinhança.

— Você vem comigo ou não? — pergunto, impaciente.

— Vou. E quem chegar por último é mulher do padre! — ela exclama. Sem pensar duas vezes, dispara rumo à escada e desce escorregando pelo corrimão, a capa preta de Zorro esvoaçando.

Quando chego à casa de Miles, ele já está esperando do lado de fora, dedilhando o teclado do telefone.

— Só... mais... um... segundo... e... pronto! — Tão logo entra no carro, vira-se para mim e diz: — Pode ir soltando a língua. Quero saber de *tudo*! Do início ao fim. Todos os detalhes sórdidos, não me esconda nada.

— Do que você está falando? — Arranco com o carro e lanço um olhar de advertência na direção de Riley, agora sobre o colo de Miles, soprando no rosto dele e rindo ao vê-lo tentando ajustar o quebra-vento da janela.

Miles vira-se para mim, balançando a cabeça:

— Alô-*ou*? Do Damen, é claro! Ouvi dizer que vocês dois se atracaram à beira da piscina, cenas de pegação explícita sob a luz do luar, beijos tórridos, mãos pra todo lado e...

— Não viaja, garoto. — Mesmo já sabendo do que se trata, digo isso, louca para dar fim a esse tormento.

— Olhe, a notícia já se espalhou por aí, portanto nem adianta negar. Eu ia ligar pra você ontem,

mas papai confiscou meu telefone e me arrastou pro campo de beisebol, só pra me ver rebatendo como uma garota! — Miles ri. — Você perdeu o espetáculo! Desmunhequei o máximo que pude, ele ficou *hor-ro-ri-za-do*. Pra ver se o mala me deixa em paz! Mas, voltando a você. O confessionário começa agora. Desembuche. — Sacudindo a cabeça num gesto de impaciência, ele acrescenta: — Foi a maravilha que todos nós imaginamos?

Dou de ombros e mais uma vez olho de relance para Riley, mandando que ela fique quieta ou desapareça.

— Sinto muito desapontá-lo — digo finalmente. — Mas não rolou nada.

— Não foi isso que me contaram. A Haven disse que...

Sei muito bem o que a Haven disse, portanto não preciso que alguém repita em voz alta.

— Tudo bem, a gente se beijou — vou logo dizendo. — Mas só uma vez. — Mesmo sem olhar, posso ver a expressão de desconfiança no rosto dele, o risinho de malícia que desponta nos lábios. — Ou duas, sei lá. Não estava contando — resmungo, e minhas bochechas começam a arder, as mãos ficam ensopadas de suor, nem sei direito pra onde olhar. Fico torcendo pra que Miles não perceba nada. Porque repassei o tal beijo tantas vezes na cabeça que ele ficou tatuado em meu cérebro.

— *E*... — ele diz, ávido por mais detalhes.

— *E*... nada — digo, aliviada ao ver que Riley já se mandou.

— Ele não ligou? Não mandou um e-mail? Um torpedo? Não voltou à sua casa? — Miles engole em seco, visivelmente transtornado, já imaginando o que isso pode significar não só para mim, mas também para o futuro de nosso grupinho.

Balanço a cabeça e mantenho os olhos fixos no trânsito, irritada comigo mesma por não ser capaz de lidar melhor com tudo isso, odiando o nó que sinto na garganta, as lágrimas que ameaçam brotar a qualquer instante.

— Mas o que foi que ele *disse* antes de ir embora? Quais foram as últimas palavras dele? — pergunta Miles, determinado a encontrar alguma faísca de esperança diante da abominável realidade dos fatos.

Dobrando uma esquina, relembro nossa estranha e repentina despedida à porta. Em seguida, olho para Miles, engulo em seco e digo:

— Ele tirou a pluma de minha peruca e pediu pra guardar de lembrança.

Só agora me dou conta de um mau sinal: ninguém leva um suvenir de um lugar ao qual pretende voltar muitas vezes.

Sequer preciso ler o que Miles está pensando. Seus olhos já dizem tudo.

— Pode falar — eu digo, balançando a cabeça enquanto estaciono.

Apesar da decisão irrevogável de não pensar mais em Damen, confesso que estou um tanto decepcionada ao chegar à aula de inglês e constatar que ele ainda não está na sala. Isso, claro, faz com que eu pense nele mais ainda e, segundos depois, já estou à beira da obsessão.

Quer dizer, para mim, nosso beijo foi algo bem mais sólido e transcendental que um amasso de dois ficantes, mas isso não significa que ele pense da mesma forma. Só porque vi estrelas e ouvi sininhos não quer dizer que ele tenha visto e ouvido também. Afinal, por mais que eu tente, não consigo apagar da memória a imagem dele e Drina juntos em minha casa, um perfeito Conde Fersen com sua idílica Antonieta. E eu ali, no banco de reservas, emperiquitada e emperucada como uma perfeita idiota.

Estou prestes a ligar o iPod quando Stacia e Damen irrompem na porta, rindo e tagarelando, dois botões de rosa branca na mão dela. Ele a acompanha até a carteira e caminha em minha direção.

Imediatamente começo a remexer em meus papéis, fingindo que não estou vendo.

— E aí? — ele diz, e acomoda-se na carteira a meu lado. Como se nada tivesse acontecido. Como se ele não tivesse dado em cima de mim e fugido às pressas menos de 48 horas antes.

Deixo a cabeça cair numa das mãos e forço um bocejo, como se estivesse entediada ou exausta depois de inúmeras atividades interessantes, passando as páginas de um caderno com dedos tão trêmulos que deixo meu lápis cair.

Depois de me abaixar para pegá-lo, dou de cara com uma tulipa vermelha sobre o tampo da carteira.

— Que foi? Suas rosas brancas acabaram? — pergunto, e começo a revirar livros e cadernos como se tivesse algo muito importante a fazer.

— Jamais daria a você uma rosa branca — ele diz, os olhos buscando os meus.

Mas não olho de volta. De jeito nenhum vou participar desse joguinho sádico. Apenas pego minha mochila e finjo estar procurando algo dentro. E mentalmente solto um palavrão quando vejo que ela está recheada de tulipas vermelhas.

— Pra você, só tulipas — diz Damen, sorrindo. — Só tulipas vermelhas.

— Ah, que ótimo pra mim — resmungo. Jogo a mochila no chão e escorrego para a extremidade oposta da cadeira, o mais longe possível dele. Não faço a menor ideia do que tudo isso possa significar.

Hora do almoço. Fico uma pilha de nervos só de pensar que daqui a pouco posso me encontrar novamente com Damen. E com Haven; embora não tenhamos nos falado desde a noite de sábado, aposto que ela ainda quer me ver pelas costas. E quando chego à nossa mesa, apesar de todo o discurso que preparei durante a aula de química, fico completamente sem palavras ao deparar com ela.

— Ora, ora, quem vem lá... — ela diz, olhando para mim.

Sento-me no banco ao lado de Miles, mas ele sequer nota minha presença, tão ocupado que está com seus torpedos. Fico pensando se já não é hora de procurar novos amigos. Não que alguém vá me aceitar, claro.

— Eu estava dizendo ao Miles — continua Haven — que vocês mandaram muito mal de não terem ido pra Nocturne com a gente. Mas ele insiste em me ignorar. — Ela faz uma careta na direção dele.

— Porque fui obrigado a ouvir você tagarelar durante toda a aula de história! Depois você continuou falando, falando, falando, e acabei chegando atrasado à aula de espanhol. — Ele balança a cabeça e segue digitando no telefone.

— Você está com ciúmes só porque perdeu a balada — retruca Haven, indiferente. Depois olha para mim e tenta se corrigir: — Não que sua festa não estivesse boa, porque estava, claro. Boa *pra caramba*. Só que... minha praia é outra, entende? Quer dizer... você sabe do que estou falando, não sabe?

Limpo minha maçã na manga do moletom, nem um pouco disposta a ouvir sobre essa tal de Nocturne, sobre *a praia dela*, muito menos sobre Drina. E quando enfim levanto o rosto, levo um baita susto ao reparar que Haven trocou as lentes de contato amarelas por novas, agora verdes.

Um tom de verde tão familiar que me deixa arrepiada.

Um verde que só pode ser descrito como... *verde-Drina*.

— Você devia ter visto! Tinha uma fila enorme na entrada, mas, assim que viram a Drina, deixaram a gente passar na frente de todo mundo. E ninguém teve de pagar! Nem pra entrar nem por *nada*! Uma noite inteira de boca-livre! Tem mais: acabei dormindo no quarto dela. Drina está hospedada no St. Regis, numa suíte maravilhosa, mas só até encontrar um apê definitivo. Ah!, você tinha de ver... Vista pro mar, jacuzzi, minibar hiperabastecido, o diabo a quatro! — Haven fica olhando para mim com seus novos olhos verde-esmeralda, esperando por um entusiasmo que simplesmente não sou capaz de sentir.

Aproveito a oportunidade para examinar melhor o aspecto dela. O rímel agora está mais suave, e a sombra, mais esfumada, bem ao estilo de Drina; o habitual batom vermelho-sangue foi substituído por outro, mais próximo do rosa, também muito parecido com o de Drina; até os cabelos, esticados a ferro desde que a conheço, agora estão mais leves e ondulados, como os de Drina. Quanto às roupas, o gótico de sempre deu lugar a um vestidinho de seda, meio vintage, um que certamente Drina escolheria para usar.

— Então, cadê o Damen? — ela pergunta, como se eu tivesse a obrigação de saber.

Dou uma mordida na maçã e faço que não sei.

— Que foi? Achei que vocês estivessem de rolo, não estão? — ela insiste.

Mas, antes que eu possa responder, Miles levanta o rosto do telefone e lança na direção dela *aquele olhar* cuja tradução poderia ser: *Cuidado, campo minado!*

Haven passa os olhos por mim e por Miles, suspira e diz:

— Tudo bem, tudo bem. De qualquer modo, Ever, eu queria que você soubesse de uma coisa. Não estou mais bolada com essa história do Damen, tá? Desculpe se andei meio estranha com você nesses últimos dias. Já passou. Sério. — Ela sorri e oferece o dedo mindinho para selar nossa paz.

Meio sem jeito, ofereço o meu também e, assim que entrelaçamos os dedos, entro em sintonia com a energia dela, espantada ao *ver* que Haven realmente está sendo sincera. Quer dizer, dois dias atrás ela me via como sua inimiga número 1, mas agora, mesmo sem motivo aparente, tudo voltou ao normal.

— Haven... — De início fico na dúvida se devo seguir em frente, mas depois penso: *Ah, que se dane, não tenho nada a perder*.

Ela olha para mim, sorrindo e esperando.

— É que... Bem, quando vocês estavam lá... na Nocturne... por acaso... vocês não... viram o Damen? — Paro e espero, Miles me fulminando com o olhar, e Haven me encarando, visivelmente confusa. — É que ele foi embora lá de casa pouco depois que vocês saíram... então pensei que...

Haven faz que não com a cabeça.

— Não, não vi o cara — diz, e limpa o glacê dos lábios com a ponta da língua.

Mesmo sabendo que não devo, escolho esse momento para dar uma olhada geral nas mesas espalhadas pelo pátio, como sempre organizadas num rigoroso sistema de castas. Obedecendo à hierarquia alfabética, vou da mesa *Z* (nossa própria, a da minoria) à mesa *A* (dos VIPs), morrendo de medo de encontrar o Damen e a Stacia por lá, trocando beijos num leito de rosas brancas ou fazendo algo ainda pior.

Mas tudo está tranquilo, todos nas mesmas atividades de sempre. Nenhuma flor brotando do nada, pelo menos por hoje.

Só porque Damen não está lá.

quinze

Já estou caída no sono quando Damen liga. Embora eu tenha passado os últimos dois dias tentando convencer a mim mesma de que não gosto dele, tudo muda assim que ouço sua voz.

— É muito tarde? — ele pergunta.

Apertando os olhos para enxergar os números verdes do despertador, vejo que é muito tarde, sim, mas respondo:

— Não, tudo bem.

— Você estava dormindo?

— Quase. — Ajeito os travesseiros contra a cabeceira da cama e me recosto neles.

— Eu estava pensando... Será que posso dar uma passadinha aí?

Novamente olho para o despertador, apenas para confirmar a insanidade da pergunta.

— Acho que não é uma boa ideia — digo.

Segue-se um silêncio tão demorado que chego a pensar que ele desligou.

— Desculpe não tê-la encontrado no almoço — ele diz finalmente. — Nem na aula de arte. Fui embora logo depois da aula de inglês.

— Hmm... sei — resmungo, sem saber direito o que falar, já que não somos um casal nem nada. O cara não me deve satisfação alguma.

— Tem certeza de que é muito tarde? — ele pergunta, a voz grave e persuasiva. — Quero muito vê-la. Não vou demorar.

Sorrio, felicíssima ao perceber essa pequena mudança: é ótimo saber que, só para variar um pouco, agora sou eu quem está dando as cartas.

— A gente se vê amanhã na aula de inglês — digo, e mentalmente me cumprimento com um tapinha nas costas.

— Que tal se eu passar aí pra buscar você? — ele sugere, quase fazendo com que eu me esqueça de Stacia, de Drina, daquela estranha fuga da festa, de tudo. Por muito pouco não me disponho a passar uma borracha em tudo e recomeçar do zero.

Mas não vou desistir assim tão facilmente. Portanto, obrigo meus lábios a dizerem:

— Miles vai de carona comigo. A gente se vê na aula de inglês.

E, antes de correr o risco de mudar de ideia, desligo e arremesso o celular para o outro lado do quarto.

Na manhã seguinte, Riley pipoca na minha frente e diz:

— Ainda mal-humorada?

Reviro os olhos.

— Estou vendo que *sim*. — Ela ri e se empoleira na cômoda, os calcanhares batendo contra as gavetas.

— E essa roupa aí, o que é? — pergunto enquanto guardo os livros na mochila. Hoje minha irmã apareceu de saia rodada, corpete justo e uma longa cabeleira de cachos castanhos.

— Elizabeth Swann — ela responde sorrindo.

Aperto os olhos, demorando um tempo para ligar o nome à pessoa.

— Aquela de *Os Piratas*...?

— Claro, quem mais poderia ser? — Ela levanta os olhos e faz uma careta. — Então, como estão você e o Conde Fersen?

Finjo que não ouvi. Jogo a mochila nas costas e vou em direção à porta do quarto.

— Você vem? — pergunto.

— Hoje, não. — Ela nega com a cabeça. — Tenho um compromisso.

— Como assim, "um compromisso"?

Mas Riley apenas balança a cabeça e pula da cômoda.

— Não é da sua conta — ela diz às gargalhadas. E some através da parede.

Miles atrasou-se hoje também; portanto, quando chegamos à escola, o estacionamento já está completamente lotado. A não ser pela melhor de todas as vagas.

A que fica lá no fundo.

Bem perto do portão de entrada.

Exatamente ao lado do carro de Damen.

— *Como* você fez isso? — pergunta Miles, recolhendo seus livros enquanto sai de meu minúsculo carro vermelho, fitando Damen como se ele fosse o mágico mais sexy do mundo.

— Fiz o quê? — pergunta Damen, olhando para mim.

— Guardar essa vaga. Pra estacionar aqui a pessoa tem que chegar, tipo, antes de o semestre começar.

Damen ri, buscando meu olhar. Mas eu o cumprimento apenas com a cabeça, como se estivesse diante do carteiro ou do zelador, *não* do cara que me deixou obcecada desde o dia em que o conheci.

— O sinal já vai tocar — digo, cruzando o portão apressadamente e observando a rapidez com que ele se move. Sem qualquer esforço aparente, Damen chega à porta da sala bem antes de mim.

A caminho da carteira, passo efusivamente por Honor e Stacia, chutando a mochila de Stacia sem a menor piedade. Tão logo vê Damen, ela diz:

— E aí, cadê minha rosa?

E morde a língua assim que ele responde:

— Desculpe, hoje não vai dar.

Já acomodado na carteira, ele lança um sorriso irônico em minha direção e diz:

— Alguém acordou com o pé esquerdo hoje. — E ri.

Mas apenas dou de ombros e jogo a mochila no chão.

— Pra que tanta pressa? — Damen se inclina para o meu lado. — O sr. Robins não vem hoje.

— Como foi que... — digo, mas não consigo terminar a frase. Quer dizer, como ele pode saber o que eu sei, isto é, que o sr. Robins ainda está em casa, de ressaca, remoendo o fato recente de ter sido abandonado pela mulher e pela filha?

— Vi a substituta enquanto esperava por você — ele diz sorrindo. — Ela parecia meio perdida, então fui com ela até a sala dos professores, mas a mulher estava tão confusa que provavelmente vai se perder de novo e parar no laboratório de ciências.

Sei que Damen está dizendo a verdade, pois, assim que ele fecha a boca, *vejo* a tal substituta se confundir e entrar na sala errada.

— Então, diz aí. O que fiz pra aborrecê-la tanto?

Levanto o rosto a tempo de ver Stacia cochichando no ouvido de Honor, ambas olhando torto para

mim e balançando a cabeça.

— Não ligue pra elas, não, são duas idiotas — ele sussurra, inclinando-se um pouco mais e colocando a mão sobre a minha. — Desculpe se não tenho sido mais presente. É que tive uma visita. Não deu pra fugir.

— Você está falando da Drina? — Quando acabo de perguntar morro de vergonha do tom de ciúme que involuntariamente deixei escapar. Adoraria ser capaz de dar uma de tranquila, como se não tivesse notado como a conjuntura mudou depois que a tal de Drina entrou em cena. Mas não dá: não levo jeito para agir assim. Sou paranoica mesmo, e pronto.

— Ever... — Damen tenta se explicar.

Mas, já que comecei, vou até o fim.

— Você tem visto a Haven ultimamente? Ela agora parece um clone da Drina. Está se vestindo igualzinho à garota, agindo como ela, a ponto de mudar a cor dos olhos. Sério. Dê uma passada em nossa mesa durante o almoço e você verá. — Falo como se a culpa de tudo isso fosse inteiramente dele. Mas, quando nossos olhares se cruzam, imediatamente me deixo enfeitiçar, como uma faca velha sem forças para escapar de um poderoso ímã.

Damen respira fundo, balança a cabeça e diz:

— Ever, não é o que você está pensando.

Você não faz a menor ideia do que estou pensando, é o que me vem à cabeça, e me esquivo.

— Por favor, me dê uma chance de eu me redimir. Quero levar você a um lugar especial. Hem? Por favor.

Sinto na pele o calor do olhar dele, mas não vou correr o risco de olhar de volta. Quero jogar duro, deixá-lo na dúvida. Prolongar esse momento o máximo possível. Portanto, depois de me acomodar melhor na cadeira, olho rapidamente na direção dele e digo:

— Vamos ver.

Quando saio da aula de história, no quarto tempo, encontro Damen à minha espera na porta da sala. Achando que ele está ali para me acompanhar até a mesa do almoço, digo:

— Só um minuto. Vou guardar a mochila no armário.

— Não precisa. — Ele sorri e passa o braço em minha cintura. — A surpresa começa agora.

— Surpresa? — E quando olho nos olhos dele o mundo inteiro vai sumindo aos poucos. Agora estamos apenas nós dois aqui, cercados de estática.

— Vou levá-la a um lugar muito especial. Tão especial que você vai perdoar meus erros.

— Mas... e as aulas? A gente vai matar os últimos tempos, é isso? — Apoio um dos braços na cintura, como se estivesse muito preocupada com as matérias que vamos perder. Pura encenação.

Damen ri. Chega mais perto e, roçando os lábios em meu pescoço, sopra a palavra *sim*.

Recuo assustada ao me ouvir perguntar *como* em vez de dizer *não*.

— Não se preocupe — ele diz, e sai me puxando pela mão. — Comigo você estará sempre segura.

dezesseis

— Disneylândia? — Desço de meu carro completamente surpresa. De todos os destinos possíveis na Califórnia, este era o último da lista.

— Não existe lugar mais feliz — diz Damen, sorrindo. — Você já esteve aqui?

Faço que não com a cabeça.

— Ótimo, então serei seu guia. — Ele me oferece o braço e me conduz ao interior do parque. Caminhando pela Main Street, tento imaginá-lo aqui antes. Um cara tão requintado, tão descolado, tão sexy... Difícil imaginá-lo batendo perna no reino de Mickey Mouse. — No meio da semana é bem melhor — ele comenta. — Fica mais vazio. Vem, quero lhe mostrar minha parte favorita: Nova Orleans.

Paro no meio da rua e arregalo os olhos para ele.

— Você vem aqui tanto assim? A ponto de ter um lugar favorito? Achei que tivesse acabado de se mudar.

— E acabei mesmo. Mas isso não significa que não tenha vindo aqui antes. — Ele ri e me puxa em direção à Casa Mal-assombrada.

Em seguida visitamos *Os Piratas do Caribe*, e assim que saímos de lá ele pergunta:

— Então, de qual você gostou mais?

— Hmm... *Os Piratas* — concordo com a cabeça —, eu acho.

Damen olha para mim.

— Os dois são bem legais — explico. — Mas *Os Piratas* têm o Johnny Depp, né? O que é uma grande vantagem, você não acha?

— Johnny Depp? — ele retruca, as sobrancelhas arqueadas. — Então ele é meu principal concorrente?

Não me dou o trabalho de responder. Correndo os olhos pela figura de Damen (os jeans escuros, a camisa preta de mangas compridas, as botas de sempre), chego à conclusão de que não tem ator de Hollywood que seja páreo para ele. Mas não vou dar o braço a torcer, claro.

— Quer ir de novo? — ele pergunta, com os olhos brilhando.

E lá vamos nós, e depois de volta à Casa Mal-assombrada. Na parte final, em que os fantasmas pegam carona em nosso carrinho, fico esperando que Riley surja entre eles a qualquer instante, rindo, acenando e fazendo suas palhaçadas. Em vez disso, só aparecem aqueles fantasmas da Disney, e deduzo que ela ainda esteja ocupada com seu misterioso compromisso.

Depois de mais algumas voltas nessas duas mesmas atrações, Damen e eu nos sentamos no Blue Bayou, o restaurante que fica dentro da área dos *Piratas*. Tomando meu chá gelado, olho para ele e digo:

— Olha só. Estou careca de saber que isto aqui é um parque enorme, com mais de dois brinquedos, que não têm nada a ver com piratas ou fantasmas.

— É, parece que sim — ele diz, sorrindo. Depois espeta o garfo num pedacinho de lula e leva até minha boca. — Antes tinha um lugar chamado Missão Marte. Ele era conhecido por ser o lugar ideal para dar uns amassos, já que era bem escuro lá dentro.

— Não tem mais? — pergunto, e imediatamente sinto o rosto queimar de vergonha, ao perceber

quanto pareci afobada. — Não que eu quisesse ir nem nada. Perguntei só de curiosidade.

Damen olha para mim com uma nítida expressão de malícia, e diz, negando com a cabeça:

— Não, faz tempo que fecharam.

— Então você ia lá beijar quando tinha o quê, dois anos de idade? — Dou uma garfada no bolinho de champignon, esperando que esteja bom.

— Que nada — ele responde sorrindo. — Isso foi antes do meu tempo.

De modo geral, faço o possível para evitar lugares como este, tão congestionados de pessoas, energias, auras e pensamentos. Mas na companhia de Damen tudo é diferente. Sempre que nos tocamos, sempre que ele fala, tenho a impressão de que estamos sozinhos no mundo.

Depois do almoço, continuamos nosso passeio e visitamos todos os brinquedos de alta velocidade, evitando os que envolvem água, ou pelo menos os que nos deixam ensopados. Assim que escurece, Damen me leva ao castelo da Bela Adormecida, e ficamos ali, junto ao canal, esperando pelos fogos de artifício.

— Então, estou perdoado? — ele diz a certa altura, os braços me envolvendo pela cintura, e começa a mordiscar meu pescoço, meu queixo, minha orelha. Os fogos estouram de repente, mas ficam distantes, quase inaudíveis, quando nossos corpos se tocam e os lábios de Damen aproximam-se dos meus.

— Olhe só pra isso — ele sussurra, e aponta para os desenhos que vão se formando na imensidão escura do céu: as espirais roxas, as cascatas douradas, as fontes prateadas, os crisântemos rosados e o *grand finale*: uma dúzia de tulipas vermelhas. Os estalos são tão fortes e rápidos que chegamos a sentir o chão vibrando sob nossos pés.

Peralá. Tulipas vermelhas?

Viro-me para Damen com um enorme ponto de interrogação no olhar, mas ele apenas sorri e aponta o queixo para o céu. E embora as tulipas já estejam se desfazendo, a imagem delas é consistente, gravada em minha mente.

Em seguida, ele me puxa para perto e sussurra em meu ouvido:

— Pronto, acabou. A balofa já está cantando.

— Você está chamando a Sininho de "balofa"? — digo, rindo.

Tomando-me pela mão, ele me leva aos portões de saída.

De volta ao estacionamento, entro no Miata e abro um sorriso quando Damen passa a cabeça pela janela e diz:

— Não se preocupe, teremos vários dias como este. Da próxima vez, vou levá-la ao California Adventure.

— Achei que a gente tivesse acabado de fazer isso, uma aventura na Califórnia — digo sorrindo, mais uma vez espantada com a capacidade que ele tem de saber o que estou pensando antes mesmo que eu diga alguma palavra. — Então, você vai na frente de novo? — Coloco a chave na ignição e dou partida no carro.

— Não. — Ele nega com a cabeça, sorrindo. — Agora sou eu quem vai seguir *você*. Quero ter certeza de que você chegou direitinho a sua casa.

Saindo do estacionamento, sigo pela autoestrada que vai para o sul e tomo o rumo de casa. E quando olho pelo retrovisor não consigo conter um sorriso ao constatar que Damen está bem ali, atrás de mim.

Eu tenho um namorado!

Um namorado lindo, sexy, inteligente e charmoso!

Que faz eu me sentir uma garota normal outra vez.

Que faz eu me esquecer a esquisitona que de fato sou.

Alcanço o banco do carona, tiro do plástico o moletom que ganhei de presente e passo os dedos pelo Mickey costurado à malha, relembrando o momento em que Damen o escolheu para mim.

— Repare que este aqui não tem capuz — ele disse, segurando o moletom a meu lado, tentando acertar o tamanho ideal para mim.

— O que você está querendo dizer com isso? — Eu me olho no espelho. Ao que parecia, Damen detestava meus moletons de capuz tanto quanto Riley.

— Fazer o quê? — ele respondeu. — Prefiro você sem o capuz.

Novamente abro um sorriso quando me lembro do beijo que ele me deu na fila do caixa, do calorzinho gostoso que senti nos lábios e...

De repente meu celular toca; olhando pelo retrovisor, vejo que Damen também está segurando o dele.

— E aí? — digo baixinho, da forma mais sensual possível.

— Que voz melosa é essa, garota? — diz Haven. — Sinto muito decepcioná-la, mas sou eu quem está falando, sua boa e velha amiga.

— Ah, desculpe. Tudo bem com você? — Dou seta indicando minha direção, de modo que Damen saiba para onde estou indo.

Só que ele não está mais atrás de mim.

Corro os olhos por todos os retrovisores, mas não o encontro em nenhuma das pistas da autoestrada.

— Você está me ouvindo? — pergunta Haven, claramente irritada.

— Desculpe, o que foi que você falou? — Diminuo a velocidade e dou uma rápida olhada para trás, à procura do BMW preto de Damen. Um caminhão gigante passa por mim, e o motorista faz um gesto obsceno pela janela.

— Falei que a Evangeline sumiu!

— Como assim, "sumiu"? — pergunto, hesitando em tomar a saída 133 da autoestrada. Ainda nenhum sinal de Damen. Mas tenho certeza de que ele não me ultrapassou.

— Liguei pro celular dela um milhão de vezes, mas ela não atendeu.

— *E daí?* — digo, doida para dar fim à conversa e me concentrar no sumiço de outra pessoa.

— *E daí* que ela também não está em casa, e ninguém viu a garota desde a noite de Halloween.

— Como assim? — Dou mais uma conferida nos retrovisores, outra olhada para trás, e nada de Damen. — Ela não voltou da boate com vocês?

— Não exatamente — diz Haven, meio sem jeito.

Depois de mais duas buzinadas seguidas por gestos obscenos desisto de esperar por Damen. Assim que terminar de falar com Haven vou ligar para o celular dele e esclarecer tudo.

— Alô-*ou*? — ela diz do outro lado da linha, praticamente berrando. — Poxa, Ever, se você estiver ocupada e não puder conversar, fale logo! Posso ligar pro Miles, O.K.?

Respiro fundo em busca de paciência.

— Haven, desculpe. É que estou dirigindo, meio distraída. Mas você sabe tanto quanto eu que o Miles ainda está na aula de teatro. Por isso você ligou pra mim. — Passo para a pista da esquerda e

piso fundo no acelerador, a fim de chegar em casa o mais rápido possível.

— Deixe pra lá — ela resmunga. — Bem, não lhe contei isso ainda, mas a Drina e eu meio que fomos embora sem a Evangeline.

— Vocês *o quê*?

— É, da Nocturne. A garota, tipo... sumiu. Procuramos por toda parte, mas não a encontramos. Achei que ela tivesse, sei lá, conhecido um cara e se mandado com ele. No caso da Evangeline, isso não chega a ser nenhuma surpresa, e então nós, tipo... *fomos embora*.

— Vocês a deixaram sozinha em Los Angeles? *Na noite de Halloween?* Quando todos os malucos da cidade estão soltos na rua? — Tão logo as palavras saem de minha boca, *vejo* a cena: as três garotas num lugar escuro, meio barra-pesada, Drina levando Haven para a ala VIP para pegar alguma bebida, propositalmente deixando a Evangeline para trás. A visão termina aí, mas tenho certeza de que não há garoto algum com ela.

— O que a gente podia fazer? Caramba, não sei se você sabe, mas a Evangeline tem dezoito anos, pode fazer o que bem entende! Além disso, a Drina falou que ia ficar de olho nela, mas depois perdeu a garota de vista também. A gente acabou de se falar. Ela está tão arrasada quanto eu.

— Drina? Arrasada? — Reviro os olhos, achando isso difícil de acreditar. Drina não me parece capaz de sentir o que quer que seja, muito menos remorso.

— Como assim? Você mal a conhece!

Contraio os lábios e acelero um pouquinho mais, em parte porque *sei* que esse trecho da rodovia não tem polícia, mas também porque não vejo a hora de chegar em casa e esquecer tudo isso: Haven, Drina, Evangeline, o sumiço de Damen... Mesmo sabendo que não vou conseguir.

— Desculpa, vai — murmuro afinal, e desacelero para uma velocidade mais segura.

— Deixe pra lá. É que... bem, estou tão nervosa, me sentindo tão culpada... e não sei o que fazer.

— Já ligou para os pais dela? — pergunto, apesar de já intuir a resposta.

— A mãe é alcoólatra e mora em algum buraco do Arizona; o pai se mandou quando ela nem era nascida. E, acredite, o proprietário do apê onde ela mora só quer saber de vagar o imóvel pra passá-lo adiante. Demos queixa na polícia, mas aparentemente eles não estão nem aí.

— Eu sei — digo, e ajusto os faróis para a escuridão do cânion.

— Como assim, *você sabe*?

— Quer dizer, *sei* como você deve estar se sentindo — enrolo-me para explicar.

Haven suspira do outro lado da linha.

— Onde você está, afinal? — pergunta. — Por que não apareceu na hora do almoço?

— Estou cruzando o Laguna Canyon, voltando pra casa depois de passar a tarde na Disneylândia. O Damen me levou. — A lembrança me faz sorrir, mas apenas por alguns segundos.

— Caraca, isso é *muito* estranho — diz Haven.

— Nem me fale — digo, ainda achando que Damen e Disneylândia não têm mais que algumas letras em comum, apesar de ter visto com meus próprios olhos quanto ele se divertiu.

— Não, é que a Drina também estava lá. Fazia anos que não ia à Disney e queria ver o que tinha mudado. Não é bizarro? Vocês não se cruzaram por lá?

— Hmm... não. — Apesar das pontadas no estômago, do suor nas mãos e da repentina sensação de medo, faço o possível para não demonstrar sinal de espanto.

— Ué. Estranho. Se bem que o lugar é enorme e vive entupido de gente — diz Haven, rindo de si mesma.

— Tem razão — digo. — Mas, olha, agora preciso desligar. Nos vemos amanhã?

Antes que ela possa dizer qualquer palavra paro o carro no acostamento e procuro por Damen na lista de chamadas recebidas do celular. Em vão. Porque a chamada dele aparece como *número privado*.

Belo namorado esse que arrumei. Não sei o telefone da criatura, muito menos o endereço.

dezessete

Ontem à noite, quando Damen enfim ligou (quer dizer, acho que foi ele, porque o número era *privado*), deixei o telefone tocar até cair na caixa postal. E hoje de manhã, enquanto me arrumo para a escola, apago o recado sem sequer ouvir.

— Você não está nem um pouquinho curiosa? — pergunta Riley, rodopiando na cadeira da escrivaninha, com uma roupa preta, tipo *Matrix*, e os cabelos penteados para trás.

— Não. — Olho para o moletom de Mickey, ainda na sacola da loja, e escolho outro para vestir. Outro que ele *não* tenha comprado para mim.

— Pelo menos você devia ter me ouvido. Agora eu poderia fazer um resumo de tudo pra você.

— De novo: não. — Enrolo os cabelos na altura da nuca e uso um lápis para prendê-los num coque.

— Também não precisa descontar no cabelo, né? Caramba, o que ele lhe fez? — Riley ri. Mas, ao perceber que não vou responder nada, olha para mim e diz: — Não entendo você. Por que essa raiva toda? Vocês se perderam na autoestrada e o cara esqueceu de dar o número dele. Que mal há nisso? Quer dizer, quando foi que você ficou assim tão paranoica?

Balanço a cabeça e me viro, sabendo que ela está coberta de razão. Estou com muita raiva. E sou paranoica, sim. Mais que isso: sou uma louca que se irrita com qualquer bobagem e sai por aí ouvindo pensamentos, vendo auras e sentindo a presença de espíritos. Acontece que minha irmã não sabe da história toda, e não estou disposta a contar.

Não sabe, por exemplo, que Drina nos seguiu até a Disney.

Nem que Damen sempre some quando a garota está por perto.

Prestando mais atenção na fantasia reluzente dela, pergunto:

— Até quando você vai brincar de Halloween?

Riley cruza os braços e faz um bico.

— Até quando eu quiser — diz.

E quando vejo os lábios dela, trêmulos, ameaçando chorar, sinto-me a pior das criaturas.

— Poxa, Riley. Desculpe. Sinto muito se falei alguma bobagem. — Pego minha mochila e jogo sobre os ombros, desesperada por um pouco de paz, não vendo a hora de encontrar algum tipo de equilíbrio na vida.

— Não sente porcaria nenhuma — ela me encara, brava. — Está escrito em sua testa.

— Claro que sinto, Riley. Acredite, não quero brigar com você.

Ela balança a cabeça e levanta os olhos para o teto, batendo um dos pés no carpete.

— Então, você vem comigo? — Vou para a porta, mas Riley se recusa a responder. Então respiro fundo e digo: — Ande logo, Riley. Você sabe que não posso me atrasar. Resolva logo, vá.

Novamente ela balança a cabeça, agora de olhos fechados. Quando enfim os reabre, eles estão vermelhos e marejados.

— Não tenho de estar aqui, você sabe! — diz.

Encosto na maçaneta da porta, impaciente. Preciso sair, mas sei que não posso. Não depois do que acabei de ouvir.

— Do que você está falando?

— Digo, *aqui*! Tudo *isso*! Você e eu, nossos encontros. Eu não tinha de estar *fazendo* isso!

Encaro minha irmã, sentindo um frio repentino na espinha. Não quero ouvir mais nada. Fiquei de tal modo habituada com a presença de minha irmã que sequer cheguei a supor que talvez ela preferisse estar em outro lugar.

— Mas... mas achei que você gostasse de vir aqui — digo com um nó na garganta, a voz refletindo meu pânico.

— Claro que gosto. Mas talvez eu não esteja agindo certo. Talvez devesse estar em *outro* lugar! Já parou pra pensar nisso? — Ela me encara, confusa, com uma expressão de angústia.

Agora é oficial: vou chegar atrasada à escola. Mas de modo algum posso ir embora.

— Riley... do que exatamente você está falando? — pergunto.

Minha vontade é de voltar no tempo e recomeçar esta manhã a partir do zero.

— É que... bem, a Ava falou que...

— *Ava?* — Meus olhos praticamente saltam das órbitas.

— É. A vidente, lembra? Da festa de Halloween. Aquela que podia me ver.

Balanço a cabeça e finalmente abro a porta, olhando sobre os ombros para dizer:

— Sinto muito decepcioná-la, mas essa Ava é uma pilantra. Uma charlatã. Uma trambiqueira! Você não tem que dar ouvidos ao que ela diz. A mulher é *doida*!

Mas Riley dá de ombros e olha pra mim:

— Mas ela disse um monte de coisas interessantes...

Riley parece tão aflita e preocupada que me disponho a dizer o que for preciso para acalmá-la.

— Olhe só. — Dou uma rápida espiada pelo corredor, mesmo sabendo que minha tia já saiu para trabalhar. — Não quero mais ouvir falar sobre Ava. Digo, se você quiser continuar se encontrando com ela, mesmo depois de tudo o que eu disse, tudo bem, não posso fazer nada. Mas acorde: essa mulher não conhece a gente. Não tem o direito de andar por aí julgando os outros nem muito menos o fato de nos encontrarmos. Essa vidente de araque não tem nada a ver com nossa vida. O que a gente faz é problema nosso, *só nosso*. — Vejo que Riley continua de olhos arregalados, os lábios ainda trêmulos, e está quase chorando. Meu coração por pouco não se parte ao meio. — Olhe, realmente preciso ir — sussurro. — Você vem ou não?

— Não — ela diz, tão birrenta quanto antes.

Então respiro fundo, balanço a cabeça e bato a porta atrás de mim.

Como o Miles foi esperto o bastante para não me esperar, hoje chego sozinha à escola. O sinal já tocou, mas Damen ainda está no estacionamento, esperando ao lado do carro, na segunda melhor vaga depois da minha.

— E aí? — ele diz, e inclina-se diante de minha janela para receber um beijo.

Mas eu só pego minha mochila e saio às pressas rumo ao portão.

— Sinto muito por termos nos perdido ontem — ele explica, correndo a meu lado. — Liguei pro seu celular, mas você não atendeu.

Chegando ao portão, sacudo as grades de ferro o mais forte que posso, mas elas nem se mexem. Fecho os olhos e apoio a testa nelas, sabendo que já é tarde demais e não há nada que eu possa fazer.

— Você recebeu meu recado?

Deixo o portão e caminho rumo ao prédio da secretaria, antevendo a bronca terrível que vou levar não só pelo atraso de hoje, mas também pelas aulas que matei ontem.

— Que foi que deu em você? — pergunta Damen, segurando minha mão e me fazendo derreter. — Achei que a gente tivesse se divertido, que você tivesse gostado de nosso programa. Não gostou?

Encosto no murinho de tijolos do prédio e exalo um suspiro, mole feito uma gelatina, completamente indefesa.

— Ou estava apenas sendo condescendente comigo? — Ele aperta minha mão, os olhos suplicando por um mínimo de compreensão.

Estou a ponto de ceder, a poucos segundos de morder a isca, quando me desvencilho da mão dele e me afasto, assolada pelas lembranças de ontem: o telefonema de Haven, o sumiço repentino de Damen na autoestrada.

— Você sabia que a Drina também estava na Disney? — digo, e imediatamente percebo como pareci mesquinha. Mas, agora que comecei, melhor terminar. — Por acaso tem algo que eu deveria saber? Algo que você precise me contar? — Crispo os lábios, já me preparando para o pior.

Mas ele apenas olha fundo em meus olhos e diz:

— Não estou interessado na Drina. Só em *você*.

Baixo o rosto, querendo acreditar, desejando que fosse tão simples assim. Mas quando ele toma minha mão outra vez percebo que *é* mesmo simples, pois todas as minhas dúvidas logo vão embora.

— Agora vem a parte em que você diz que também só se interessa por mim — ele acrescenta, ainda me encarando.

Não sei ao certo o que dizer; meu coração bate tão forte que tenho certeza de que Damen pode escutá-lo. Demoro demais, e o momento passa, já não cabe dizer mais nada. Então, Damen passa o braço em minha cintura e me conduz de volta ao portão.

— Tudo bem. Leve o tempo que quiser. Não temos pressa, muito menos prazo de validade. — Damen ri de si mesmo e acrescenta: — Mas agora você precisa ir pra sua aula.

— Mas a essa hora a gente tem de entrar pela secretaria — retruco, olhando de soslaio para ele. — O portão está trancado, lembra?

— Ever, o portão não está trancado — ele diz, balançando a cabeça.

— Você não viu? Tentei abrir, mas estava trancado! — lembrei a ele.

— Não confia em mim? — pergunta, rindo.

Olho para ele, sem saber o que responder.

— O que isso pode lhe custar? Mais alguns passos? Mais uns minutinhos de atraso?

Olho em dúvida para o prédio da secretaria, depois balanço a cabeça e resolvo ceder. Voltamos juntos ao portão, que inexplicavelmente está aberto.

— Mas eu vi! E você viu também! — exclamo, sem a menor ideia de como isso pôde acontecer. — Sacudi as grades com toda a força, e elas nem se mexeram!

Com toda a calma do mundo, Damen dá um beijinho em meu rosto e me conduz para dentro, rindo ao dizer:

— Agora vá. E não se preocupe. O sr. Robins faltou de novo, e a substituta está tão perdida quanto antes. O caminho está livre.

— Você não vem? — pergunto, voltando à carência de sempre, ao jeitinho grudento que tanto detesto.

Mas ele apenas dá de ombros e diz:

— Sou emancipado. Faço o que quiser.

— Sim, mas... — Paro de repente, percebendo que o número de telefone não é a única informação

que me falta a respeito de Damen. Mal conheço o garoto. É muito estranho: como ele consegue me deixar assim tão bem, como se eu fosse uma garota normal outra vez, quando tudo relativo a ele é tão *anormal*?

Já estou a alguns passos de distância quando enfim me lembro de que ele ainda não explicou o que aconteceu na autoestrada. Mas, antes que eu possa fazer qualquer pergunta, Damen já está novamente a meu lado, segurando minha mão enquanto diz:

— Meu vizinho ligou. Os irrigadores de meu jardim tinham disparado e o gramado estava alagando. Pisquei os faróis, mas vi que você estava no telefone, achei que não devia incomodar.

Olho para nossas mãos entrelaçadas. Uma delas, bronzeada e forte; a outra, pálida e fraca. As mãos de um casal bastante improvável.

— Agora vá. A gente se vê mais tarde, prometo. — Damen sorri e tira uma tulipa de trás da minha orelha.

De modo geral, procuro não ficar relembrando minha vida antiga. Tento não pensar na casa, nos amigos e na família que tinha, na pessoa que eu costumava ser. Mas, apesar do talento que adquiri para represar essa tempestade de pensamentos, reconhecendo de antemão os sintomas (os olhos que começam a arder, a respiração ofegante, a terrível sensação de vazio e desespero), algumas vezes eles caem de paraquedas, sem qualquer aviso prévio, e não me dão tempo para me preparar. Quando isso acontece, não me resta alternativa senão me enroscar na cama e esperar que a tempestade passe.

O que é muito difícil de fazer no meio de uma aula de história.

Pois bem. Lá está o sr. Muñoz, discorrendo interminavelmente sobre Napoleão, quando de repente minha garganta fecha, sinto uma pontada no estômago e uma incontrolável ardência nos olhos. Fazer o quê? Levanto da carteira e saio correndo em direção à porta, pouco me lixando para as advertências do professor e muito menos para as risadas ao redor.

Ofuscada pelas lágrimas, lutando para respirar e sentindo um vazio terrível, sigo em disparada pelo corredor e dobro uma esquina. Quando deparo com Stacia, é tarde para desviar: eu a atropelo com tanta força que ela cai e rasga o vestido.

— Que *mer*... — Boquiaberta, ela corre os olhos pelas pernas estateladas e vê o rasgo no tecido. Depois levanta o rosto para me encarar e, passando o punho pelo rasgo a fim de mostrar o tamanho do prejuízo, diz: — Você *arruinou* meu vestido, sua *estúpida*!

Apesar de querer ajudá-la, não posso. Não posso deixar que Stacia veja a dor que está me consumindo.

Mas antes que eu possa seguir em frente ela me segura pela mão e tenta ficar de pé. Imediatamente perco o ar diante da energia tão negativa e sombria que me invade através da pele.

— Pra sua informação, esse vestido é de *marca*, tá? O que significa que *você* vai ter de me dar outro igualzinho — ela diz, e aperta meus dedos com tanta força que receio desmaiar. — Tem mais! — Os olhos faíscam de maldade. — Não vou deixar barato! Você ainda vai se arrepender amargamente do que fez! Aliás, vai desejar *nunca* ter colocado os pés nesta escola!

— Assim como você fez com a Kendra, não é? — digo, subitamente mais estável, com o estômago revirando-se muito menos.

Ela reduz a pressão sobre meus dedos, mas não os solta.

— Foi você quem plantou aquelas drogas no armário dela, não foi? Destruiu a reputação da garota pra que depois ninguém acreditasse nela, não é? — Apenas repito a cena que vejo na cabeça.

Por fim ela solta minha mão e dá um passo atrás, lívida ao dizer:

— Quem foi que lhe contou? Você nem estudava aqui quando tudo isso aconteceu!

Dou de ombros, tranquila por saber que não inventei nada, embora isso nem venha ao caso.

— Ah, tem mais — continuo, e vou avançando na direção de Stacia, livre de minha tempestade pessoal, miraculosamente curada pelo medo que vejo estampado nos olhos dela. — Sei que você cola nas provas, rouba seus pais, lojas e amigos. Mas pra você isso é mais que justo, não é? Sei também que você grava todos os telefonemas e guarda todos os e-mails e torpedos da Honor, caso ela ameace se virar contra você. Sei também que você dá mole pro padrasto dela, que aliás é um ogro nojento. Mas infelizmente não para aí. Também sei tudo sobre o sr. Barnes... ou Barnum? Você sabe de quem estou falando, não sabe? De seu professor de história do ano passado, aquele que você tentou seduzir, mas que não mordeu a isca, lembra? Depois você tentou chantagear o homem, ameaçando contar tudo pro diretor da escola e pra mulher do coitado, que por sinal estava grávida. — Balanço a cabeça de desgosto, mal acreditando que possa haver no mundo uma pessoa tão egoísta, um comportamento tão sórdido e degradante.

No entanto, aqui está ela, bem à minha frente, olhos arregalados e lábios trêmulos, perplexa diante da revelação de seus segredos mais sórdidos. E em vez de me sentir mal ou culpada pelo que estou fazendo, usando meu *dom* dessa maneira, é mais gratificante do que eu poderia imaginar ver essa criatura tão deplorável e egoísta, essa covarde que me atormenta desde o primeiro dia de aula, reduzida a uma trêmula e suada pilha de nervos. E agora que minha dor pessoal já ficou para trás, não vejo motivo para me calar.

— Quer que eu continue? Porque, pode acreditar, ainda tenho muito que dizer. Seu lixo está cheio até a tampa. Você já sabe disso, não sabe?

Continuo avançando na direção dela, e Stacia vai recuando tropegamente, tentando se afastar o máximo possível.

— O que é você? Uma espécie de bruxa? — ela sussurra, e dá uma olhada no corredor à procura de ajuda, uma saída, qualquer coisa que a livre de mim.

Apenas dou uma risada. Não confesso nada, também não nego. Só quero que a garota pense duas vezes antes de se engraçar comigo de novo.

Mas Stacia para de repente, recobra a calma e olha firme em meus olhos.

— Por outro lado, é a sua palavra contra a minha — ela diz sorrindo. — Em quem você acha que as pessoas vão acreditar? Em *mim*, a garota mais popular que esta escola já viu, ou em *você*, a maior esquisitona encapuzada que já apareceu por aqui?

Eu não tinha pensado nisso.

Alisando o rasgo no vestido, ela balança a cabeça e diz:

— Fique longe de mim, sua louca! Caso contrário, juro por Deus que você vai se arrepender.

Depois vem pisando firme em minha direção e, ao passar por mim, esbarra em meu ombro com tanta força que por pouco não o desloca. Stacia não está mesmo de brincadeira.

Quando chego à mesa do almoço, faço o possível para conter o espanto, pois Haven está com os cabelos roxos, e não sei se devo fazer algum comentário.

— Não precisa fingir que não viu — ela diz, rindo. — Sei que ficou horrível. Ontem, logo depois que a gente se falou, tentei pintar meu cabelo de vermelho, daquele tom lindo de cobre que a Drina usa, sabe? Mas, como você pode ver, não deu muito certo. — Ela examina uma mecha roxa e faz uma careta. — Pareço uma berinjela no palito. Mas só por mais algumas horas, porque, depois da escola,

a Drina vai me levar a um salão chiquérrimo em Los Angeles. Desses que as celebridades frequentam e que os simples mortais têm de reservar horário com um ano de antecedência, sabe? Só que ela descolou uma vaga pra mim no último minuto. Impressionante, ela é muito bem-relacionada, é maravilhosa.

— Cadê o Miles? — pergunto, nem um pouco disposta a ouvi-la falar da *impressionante* Drina e seus contatos maravilhosos.

— Tá decorando o texto dele. Um grupo de teatro amador vai fazer uma montagem de *Hairspray*, e ele quer ver se descola o papel principal.

— Mas o papel principal não é feminino? — Ao abrir minha bolsa térmica encontro meio sanduíche, um saco de batatas fritas, um cacho de uvas e... mais tulipas.

— Sei lá. Ele tentou me convencer a participar dos testes também, mas teatro não tem nada a ver comigo, né? Então, cadê aquele morenão gostoso que atende por seu namorado? — ela pergunta, abrindo o guardanapo e forrando a mesa para o cupcake de morango.

Sacudo os ombros, mais uma vez me dando conta de que ainda não sei o número de Damen, nem o endereço.

— Provavelmente aproveitando sua condição de emancipado — digo, desembrulhando meu sanduíche e dando uma mordida. — Alguma notícia da Evangeline?

— Nenhuma. — Ela balança a cabeça negativamente. — Mas saca só isto aqui. — Haven sobe a manga da blusa e exibe o pulso.

Sobre a pele clara vejo, com os olhos apertados, o desenho tosco de uma tatuagem semiacabada, o contorno circular de uma cobra abocanhando o próprio rabo. Embora seja apenas um esboço, por um instante vejo a tal cobra rastejando, mas assim que pisco os olhos ela se congela outra vez.

— O que é isso? — sussurro, assustada com a energia que capto no ar, perplexa com o medo que ela me faz sentir.

— Era pra ser surpresa. Quando estiver pronta eu mostro. — Haven sorri. — Na verdade, eu nem devia ter contado nada. — Ela desce a manga da blusa e espia ao redor. — Quer dizer, prometi que não contaria a ninguém. Mas acho que fiquei pilhada demais. Às vezes sou péssima pra guardar segredos. Principalmente os meus.

Olho para minha amiga, tentando entrar em sintonia com a energia dela, encontrar alguma explicação lógica para as pontadas horríveis que sinto no estômago, mas sem nenhum sucesso.

— Prometeu pra quem? Que história é essa? — pergunto, percebendo o tom fechado de cinza e as bordas frouxas, esgarçadas, de sua aura.

Mas ela apenas ri e fecha os lábios com um zíper imaginário.

— Esqueça. Você vai ter de esperar.

dezoito

Voltando da escola, chego em casa e encontro Damen à minha espera nos degraus da entrada, sorrindo de um modo que limpa as nuvens do céu e, com elas, todas as minhas dúvidas.

— Como você passou pela portaria? — pergunto, certa de que não liguei para permitir a entrada dele.

— Charme e um carro bacana funcionam sempre. — Ele ri, fica de pé e limpa a poeira da parte de trás de sua calça preta. — Então, como foi seu dia?

Dou de ombros, sabendo que estou quebrando a mais fundamental de todas as regras: a de nunca convidar um estranho para entrar em casa, mesmo que seja seu suposto namorado.

— Ah, o de sempre — digo. — A substituta falou que nunca mais vai voltar, a sra. Machado pediu que *eu* nunca mais voltasse...

Olhando de relance para Damen, fico tentada a continuar inventando histórias, pois vejo que ele não está prestando a menor atenção. Embora sacudindo a cabeça como se estivesse ouvindo, ele parece preocupado, distante.

Na cozinha, enfio a cabeça na geladeira e pergunto:

— E você? Fez o que o dia inteiro? — Tiro uma garrafa de água mineral e ofereço a Damen, mas ele agradece com a cabeça e dá um gole em sua bebida vermelha.

— Dei um passeio de carro, surfei e fiquei esperando o sinal tocar pra ver você de novo — ele responde sorrindo.

— Bastava ter ficado na escola — digo. — Aí você não ia ter de esperar.

— Tentarei me lembrar disso amanhã. — Ele ri.

Apoiada na bancada, fico rodopiando a tampinha da garrafa de água, aflita por estar sozinha com Damen neste casarão vazio, com tantas perguntas por fazer, sem a menor ideia de como iniciar.

— Quer ir lá pra piscina? — digo afinal. Talvez o ar fresco e o céu aberto me deixem um pouco mais calma.

Mas ele faz que não com a cabeça e me toma pela mão.

— Prefiro ir lá pra cima — diz —, dar uma olhada em seu quarto.

— Como você sabe que meu quarto fica lá em cima? — pergunto, olhando desconfiada para ele.

— Os quartos ficam sempre na parte de cima, não ficam? — ele responde rindo.

Fico na dúvida: não sei se devo ceder aos caprichos dele ou arrumar um jeito educado de evitá-lo. Mas Damen aperta minha mão e diz:

— Vem, prometo que não vou morder. — Depois abre um sorriso tão irresistível que só me resta um desejo: que Riley não esteja à minha espera no quarto.

Mas assim que chego ao topo da escada ela irrompe da minha sala de estudos e vai logo dizendo:

— Ah, minha irmã, sinto *muito*! Eu não queria brigar com... *Ôpa*! — Ela para de repente e arregala olhos de coruja para nós dois.

Mas continuo andando para meu quarto como se nada tivesse visto, torcendo para que minha irmã tenha o bom senso de dar o fora e só voltar mais tarde. Bem mais tarde.

— Parece que você deixou a televisão ligada — diz Damen, e entra na sala de estudos e TV conjugada ao quarto. Por pouco não avanço em Riley quando vejo que ela segue atrás dele, olhando-

o de cima a baixo, e começa a saltitar, sacudindo os polegares em sinal de aprovação.

Apesar das minhas caretas de súplica, ela se esborracha no sofá e planta os dois pés nos joelhos de Damen.

Furiosa com a falta de desconfiômetro da pentelha, saio a passos firmes para o banheiro, apostando que cedo ou tarde ela fará alguma besteira, algo maluco que me deixará em maus lençóis. Arranco o moletom e inicio minha rotina de todos os dias: escovo os dentes com uma das mãos, passo desodorante com a outra, enxáguo a boca e visto uma camiseta limpa. Depois desfaço o rabo de cavalo, passo um pouquinho de brilho nos lábios, espirro um perfume e volto à sala. Riley ainda está lá, examinando o interior das orelhas de Damen.

— Venha dar uma olhada na varanda — digo, louca para afastá-lo de minha irmã. — A vista é linda.

Mas ele faz que não com a cabeça e diz:

— Mais tarde. — Depois bate no sofá para que eu sente a seu lado, e Riley logo começa a pular de alegria.

Por um instante fico observando Damen: ele ali, inocentemente achando que está sozinho no sofá, sem desconfiar de nada, quando na verdade a espetada que sente no lóbulo da orelha, a coceira nos joelhos, o friozinho no pescoço, tudo isso é cortesia de minha finada irmãzinha.

— Hmm... esqueci minha água no banheiro — digo, firmando os olhos em Riley e dando meia-volta para sair, achando que ela virá atrás de mim caso ainda tenha um algum juízo na cabeça.

Mas Damen levanta e diz:

— Permita-me.

E quando se levanta para sair, espremido entre o sofá e a mesinha, ele nitidamente se *desvia* das pernas de Riley, que balançam sobre a borda.

Assim que ficamos sozinhas, eu e minha irmã trocamos caretas, mas, antes que eu possa dizer qualquer palavra, ela já se desmaterializou no ar.

— Aqui está — diz Damen, jogando a garrafa em minha direção e livremente cruzando o mesmo espaço que, minutos antes, ele cruzou com tanta cautela. Ao perceber minha cara de espanto, pergunta: — Que foi?

Apenas balanço a cabeça e volto os olhos para a TV, dizendo a mim mesma que tudo não passou de uma boba coincidência. Que de modo algum ele poderia ter visto Riley.

— Então, me diga: como é que você consegue?

A essa altura estamos ao lado da piscina, esparramados numa espreguiçadeira depois de devorarmos uma pizza quase inteira. Ou melhor: depois que eu devorei uma pizza quase inteira, já que Damen parece mais com uma modelo que com um garoto, dessas que empurram a comida para um lado, depois para o outro, enrolam, enrolam e não dão mais que duas ou três mordidas. Ele bebericou seu líquido vermelho muito mais do que comeu.

— Consigo o quê? — ele pergunta, o braço levemente descansando em minha barriga, o queixo roçando meu ombro.

— *Tudo!* Sério. Você nunca faz dever de casa, mas sabe todas as respostas. Pega um pincel, molha na tinta e, *voilà*, dali a pouco pintou um Picasso muito melhor que o próprio Picasso! Por acaso você é ruim em algum esporte? Desses que não têm coordenação motora alguma? Por que você não confessa agora?

Ele exala um suspiro.

— Bem, nunca fui grande coisa no beisebol. — Depois sussurra em meu ouvido: — Mas, sem falsa modéstia, sou fera no futebol e mando razoavelmente bem no surfe.

— Então deve ser a música. Aposto que você não sabe nem onde fica o dó.

— Me dê um violão e toco alguma melodia pra você ouvir. Ou um piano, um violino, um saxofone...

— Então o que é? Deixa de onda, vai. Todo mundo manda mal em alguma área! Conta pra mim!

— Por que você quer saber? — ele pergunta, e me puxa para mais perto. — Por que arruinar essa imagem perfeita que faz de mim?

— Porque fico me sentindo uma retardada, uma trapalhona sempre que estou a seu lado. Detesto isso. Sério, sou medíocre em tantos assuntos! Preciso saber que você tem algum defeito também. Vou me sentir melhor. Diga pra mim, vá.

— Você não é nada medíocre — ele diz, roçando o nariz em meus cabelos, a voz séria demais.

Mas me recuso a desistir. Preciso saber de alguma característica que o torne mais humano, pelo menos um pouco.

— Só um defeitinho, sério. Por favor. Mesmo que você tenha de mentir. É por uma boa causa: minha autoestima.

Tento me virar para vê-lo melhor, mas Damen aperta seu abraço, deixando-me imobilizada. Depois dá um beijinho em minha orelha e sussurra:

— Você quer mesmo saber?

Faço que sim com a cabeça, o coração batendo a mil, o sangue pulsando freneticamente nas veias.

— Sou péssimo em relacionamentos.

Olhando fixamente para o fogo no aquecedor do jardim, tento imaginar o que ele quis dizer com isso. Tudo bem, fui eu que insisti para que ele respondesse, mas não fazia questão de uma resposta tão séria assim.

— Hmm... se importa de explicar um pouquinho melhor? — pergunto afinal, com um risinho nervoso. Nem sei se quero mesmo alguma explicação. E se a Drina tiver alguma relação com isso? Detestaria ter de tocar no assunto.

Damen me aperta ainda mais, respirando fundo. E fica assim por tanto tempo que dá a impressão de que nunca mais vai abrir a boca para dizer o que quer que seja. Mas ele finalmente diz:

— É que... sempre acabo decepcionando as pessoas.

— Mas você só tem dezessete anos! — Desvencilho-me do abraço para olhar nos olhos dele. — Quantas *decepções* você pode ter causado até agora?

Mas em vez de responder ele se joga sobre mim e sussurra em meu ouvido:

— Que tal um mergulho?

Mais uma prova da perfeição de Damen: ele sempre guarda uma sunga no carro.

— Sabe como é, na Califórnia a gente nunca imagina quando vai precisar de uma — ele diz, parado à beira da piscina, sorrindo para mim. — Também tenho uma roupa de mergulho. Será que devo buscar?

— Não sei — digo, e entro pelo lado fundo da piscina, fumacinhas de vapor subindo a meu redor. — Você vai ter de pagar pra ver.

Ele aproxima-se da borda e finge testar a temperatura da água com o pé.

— Nada disso — digo. — Vai ter de pular de uma vez.

— Posso dar um salto mortal?

— Cambalhota, canhão, o que você quiser — respondo rindo.

Depois, ele dá um perfeito salto carpado, emergindo a meu lado.

— Perfeito! — diz, os cabelos lambidos para trás, o rosto ensopado, os cílios pontilhados por gotas minúsculas. E quando acho que vai me dar um beijo, mergulha novamente e nada para o outro lado.

Então respiro fundo, engulo meu orgulho e nado atrás dele.

— Assim está bem melhor — ele diz, e me puxa para um abraço.

— Tem medo do fundo? — pergunto, meus pés quase alcançando o chão.

— Eu estava me referindo a você. Devia se vestir assim mais vezes.

Dou uma rápida conferida em meu corpo desbotado, que quase se confunde com o branco do biquíni, e tento evitar uma crise de insegurança diante do corpo perfeitamente esculpido e bronzeado à minha frente.

— Muito melhor que aqueles jeans e moletons, não acha? — Damen ri.

Não sei ao certo o que dizer, portanto nada digo.

— Mas acho que você faz o que tem de fazer, *certo*? — ele acrescenta.

Corro os olhos por seu rosto em busca de alguma pista, suspeitando que ele queria dizer algo mais, como se conhecesse os motivos que de fato tenho para me vestir do jeito que me visto.

— Está na cara que você teme a ira de Stacia e de Honor. Aquelas duas não gostam muito de concorrência, não é? — Damen leva meus cabelos para trás das orelhas e faz um carinho em meu rosto.

— Por acaso estou concorrendo com elas a algo? — digo, lembrando-me das rosas brancas que volta e meia ele dá a Stacia, do bate-boca com a garota hoje na escola, da ameaça que ela certamente pretende cumprir. Damen nada fala, apenas fica olhando para mim, por um tempo aparentemente interminável, longo o bastante para que o clima se desfaça entre nós e eu me afaste dele.

— Ever, nunca houve competição alguma! — ele diz, e vem atrás de mim.

Mas vou por baixo d'água até a borda e saio da piscina o mais depressa possível, sabendo que devo agir rápido: se deixar que ele se aproxime, não vou conseguir dizer o que preciso, as palavras vão evaporar de minha boca.

— Como é que eu vou saber, se uma hora você está de um jeito, depois está de outro? — pergunto, as mãos trêmulas, a voz incerta, o coração querendo deixar tudo isso de lado e voltar ao anoitecer romântico que vinha rolando até agora. Mas sei que preciso ser firme e seguir adiante, aconteça o que acontecer. — Quer dizer, uma hora você fica me olhando desse jeito, cheio de carinho, depois fica dando o maior mole pra Stacia, quase se derretendo por ela!

Franzo os lábios e espero que ele diga algo, observando-o sair da piscina também e vir caminhando em minha direção, lindo, molhado, quase cintilante. Mal consigo respirar.

— Ever, eu... — Ele suspira de olhos fechados. Ao abri-los, dá mais um passo à frente e diz: — Nunca tive a intenção de magoar você. Juro. — Depois passa o braço a meu redor e busca meu olhar. Quando enfim cedo e olho de volta, ele continua: — Em nenhum momento quis ser leviano. Sinto muito se dei a impressão de que estava brincando com seus sentimentos. Falei que não era bom nesse tipo de assunto. — Por fim ele sorri e, passando os dedos por meus cabelos molhados, traz mais uma tulipa vermelha.

Olho fixamente para ele, fazendo uma rápida vistoria de seu corpo. Nenhuma manga de camisa

para esconder algum objeto, nenhum bolso, nada. Apenas um par de ombros largos, um peitoral definido, um abdômen tanquinho, enfim, um maravilhoso corpo seminu, apenas com uma sunga molhada... e a maldita tulipa em uma das mãos.

— Como você faz isso? — pergunto, segurando a respiração, cansada de saber que em minha orelha não havia tulipa alguma.

— Faço o quê? — ele retruca, e novamente abraça minha cintura, puxando-me para mais perto.

— As tulipas, as rosas, essas coisas todas! — sussurro, fazendo o que posso para ignorar as mãos que tocam minha pele, que me deixam tão aquecida, tão sonolenta, quase embriagada.

— Mágica — ele responde sorrindo.

Afasto-me dele, busco uma toalha e me cubro com ela.

— Por que você nunca fala a sério? — A essa altura já me pergunto se não me meti numa grande enrascada, se ainda tenho tempo para cair fora.

— É sério! — ele resmunga. Veste a camiseta, recolhe o restante das roupas, procura suas chaves e sai correndo. Antes de chegar ao portão, no entanto, vira-se para trás e diz: — Sabine acabou de chegar!

E embrulhada na toalha úmida, morrendo de frio, vejo em silêncio meu misterioso namorado sumir na escuridão da rua.

dezenove

Chegando ao estacionamento da escola no dia seguinte, não vejo Damen. Desço do carro, jogo a mochila nas costas e sigo para a aula, já me preparando para o pior, dizendo a mim mesma para ser forte, para segurar a onda.

Mas, assim que chego à sala, fico completamente imóvel. Olhando feito uma boba para a porta verde, incapaz de abri-la.

Uma vez que meus poderes mediúnicos evaporam sempre que o assunto envolve Damen, só o que consigo *ver* é o pesadelo que eu mesma fabrico na cabeça. Nele, Damen está debruçado sobre a carteira de Stacia, rindo e flertando, tirando rosas de todos os lugares e de todas as maneiras, e finge que nem me vê quando me arrasto rumo ao fundo da sala: apenas vira o rosto para se concentrar exclusivamente *nela*.

Não vou aguentar. Sério, não tenho forças para tanto. Porque, embora Stacia seja terrível, cruel e sádica, ela é terrível, cruel e sádica de um jeito direto, sem mistérios. A crueldade dela está lá, escrita na testa para quem quiser ler.

Eu, por outro lado, sou paranoica e arredia, tenho um milhão de segredos que não posso dividir com ninguém, vivo escondida sob um capuz e um par de óculos escuros e levo nos ombros um fardo muito difícil de carregar. Nem de longe sou uma pessoa simples, descomplicada.

Mais uma vez levo a mão à maçaneta, e me repreendo: *Isso é ridículo. O que você vai fazer? Abandonar a escola? Você ainda tem um ano e meio pela frente! Portanto, pare de frescura e entre logo nesta sala!*

Mas minha mão começa a tremer, recusando-se a colaborar. Estou prestes a fugir daqui quando um garoto surge atrás de mim, limpa a garganta e diz:

— E aí, vai entrar ou não vai? — E acrescenta mentalmente: *Louca esquisita!*

Então respiro fundo e por fim entro na sala. E fico mais arrasada ainda quando vejo que Damen não está lá.

Na hora do almoço chego ao pátio e corro os olhos por todas as mesas à procura de Damen, mas não o encontro em parte alguma. Então sigo para a mesa de sempre e chego lá ao mesmo tempo que Haven.

— Seis dias e ainda nenhum sinal da Evangeline — ela diz. Larga a caixinha do cupcake sobre a mesa e acomoda-se à minha frente.

— Você já perguntou ao pessoal do grupo de anônimos? — interroga Miles, sentando-se a meu lado e abrindo sua garrafa de isotônico.

Haven revira os olhos e diz:

— Num grupo de anônimos todo mundo é *anônimo*, Miles.

Agora é Miles quem revira os olhos e diz:

— Eu estava me referindo à *mentora* dela.

— Não é *mentora*, garoto, é *madrinha*. Claro que já falei com ela, mas a mulher nada sabe. Drina acha que estou fazendo tempestade em copo d'água, que estou me preocupando à toa.

— Ela ainda está aqui? — Miles a olha com intensidade.

Percebendo o tom da pergunta, fico ansiosa pela resposta que está por vir, tanto quanto Miles. Quase tudo que tem a ver com Damen e Drina é terreno minado para Haven.

— Está, Miles, ela agora *mora* aqui. Por quê? Algum problema? — ela pergunta, desconfiada.

Miles dá de ombros e toma um gole de sua bebida.

— Problema nenhum — responde em seguida. Mas os pensamentos dizem o contrário, e a aura, antes amarela, fica escura e opaca enquanto ele cria coragem para dizer o que realmente quer. — Só que...

— Só que o quê? — Haven encara Miles, os olhos apertados.

— Bem, é que...

Eu o encaro, pensando: *Vá, Miles, diga tudo o que está em sua cabeça! Diga que essa tal de Drina não vale nada! É uma garota arrogante que só traz problemas e está levando nossa amiga para o mau caminho! Eu também acho tudo isso. Então, ande, diga: essa Drina é treva!*

Miles hesita um pouco, as palavras empacadas na ponta da língua, e eu mal consigo respirar enquanto espero que elas venham à tona. Depois de um tempo, no entanto, ele exala um longo suspiro, balança a cabeça e diz:

— Deixe pra lá.

Olho para Haven, que crispa o rosto numa expressão de fúria, a aura expandindo-se em labaredas igualmente furiosas, prenunciando a explosão que virá daqui a *três, dois, um...*

— Sinto muito, Miles, mas, agora que você começou, vá até o fim. Se tem algo a dizer, desembuche logo e fale. — Ela encara Miles, não se lembrando sequer do cupcake que tirou da caixa, tamborilando os dedos na mesa enquanto espera por uma resposta. Percebendo que ela não vem, continua: — Qual é, Miles? E você também, Ever. Só porque fica muda aí isso em nada diminui sua culpa.

Miles arregala os olhos para mim, perplexo, as sobrancelhas arqueadas. Sei que devo me pronunciar, fazer um escândalo qualquer perguntando exatamente do que sou culpada. Mas, na verdade, já sei a resposta. Sou culpada por não gostar de Drina. Por não confiar nela. Por perceber algo estranho, até mesmo sinistro, na garota. E pela total incapacidade de disfarçar minhas desconfianças.

Haven balança a cabeça e revira os olhos, tão irritada que praticamente cospe as palavras ao dizer:

— Vocês dois nem a conhecem! Que direito têm de fazer algum julgamento? Fiquem sabendo que gosto da Drina. Faz pouco tempo que a gente se conhece, mas ela tem se mostrado uma amiga muito melhor do que vocês!

— Não é verdade! — berra Miles, os olhos faiscando. — Mas que maluq...

— Sinto muito, mas *é* verdade. Vocês dois apenas me toleram, suportam minha companhia, mas não me entendem do jeito que a Drina entende. Ela e eu gostamos das mesmas coisas, temos os mesmos interesses. Drina não quer me transformar em outra pessoa, como vocês no fundo querem fazer. Ela me aceita do jeito que sou.

— Ah, é? Então, foi por isso que ela mudou seu look inteiro, porque aceita você do jeito que é?

Haven fecha os olhos e conta até dez para não avançar em Miles. Depois, olha para ele, levanta-se, recolhe seus pertences e diz:

— Miles, me deixe. E você também, Ever.

— Ah, senhoras e senhores, acompanhem a mais dramática saída! — zomba Miles. — Caramba,

você está *brincando*, né? Perguntei se a garota ainda estava aqui, só isso! E você solta os cachorros pra cima de mim! Ficou doida, mulher? Sente aí, vá! Relaxe.

Haven balança a cabeça e se apoia na mesa, deixando à mostra a tatuagem no pulso, já pronta, mas ainda vermelha e inflamada.

— Como é mesmo que isso chama? — pergunto, olhando para a cobra que morde o próprio rabo. Sei que se trata de um símbolo qualquer, uma espécie de criatura mítica, mas não me lembro do nome.

— Uróboro — responde Haven. E quando esfrega o dedo na tatuagem, juro que vejo a tal cobra espichar a língua em minha direção.

— O que isso significa?

— É um símbolo antigo da alquimia — diz Miles. — Representa a vida eterna, a criação a partir da destruição, a vida a partir da morte, a imortalidade, algo assim.

Haven e eu ficamos boquiabertas, mas ele simplesmente dá de ombros e diz:

— O que foi? Sou um cara informado, ora.

Novamente reparando na tatuagem, digo:

— Parece que está inflamada. Você devia dar uma olhada nisso.

Mas logo percebo que falei besteira, pois Haven baixa a manga da blusa com um gesto brusco e, com a aura flamejante, diz:

— Não tem nada de errado com a minha *tattoo*, ela está perfeita. Eu estou bem. Aliás, desculpem-me por tocar no assunto, mas não pude deixar de reparar que nenhum de vocês dois está preocupado com Damen, que, por sinal, faz dias que não dá as caras nesta escola! Que história é essa?

Miles baixa os olhos para o celular, eu faço cara de paisagem. Haven não deixa de ter razão. E a observamos balançar a cabeça, pegar seu cupcake e sair a passos firmes.

— Você pode me explicar o que acabou de acontecer aqui? — pergunta Miles, vendo Haven ziguezaguear apressada pelo labirinto de mesas, rumo a lugar nenhum.

Mas nem me importo com isso. Só consigo ter um pensamento: a cobra no pulso de minha amiga, virando a cabeça para me encarar com olhos vidrados.

Paro o carro diante de casa e encontro Damen à minha espera, recostado no BMW. Sorrindo, ele vem a meu encontro, abre minha porta e diz:

— E aí, como foi a aula?

Pego minhas coisas e desço sem dizer nada.

— Ah, ainda está brava comigo — ele diz enquanto me segue até a entrada de casa. Embora não encoste um dedo em mim, sinto o calor que emana de seu corpo.

— Não estou brava — resmungo, abrindo a porta e jogando minha mochila no chão.

— Ainda bem. Porque fiz reserva para dois num lugar aí e, como você não está brava comigo, suponho que vá aceitar meu convite.

Olho para ele, examinando os jeans escuros, as botas e um suéter preto e molinho, que só pode ser de cashmere, e imagino qual será a surpresa da vez.

Ele retira meus óculos e fones de ouvido e os joga no aparador do hall.

— Confie em mim, você não vai precisar de toda essa defesa — diz. Depois baixa meu capuz, passa o braço por minha cintura e me conduz porta afora, rumo ao BMW.

— Pra onde está me levando? — pergunto e me esborracho no banco do passageiro,

completamente sem postura, sempre ansiosa para ceder às extravagâncias dele. — Tenho um monte de deveres da escola a fazer...

Ele acomoda-se na direção e diz:

— Relaxe, você pode estudar depois, prometo.

— Depois, quando? — Olho furtivamente para ele e me pergunto se um dia ainda vou me acostumar a tanta beleza, ao calor desse olhar, a essa lábia com a qual sempre consegue o que quer.

Damen sorri e dá partida no carro sem nem girar a chave na ignição.

— Antes das badaladas de meia-noite, prometo — responde. — Agora aperte o cinto, porque vamos decolar.

Damen pisa fundo, muito fundo, quando dirige. Portanto, quando entramos no estacionamento e deixamos o carro com o manobrista, fico com a impressão de que chegamos ali em cinco minutos.

— Que lugar é este? — pergunto, admirando os prédios verdes e a placa em que se lê ENTRADA LESTE. — Entrada para o quê?

— Acho que sua resposta vem vindo ali. — Damen ri, envolvendo-me com os braços enquanto quatro puros-sangues suados passam por nós, puxados por seus cavalariços, seguidos de um jóquei de jaqueta verde e rosa, calças de montaria brancas e um par de botas pretas sujas de lama.

— Um hipódromo? — digo espantada. Assim como no outro dia, quando fomos para a Disney, eu jamais poderia imaginar que seria trazida para um lugar destes.

— Não é um hipódromo qualquer. É o hipódromo de Santa Anita, um dos melhores do mundo. — Ele acena positivamente com a cabeça. — Agora vamos, porque temos reserva para as 15h15 no FrontRunner.

— No *quê*? — pergunto, estática.

— Relaxe, é só um restaurante. — Damen ri. — Ande, venha, não quero perder as apostas.

— Hmm, por acaso isso não é ilegal? — digo, mesmo sabendo que estou parecendo uma estraga-prazeres. Mas Damen é tão inconsequente, tão impulsivo e tão... despreocupado com a lei.

— Comer é ilegal? — Ele ri, mas vejo que já está ficando um tanto impaciente.

— Não, estou falando de apostar, jogar, que seja, *você sabe*.

Ele ri e balança a cabeça.

— Isto aqui é um turfe, Ever. Um lugar de corridas de cavalo, não é uma rinha de galos. Agora venha. — Ele aperta minha mão e me puxa para um elevador.

— Mas não é preciso ter vinte e um anos?

— Dezoito — ele resmunga e aperta o botão do quinto andar.

— Então. Tenho dezesseis e meio.

Damen balança a cabeça e inclina-se para me dar um beijo.

— Regras existem para serem quebradas. Caso contrário, a vida seria muito chata. Pronto, chegamos.

Atravessamos um corredor e alcançamos um amplo salão decorado com diferentes tonalidades de verde. Damen para de frente para o pódio e cumprimenta o *maître* como se estivesse diante de um amigo que não vê há muito tempo.

— Ah, sr. Auguste, que prazer em vê-lo! Sua mesa já está pronta, venha comigo.

Damen toma minha mão e me conduz pelo salão, repleto de casais, aposentados, homens solitários, grupos de mulheres, pais com seus filhos... nenhuma mesa livre senão a nossa, que fica

bem na altura da linha de chegada, com uma linda vista para a pista e para as colinas verdes do horizonte.

— Tony virá imediatamente para atendê-los. Posso trazer seu champagne?

Damen olha para mim e faz que não com a cabeça. Ligeiramente corado, diz:

— Hoje, não.

— Pois bem. As apostas começam em cinco minutos.

— Champagne? — sussurro, arqueando as sobrancelhas.

Mas Damen simplesmente dá de ombros e abre o programa dos páreos.

— Que tal o Spanish Fly? — Ele olha para mim e, sorrindo, emenda: — Estou falando do cavalo, não do afrodisíaco.

Mas estou ocupada demais para responder, observando o cenário à minha volta, procurando assimilar todos os detalhes. O restaurante não só é enorme, como também está completamente lotado bem no meio da semana. Aliás, no meio da tarde! E essas pessoas todas apostando? Será que não trabalham? Tenho a impressão de que vim parar num mundo novo de cuja existência eu nem sequer suspeitava. Fico pensando se é aqui que Damen passa todo o seu tempo livre.

— Então, o que você diz? Quer apostar? — Ele olha rapidamente para mim antes de fazer algumas anotações.

— Apostar? — Faço que não com a cabeça. — Eu não saberia nem por onde começar.

— Bem, eu poderia explicar tudo: as estatísticas, os prognósticos, a genealogia dos animais... Mas como não temos muito tempo, por que você não dá uma olhada rápida neste programa e diz apenas o que *sente*, os nomes que chamam sua atenção. Sempre deu certo comigo.

Com o programa nas mãos, corro os olhos pelos nomes e levo um susto quando três deles praticamente saltam à minha frente numa ordem específica:

— Que tal Spanish Fly em primeiro lugar, Acapulco Lucy em segundo e Son of Buddha em terceiro? — digo, sem fazer a menor ideia de como cheguei a essas escolhas, mas bastante confiante nelas.

— Lucy em segundo, Buddha em terceiro... — ele murmura, anotando tudo no boleto de apostas. — E quanto você quer apostar? O mínimo é de dois dólares, mas você pode ir bem mais alto que isso, claro.

— Dois dólares está ótimo — digo, subitamente insegura, nem um pouco disposta a fazer um rombo em minhas finanças só por causa de um palpite.

— Tem certeza? — pergunta Damen, parecendo decepcionado.

— Tenho. — Concordo com a cabeça.

— Bem, acho que você fez boas escolhas, então vou apostar cinco. Cinco, não, dez.

— Não faça isso! — digo. — Quer dizer, nem sei por que escolhi esses nomes!

— Pois vamos descobrir daqui a pouco — ele retruca e levanta-se da mesa. Pego minha carteira, mas Damen não me deixa pagar. — Você me reembolsa depois, quando receber sua parte do rateio. Agora preciso ir ao guichê. Peça o que quiser quando o garçom aparecer.

— E você, vai querer o quê? — pergunto, mas Damen sai tão rápido que nem mesmo me ouve.

Quando ele volta, os cavalos já estão todos perfilados na linha de saída. Em poucos segundos é dada a largada, e eles irrompem de seus respectivos boxes, inicialmente formando um grande borrão escuro na pista, mas se distanciando uns dos outros logo depois da primeira curva, disparados rumo à linha de chegada. Imediatamente fico de pé quando vejo que meus três escolhidos estão tomando a

dianteira e quase tenho uma síncope quando eles cruzam a chegada exatamente na ordem em que apostei.

— Caramba, a gente ganhou! A gente ganhou! — exclamo, sorrindo enquanto Damen se inclina para me dar um beijinho de comemoração. — É sempre tão divertido assim? — digo e observo Spanish Fly trotar para a área de premiação e receber as guirlandas de flores com as quais será fotografado.

— Quase sempre. — Damen faz que sim com a cabeça. — Mas nada supera a primeira vez que a gente ganha, essa é sempre a melhor.

— Bem, no meu caso, nem deve ser tanto dinheiro assim — digo, já arrependida de não ter confiado em minha intuição e arriscado alguns trocados a mais.

— Já que só apostou dois dólares, deve ter ganhado algum valor em torno de oito...

— Oito dólares? Só isso? — Aperto os olhos, um tanto desapontada.

— Oitocentos, Ever — completa Damen, rindo. — Para ser mais exato, 880 dólares e 60 centavos. Você acertou a trifeta, isto é, os três primeiros lugares na ordem correta.

— Tudo isso só com *dois dólares*? — pergunto, agora entendendo por que ele tem uma mesa cativa neste lugar.

Damen faz que sim com a cabeça.

— E você, ganhou quanto? — pergunto. — Apostou dois dólares também?

— Não. — Ele sorri. — Na verdade, perdi. Feio. Sou ganancioso, apostei na quadrifeta. Quer dizer, acrescentei outro cavalo além dos três que você sugeriu, mas ele ficou para trás. Mas não se preocupe, na próxima eu me recupero.

Dito e feito. Quando fomos ao guichê depois do oitavo e último páreo, embolsei um total de 1.645 dólares e 80 centavos, enquanto Damen embolsou muito mais, já que acertou os cinco primeiros cavalos na ordem exata em que eles chegaram. E como foi o único a se arriscar nessa modalidade, o primeiro em muitos dias, ganhou 536 *mil* dólares e 41 centavos — com uma aposta de apenas dez dólares.

— Então, gostou do programa? — ele pergunta, seu braço me envolvendo para me conduzir à saída.

— Agora entendo por que você anda tão sumido das aulas. Afinal, não tem nem comparação, né? — Começo a rir, talvez por conta da adrenalina em função de minhas vitórias. Acho que enfim encontrei uma utilidade rentável para meus poderes mediúnicos.

— Venha comigo, quero comprar um presentinho para você com a grana que acabei de ganhar. — Damen me leva para a *gift shop* do hipódromo.

— Não precisa, por favor...

Mas ele aperta minha mão e sussurra em meu ouvido:

— Faço questão. Além do mais, estou podendo, não estou? Só tem uma condição.

Olho para ele.

— Qual?

— Nada de moletons com capuz, O.K.? — ele diz, rindo. — Qualquer coisa, menos moletom.

Depois de muitas risadas e de sugestões como um boné de jóquei, um cavalo em miniatura, uma ferradura de bronze para pendurar em meu quarto, acabamos decidindo por uma pulseira de prata com cristaizinhos. Mas só depois de me assegurar de que eram cristais mesmo, e não diamantes, pois aí já seria demais, apesar de todo o dinheiro que ele acabara de faturar.

— Agora, aconteça o que acontecer, você nunca vai se esquecer desse dia — ele diz, e coloca a pulseira em meu braço enquanto esperamos pelo carro.

— Como eu poderia me esquecer de um dia desses? — pergunto, olhando fixamente para meu pulso, depois para ele.

Entramos no carro, e só então percebo certa melancolia no olhar de Damen, uma tristeza tão comovente que essa, sim, merece ser esquecida.

A viagem de volta me parece ainda mais rápida que a de ida e, chegando em casa, tenho uma súbita vontade de que esse dia nunca termine.

— Olhe só para isso — diz Damen, apontando para o relógio. — Bem antes da meia-noite, como prometido. — E quando ele se inclina para me beijar, retribuo com tanto entusiasmo que por pouco não arrasto o garoto para o banco do carona.

— Posso entrar? — ele sussurra, tentando-me com beijos que começam na orelha, descem pelo pescoço e chegam à clavícula.

Solto-me daquele abraço e faço que não com a cabeça, perplexa comigo mesma. Sabine está em casa e preciso estudar, mas não é só isso. Já é hora de me impor um pouco. Não posso continuar cedendo tão facilmente às vontades dele.

— A gente se vê na escola amanhã — digo ao sair do carro, antes que ele me faça mudar de ideia. — Lembra, Bay View? Aquele lugar que você costumava frequentar?

Damen desvia o olhar e solta um suspiro.

— Não vai dizer que pretende sumir... *de novo*? — pergunto.

— Essa história de escola é tão maçante, não sei como você consegue.

— Como *eu* consigo? — Olhando de relance para fora, vejo que Sabine nos espia pela janela. Assim que ela se afasta, volto o rosto para Damen e digo: — Bem, faço apenas do modo como você também costumava fazer: levanto da cama, troco de roupa e vou. E às vezes basta prestar um pouquinho de atenção na aula que a gente acaba aprendendo algo. — Assim que digo isso, percebo que acabei de mentir. Porque, na verdade, não aprendi nada durante quase um ano naquela escola. Quer dizer, é difícil aprender alguma coisa quando a gente meio que *sabe* tudo. Embora isso não seja algo que a gente tenha em comum.

— Tem de haver um jeito melhor — ele resmunga, uma expressão de súplica no olhar.

— Bem, só pra seu governo: matar aulas, ou abandonar a escola, *não* é o jeito melhor pra nada. Não se você quiser entrar para uma universidade e fazer algo da vida. — Outra mentira. Bastam mais dois ou três dias como este no turfe para que Damen, ou qualquer outra pessoa, possa viver bem. Muito mais que bem.

— Tudo bem — ele diz, rindo. — Vamos fazer do seu jeito. Pelo menos por enquanto. A gente se vê amanhã.

Ainda estou a meio caminho da porta de casa quando ele pisa fundo no acelerador e sai em disparada rua afora.

vinte

Na manhã do dia seguinte, enquanto me arrumo para a escola, Riley (que hoje veio fantasiada de Mulher Maravilha) empoleira-se na cômoda e começa a revelar uma série de segredos das celebridades que ela anda espionando. Cansada de bisbilhotar a vida de nossos velhos amigos e vizinhos, ela agora direcionou sua mira para Hollywood e vem fazendo um trabalho bem melhor que qualquer uma dessas revistas de fofocas que povoam as bancas de jornal.

— *Mentira!* — Olho surpresa pra ela. — Caramba! Miles vai pirar quando souber!

— Você não faz ideia — diz Riley, balançando a cabeleira preta com uma expressão de tédio, como se já tivesse visto mais, muito mais do que devia. — *Nada* é o que parece. Sério. Tudo é uma grande ilusão, como os filmes que eles fazem. Pode acreditar, esses assessores de imprensa têm de fazer mágica pra manter tanta sujeira em segredo.

— Quem mais você espiou? — pergunto, já me coçando de curiosidade. Por que não pensei nisso antes? Por que nunca me ocorreu sintonizar a energia das celebridades enquanto estou vendo TV ou folheando uma revista? — E aquela história sobre...

Estou prestes a perguntar sobre os boatos que andam circulando sobre minha atriz predileta quando Sabine coloca a cabeça para dentro do quarto e diz:

— História? Que história?

Olho rapidamente para Riley, que se dobra na cômoda de tanto rir, e solto um pigarro antes de dizer:

— Hmm, nada. Eu não disse nada.

Sabine me olha de um jeito esquisito. Riley balança a cabeça, inconformada, e diz:

— Muito bom, Ever. *Bem* convincente.

— Você precisa de alguma coisa? — pergunto a Sabine, dando as costas para Riley e me concentrando no verdadeiro motivo para a visitinha de minha tia: ela foi convidada para passar o fim de semana fora e não sabe como me dar a notícia.

Sabine entra no quarto, postura ereta demais, passos firmes ao caminhar, depois respira fundo e senta na beira da cama, nervosamente enroscando um fio solto da colcha azul enquanto procura a melhor maneira de iniciar o assunto.

— Jeff me convidou para passar o fim de semana fora — diz finalmente. — Mas achei que devia falar sobre isso com você antes.

— Quem é Jeff? — pergunto, virando o rosto na direção dela enquanto coloco os brincos. Sei muito bem quem é esse Jeff, mas achei prudente perguntar.

— Você o conheceu na festa. Ele veio de Frankenstein. — Sabine levanta os olhos para mim, tomada de culpa, sentindo-se a pior das criaturas, um péssimo exemplo. Sua aura, no entanto, resplandece de tão rosa, de tanta alegria.

Vou colocando vários livros na mochila, ganhando tempo enquanto decido o que falar. Por um lado, o tal Jeff nem de longe é a pessoa que diz ser. Por outro, a julgar pelo que *vejo*, ele realmente gosta dela e não representa perigo algum. Poxa, faz tempo que não vejo minha tia tão feliz assim. Não tenho coragem de contar toda a verdade a ela. Além do mais, o que eu poderia dizer?

Olha, esse tal de Jeff... o banqueiro milionário... não é exatamente quem ele diz ser. Na

verdade, ainda mora com a mamãezinha dele! Só não me pergunte como fiquei sabendo disso. Mas confie em mim, eu sei.

Não. Não dá. Além disso, os relacionamentos têm um mecanismo todo próprio, cada passo acaba rolando em seu devido tempo. Eu mesma tenho lá minhas questões para resolver. Tipo assim, agora que meu relacionamento com Damen está começando a se estabilizar, agora que estamos mais próximos um do outro, mais parecidos com um casal de verdade, tenho pensado se já não é hora de parar com o jogo duro e dar o passo seguinte. E com a Sabine fora de casa por dois dias... bem, talvez uma oportunidade como essa custe a pintar outra vez.

— Vá, sim, tia! Divirta-se um pouco! — digo finalmente, convencida de que cedo ou tarde ela mesma vai descobrir toda a verdade e tocar a vida adiante.

Ela abre um sorriso, tanto pela felicidade quanto pelo alívio. Depois, levanta da cama e vai para a porta do quarto, mas para antes de sair.

— Vamos viajar hoje, depois do trabalho — diz. — Jeff tem uma casa em Palm Springs, a menos de duas horas daqui. Portanto, se você precisar de alguma coisa, não estaremos muito longe.

Errata: é a mãe dele quem tem uma casa em Palm Springs.

— Vamos voltar no domingo. Olhe, se você quiser receber seus amigos aqui, tudo bem, a não ser que... será que a gente precisa ter aquela conversinha?

Congelo, pois sei exatamente aonde minha tia quer chegar com essa tal "conversinha". Parece até que leu meus pensamentos. Mas depois percebo que ela está apenas tentando ser responsável e cumprir com o papel de "mãe".

— Não, tia, não será necessário — respondo, fazendo que não com a cabeça. — Estou ligada, pode confiar.

Então pego minha mochila e reviro os olhos quando vejo Riley dançando em cima da cômoda, cantando aos berros:

— *Fes-ta! Fes-ta! Fes-ta!*

Sabine, por sua vez, parece tão aliviada quanto eu por não ter de passar pela "conversinha" do sexo.

— A gente se vê no domingo, então — ela diz.

— A gente se vê no domingo.

— Juro por Deus, ele joga no seu time — digo, entrando no estacionamento e já sentindo o calorzinho do olhar de Damen muito antes de vê-lo.

— Eu *sabia*! — exclama Miles. — Eu sabia que ele era gay. Estava na cara! Como foi que você ficou sabendo?

Opa. Não posso divulgar minha verdadeira fonte, confessar que minha irmãzinha morta agora é a mais eficaz de todos os paparazzi de Hollywood.

— Nem lembro mais — respondo e desço do carro. — Só sei que é verdade.

— O que é verdade? — Damen pergunta sorrindo, aproximando-se para beijar minha bochecha.

— Jo... — começa Miles.

Mas não deixo que ele termine, não quero mostrar meu lado fútil, aquele que é obcecado pela vida de celebridades, assim tão cedo em nossa história.

— Não é nada. É que... você sabia que o Miles ganhou o papel de Tracy Turnblad em *Hairspray*? — pergunto e começo a tagarelar um longo discurso sobre o assunto, despejando frases sem nenhum

sentido, até que Miles se despede de nós e vai para sua aula.

Assim que ele se afasta, Damen para e diz:

— Escute só, tenho uma ideia melhor. Que tal a gente comer alguma coisa por aí?

Lanço um olhar de *Ficou maluco?* na direção dele e continuo andando, mas não vou muito longe, pois logo ele me alcança e me puxa pela mão.

— Ah, vamos. — Damen dá uma de suas risadas contagiantes, os olhos fixos nos meus.

— Não vai dar — sussurro e olho aflita ao redor, sabendo que se demorarmos mais um segundo vamos chegar atrasados. — Além disso, já tomei meu café.

— Ever, por favor! — Ele fica de joelhos, olha para mim suplicante e junta as mãos como se fosse rezar. — Se você tiver um pingo de consideração pela minha pessoa, *por favor*, não me faça entrar neste lugar!

Mordo os lábios, tentando não rir. Jamais poderia imaginar que um dia veria meu namorado, sempre tão lindo, elegante e sofisticado, suplicando de joelhos. Apesar disso, faço que não com a cabeça e digo:

— Ande, levante daí porque o sinal já vai... — E o sinal toca antes mesmo de eu terminar a frase.

Sorrindo, Damen fica de pé, limpa as calças e, me abraçando pela cintura, afirma:

— É como dizem: melhor faltar à aula que chegar atrasado.

— *Quem* diz? Isso parece você falando.

— Pode ser. — Ele dá de ombros. — Mas tenho uma certeza: há um milhão de coisas mais interessantes que a gente pode fazer numa manhã como esta. Poxa, Ever — ele aperta minha mão —, você sabe que a gente não precisa ir à aula hoje. E *você* não precisa vestir nada disto. — Damen retira meus óculos e baixa o capuz do moletom. — Porque o fim de semana começa agora!

Apesar de todos os motivos que tenho para não faltar à aula, por que o fim de semana precisa esperar até depois das três da tarde, como em todas as sextas-feiras, quando se tem o olhar de Damen, tão profundo e convidativo? Não penso duas vezes, imediatamente entro na onda dele.

E mal reconheço minha própria voz ao dizer:

— Depressa, antes que tranquem o portão.

Vamos em carros separados. Embora não tenhamos combinado nada, é óbvio que não temos hora para voltar. Seguindo Damen pelo sem-fim de curvas do litoral, não posso deixar de ficar maravilhada com a paisagem à volta: o branco ofuscante das praias, o azul profundo do mar. Meu coração se dilata de gratidão, e me sinto sortuda por morar aqui, por ter este lugar maravilhoso como lar. Mas quando me lembro do porquê de vir parar aqui... tudo muda de figura.

A certa altura Damen entra num pequeno estacionamento à direita e eu paro na vaga ao lado da dele, sorrindo ao vê-lo descer para abrir minha porta.

— Já esteve aqui antes? — ele pergunta.

Olho para um casebre de ripas brancas, à nossa frente, e faço que não com a cabeça.

— Sei que você não está com fome, mas os shakes deste lugar são os melhores do mundo. Você não pode deixar de experimentar o de tâmara com malte, ou o de chocolate com pasta de amendoim, ou os dois, se quiser. É por minha conta.

— Milk-shake de tâmara? Sei não. Me parece *ruim*...

Damen ri e me puxa rumo ao balcão. Pede um de cada sabor e, quando eles chegam, sentamos num banco de madeira azul e ficamos ali, admirando o mar.

— Então, de qual você gostou mais? — ele pergunta.

Novamente experimento um e outro; ambos são tão cremosos que retiro a tampa dos copos para comer de colher.

— Os dois são ótimos. Mas, pra minha surpresa, acho que o de tâmara é melhor. — Passo os copos para Damen experimentar também, mas ele faz que não com a cabeça e os devolve sem dar um único gole. Mais uma de suas esquisitices para cima de mim.

Quer dizer, não são apenas os truques de mágica, nem os sumiços ocasionais. Além de tudo, o garoto *nunca come*.

No entanto, tão logo isso me passa pela cabeça, Damen pega um canudinho e dá um longo gole num dos shakes. Depois beija meu rosto com os lábios gelados.

— Que tal se a gente descer para a praia? — sugere.

Ele me pega pela mão e seguimos por uma trilha no mato, ombro a ombro, trocando os shakes de vez em quando, muito embora seja eu quem beba na maior parte do tempo. Chegando à areia, tiramos os sapatos, dobramos a bainha das calças e caminhamos à beira-mar, sentindo a água gélida nos pés e nos tornozelos.

— Você surfa? — pergunta Damen a certa altura, depois recolhe meu copo vazio e o guarda dentro do outro.

— Não, não surfo — respondo, escalando um monte de pedras.

— Quer uma aula? — E sorri.

— Nesta água fria? Não, muito obrigada.

Chegamos a uma pequena enseada de areia seca e quentinha, um alívio para meus pés já dormentes e azuis de tanto frio.

— Tenho roupas de neoprene — insiste Damen.

— São forradas de pele? — brinco, alisando a areia com os pés, deixando uma área plana para que a gente possa sentar.

Mas Damen novamente me puxa pela mão e me leva para o outro lado, das piscinas naturais, até que chegamos a uma caverna natural, escondida.

— Nunca soube da existência deste lugar — digo, admirando as paredes de rocha lisinha, a areia recentemente varrida, as toalhas e pranchas de surfe empilhadas num dos cantos.

— Ninguém sabe — ele diz, sorrindo. — Por isso minhas coisas ainda estão aqui. Elas se confundem com as pedras, a maioria das pessoas passa direto e nada vê. Se bem que a maioria das pessoas passa direto pela vida sem enxergar um palmo diante do nariz.

— E você, como foi que encontrou este lugar? — pergunto, sentando-me no cobertor verde que Damen abriu no meio da caverna.

— Sei lá. — Ele dá de ombros. — Acho que não sou como a maioria das pessoas.

Ele se deita a meu lado e insiste para que eu me deite também. Em seguida, com a cabeça apoiada na palma da mão, fica me olhando por tanto tempo que me deixa sem graça.

— Por que você se esconde nesses jeans largões e nesses moletons com capuz? — sussurra, acariciando meu rosto, colocando meus cabelos pra trás de minhas orelhas. — Você não faz ideia de como é linda, faz?

Franzo os lábios e desvio o olhar, gostando do que sinto ao ouvir essas palavras. Mas não quero prosseguir no assunto, não estou nem um pouco disposta a me explicar, a expor as razões que tenho para ser do jeito que sou. Claro que Damen preferiria mil vezes a Ever que fui um dia, mas agora é

tarde. Essa Ever morreu, e me deixou no lugar dela.

Uma lágrima brota em meus olhos, e eu tento virar para escondê-la de Damen. Mas ele me segura firme, sem me deixar mexer, e seca minha tristeza com os próprios lábios, depois me beija.

— Ever... — sussurra, a voz grave, os olhos brilhantes. Em seguida se reacomoda no cobertor e deixa o corpo pesar sobre o meu, esquentando-me confortavelmente, logo me deixando com calor.

Corro os lábios pela face dele, pelas linhas retas do queixo, ofegando quando nossos quadris começam a se buscar, deixando vir à tona todos os desejos e sentimentos que tanto lutei para reprimir. Mas estou cansada de lutar, de me conter. Quero apenas ser normal outra vez. E o que haveria de mais normal do que *isto*?

Damen tira meu moletom, e eu fecho os olhos, cedendo, entregando-me, permitindo que ele desabotoe meus jeans e os tire também. Assentindo no toque firme de suas mãos, na pressão dos dedos, dizendo a mim mesma que esse maravilhoso turbilhão de sensações em meu peito só pode ser um sentimento: *Amor*.

Mas quando sinto o polegar dele sob o elástico de minha calcinha, prestes a baixá-la, levanto-me rapidamente e o afasto de mim. Meio a contragosto, porque na verdade quero ir adiante e dar mais esse passo em nossa relação. Mas não aqui, não agora e não desta maneira.

— Ever... — sussurra Damen, os olhos buscando os meus. Apenas faço que não com a cabeça e viro para o lado, sentindo o calorzinho gostoso desse corpo perfeito que se enrosca ao meu, os lábios em meu ouvido, dizendo: — Tudo bem. Não tem problema. Juro. Agora, durma um pouquinho.

— Damen? — Acordo assustada, espremendo as pálpebras para enxergar melhor na penumbra, tateando o espaço vazio a meu lado várias vezes, até me convencer de que realmente estou sozinha. — Damen? — chamo de novo, os olhos correndo pela caverna, mas a única resposta que recebo é o barulhinho distante das ondas que quebram.

Visto o moletom e saio cambaleando para a praia. Sob a luz rosada do crepúsculo, procuro por Damen de uma ponta a outra. Mas não o encontro.

Voltando à caverna, deparo com o bilhete que ele deixou sobre minha mochila:

Fui surfar.
Volto logo.
— D

Ainda com o papel na mão, corro de volta à praia e esquadrinho o mar em busca de surfistas, sobretudo do meu surfista. Mas vejo apenas dois vultos distantes, tão louros e pálidos que jamais poderiam ser Damen.

vinte e um

Quando entro em minha rua, fico surpresa ao avistar alguém nos degraus da porta de entrada; quando chego mais perto de casa, porém, fico mais surpresa ainda ao constatar que esse alguém é Riley.

— E aí? — digo, pegando a mochila e batendo a porta do carro um pouquinho mais forte do que o necessário.

— Calma! — ela diz, encarando-me. — Achei que você fosse me atropelar!

— Desculpa, achei que fosse o Damen — explico, já entrando no hall.

— Xiii... O que foi que ele aprontou desta vez? — ela brinca.

Não me dou o trabalho de responder e destranco a porta. Não vou entregar o ouro tão fácil assim.

— O que houve? — pergunto, levando Riley para dentro. — Você se trancou do lado de fora?

— Engraçadinha... — Riley revira os olhos, vai para a cozinha e se acomoda em um dos bancos altos da bancada.

Jogo minha mochila sobre a mesa e, vasculhando a geladeira, pergunto:

— Que bicho mordeu você hoje? — Olho para Riley, imaginando um motivo para ela estar tão quieta, pensando que talvez meu mau humor seja contagioso.

— Bicho nenhum — ela responde, olhando fixamente para mim, o queixo plantado entre as mãos.

— Não é o que parece. — Em vez do pote de sorvete que realmente quero, pego uma garrafa de água e me recosto na bancada de granito. Só então reparo no estado em que Riley se encontra: a fantasia de Mulher Maravilha toda amarrotada, a cabeleira preta toda embaraçada.

— Então, o que você pretende fazer? — Riley muda de assunto. Está de tal modo inclinada no banco que ameaça cair e se machucar a qualquer instante. Não que isso possa acontecer, claro. — Quer dizer, esse é o sonho de qualquer adolescente, não é? A casa só pra você, ninguém pra vigiar... — Em seguida mexe as sobrancelhas de um jeito malicioso, mas ao mesmo tempo forçado, como se quisesse disfarçar seu real estado de espírito.

Dou um gole na água, sem saber ao certo o que dizer. Chego a pensar em me abrir com ela e tirar dos ombros o peso de todos os meus segredos: os bons, os ruins e os absolutamente revoltantes. Seria ótimo se eu pudesse me aliviar um pouco, dividir com alguém esse fardo que até agora venho carregando sozinha. Mas olhando para Riley lembro que ela passou boa parte da vida esperando para completar treze anos, vendo cada ano que passava como um a menos para chegar à *importante* adolescência. Talvez por isso ainda esteja aqui. Não teve a chance de realizar seu sonho em vida, por minha culpa, e agora só lhe resta uma alternativa: fazê-lo através de mim.

— Bem, sinto muito desapontá-la — respondo afinal. — Mas a essa altura você já sabe o fracasso que sou no quesito sonhos de adolescência. — Olho para Riley timidamente e fico vermelha quando ela sacode a cabeça, concordando. — Quando a gente morava no Oregon eu mandava bem à beça, não mandava? Tinha um monte de amigos... Um namorado... Era chefe de torcida! Pois é. Tudo isso ficou pra trás. Acabou. J-Á E-R-A. Agora, os dois amigos que consegui fazer em Bay View estão brigados, o que significa que raramente falam comigo. E mesmo que, por razões totalmente inexplicáveis, por obra de um verdadeiro milagre, eu tenha tido a sorte de descolar um namorado lindo, gostoso e tudo mais... bem, na verdade nem tudo está como deveria ser. Tipo assim, quando ele não age estranhamente ou quando não some sem dar explicação, evaporando no ar, ele tenta me

sequestrar da aula e me levar pra algum lugar. Para apostar em cavalos de corrida, passeios absurdos assim. Sei não, acho que ele é má influência. — De repente percebo, tarde demais, que falei muito mais do que devia.

Mas quando olho para Riley novamente, vejo que ela nem mesmo está ouvindo: apenas encara a bancada enquanto passeia o indicador pelos desenhos do granito, a cabeça claramente em outro lugar.

— Olha, promete que não vai ficar brava comigo? — diz, afinal, com olhos tão arregalados e sombrios que me dão arrepios. — Passei o dia todo com a Ava.

Ah, não quero ouvir. Definitivamente, não quero ouvir isso! , penso, os lábios apertados. Apoio-me na bancada e me preparo para o que está por vir.

— Sei que você não gosta dela, mas... Sei lá, acho que algumas opiniões da Ava são boas, ela até me fez pensar nelas. Sabe, nas escolhas que fiz. E quer saber? Quanto mais eu penso, mais acho que ela tem razão.

— Tem razão em quê? — pergunto, apesar do nó que sinto na garganta. Hoje o dia começou mal, depois só piorou. E infelizmente ainda está longe de acabar.

Riley levanta o rosto, mas desvia o olhar logo em seguida, ainda passando os dedos pelo granito, quando diz:

— A Ava falou que eu não devia estar aqui. Que meu lugar *não é* aqui.

— E você, acha o quê? — Mal consigo respirar, desejando não ter de ouvir nada disso. Não quero perder minha irmã, não posso perdê-la, não agora. Nem nunca. Riley é tudo o que me restou.

— Bem, eu... — Ela para de mexer os dedos e olha para mim. — Acontece que eu gosto de estar aqui. Nunca vou ser adolescente, claro, mas pelo menos posso viver *sua* adolescência. Um pouco como pegar uma carona nela, entende?

Ouvindo isso, fico arrasada, culpada; eu estava certa em minhas suspeitas. Mas tento brincar para levantar um pouco a bola.

— Poxa, Riley, com tanta carona melhor por aí...

Minha irmã revira os olhos e suspira:

— Não é? — Mas logo baixa os olhos e diz: — Mas... e se a Ava estiver com razão? E se *for* mesmo errado eu ficar aqui o tempo todo?

Antes que eu possa responder, no entanto, a campainha toca na porta da frente, distraindo-me por alguns segundos. E quando dou por mim Riley não está mais lá.

— Riley! Riley! — grito, olhando por toda a cozinha. — Cadê você? — Continuo gritando, rezando para que ela reapareça, pois nossa conversa não pode parar onde parou. — Riley, volte aqui! Por favor! — Porém, quanto mais eu tento, mais percebo que estou gritando com as paredes.

A campainha toca de novo, uma vez, depois duas. É o toque de Haven. Preciso atender.

— O porteiro me deixou entrar — ela vai logo dizendo, irrompendo no hall, os olhos borrados de rímel por causa das lágrimas, os cabelos agora ruivos totalmente despenteados. — Encontraram a Evangeline. Ela está morta.

— O quê? Tem certeza? — Estou prestes a fechar a porta quando Damen estaciona o carro lá fora e vem correndo em nossa direção. — A Evangeline... — começo a dizer, tão chocada com a notícia que acabo me esquecendo de que decidi odiá-lo.

— Eu sei, eu sei — ele diz. E vendo o estado de Haven, pergunta: — Tudo bem com você?

Ela faz que não com a cabeça e seca os olhos com a manga da blusa.

— Quer dizer, eu nem conhecia a garota direito, a gente saiu algumas vezes juntas, só isso. Mesmo assim... É horrível *demais*! Só de pensar que talvez eu tenha sido a última pessoa a vê-la viva...

— Com certeza, você não foi a *última* pessoa a ver a Evangeline viva.

Olho boquiaberta para Damen, inicialmente achando que se trata de uma piada de péssimo gosto. Mas ele nem de longe parece estar brincando: está muito sério, com o olhar perdido, distante.

— Mas é que... eu me sinto muito responsável, sabe? — balbucia Haven, novamente aos prantos. — *Meu Deus, meu Deus, meu Deus*... — ela repete não sei quantas vezes, e deixa o rosto cair entre as mãos.

Estou prestes a abraçá-la, para confortá-la de alguma forma, quando ela novamente levanta a cabeça e seca os olhos.

— Olhe, passei aqui só pra dar a notícia, achei que você deveria saber — diz, e ergue o braço para sacudir as chaves do carro. — Mas agora preciso ir. Ainda não falei com a Drina.

Sem saber, Haven põe o dedo bem no centro da minha ferida. Olho torto para Damen, fulminando-o. Embora a amizade de Haven com Drina pareça obra do acaso, tenho certeza de que não é. Não consigo deixar de achar que Damen, de algum modo, está metido nesta história.

Mas ele nem sequer repara em minhas reações: subitamente toma o braço de Haven e examina a tatuagem inflamada no pulso.

— O que é isto aqui? — pergunta sério, controlando a voz, mas sem conseguir esconder certa preocupação.

Haven, no entanto, recolhe o braço com um gesto brusco e cobre a tatuagem com a mão.

— Não é nada — diz, visivelmente irritada. — A Drina já me deu um negócio aí pra usar, uma espécie de pomada. Falou que demora uns três dias pra ficar bom.

— Essa *pomada*... estaria aí com você? — pergunta Damen, agora nitidamente preocupado.

— Não. — Haven faz que não com a cabeça, já à porta. — Deixei em casa. Caramba, que foi que deu em vocês, afinal? Mais alguma pergunta? — Ela olha alternadamente para nós dois, a aura flamejando em tons fortes de vermelho. — Detesto ser interrogada desta maneira! Só passei aqui porque achei que vocês iam querer saber da Evangeline, mas, pelo visto, estão mais preocupados com minha tatuagem e em fazer comentários estúpidos que com a morte dela! Querem saber? Fui. — Haven sai pisando firme de volta ao carro, ignorando meus chamados.

O que será que aconteceu com minha amiga? Faz dias que anda assim, irritadiça, distante. Desde que conheceu essa tal de Drina nem a reconheço mais.

Ela entra no carro, bate a porta e sai de ré.

— Perfeito! — digo a Damen. — Evangeline morreu, Haven está com ódio de mim... e você me deixou sozinha numa caverna! Espero que pelo menos tenha pegado umas ondas *iradas*! — Cruzo os braços e balanço minha cabeça negativamente.

— Pra falar a verdade, fiz isso, sim — ele responde sem titubear. — E quando voltei à caverna você não estava mais lá. Vim correndo pra cá.

Olho pra ele desconfiada, comprimo os lábios. Mal acredito no que acabo de ouvir.

— Sinto muito, mas essa eu não vou engolir. Catei você por toda parte, mas só vi dois surfistas na água. Dois surfistas *louros*! Portanto, nenhum deles era você.

— Ever, olhe para mim. Preste *bastante* atenção no meu estado. Como você acha que fiquei assim?

Dou uma olhada nele e percebo os cabelos molhados, a roupa de neoprene ainda pingando água no chão.

— Mas eu olhei! Andei pra todo lado naquela praia, procurei de *uma ponta à outra*! — exclamo, certa do que vi. Ou, neste caso, do que *não* vi.

Damen nem se abala.

— Ever... Nem sei o que dizer, mas não abandonei você. Estava surfando. *Juro*. Agora, será que dá pra você me buscar uma toalha? E um pano de chão?

Vamos para o quintal, de modo que ele possa lavar sua roupa de surfar. Enquanto ele faz isso, deito numa das espreguiçadeiras, observando-o. Apesar de todas as minhas certezas, não é impossível que eu tenha bobeado em algum momento. Tipo, a tal enseada *era* bem grande. E eu estava muito, *muito* irritada.

— Então, como foi que você ficou sabendo da morte da Evangeline? — pergunto, observando-o esticar a roupa no bar da piscina. Não pretendo deixar barato. — E que história é essa com a Drina, a Haven e aquela tatuagem medonha? E, só pra constar: ainda não engoli essa história de que você estava surfando. *Sério*. Porque, acredite, procurei por toda parte, mas você não estava em lugar *nenhum*.

Damen se vira para mim, mas não responde. Encarando-me por trás dos cílios fartos e compridos, com seu corpo perfeito embrulhado apenas em uma toalha, caminha em minha direção com passos tão graciosos e firmes quanto os de um gato selvagem.

— A culpa é toda minha — diz afinal, assentindo com a cabeça ao se sentar a meu lado, tomando minha mão nas dele, largando-a pouco depois. — Não sei até que ponto estou... — Só então levanta os olhos, mostrando neles uma tristeza que eu jamais julgaria possível. — Talvez fosse melhor a gente...

— Você está... *terminando comigo*, é isso? — pergunto sussurrando, quase sem ar nos pulmões, um balão subitamente esvaziado. Todas as minhas suspeitas agora se confirmam: Drina, a praia... *tudo*.

— Não, não é isso. É que... — Virando o rosto, ele deixa tanto a frase quanto a mim em suspenso.

E quando fica claro que Damen não tem a menor intenção de continuar, digo:

— Olha, seria ótimo se você parasse de falar em código e concluísse pelo menos uma frase, explicando que diabos está acontecendo. Até agora só sei que a Evangeline morreu, que o pulso da Haven está quase apodrecendo de tão inflamado, que você me abandonou numa caverna porque não conseguiu o que queria e que agora está me dando um fora. — Olhando para ele, fico esperando que a qualquer momento Damen vá dar uma explicação razoável para todos esses fatos e mostrar que não há nenhuma relação entre eles. Ao contrário do que sugere minha intuição.

Ele fica mudo por um tempo, olhando para a piscina, mas finalmente levanta o rosto e diz:

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Demorou tanto para responder que fico na dúvida se devo acreditar ou não. Ele respira fundo e continua:

— Encontraram a Evangeline no cânion de Malibu. — Agora ele está aparentemente mais seguro do que está dizendo, visivelmente relaxado e controlado. — Eu estava vindo pra cá quando ouvi no rádio. Quanto ao pulso da Haven, está inflamado, sim, mas isso costuma acontecer com tatuagens. — Neste instante ele desvia o olhar, e eu sinto um frio na espinha só de pensar no que está por vir, na parte que me caberá. Antes de prosseguir, no entanto, ele toma minha mão e, com a pontinha do

indicador, vai redesenhando as linhas da palma. — A Drina pode ser uma pessoa carismática, envolvente; talvez por isso a Haven, que é meio perdida na vida, tenha se encantado tanto por ela. Achei que você fosse ficar feliz, pois sua amiga largou do meu pé pra pegar no da Drina. — Ele aperta meus dedos e abre um sorriso. — Agora não há ninguém entre nós.

— Mas talvez haja *algo* entre nós — retruco, quase sussurrando. Sei que deveria estar mais preocupada com a morte da Evangeline e com o pulso da Haven, mas a esta altura não consigo pensar em nada além deste rosto bronzeado à minha frente, deste olhar profundo, destes lábios que me puxam feito um par de ímãs. Meu sangue ferve nas veias.

— Ever, não abandonei você naquela caverna. Jamais forçaria você a fazer algo contra a própria vontade. Acredite em mim. — Ele toma meu rosto entre as mãos e, roçando a boca na minha, diz: — Sei esperar.

vinte e dois

Haven se recusava a atender nossas ligações, mas conseguimos falar com Miles. Depois que o convencemos a nos encontrar após o ensaio, ele apareceu com Eric, e passamos uma noite deliciosa, nós quatro, comendo, nadando e vendo filmes *trash* de terror. Foi ótimo estar na companhia de amigos de uma forma tão relaxante. *Quase* me esqueci de Riley, Haven, Evangeline, Drina e da praia.

Quase não percebi a expressão distante no rosto de Damen sempre que ele achava estar sozinho.

Quase ignorei a tensão que ele tão habilmente tentava esconder.

Quase, mas não totalmente.

E embora eu tenha deixado bastante claro que Sabine estava fora da cidade e que ele poderia passar a noite aqui se quisesse, Damen se mandou sorrateiramente assim que peguei no sono.

Então, quando ele apareceu à minha porta hoje de manhã com café, muffins e um sorriso no rosto, confesso que fiquei um tanto aliviada.

Ligamos de novo para o celular da Haven, deixamos mais de um recado, mas ninguém precisa de poderes mediúnicos para saber que ela não quer falar com a gente. Então ligamos para a casa dela e falamos com Austin, que diz não ter a menor ideia de por onde anda a irmã mais velha. Não tenho motivo algum para duvidar dele.

Passamos o dia quase todo na piscina, e já estou discando para pedir mais uma pizza quando Damen toma o celular de minha mão e diz:

— Sou eu quem vai fazer o jantar.

— Você sabe cozinhar? — pergunto. Nem sei por que estou surpresa, pois até agora não vi nada que Damen não fosse capaz de fazer, e bem.

— É você quem vai dizer — ele responde sorrindo.

— Precisa de ajuda? — ofereço, muito embora meus dotes culinários se resumam a ferver água e despejar leite no cereal.

Ele faz que não e vai para o fogão. Subo para tomar banho e trocar de roupa. Assim que ele me chama para dizer que o jantar está pronto, eu desço. Fico impressionada quando chego à sala e deparo com a mesa toda posta com a melhor toalha, a melhor louça e os melhores talheres da Sabine, além de velas e um vaso de cristal repleto de... tulipas vermelhas, quem diria?

— *Mademoiselle* — ele diz, com entonação e sotaque perfeitos, e puxa uma cadeira para mim, sorrindo.

— Não acredito no que estou vendo! — exclamo, admirada com a quantidade de pratos alinhados, com tanta comida à frente, o que me fez pensar que estaríamos esperando mais gente.

— Só para você — ele sorri, respondendo à pergunta que sequer tive tempo de fazer.

— Só pra mim? E você, não vai comer?

Damen serve meu prato com legumes perfeitamente cozidos, carne grelhada e um molho tão diferente que nem sei o que é.

— Claro que vou — responde sorrindo. — Mas fiz pensando sobretudo em você. Uma garota não pode viver só de pizza, não é?

— Não tenha tanta certeza disso — digo rindo, dando uma garfada na carne suculenta.

Ao longo do jantar, noto mais uma vez que Damen mal toca na comida. Aproveito a oportunidade

para fazer as perguntas que sempre tive vontade de fazer, mas das quais sempre acabo me esquecendo no momento em que ele olha para mim. Questões sobre a família, a infância, as inúmeras mudanças de cidade, a emancipação. Em parte porque tenho curiosidade de saber, mas em especial porque acho estranho namorar alguém sobre quem sei tão pouco. E quanto mais falamos, mais fico surpresa com a quantidade de semelhanças entre nossas vidas. Por exemplo, ambos somos órfãos, embora Damen tenha perdido os pais bem mais cedo que eu. Ele não dá muitos detalhes sobre nada, mas também não sou lá das mais falantes quando o assunto é o passado. Portanto, não insisto.

— Então, entre todas essas cidades, de qual você mais gostou? — pergunto, o prato já vazio à minha frente, nem uma migalha para contar a história. Sinto aquela preguicinha gostosa de quem está de barriga cheia.

— Desta aqui — ele responde sorrindo. Damen não comeu praticamente nada, mas se saiu muito bem revirando a comida.

Aperto os olhos, sem acreditar mesmo nele. Tudo bem, Orange County até que é legal, mas nem de longe se compara com as grandes cidades europeias, *certo*? Percebendo minha cara de espanto, Damen diz:

— Juro, sou muito feliz aqui!

— Por acaso você não era feliz em Roma, Paris, Nova Délhi ou Nova York?

Ele sacode os ombros, novamente estampando no olhar aquela tristeza misteriosa, dando mais um gole em sua estranha bebida vermelha.

— Isso aí que você está bebendo, o que é? — pergunto.

— Isto aqui? — Ele sorri, levantando a garrafa para que eu veja melhor. — Segredo de família. — Ele rodopia o recipiente duas ou três vezes, e o líquido parece cintilar ou faiscar à medida que bate no vidro, parecendo uma estranha mistura de vinho, sangue e pó de diamante.

— Posso provar? — Nem sei se quero mesmo colocar isso na boca, mas estou curiosa.

Damen faz que não com a cabeça.

— Você não vai gostar. Parece remédio. Talvez porque seja mesmo remédio.

Meu estômago embrulha enquanto olho para ele, e começo a pensar numa série de doenças terríveis e graves, dessas que não curam nunca. *Eu sabia que ele era bom demais para ser verdade*, penso.

— Mas não precisa se preocupar — ele diz rindo, e toma minha mão. — É que às vezes fico meio sem energia, e isto aqui ajuda.

— Mas você compra onde? Na farmácia? — Procuro por um rótulo na garrafa, qualquer informação que me dê uma pista, mas não encontro nada.

— Já disse, receita de família. — Damen sorri, dá seu último gole na bebida e se levanta da mesa, seu prato ainda cheio. — Que tal um mergulho agora? — sugere.

— Mas a gente não tem de esperar uma hora depois de comer?

Ele ri e me puxa pela mão.

— Não se preocupe. Não vou deixar você se afogar.

Já que havíamos passado a tarde inteira na piscina, decidimos tomar um banho de jacuzzi, em vez de nadar. Mas quando nossos dedos começam a enrugar feito ameixas secas, saímos da água e, embrulhados em toalhas enormes, subimos para meu quarto.

Damen me segue até o banheiro. Assim que jogo a toalha molhada no chão, ele se aproxima por

trás e me abraça, com tanta força, que nossos corpos por pouco não se fundem. E quando sinto os lábios dele em minha nuca, sei que é preciso esclarecer alguns pontos enquanto meu cérebro ainda está funcionando.

— Hmm, você pode ficar se quiser — falo baixinho, afastando-me e sentindo as bochechas queimarem de vergonha quando ele me encara com um olhar de quem está se divertindo com a situação. — Eu *quero* que você fique. Só que... sei lá, acho que a gente não devia... *você sabe*, né?

Caramba, onde será que eu estou com a cabeça? Alô-ou! É claro que ele sabe! Quantas vezes amarelei na última hora e tirei o time de campo, como aconteceu na caverna? Se liga, garota! O que você está fazendo? Qualquer pessoa da sua idade mataria por uma oportunidade dessas, um fim de semana inteiro sem nada para fazer, só de bobeira, sem pai nem mãe por perto, nem ninguém para segurar vela! E no entanto lá vem você, estabelecendo um monte de regras bobas, sem nenhum motivo pra...

Damen coloca um dedo sob meu queixo e ergue meu rosto em direção ao seu.

— Ever, por favor. A gente já conversou sobre isso — sussurra, colocando meus cabelos por trás de minhas orelhas, logo encostando os lábios em meu pescoço. — Não estava brincando quando disse que sei esperar. Já esperei tanto tempo para encontrar você... Posso esperar mais ainda.

Com o corpo quentinho de Damen enroscado ao meu, com o sopro da respiração dele em minha nuca, em dois minutos pego no sono. De início achei que fosse ficar incomodada em dormir na presença dele; bobagem, saber que ele está por perto é justamente o que me faz relaxar.

Mas quando acordo às três e quarenta e cinco e vejo que ele não está na cama, jogo as cobertas para o lado e corro até a janela, relembrando cada minuto do episódio na caverna enquanto procuro pelo carro dele na rua, ficando surpresa ao perceber que ainda está no mesmo lugar.

— Procurando por mim?

Viro para trás e deparo com Damen à porta do quarto. Meu coração dispara, o rosto enrubesce feito um pimentão.

— Ah, você está aí... É que... bem, rolei na cama e você não estava ao meu lado, então... — balbucio, sentindo-me ridícula, vergonhosamente encabulada pela carência.

— Desci para beber um copo d'água — ele explica sorrindo e me puxa de volta para a cama.

Mas quando me deito, acidentalmente passo a mão pelo lado em que ele estava dormindo e sinto o lençol frio, abandonado, como se há muito tempo não houvesse alguém ali.

Quando acordo pela segunda vez, vejo que estou novamente sozinha. Mas, ao ouvir barulhos na cozinha, visto meu roupão e desço para averiguar.

— Faz tempo que você se levantou? — pergunto, admirada com a cozinha imaculadamente limpa, a bagunça de ontem substituída por uma infinidade de pãezinhos e roscas diferentes que com certeza não brotaram por geração espontânea nos armários.

— Sou madrugador — responde Damen. — Achei melhor limpar a cozinha antes de passar no supermercado. Talvez tenha exagerado um pouco, mas não sabia o que você iria querer. — Ele sorri, contorna a bancada e vem me dar um beijo no rosto.

Dou um gole no suco de laranja que ele colocou à minha frente.

— Quer um pouco? — pergunto. — Ou você ainda está de jejum?

— Jejum, eu? — Ele arqueia as sobrancelhas e me encara.

Eu reviro os olhos.

— Poxa, Damen, você come como um passarinho. Só bebe esse seu... remédio e fica empurrando a comida no prato, pra lá e pra cá. Perto de você eu me sinto uma porca.

— Ah, é? Então olhe só para isto. — Sorrindo, ele pega um donut, crava os dentes no glacê e arranca um bom pedaço, mas demora uma eternidade para mastigá-lo.

Dou de ombros e olho pela janela, ainda desacostumada com o clima da Califórnia, uma sucessão aparentemente interminável de dias lindos, muito embora o inverno já esteja para começar.

— Então, o que a gente vai fazer hoje? — pergunto, virando-me para ele.

Damen confere as horas no relógio e depois olha para mim.

— Preciso ir daqui a pouco — diz.

— Mas a Sabine só vai voltar mais tarde! — resmungo, odiando a forma como minha voz parece a de uma menina mimada e carente e o frio no estômago que sinto quando vejo Damen tirar do bolso as chaves do carro.

— Tenho umas coisas para fazer em casa. Sobretudo se você quiser me ver na escola amanhã — ele diz, e se aproxima para afagar com os lábios minha nuca, minha orelha, meu rosto...

— Ah, sim, a escola... A gente ainda frequenta? — brinco. Por sorte não entro na pilha de ficar pensando nas consequências que virão depois de tantas aulas matadas.

— Você é a única pessoa que acha importante essa parada de escola. Por mim, todo dia seria sábado.

— Mas aí o sábado viraria um dia como outro qualquer, sem nada de especial — argumento e dou uma mordida no donut. — E a vida seria uma chatice, sem nada pra fazer, nenhum objetivo pra alcançar, só um ócio maçante e interminável. Depois de um tempo, não seria tão bom assim.

— Não tenha tanta certeza disso.

— Mas e aí? Que "coisas" misteriosas são essas que você tanto precisa fazer em casa? — pergunto, curiosa para saber um pouco mais da rotina dele, daquilo que ele normalmente faz quando não está comigo.

— Hmm... *coisas* — ele responde rindo, sem conseguir esconder certa pressa para sair.

— Bem, talvez eu possa... — Mas antes que eu consiga terminar a frase ele faz que não com a cabeça.

— Esqueça — ele logo diz. — Você *não* vai lavar minhas roupas. — Damen muda o peso do corpo de uma perna para a outra como se estivesse se aquecendo para uma corrida.

— Mas quero ver onde você mora. Nunca estive na casa de um emancipado antes, estou curiosa. — Apesar de minha tentativa de soar despreocupada, mais uma vez dou uma de criancinha carente.

Damen faz que não com a cabeça e olha para a porta como se precisasse dela para viver.

Tudo bem, sei que já é hora de jogar a toalha, mas não resisto a uma última tentativa:

— Mas *por quê*? — pergunto, ansiosa por uma explicação qualquer.

Damen olha para mim, tenso, e diz:

— Porque minha casa está uma bagunça. Um pandemônio. Não quero que você veja e faça uma ideia errada de minha pessoa. Além disso, não vou ter cabeça para arrumar nada com você por perto, né? Você só me distrai. — Ele sorri, mas obviamente está falando da boca para fora, pois os olhos, impacientes, estão dizendo outra coisa. — A gente se fala hoje à noite. — Ele dá as costas e sai rumo à porta da cozinha.

— E se eu quiser segui-lo, você vai fazer o quê?

Meu risinho nervoso evapora tão logo ele se vira para dizer:

— Não me siga, Ever.

Assim que Damen vai embora, pego o celular e ligo para Haven, que mais uma vez não atende. Desta vez nem me dou o trabalho de deixar um recado. Já deixei um milhão deles; ela que me ligue se quiser. Portanto, depois de tomar um banho, vou para a escrivaninha, determinada a colocar os estudos em dia. Mas não vou muito longe, pois meus pensamentos voltam para Damen e suas misteriosas esquisitices, as quais não posso mais ignorar.

Tipo: como é que ele sempre sabe o que estou pensando, sendo que eu, com toda a minha mediunidade, não consigo captar absolutamente nada da cabeça dele? Como, em apenas dezessete anos de vida, ele teve tempo de morar em tantos lugares diferentes e aprender tanta coisa, como arte, futebol, surfe, culinária, literatura, história e o diabo a quatro? E a rapidez com que ele se move, literalmente formando um borrão no ar? E as rosas, as tulipas, a caneta mágica? Sem falar no fato de em uma hora ele falar como um garoto de sua idade mas depois se transformar num Darcy, ou num Heathcliff ou qualquer outro personagem das irmãs Brontë. E aquele dia em que ele se desviou de Riley como se a tivesse visto? E a aura dele, cadê? E essa Drina, que também não tem aura? E, por falar nela, tenho *certeza* de que Damen está me escondendo algo sobre a relação que os dois têm. E agora, para completar, não quer que eu vá até a casa dele.

Mesmo depois que a gente dormiu junto.

Tudo bem, a gente só *dormiu*, mas ainda assim acho que mereço resposta para algumas de minhas perguntas, senão todas. Não vou chegar ao ponto de invadir a escola para bisbilhotar o registro dele, mas... conheço alguém que faria isso por mim.

Só não sei se devo envolver Riley nesta história. Além disso, não faço a menor ideia de como invocá-la, já que nunca precisei fazer isso antes. Será que devo, assim, chamar por ela? Acender uma vela? Fechar os olhos e fazer um pedido?

Acender vela, não, seria sinistro demais. Portanto, vou para o centro do quarto, aperto os olhos com bastante força e digo:

— Riley? Riley, se você estiver ouvindo... preciso muito falar com você. Na verdade, preciso de um pequeno favor. Mas se você não quiser ajudar, tudo bem, vou entender. Não vou ficar bolada com você, porque sei que é meio estranho. Olha, estou me sentindo meio pateta aqui, falando comigo mesma, então, se você estiver ouvindo, será que pode mandar algum tipo de sinal?

E quando Kelly Clarkson começa a berrar em meu aparelho de som, cantando a música que Riley sempre costumava cantar, abro os olhos e dou de cara com minha irmã, bem à minha frente, rindo histericamente.

— Poxa, Ever, você estava a um segundo de fechar a cortina, acender uma vela e buscar o tabuleiro Ouija!

— Ai, estou me sentindo uma idiota — digo, roxa de vergonha.

— Era o que você parecia, *mesmo* — ela diz às gargalhadas. — Então, deixe eu ver se entendi direito: você quer que sua irmãzinha aqui espione seu namorado, é isso?

— Como você sabe? — pergunto assustada.

— Ah, me poupe. — Riley revira os olhos e se esborracha na cama. — Por acaso você acha que é a única aqui que consegue ler pensamentos?

— E como você sabe *disso*? — digo, já um tanto nervosa. Que mais será que ela sabe?

— Foi a Ava que contou. Mas não fique brava, tá? Porque isso explica muito do *estilo* equivocado que você tem vestido ultimamente.

— E esse seu estilo equivocado aí? — pergunto, apontando para o modelito *Guerra nas Estrelas* com que ela apareceu hoje.

Mas Riley simplesmente dá de ombros e diz:

— Então, você quer ou não quer saber onde seu namorado mora?

Vou para a cama e me sento ao lado dela.

— Honestamente? Estou meio na dúvida. Quer dizer, claro que eu quero saber onde ele mora, mas não sei se é certo meter você nesta história.

— Mas... e se eu já soubesse? — ela diz, movendo as sobrancelhas.

— Não me diga que você andou bisbilhotando a escola? — pergunto, pensando no que mais ela teria feito no tempo em que ficamos sem nos ver. Mas ela apenas ri.

— Fiz muito melhor. Segui o cara até a casa dele.

— Quando? Como?

Ela balança a cabeça, impaciente.

— Até parece que eu preciso de um carro pra ir aonde me dá na telha, né, Ever? Além do mais, sei que você está toda apaixonadinha aí. Até entendo, porque o cara, vamos combinar, não é de jogar fora. Mas... lembra aquele dia em que ele deu a impressão de ter me visto?

Faço que sim com a cabeça. Afinal, como poderia me esquecer de um fato desses?

— Então, também achei muito estranho. Portanto, resolvi fazer uma pequena investigação.

— E aí? — pergunto, morta de curiosidade.

— *E*... bem, não sei direito como dizer, espero que você não me interprete mal. Mas esse tal de Damen... sei lá, ele é um tanto estranho. Quer dizer, o cara mora numa mansão enorme em Newport Coast, o que já é bastante esquisito pra alguém da idade dele. Porque, bem, como foi que ele conseguiu tanta grana? O cara nem trabalha!

Imediatamente me lembro daquele dia no hipódromo. Mas acho melhor não tocar no assunto.

— Mas isso nem é o mais estranho — continua Riley. — O mais esquisito de tudo é que a casa está completamente *vazia*! Não tem nenhuma cadeira, nenhuma mesa, nada.

— Coisa de homem, né? — digo, apesar de não ver motivo algum para defender Damen.

— Sim, mas não deixa de ser muito estranho. A única mobília que ele tem consiste em uma televisão de tela plana e um daqueles suportes de parede pra colocar o iPod. Sério. Mais nada. E, acredite, andei pela casa inteira. Quer dizer, menos num quarto lá, que estava trancado.

— E desde quando você precisa destrancar a porta pra entrar em algum lugar? — Afinal, até paredes a garota pode atravessar quando quer.

— Acredite, não foi a porta trancada que me impediu de entrar. Eu mesma *me* travei. Caramba, Ever, não é porque estou morta que não posso sentir medo.

— Mas... não tem tanto tempo assim que ele se mudou pra cá — digo, mais uma vez fabricando desculpas feito uma boboca codependente da pior espécie. — Talvez não tenha tido tempo pra comprar móveis e tudo mais. Talvez por isso não quisesse que eu fosse lá, que visse a casa do jeito que está. — Repassando mentalmente o que havia acabado de dizer, não tive como não pensar: *Caramba, meu caso é mais grave do que eu pensava*.

Riley balança a cabeça, impaciente, e olha para mim como se estivesse prestes a revelar, de uma tacada só, toda a verdade sobre Papai Noel, o Coelhinho da Páscoa e a Fada dos Dentes. Mas desiste

e diz:

— Talvez você devesse ir lá pra ver com os próprios olhos.

— Como assim? — pergunto, certa de que ela está escondendo algo.

Mas Riley nada diz: apenas se levanta da cama, vai para o espelho e, com muitas caras e bocas, ajeita a fantasia.

— Riley? — digo, determinada a descobrir o porquê de tanto mistério.

— Olhe — ela diz finalmente, virando-se para mim. — Talvez eu esteja enganada. Sei lá, sou apenas uma pré-adolescente, não tenho muita experiência. E provavelmente não é nada, mas...

— *Mas...*

Ela respira fundo.

— Ainda acho que você devia ver com os próprios olhos.

— E como é que a gente chega lá? — pergunto, já pegando as chaves do carro.

— A gente, vírgula. Tire essa ideia da cabeça. Tenho certeza de que ele pode me ver.

— Pode *me* ver também, Riley, esqueceu-se disso?

Mas ela finca o pé e diz:

— Nem pensar. Posso desenhar um mapa se você quiser.

Riley não é lá a melhor das cartógrafas; então, em vez de desenhar um mapa, faz uma lista das ruas pelas quais devo seguir e indica onde devo virar à direita ou à esquerda, pois sempre me confundo com essa história de Norte, Sul, Leste e Oeste.

— Tem certeza de que não quer vir comigo? — insisto, pegando a bolsa e saindo rumo ao corredor.

Ela faz que sim com a cabeça e desce as escadas atrás de mim.

— Ei, Ever.

Eu me viro.

— Você bem que podia ter me contado sobre sua mediunidade. Se eu soubesse, não teria zoado você tanto por causa de suas roupas.

— E você, pode mesmo ler minha mente? — pergunto, já à porta do hall.

— Só quando você tenta se comunicar comigo — ela responde, sorrindo. E explica: — Deduzi que cedo ou tarde você iria querer que eu espionasse seu namorado. Mas Ever...

De repente, ela fica séria, aparentemente preocupada. Viro-me novamente em sua direção.

— Olhe, Ever... Se eu sumir por uns tempos... não é porque estou chateada com você, tentando puni-la nem nada assim, tá? Prometo que vou continuar dando uns pulinhos aqui, só pra saber se está tudo bem e tal. Mas devo ficar um tempinho sem aparecer. Acho que vou andar meio ocupada.

Sinto um frio na barriga, o pânico ameaçando chegar.

— Mas *vai* aparecer de novo, não vai?

— Claro que vou. Só que... bem, prometo voltar, só não posso dizer quando — ela diz, e abre um sorriso visivelmente forçado.

— Você não está pensando em me abandonar, está? — Prendo a respiração, aflita, e só solto o ar quando vejo Riley negar com a cabeça. — Ótimo. Então... boa sorte!

Minha vontade é abraçar minha irmã e convencê-la a ficar, mas, sabendo que não posso, sigo adiante e entro no carro.

vinte e três

Damen mora em um condomínio fechado. Detalhe que Riley se esqueceu de contar. Talvez porque um enorme portão de ferro e um pequeno batalhão de seguranças uniformizados não sejam nenhum obstáculo para ela. Então, para mim também não vão ser.

Sorrindo para a moça à portaria, abro a janela do carro e digo:

— Bom-dia. Meu nome é Megan Foster. Jody Howard está me esperando.

Ela confere a tela do computador e procura pelo nome que acabei de ver na terceira linha da lista de pessoas com permissão para entrar.

— Deixe isto em sua janela — diz e sai da cabine para me entregar um crachá amarelo com a palavra VISITANTE e a data escritas. — Só um lembrete: é proibido estacionar no lado esquerdo das ruas; pare apenas no direito.

Atravesso o portão e sigo adiante, rezando para que ela não note quando passo direto pela rua de Jody, seguindo para a casa de Damen.

Estou quase no topo de uma colina quando leio o nome seguinte em minha lista de ruas e dobro duas vezes à esquerda, chegando ao final do quarteirão. Só quando estaciono o carro é que percebo a loucura que acabei de fazer.

Quer dizer, que espécie de psicopata eu sou? Quem, em sã consciência, pensaria em convocar a irmã morta para espionar seu namorado? Por outro lado, minha vida não tem nada nem remotamente normal; então, por que meus relacionamentos seriam diferentes?

Ainda no carro, procuro acalmar a respiração, apesar das cambalhotas que meu coração dá e do suor que encharca minhas mãos. E quando observo a limpa, organizada e abastada vizinhança, percebo que não poderia ter escolhido dia pior para me infiltrar no maldito condomínio.

Em primeiro lugar, o dia está lindo e ensolarado, o que significa que as pessoas estão todas fora de casa: pedalando na rua, passeando com o cachorro ou trabalhando no jardim. Assim fica difícil espionar. Além do mais, como até agora só me preocupei em chegar aqui, não tenho a menor ideia sobre o que fazer em seguida; em nenhum momento arquitetei um plano.

Não que isso vá fazer alguma diferença. Quer dizer, na pior das hipóteses, o que pode acontecer? Damen me pega no flagra e confirma que sou uma louca? Depois do ataque de carência que dei hoje na cozinha ele decerto já sabe disso.

Finalmente desço do carro e sigo para a casa dele, a última de uma rua sem saída com palmeiras e gramados impecáveis. Mas procuro não dar nenhuma bandeira do que estou fazendo: ando com a maior naturalidade do mundo, como se tivesse todo o direito de estar aqui, e de repente me vejo diante da enorme porta dupla de Damen, sem saber o que fazer.

Dou um passo para trás e examino as janelas. Todas estão fechadas. E mesmo sem saber o que vou dizer, crio coragem, toco a campainha, controlo a respiração e espero alguns minutos.

Nenhuma resposta, então toco outra vez. Nada. Tento a maçaneta, mas a porta está trancada. Então volto à rua, contorno a casa e, olhando ao redor para ver se não há vizinhos por perto, entro pelo portão lateral que dá para os fundos.

Esgueirando-me junto das paredes, mal olhando para a piscina com cascatas, ou para o jardim, vou direto para uma porta de vidro, que, obviamente, também está trancada.

Estou a ponto de desistir e voltar para casa quando ouço uma vozinha na cabeça, dizendo: *A janela, perto da pia*. Na mosca: a tal janela está entreaberta, o bastante para que eu passe os dedos pela fresta e termine de abri-la.

Apoio minhas mãos no peitoril e uso toda a minha força para subir e me pôr para dentro. Agora é oficial: invadi a casa de Damen.

Sei que não devo continuar. Não tenho nenhum direito de fazer isto. O mais correto seria dar o fora daqui e voltar correndo para o carro, retornar à segurança e ao aconchego de minha própria casa enquanto é tempo. Mas a mesma vozinha de antes insiste em que eu continue, e, uma vez que cheguei até aqui, vamos lá, vejamos onde isso vai dar.

Dou uma olhada pela cozinha, ampla e vazia; pelo escritório, vazio também; pela sala de jantar, sem mesa nem cadeiras; pelo banheiro, com apenas um sabonete e uma toalha preta, e durante todo esse tempo fico pensando que Riley estava coberta de razão: o lugar está totalmente vazio, mas de um jeito diferente; parece abandonado, chega a dar arrepios. Nenhum livro, nenhuma foto, nenhum objeto pessoal. Nada além do assoalho de madeira escura, das paredes brancas, dos armários vazios e de uma geladeira repleta daquele líquido estranho que Damen está sempre bebendo. Na sala de televisão, vejo a TV de tela plana que Riley mencionou, uma poltrona reclinável que ela não mencionou, além de uma pilha grande de DVDs estrangeiros cujos títulos não sei traduzir. Em seguida, paro ao pé da escada, e mais uma vez cogito ir embora, acreditando já ter visto mais que o suficiente. Mas acabo cedendo ao inexplicável impulso de subir.

Apoio-me no corrimão e levo um susto logo no primeiro degrau, que range sob meus pés — um rangido estridente e inusitadamente alto, em razão do espaço vazio. Mesmo assim sigo adiante e, chegando ao andar de cima dou de cara com a tal porta que Riley encontrou trancada. Mas que agora está entreaberta.

Insegura, fico esperando que a vozinha em minha cabeça dê alguma dica sobre o que fazer, mas só o que ouço é o coração retumbar enquanto empurro a porta à minha frente. E ele por muito pouco não vem à boca quando vejo o que está do outro lado: um cômodo de tal modo requintado e grandioso que parece ter vindo direto do Palácio de Versalhes.

Ainda à porta, lentamente corro os olhos pelo cenário ao meu redor: as finas tapeçarias nas paredes, os tapetes antigos, os lustres de cristal, os candelabros dourados, as pesadas cortinas de seda, o sofá de veludo, a mesa de tampo de mármore, os livros antigos em cima dela. Nos lambris das paredes, uma infinidade de quadros com moldura folheada a ouro, todos retratando Damen em trajes de diferentes séculos. Num desses quadros, ele monta um cavalo branco, espada de prata à cintura, e veste exatamente a mesma casaca com que apareceu na festa de Halloween.

Aproximando-me para ver melhor, examino o ombro da casaca em busca do furo que, na festa, em tom de brincadeira, ele atribuiu ao fogo de artilharia. Fico aterrorizada por localizar o pontinho esgarçado no pano. Pasmada, perguntando a meus botões que truque endiabrado poderia ser esse, deslizo os dedos pela tela até alcançar a pequena placa de bronze logo abaixo dela:

DAMEN AUGUSTE ESPOSITO, MAIO DE 1775

No quadro ao lado, meu coração dispara quando vejo um Damen sério, embrulhado num terno escuro e sóbrio, cercado de pinceladas azuis, a placa informando:

DAMEN AUGUSTE, RETRATADO POR PABLO PICASSO EM 1902

E no seguinte, espirais de textura grossa formam a silhueta de

DAMEN ESPOSITO, RETRATADO POR VINCENT VAN GOGH

E por aí vai: as quatro paredes estão inteiramente cobertas por retratos de Damen, sempre assinados por grandes mestres da pintura.

De joelhos bambos e olhos arregalados, afundo meu corpo no sofá de veludo, tonta com a infinidade de explicações que tento fabricar, cada uma mais ridícula que a outra. Depois de um tempo, pego o livro mais próximo e abro na primeira página, em que se lê:

Para Damen Auguste Esposito.

Assinado por William Shakespeare.

Jogo o livro no chão e pego o seguinte, *O morro dos ventos uivantes, dedicado a Damen Auguste* e assinado por Emily Brontë.

Todos os livros estão dedicados a *Damen Auguste Esposito*, ou *Damen Auguste*, ou apenas *Damen*. Todos assinados por autores já mortos há mais de um século.

Com o coração batendo a mil e as mãos trêmulas, fecho os olhos e procuro trazer a respiração de volta ao normal, dizendo a mim mesma que tudo não passa de uma grande brincadeira, que Damen é um maluco fanático por história, um colecionador de antiguidades, um falsificador que exagerou na dose. Talvez esses quadros façam parte de um patrimônio de família, passado de geração a geração ao longo dos anos, herdado por avôs, bisavôs e tataravôs homônimos de Damen e fisicamente muito parecidos com ele.

Mas quando olho novamente em torno de mim, o frio que sinto na espinha me coloca frente a frente com a verdade incontestável: esses quadros e objetos não são meras antiguidades de um colecionador, muito menos simples heranças. São objetos pessoais de Damen, o tesouro que ele vem colecionando ao longo dos anos.

Ainda tonta e trêmula, levanto do sofá e volto cambaleando para o corredor, sentindo-me agitada, instável, louca para sair daquele quarto sinistro, daquele mausoléu sufocante e repulsivo, daquela casa medonha que mais parece uma cripta. Minha vontade é de ficar o mais longe possível daquele lugar e nunca mais, sob hipótese alguma, colocar os pés ali outra vez.

Mas assim que desço as escadas ouço um grito estridente e assustador, seguido de um gemido longo e abafado. Sem pensar, corro de volta para o andar de cima, seguindo na direção do som até o final do corredor, e irrompo no último quarto, onde encontro Damen esparramado no chão, as roupas rasgadas e o rosto salpicado de sangue, enquanto Haven se debate e geme sob o peso do corpo dele.

— Ever! — ele grita e rapidamente fica de pé, empurrando-me para trás quando começo a chutar, a esmurrar e a morder, numa tentativa desesperada de alcançar minha amiga.

— O que você fez com ela? — grito. Olhando para os dois, noto o rosto pálido de Haven, os olhos revirando na órbita, e percebo que não tenho tempo a perder.

— Ever, fique calma, por favor — ele diz, tranquilo e seguro demais para alguém que acabou de cometer uma atrocidade qualquer.

— *O QUE VOCÊ FEZ COM ELA?* — berro outra vez, redobrando a força dos chutes e dos murros, esperneando e usando toda a força que consigo, mas não sou páreo para Damen. Ele me segura com

apenas uma das mãos enquanto se defende com a outra, sem ao menos piscar.

— Ever, por favor, deixe-me explicar — diz, desviando-se de meus chutes furiosos.

Vendo minha amiga estatelada no chão, sangrando profusamente, contorcendo-se de dor, tenho um estalo e me dou conta: *por isso ele não queria que eu viesse aqui!*

— Não é nada disso. Você está completamente equivocada. Tudo bem, eu não queria que você visse isto, mas não é o que você está pensando.

Damen me ergue no ar como se tivesse nas mãos uma boneca de pano; apesar de meus golpes incessantes, não exibe no rosto uma única gota de suor.

Mas estou pouco me lixando para ele. Aliás, para mim também. Só quero saber da Haven, cujos lábios estão ficando roxos e a respiração cada vez mais fraca.

— O que você fez com ela? — insisto, encarando-o com todo o ódio de que sou capaz. — *O que você fez com ela, seu monstro?!*

— Ever, por favor, escute — ele suplica.

Apesar de toda a raiva e de toda a adrenalina, ainda sinto o formigamento quentinho que as mãos dele provocam em minha pele, e luto intensamente para ignorar essa sensação. Gritando, esperneando e chutando, tento feri-lo nas partes mais vulneráveis, mas nunca acerto o alvo, pois Damen é muito mais rápido que eu.

— Você não pode ajudá-la, confie em mim. Só eu posso agir.

— Você não está ajudando a Haven, está matando! — grito.

Ele faz que não com a cabeça e com uma expressão de cansaço no olhar sussurra:

— Não é nada disso.

Tento me desvencilhar outra vez, mas sem sucesso: nada posso contra Damen. Então desisto. Deixo o corpo amolecer e fecho os olhos, dando-me por vencida. E penso: *Pronto. Acabou. Chegou minha hora.*

Mas tão logo Damen me solta no chão dou o chute mais forte que posso, desta vez acertando o alvo, e saio correndo ao encontro da Haven. Quando tomo a mão dela para sentir o pulso, vejo dois buraquinhos ensanguentados no centro da tatuagem medonha e, desesperada, suplico para que ela se mantenha firme, que continue respirando. E tiro o celular do bolso a fim de ligar para a emergência.

Mas Damen surge por trás, arranca o telefone de minha mão e diz:

— Eu preferiria não ter de fazer isto.

vinte e quatro

Quando acordo, vejo que estou em meu quarto, deitada ao lado de Sabine. Em seu rosto, uma expressão de alívio; nos pensamentos, só preocupação.

— Bom-dia! — ela diz sorrindo. — Você deve ter tido um fim de semana *daqueles*, hem?

Ainda sonolenta, olho antes para ela e, depois, para as horas no despertador. Salto da cama, apressada.

— Tudo bem com você? — Sabine vem atrás de mim. — Ontem à noite, quando cheguei, você já estava dormindo. Não está doente, está?

Vou para o chuveiro, sem saber o que responder. Sei que não estou doente, mas nem imagino como pude dormir tanto.

— Quer me contar algo? — pergunta Sabine, à porta do banheiro. — Algo que eu deva saber?

Fecho os olhos e relembro o fim de semana: a praia, Evangeline, Damen preparando o jantar e dormindo aqui em casa, o café da manhã no domingo.

— Não... não aconteceu nada — respondo finalmente.

— Então é melhor você se apressar, senão vai se atrasar para a escola. Tem certeza de que está bem?

— Tenho — digo, num tom firme de voz, com o máximo de segurança que consigo produzir. Abro as torneiras e, sem ter certeza se menti ou falei verdade para Sabine, entro na ducha.

Durante todo o caminho até a escola Miles não fala de outro assunto que não seja Eric. Sem deixar de fora detalhe algum, conta toda a história do término deles na noite de domingo, via torpedos, e tenta me convencer de que não está nem aí, de que nem se lembra mais do garoto, o que prova justamente o contrário.

— Você nem está me ouvindo, né? — esbraveja.

— Claro que estou — respondo entredentes, parando num sinal vermelho a um quarteirão da escola e pela enésima vez relembrando todos os acontecimentos de meu fim de semana, que mais uma vez termina no café da manhã. Por mais que eu tente, não consigo me lembrar de nada que tenha acontecido depois.

— Não é o que parece — devolve Miles, e vira o rosto para a janela. — Quer dizer, se eu estiver amolando, é só falar. Porque uma coisa é certa: pra mim, esse Eric *nem* existe mais. Já lhe contei daquela vez em que ele...

— Miles, você falou com a Haven nesse fim de semana? — pergunto, rapidamente olhando para ele antes de o sinal abrir, estranhando o pavor que senti só de mencionar o nome dela.

Miles faz que não com a cabeça.

— E você? — pergunta ele.

— Acho que não — digo, e arranco com o carro.

— Você *acha*? — Ele arregala os olhos, mexendo-se no banco.

— Não desde sexta-feira, pelo menos.

Entro no estacionamento, e meu coração dá um salto triplo quando vejo Damen no mesmo lugar de sempre, recostado no BMW, esperando por mim.

— Bem, pelo menos um de nós ainda tem uma chance de viver feliz para todo o sempre — diz Miles, que acena para Damen, que vem para meu lado com uma tulipa vermelha nas mãos.

— Bom-dia! — ele diz sorrindo, entrega-me a flor e beija meu rosto.

Resmungo qualquer frase sem sentido e sigo para o portão. O sinal toca a meio caminho: Miles sai correndo para sua sala e Damen me puxa pela mão até a aula de inglês.

— O sr. Robins já está a caminho — ele sussurra em meu ouvido, segurando meus dedos ao me levar para nosso lugar da sala. Quando passamos por Stacia, ela faz uma cara horrível para mim, esticando a perna para que eu tropece, mas muda de ideia no último segundo e a puxa de volta. — Ele parou de beber, cismou que quer conquistar a mulher de novo.

Apertando o passo para me afastar dele, que continua falando em meu ouvido, chego à carteira e tiro os livros da mochila, sem entender por que me sinto assim, tão esquisita e nervosa com a presença de meu próprio namorado. Levo a mão ao capuz para ligar o iPod e entro em pânico quando vejo que ele ficou em casa.

— Você não precisa mais desse iPod — diz Damen, e pousa a mão na minha para acariciar os dedos. — Agora tem a mim.

Fecho os olhos, sabendo que o sr. Robins vai chegar em apenas três, dois, um...

— Ever — sussurra Damen, correndo o indicador sobre as veias de meu pulso —, você está bem?

Crispo os lábios e faço que sim com a cabeça.

— Ótimo. — Ele se cala por alguns segundos e depois diz: — Adorei nosso fim de semana, espero que você tenha gostado também.

Abro os olhos assim que o sr. Robins entra na sala, percebendo que ele não está mais com a cara inchada e vermelha, apesar de suas mãos continuarem um pouco trêmulas.

— Ontem foi muito divertido, você não acha? — Damen continua.

Olhando diretamente nos olhos dele, minha pele formigando só pela mão dele estar sobre a minha, faço que sim com a cabeça, pois sei que essa é a resposta que ele quer ouvir. Mesmo não tendo certeza de ter falado a verdade.

As horas seguintes se reduzem a um grande borrão de aulas e confusão mental, e só quando chego à mesa de almoço é que fico sabendo o que de fato aconteceu ontem.

— Nem acredito que vocês entraram naquela água gelada! — diz Miles, mexendo seu iogurte e olhando para mim.

— Ela usou uma roupa de neoprene — diz Damen. — Aliás, você a esqueceu lá em casa.

Desembrulho meu sanduíche sem me lembrar de nada disso. Eu nem tenho uma roupa de neoprene. *Ou será que tenho?*

— Hmm... isso não foi na sexta? — pergunto, corando de vergonha quando me lembro de *tudo* o que aconteceu naquele dia. Damen faz que não com a cabeça.

— Não, você não surfou na sexta — responde Damen. — Fui eu que surfei. Mas ontem você teve uma aula comigo.

Retiro a casca do pão de forma e tento me lembrar de algo mais, no entanto nada me vem à cabeça.

— E ela mandou bem? — pergunta Miles, lambendo a colher e olhando de Damen para mim.

— O mar estava meio *flat*, não tinha muito que fazer. Passamos a maior parte do tempo deitados na areia, debaixo de um cobertor. Nisso ela mandou muito bem, sim — brinca Damen.

Olho para ele, cogitando se estava com ou sem roupa de neoprene debaixo do tal cobertor, se algo aconteceu entre a gente. *Será possível que tentei compensar pelo que rolou, ou não rolou, na sexta, e depois apaguei da memória?*

Miles vira para mim com uma interrogação no olhar, mas dou de ombros e cravo os dentes no sanduíche.

— A que praia vocês foram? — ele pergunta.

Como não me lembro de nada, viro para Damen.

— Crystal Cove — ele responde, dando um gole em sua bebida.

Miles balança a cabeça e revira os olhos.

— Não me digam que vocês se transformaram num desses casais em que só o cara pode falar. Digo, é ele quem pede sua comida no restaurante também?

Olho para Damen, mas antes que ele possa responder Miles continua:

— Foi pra *você* que eu perguntei, Ever.

Busco na memória as duas últimas vezes em que comemos num restaurante: uma vez na Disney, naquele dia maravilhoso, mas que terminou de modo tão estranho, e outra no hipódromo, quando ganhamos todo aquele dinheiro.

— Não, Miles, sou eu quem pede minha comida — respondo. E depois: — Me empresta aí o Sidekick, vai.

Miles tira o Sidekick do bolso e o empurra em minha direção.

— Esqueceu seu telefone em casa, foi?

— Esqueci, e quero mandar um torpedo pra Haven, saber onde ela está. Estou com uma sensação estranha com relação a ela. — Não consigo parar de pensar nela. Mal consigo explicar direito o que é para mim mesma, que dirá para eles.

Já estou digitando os números no minúsculo teclado quando Miles diz:

— Haven está em casa, doente. Uma gripe, sei lá. Além disso, está arrasada por causa da Evangeline. Mas jurou pra mim que não está mais com raiva da gente.

— Mas você não disse que não havia falado com ela? — Largo o telefone e olho para Miles, absolutamente segura do que ouvi no carro.

— Mandei um torpedo durante a aula de história.

— Então ela está bem? — pergunto, os nervos inexplicavelmente à flor da pele.

— Botando as tripas pra fora de tanto vomitar, debulhando-se em lágrimas por causa da amiga que morreu... tirando isso, está bem, sim.

Ora, não faz sentido incomodar minha amiga se ela não está legal; portanto, devolvo o Sidekick para Miles, que no mesmo instante retoma a ladainha sobre Eric, e Damen coloca sua mão sobre minha perna. Vou ouvindo o que ele diz, ora mordiscando meu sanduíche, ora sacudindo a cabeça feito um robô, mas incapaz de me desligar.

Vá entender: Damen resolve assistir a todas as aulas justamente no dia em que eu daria tudo para não vê-lo. Ao fim de cada aula, saio da sala e deparo com ele à porta, esperando aflito por mim, perguntando se estou bem. E isso já está me dando nos nervos.

Portanto, depois da aula de artes, no último tempo, quando nos encontramos no estacionamento, ele se oferece para me acompanhar até minha casa.

— Se você não se importar, preciso de um tempinho só pra mim — respondo.

— Está tudo bem com você? — ele pergunta pela milionésima vez.

Faço que sim com a cabeça e entro no carro, louca para fechar a porta e ir embora.

— Preciso resolver alguns assuntos, mas a gente se vê amanhã, O.K.?

Sem esperar a resposta engato a ré e vou embora.

Já em casa, sinto-me tão exausta que subo direto para o quarto, planejando tirar uma soneca antes de Sabine chegar e ficar se preocupando comigo também. Mas quando acordo no meio da noite, com o coração a mil e as roupas ensopadas de suor, tenho a inefável sensação de que não estou sozinha no quarto.

Aperto o travesseiro contra o peito, como se as penas de ganso pudessem oferecer algum tipo de proteção, e passeio os olhos pelo breu do quarto.

— Riley? — sussurro, mesmo tendo certeza de que não é ela quem está aqui.

Controlo a respiração e ouço um ruído próximo à porta da varanda, um barulhinho discreto e abafado, como o de chinelos sendo arrastados no carpete.

— Damen? — sussurro, e me surpreendo comigo mesma. Não tenho motivo para achar que é ele quem está aqui. Então aperto as pálpebras para enxergar melhor, mas só vejo escuridão.

E dali a pouco escuto outro ruído, algo como um suave sussurro.

Tateando a parede, encontro o interruptor e acendo a luz. Assim que me acostumo à claridade repentina, procuro pelo invasor, e quase fico desapontada quando não encontro ninguém. Tinha certeza absoluta de que não estava sozinha.

Ainda com o travesseiro entre os braços, levanto da cama e tranco a porta da varanda. Dou uma olhada no closet e debaixo da cama, tal como fazia o papai anos atrás, quando procurava o bicho-papão para mim. Sem nada encontrar, volto para a cama, perguntando a mim mesma se meu sonho pode ter desencadeado todo esse medo.

Um sonho semelhante ao que tive antes, em que estava correndo contra a ventania de um cânion escuro, embrulhada em um vestido branco muito fininho, inútil contra o frio. Fustigados pelo vento, parecia que meus ossos iam congelar. Mas quase não me importei; com os pés descalços chapinhando na lama, segui correndo na direção de um refúgio que nem mesmo conseguia ver.

Sei apenas que estava correndo para uma luz que brilhava suavemente.

E fugindo de Damen.

vinte e cinco

Quando chego à escola no dia seguinte, paro na vaga de sempre, salto do carro e passo direto por Damen para ir ao encontro da Haven, que espera por mim junto ao portão. E apesar de toda a minha aversão ao contato físico, planto as mãos sobre os ombros de minha amiga e a puxo para um grande abraço.

— O.K., O.K., eu também amo você. — Ela ri e me empurra para trás. — Caramba, Ever, até parece que eu ia ficar bolada com vocês pro resto da vida!

Os cabelos pintados de vermelho estão lambidos e sem vida, o esmalte preto das unhas está lascado, as olheiras estão mais escuras que de costume e o rosto está indiscutivelmente pálido. Embora ela afirme que está bem, não me contenho e avanço para mais um abraço.

— Como você está se sentindo? — pergunto, examinando-a com atenção, tentando ler alguma informação nela. No entanto, exceto pela aura cinzenta, fraca e translúcida, não consigo *ver* quase nada.

— *O que* foi que deu em você, mulher? — ela pergunta, afastando-me dela. — Por que está pegajosa desse jeito? Logo *você*, que vive se escondendo debaixo de um capuz, ouvindo iPod?

— Fiquei sabendo que você estava doente, e como você não deu as caras ontem... — De repente me sinto ridícula por agir desta forma com a Haven.

— Já sei o que aconteceu — diz Haven, rindo e assentindo com a cabeça. — A culpa é toda sua, não é? — Ela aponta para Damen. — Foi você que derreteu o coração gelado de minha amiga e a transformou numa boboca sentimental, numa manteiga derretida, não foi?

Damen ri, mas não com os olhos.

— Foi só uma gripe — ela diz. Miles lhe dá o braço, e atravessamos juntos o portão. — Mas fiquei muito triste com essa parada da Evangeline, acho que isso me fez piorar muito. Quer dizer, tive tanta febre que até desmaiei algumas vezes.

— Sério? — digo, afastando-me do Damen para caminhar ao lado dela.

— Sério. Foi muito bizarro. À noite eu ia pra cama usando uma roupa, depois acordava usando outra, totalmente diferente. E quando procurava pela roupa que tinha usado antes, não encontrava. Era como se ela tivesse sumido no ar ou algo do tipo, entende?

— Mas aquele seu quarto é uma zona, né, Haven? — Miles ri. — Ou talvez você estivesse alucinando. Isso acontece quando se está com muita febre.

— Pode ser. Mas todos os meus lenços pretos sumiram. Tive de pegar este aqui emprestado de meu irmão. — Haven pega a ponta do lenço azul que está usando e o rodopia.

— E ninguém estava em casa para cuidar de você? — pergunta Damen, surgindo atrás de mim. Ele toma minha mão e entrelaça os dedos nos meus, despachando uma onda de calor pelo meu corpo inteiro.

Haven sacode a cabeça, impaciente, e revira os olhos.

— Pra cuidar de mim? É ruim, hem! Sou praticamente emancipada, que nem você. Além disso, minha porta ficou trancada o tempo todo. Eu podia ter *morrido* ali dentro que ninguém ficaria sabendo.

— E Drina? — pergunto, sentindo um frio na espinha só de dizer o nome dela.

Haven olha para mim de um jeito estranho e diz:

— Drina está em Nova York. Viajou na sexta à noite. Bem, espero que vocês não peguem essa gripe. Ainda que eu tenha tido uns sonhos muito legais, sei que vocês não vão curtir. — Ela para a poucos metros de sua sala e recosta-se na parede.

— Por acaso você sonhou com um cânion? — pergunto, largando a mão do Damen e aproximando-me da Haven, tão perto que ficamos cara a cara.

Ela ri e me empurra para trás.

— Peraí, amiga, você ultrapassou seu limite. Não, não sonhei com cânion nenhum. Só com umas coisas bem góticas, difíceis de explicar. Só sei que tinha muito sangue.

E tão logo ela fala, assim que ouço a palavra "sangue" vejo tudo escuro e sinto o corpo amolecer, caindo para trás.

— Ever! — exclama Damen, amparando-me segundos antes de eu me esborrachar no chão. — Ever... — ele sussurra, sua voz carregada de preocupação.

E quando abro os olhos, que encontram os dele, percebo algo estranho, uma expressão intensa que me parece bastante familiar. Mas se alguma lembrança viria à tona, ela é prontamente apagada pela voz de Haven:

— É assim que começa. Quer dizer, só fui desmaiar um tempo depois, mas tudo começou, definitivamente, com uma vertiginosa tonteira.

— De repente ela está grávida — diz Miles, para quem quiser ouvir.

— Ah, não estou mesmo — digo, surpresa com minha súbita melhora, agora que estou apoiada nos braços fortes e quentes de Damen. — Não foi nada, juro. — Com certo esforço, fico de pé e me afasto dele.

— Você devia levar essa garota pra casa — Miles diz a Damen. — Ela não está nada bem.

— Também acho — Haven concorda com a cabeça. — Sério, amiga, você deveria descansar um pouco. Não vai querer passar pelo que eu passei.

Bato o pé e digo que quero ficar, mas ninguém me dá ouvidos. E quando dou por mim, Damen está com o braço em minha cintura, levando-me para o carro dele.

— Isso é ridículo — digo assim que saímos do estacionamento. — Sério, estou bem. Sem falar na encrenca que a gente vai arrumar se matar aula outra vez.

— Não vamos arrumar encrenca alguma, Ever. — Damen me espia de relance, logo voltando os olhos para o trânsito. — Só para refrescar sua memória: você desmaiou naquele corredor. Teve sorte de eu estar lá para ampará-la.

— Mas aí é que está! Você *estava* lá pra me amparar! E agora estou bem. Juro. Quer dizer, se você estivesse mesmo tão preocupado comigo, deveria ter me levado pra enfermaria da escola. Não precisava me sequestrar.

— Não estou *sequestrando* ninguém — ele diz, claramente irritado. — Só quero cuidar de você, Ever, ter certeza de que está bem.

— Ah, então agora você é médico! — Balanço a cabeça, descrente, e reviro os olhos.

Mas Damen nada diz. Apenas segue adiante pela Coast Highway, passando direto pela rua que leva à minha casa, por fim parando diante de um imponente portão.

— Aonde você está me levando? — pergunto, vendo-o cumprimentar a moça da portaria, familiar a mim. Ela sorri e nos deixa passar.

— Minha casa — ele resmunga.

Subimos por uma colina, virando aqui e acolá, até que chegamos a uma rua sem saída e paramos o carro numa ampla garagem vazia.

Puxando-me pela mão, Damen me conduz através de uma cozinha perfeitamente equipada até uma sala íntima, chiquérrima, muito diferente do que se poderia esperar da casa de um estudante que mora sozinho. Mãos na cintura, corro os olhos pela requintada decoração: o aconchegante sofá de chenile, os abajures lindos, os tapetes persas, a coleção de quadros abstratos nas paredes...

— Tudo isto é seu? — pergunto. Na mesinha de centro, de madeira escura, vejo diversos livros de arte, velas e uma fotografia minha, emoldurada. — Quando foi que você tirou esta foto aqui? — Examino a foto de perto. Não tenho a menor lembrança de ter sido fotografada por ele.

— Você fala como se nunca tivesse vindo aqui antes — ele diz, acenando para que eu me sente.

— E nunca vim mesmo. — Dou de ombros.

— *Veio*, Ever — insiste Damen. — No domingo. Depois da praia. Aliás, sua roupa de neoprene ficou aqui, está pendurada lá em cima. Agora, sente-se. — Ele dá tapinhas no sofá. — Quero que você descanse.

Deixo o corpo cair nas macias almofadas do sofá, ainda com o porta-retratos nas mãos, tentando lembrar quando a tal foto tinha sido tirada. Nela, meus cabelos estão soltos, meu rosto está ligeiramente corado e estou usando um moletom pêssego, que eu nem sequer me lembrava de ter. E, embora esteja sorrindo, meus olhos estão sérios e tristes.

— Tirei naquele dia na escola. Quando você não estava olhando. Prefiro fotos assim, espontâneas. É a única maneira de capturar a verdadeira essência de uma pessoa — ele diz, tomando de volta o porta-retratos e colocando-o sobre a mesa. — Agora feche os olhos e procure descansar enquanto preparo um chá para você.

Dali a pouco ele volta à sala, deposita uma xícara quentinha em minhas mãos e cobre minhas pernas com uma pesada manta de lã.

— Tudo isso é muito bom, mas não é necessário — digo, colocando a xícara sobre a mesa e conferindo as horas no relógio. Se sair agora mesmo, ainda posso chegar à escola para o segundo tempo. — Sério, estou ótima. Acho melhor a gente voltar.

— Ever, você *desmaiou* — ele diz, sentando-se a meu lado, apreciando meu rosto enquanto me faz um carinho nos cabelos.

— Essas coisas acontecem — retruco, envergonhada pelo trabalho que estou dando, sobretudo quando sei que estou bem.

— Não sob minha supervisão — ele sussurra, deslizando os dedos para a cicatriz em minha testa.

— Não! — exclamo e bruscamente afasto a cabeça antes que ele possa me tocar.

— Qual o problema? — ele pergunta assustado.

— Não quero que você fique gripado também — minto, nem um pouco disposta a admitir a verdade: essa cicatriz é para mim, e só para mim. Um lembrete constante, assegurando que eu nunca esqueça. Por isso não deixei que fizessem uma cirurgia plástica, que "consertassem" minha testa. Não há conserto para tudo o que aconteceu. Essa culpa é só minha. Essa dor é só minha. Por isso escondo minha cicatriz debaixo da franja.

Mas Damen ri e diz:

— Eu nunca fico doente.

Fecho os olhos e balanço a cabeça, impaciente.

— Só faltava isso. Você nunca fica doente.

Ele pega a xícara na mesa e insiste para que eu beba. Dou um pequeno gole, mas interrompo para dizer:

— Vejamos. Você não fica doente, mata não sei quantas aulas mas só tira dez em todas as provas, pega um pincel e, *voilà*, reproduz um Picasso melhor que o próprio pintor, cozinha tão bem quanto um *chef* cinco estrelas, já foi modelo em Nova York antes de se mudar pra Santa Fé, mas depois de ter morado em Londres, na Romênia, em Paris, no Egito... Não trabalha, é emancipado e mora nesta casa deslumbrante que só pode ter custado muitos milhões de dólares. Tem um carro caríssimo e...

— Roma — ele diz, sério.

— O quê?

— Morei em Roma, não na Romênia, como você disse.

Reviro os olhos.

— Tanto faz. Só estou dizendo que... — As palavras param na ponta da língua.

— Sim? — Damen se inclina em minha direção. — Você está dizendo que...

Engulo em seco e desvio o olhar, subitamente aturdida com uma dúvida que há muito vem me remoendo. Algo sobre Damen, sobre essa qualidade quase *sobrenatural* que ele tem. *Será que é um fantasma, como a Riley? Não, impossível, todo mundo vê o cara*, penso.

— Ever — ele diz, e toma meu rosto entre as mãos, virando-me para ele. — Ever, eu...

Mas antes que ele possa dizer qualquer palavra, pulo do sofá, jogo a manta no chão e vou para a porta da sala, nem me dando o trabalho de virar o rosto para dizer:

— Me leve pra casa.

vinte e seis

Damen mal tem tempo de estacionar direito quando salto do carro, corro para dentro de casa e subo as escadas em disparada, saltando dois degraus de cada vez, rezando para que a Riley esteja no quarto. Preciso vê-la, conversar com ela sobre os pensamentos malucos que andam rondando minha cabeça. Riley é a única com quem posso me abrir, a única capaz de me entender.

Procuro por ela em minha salinha de estudos, no banheiro, na varanda, gritando seu nome, sentindo-me estranha, aflita, angustiada, tomada de um pânico que mal consigo explicar. Mas Riley não está em parte alguma.

Então me jogo na cama e, enroscando o corpo até formar um novelo humano, revivo toda a dor que foi perder minha irmã e meus pais.

— Ever, meu amor, você está bem? — Sabine joga a bolsa em uma cadeira e ajoelha-se a meu lado, encostando a mão fria em minha pele suada e quente.

Fecho os olhos e faço que sim com a cabeça. Apesar do desmaio na escola e da exaustão dos últimos dias, sei que não estou doente. Pelo menos não do jeito que ela pensa. A situação é muito mais complicada que isso. E a cura, não tão fácil.

Fico de lado e, enxugando as lágrimas com a fronha do travesseiro, digo:

— É que... bem, às vezes... às vezes não consigo me controlar, sabe? E o tempo não tem tornado mais fácil lidar com isso. — Sinto um nó na garganta, e as lágrimas brotam de novo em meus olhos.

Visivelmente comovida, Sabine olha para mim e diz:

— Olha, acho que isso nunca vai passar. Essa dor pela perda, essa sensação de vazio. Acho que a gente precisa se acostumar, sabe? Aprender a conviver com tudo isso. — Ela sorri e enxuga meu rosto com a mão.

Depois se deita a meu lado, e para minha surpresa não me afasto dela. Apenas fecho os olhos e me permito sentir sua dor, a minha também, até que nossos sentimentos se misturam num só, num único martírio que parece não ter começo nem fim. E ficamos assim por um bom tempo, chorando juntas, conversando de um modo que nunca conversamos antes, abrindo o coração como deveríamos ter feito desde o início. Se eu não tivesse fechado as portas para ela. Se não a tivesse mantido longe de mim.

Quando enfim se levanta para preparar o jantar, Sabine vasculha sua bolsa e diz:

— Olha só o que encontrei no porta-malas do carro. Você me emprestou logo depois que chegou aqui, e eu acabei me esquecendo de devolver.

Ela joga um moletom pêssego em minha direção.

O moletom do qual eu já havia me esquecido por completo.

Que só usei na primeira semana de escola.

E que estava usando na fotografia de Damen, apesar de ainda não nos conhecermos.

Chegando à escola no dia seguinte, passo direto por Damen, pela maldita vaga que ele sempre guarda para mim, e paro o carro onde parece ser praticamente o outro lado do mundo.

— Ficou *doida*? — pergunta Miles, boquiaberto. — Por que não parou lá atrás? Olha só o tanto

que a gente vai ter de andar agora!

Bato a porta do carro e sigo marchando pelo estacionamento, passando direto por Damen, que espera por mim apoiado no BMW.

— Alô-*ou*! — exclama Miles, segurando meus braços à força. — Alto, moreno, bonito e sensual a estibordo! Você passou direto por ele, o que está acontecendo? Vocês brigaram?

— Não está acontecendo *nada* — resmungo e continuo em frente.

Da última vez que olhei, Damen estava logo atrás de mim, mas quando chego à sala e vou para minha carteira ele já está lá. Então visto o capuz e ligo o iPod, determinada a ignorá-lo enquanto o sr. Robins faz a chamada.

— Ever — ele sussurra.

E eu olho direto para a frente, focada na careca precoce do sr. Robins, apenas esperando minha vez de dizer "presente".

— Ever, sei que você está chateada. Mas posso explicar.

Continuo olhando para a frente, fingindo não escutar.

— Ever, *por favor* — suplica Damen.

Mas ajo como se ele nem estivesse ali. E quando o sr. Robins chega a meu nome, Damen exala um suspiro, fecha os olhos e diz:

— Tudo bem. Mas lembre: foi você quem pediu.

De um segundo a outro um terrível *uooonc!* ressoa por toda a sala e dezenove cabeças caem sobre o tampo de suas respectivas carteiras.

As de todo mundo, menos a de Damen e a minha.

Olho assustada à volta, boquiaberta, buscando uma explicação para o que acabou de acontecer. Depois viro o rosto para Damen, fulminando-o com o olhar.

Mas ele apenas dá de ombros e diz:

— Isto é justamente o que eu queria evitar.

— O que você fez? — Correndo os olhos pelos corpos desfalecidos, subitamente chego a uma terrível conclusão: — Meu Deus, você os matou! Você matou todo mundo! — berro, o coração retumbando tão alto que seguramente Damen pode ouvir.

Mas ele faz que não com a cabeça e diz:

— Poxa, Ever. Quem você acha que eu sou? Claro que não matei ninguém. Eles estão... na hora da sesta, só isso.

Chego para a ponta da cadeira, os olhos fixos na porta da sala, arquitetando um meio de fugir.

— Você pode até tentar, mas não irá muito longe — diz ele, com a maior calma do mundo. — Não viu que cheguei aqui antes de você, mesmo tendo saído depois? — E cruza as pernas, encarando-me tranquilamente.

— Você pode ler minha mente? — sussurro, e sinto o rosto queimar quando me lembro de certos pensamentos um pouco constrangedores que tive nos últimos dias.

— Quase sempre — ele responde. — Quer dizer... Pensando bem, sempre.

— Desde quando? — Olho fixamente para ele e, enquanto uma parte de mim quer aproveitar a primeira oportunidade para dar o fora daqui, a outra quer obter algumas respostas antes de minha provável morte.

— Desde o primeiro dia em que a vi — ele sussurra, os olhos ainda plantados em mim, duas

fogueiras que aquecem meu corpo.

— E quando foi que você me viu pela primeira vez? — pergunto, a voz trêmula, lembrando-me da foto sobre a mesa dele, imaginando desde quando ele vem me perseguindo.

— Não estou perseguindo você! — Damen ri. — Pelo menos não do modo que você está pensando.

— E por que devo acreditar nisso?

— Porque nunca menti para você.

— Está mentindo agora!

— Nunca menti sobre as questões importantes — ele diz e desvia o olhar.

— Ah, é? E aquela foto que você tirou mesmo antes de se matricular nesta escola? Em que lugar ela vem em sua lista de questões importantes a dividir num relacionamento?

Damen exala um suspiro e, aparentemente cansado, diz:

— E em sua lista? Em que lugar vem o fato de que você lê os pensamentos dos outros, enxerga auras e conversa com sua irmãzinha morta?

— Você não sabe nada a meu respeito. — Levanto, as mãos suadas e trêmulas, o coração batendo a mil por hora. Corro os olhos pelos corpos inertes à volta, Stacia com a boca escancarada, Craig roncando tão alto que chega a tremer, o sr. Robins com uma expressão de felicidade e paz que nunca vi em seu rosto. — É a escola inteira ou só esta sala?

— Não sei, mas acho que é a escola inteira — ele assente, sorrindo ao olhar em volta, claramente satisfeito com seu truque de mágica.

Sem dizer mais nada, salto da carteira, corro para a porta e saio em disparada pelo corredor, atravessando o pátio e a secretaria — onde todo mundo dorme também —, até chegar ao estacionamento. Mas, quando enfim alcanço meu carro, encontro Damen à minha espera, com minha mochila na ponta dos dedos.

— Eu não disse? — Ele pisca o olho e me entrega a mochila.

Parada diante dele, apavorada e suando dos pés à cabeça, subitamente me lembro de todos aqueles acontecimentos que apaguei da memória: Haven se contorcendo no chão daquele quarto horripilante, o rosto ensanguentado de Damen... Claro, foi ele que fez alguma coisa para impedir que eu me lembrasse de tudo isso! Sei que não sou páreo para alguém como ele, mas não pretendo deixar barato.

— Ever! — Damen clama, vindo em minha direção, mas para de repente. — Você acha que fiz tudo isso para depois matar você? — ele diz angustiado, os olhos freneticamente buscando os meus.

— Não era esse o plano? — digo, com os olhos surpresos. — Para a Haven, tudo não passou de um sonho, de um delírio gótico por causa da febre. Só eu sei de toda a verdade. Só eu sei o monstro que você realmente é. Só não entendo por que você não matou nós duas quando teve oportunidade! Por que se deu o trabalho de apagar tudo isso de minha memória?

— Ever, eu *jamais* a machucaria — ele diz, os olhos revelando dor. — Você entendeu tudo errado! Eu não estava tentando matar a Haven; pelo contrário, estava tentando *salvá-la*! Mas você não quis escutar!

— Mas vi com meus próprios olhos! Ela parecia estar quase morrendo! — Olhando diretamente nos olhos dele, mas recusando o calor que eles emitem, aperto os lábios numa tentativa de fazê-los parar de tremer.

— Porque ela *estava* quase morrendo! — ele exclama, parecendo irritado. — Aquela tatuagem no

pulso da Haven estava tão inflamada que... a estava matando. Quando você entrou na sala, eu estava chupando o pulso dela, do mesmo modo que a gente suga o veneno de alguém que acabou de ser picado por uma cobra!

— Sei muito bem o que vi. — Balanço a cabeça, impaciente.

Damen fecha os olhos, aperta a ponta do nariz e respira fundo antes de olhar para mim e dizer:

— Sei que parece estranho, que é difícil acreditar em minha história. Tenho tentado me explicar, mas você não deixa! Fiz tudo isso apenas para chamar sua atenção. Porque, Ever, confie em mim... você entendeu tudo errado!

Ele me encara, os olhos escuros e intensos, as mãos abertas e relaxadas no ar, mas continuo não acreditando em uma única palavra que ele diz. Em absolutamente nada. Damen teve centenas de anos, talvez milhares, para aperfeiçoar seus truques de mágica. Que, aliás, são incríveis, mas não passam disto: truques de mágica. Mal acredito no que estou prestes a dizer, mas só há uma explicação possível, por mais maluca que pareça, para tudo isto que está acontecendo.

— Por que você não volta pro seu caixão, pra sua cripta, ou pra onde quer que você morava antes de aparecer por aqui? — Tenho a impressão de que estou sufocando, presa a um terrível pesadelo, esperando que ele chegue logo ao fim. — Por que não vai embora e me deixa em paz?

Damen fecha os olhos e balança a cabeça, incrédulo. Reprime uma risada, depois diz:

— Ever, não sou um vampiro.

— Ah, é? Então prove! — digo, convencida de que estou a um passo (ou uma cabeça de alho, ou uma estaca de madeira, ou um rosário) de colocar um ponto final nesta história.

Mas ele apenas ri.

— Não seja ridícula. Vampiros não existem.

— Sei muito bem o que vi na sua casa — digo, mais uma vez me lembrando de Haven, do sangue na boca de Damen, do quarto sinistro, sabendo que logo ele também verá isso em minha mente. E o que dizer da amizade dele com Maria Antonieta, Picasso, Van Gogh, Emily Brontë e Shakespeare? Essas pessoas nem viveram na mesma época!

Ele olha para mim e diz:

— Bem, só a título de curiosidade, também fui amigo de Leonardo da Vinci, Botticelli, Francis Bacon e Albert Einstein. Além de John, Paul, George e Ringo, claro. — Percebendo a interrogação em meu olhar, ele explica: — Os *Beatles*, Ever, caramba! — E, rindo, emenda: — Poxa, agora estou me sentindo um ancião!

Fico ali, mal conseguindo respirar, aturdida, mas com juízo suficiente para recuar quando Damen dá um passo adiante.

— Não sou vampiro, Ever. Sou um imortal.

Eu reviro os olhos.

— Vampiro, imortal... que diferença isso faz? — disparo furiosa, achando ridículo discutir rótulos em uma circunstância como esta.

— Não é tão ridículo assim — argumenta Damen —, pois há uma grande diferença. Veja bem: o vampiro é uma criatura *ficcional*, existe apenas nos livros, nos filmes e, como em seu caso, em imaginações férteis. — Ele ri. — Ao passo que *eu* sou um imortal. O que significa que tenho vagado pelo mundo durante séculos, num único ciclo contínuo de vida. Entretanto, ao contrário da fantasia que você criou na cabeça, minha imortalidade não envolve chupar sangue de ninguém, nem sacrificar humanos, nem recorrer a qualquer outra bestialidade que você possa ter imaginado.

De repente me lembro da estranha bebida vermelha que Damen vive tomando e me pergunto se ela não tem alguma relação com a longevidade dele. Uma espécie de suco da imortalidade, sei lá.

— Suco da imortalidade... — Ele ri. — Essa é boa. Imagina só as possibilidades comerciais de uma bebida dessas! — Mas quando vê que não estou rindo, fica sério novamente e diz: — Ever, preste atenção. Você não precisa ter medo de mim. Não sou perigoso, muito menos o monstro que você está pensando. Jamais faria algo para machucá-la. Sou apenas alguém que viveu por *muito tempo*. Tempo demais, talvez. Mas isso não faz de mim um monstro. Sou um imortal, só isso. E receio que...

Ele ergue os braços como se fosse me abraçar, mas recuo na mesma hora, apesar das pernas trêmulas. Não quero ouvir mais nem uma palavra do que ele tem a dizer.

— Você está mentindo! — sussurro, meu coração cheio de fúria. — Essa história toda é doida! *Você é doido!*

Ele balança a cabeça e me olha com certa tristeza, como se estivesse arrependido. Depois dá um passo adiante e diz:

— Lembra quando você me viu pela primeira vez? Aqui mesmo neste estacionamento? Você bateu os olhos em mim e teve a impressão de que me conhecia de algum lugar, não foi? E ontem, quando acordou do desmaio e deparou com meu rosto a um palmo do seu. Você quase lembrou, estava a um passo de me reconhecer, mas acabou se distraindo com uma coisa qualquer, foi ou não foi?

Olho para Damen, imóvel, perplexa, intuindo exatamente o que ele vai dizer, mas me recusando a ouvir.

— Não! — exclamo, e dou outro passo para trás, completamente tonta, prestes a perder o equilíbrio e me esborrachar no chão.

— Fui eu quem encontrou você aquele dia, no campo. Fui eu quem *trouxe você de volta*!

Balanço a cabeça sem acreditar, os olhos encharcados de lágrimas.

— *Não!*

— Aqueles olhos que você viu ao... *voltar a si*... Aqueles olhos eram meus, Ever. Eu estava lá, bem a seu lado. Eu *salvei* você. Sei que você lembra. Estou lendo seus pensamentos.

— *Não!* — berro, tapando as orelhas e fechando os olhos. — *Pare com isso!* — continuo gritando, sem querer ouvir mais nada.

— Ever... — A voz de Damen invade meus pensamentos e sentidos. — Sinto muito, mas é verdade. No entanto você não precisa ter medo de mim.

Neste instante, caio de joelhos no chão, o rosto encostado nas pernas, e irrompo numa violenta crise de choro, dessas em que a gente se sacode toda.

— Você não tinha o direito de fazer isso, de interferir dessa maneira! Agora sou uma aberração, e a culpa é sua! Por sua causa estou presa nesta vida horrível! Por que você não deixou que eu morresse em paz?

— Não ia suportar perder você outra vez — ele diz baixinho, e se ajoelha ao meu lado. — Não desta vez. *Não de novo*.

Levanto os olhos para encará-lo. Não faço a menor ideia do que ele quis dizer, mas também não quero saber de explicações. Já ouvi muito mais do que sou capaz de digerir e quero que isto acabe logo. Só quero que ele me deixe em paz.

Damen balança a cabeça, mortificado com minha agonia.

— Ever, por favor, não pense que isso...

— Quer dizer então que... por um motivo qualquer você me trouxe de volta à vida enquanto minha família inteira morria, é isso? — Olho fixamente para ele, e minha tristeza subitamente dá lugar a uma fúria incontrolável. — *Por quê?* Por que você faria algo assim? Quer dizer, se está dizendo verdade, se é tão poderoso a ponto de ressuscitar os mortos, por que você não salvou minha família também? *Por que só salvou a mim?*

Damen recua com a hostilidade de meu olhar, com as flechas de ódio que lanço na direção dele.

— Não sou tão poderoso assim — diz. — Além disso, era tarde demais, eles já tinham seguido adiante. Mas você... você hesitou um pouco. Achei que quisesse viver.

Então é verdade, penso com os olhos fechando, recostando-me no carro. *Então realmente a culpa é toda minha. Porque fiquei para trás, vagando naquele maldito campo, distraída com aquelas árvores e flores que pareciam pulsar. Enquanto meus pais e minha irmã atravessavam a ponte. E eu, burra, mordi a isca dele.*

Damen olha rapidamente para mim, depois vira o rosto.

Ah, como o destino é irônico! A única vez que tenho vontade de matar alguém, essa pessoa é, ou pelo menos se diz, *imatável*.

— Vá embora! — digo afinal. Arranco do pulso a pulseirinha que ganhei no hipódromo e arremesso contra ele. Quero esquecer aquele dia, Damen, *tudo*! Já vi e ouvi muito mais do que sou capaz de suportar. — Vá... embora! Nunca mais quero ver sua cara outra vez!

— Ever, por favor não diga isso se não for verdade — ele suplica, a voz incerta, emocionada.

Coloco as mãos na cabeça, cansada demais para chorar, abalada demais para dizer o que quer que seja. Sabendo que ele pode ler minha mente, fecho os olhos e penso:

Você falou que jamais seria capaz de me machucar, mas olhe só para o que fez! Estragou tudo, arruinou minha vida, e pra quê? Pra que eu ficasse sozinha no mundo? Pra que eu vivesse o restante da eternidade como uma aberração? Eu odeio você, Damen! Eu o odeio, por tudo o que me fez! Pela aberração em que me transformou! Eu o odeio por ser tão egoísta! Nunca mais quero botar os olhos em você!

Mantendo a cabeça entre as mãos, num balanço para a frente, contra o volante do carro, e para trás, deixo fluírem os pensamentos que me vêm à cabeça.

Deixe que eu volte a ser uma pessoa normal. Eu imploro! Suma de minha vida e me deixe em paz! Porque eu o odeio, eu o odeio, eu o odeio, eu o...

Quando enfim levanto o rosto, vejo que estou cercada de tulipas. Centenas de milhares delas, todas vermelhas. As pétalas macias e sedosas refletindo o sol da manhã, cobrindo todos os carros à minha volta. Tonta e trôpega, fico de pé e afasto as flores de cima de mim. Nem preciso olhar para saber que quem as enviou não está mais por perto.

vinte e sete

Foi estranho atravessar a aula de inglês sem Damen a meu lado, segurando minha mão, sussurrando em meu ouvido, fazendo eu me desligar do mundo. Acho que fiquei de tal modo habituada à presença dele que acabei esquecendo como Stacia e Honor podem ser cruéis. Mas quando vejo as duas trocando sorrisinhos irônicos e torpedos (do tipo: *Aberração idiota, não foi à toa que ele se mandou,*) percebo que só me resta buscar refúgio no capuz, no iPod e nos óculos escuros.

E também não posso deixar de perceber a ironia da situação. Não é que eu não tenha entendido a piada. Pois, para alguém que teve uma crise de choro no estacionamento, implorando ao namorado imortal que sumisse do mapa, de modo que ela pudesse ser uma garota normal outra vez... bem, obviamente a piada sou *eu*.

Em minha nova vida sem Damen, todos os pensamentos ao redor, os ruídos e as cores que a todo o instante assolam meus sentidos são tão incômodos e avassaladores que meus ouvidos estão sempre chiando, os olhos não param de lacrimejar e as enxaquecas atacam tão de repente, invadindo minha cabeça, sequestrando meu corpo, provocando tantos enjoos e tonteiras que mal consigo agir.

Engraçado. Eu estava com tanto medo de contar a Miles e Haven sobre meu rompimento com Damen que uma semana inteira se passou sem que o nome dele sequer fosse mencionado. E, mesmo assim, fui eu quem tocou no assunto depois. Acho que eles já estavam tão acostumados às faltas dele que nem chegaram a estranhar este último e mais prolongado sumiço.

Portanto, certo dia, durante o almoço, limpei a garganta, olhei para eles e dei a notícia:

— Só pra informação de vocês, Damen e eu terminamos. — E antes que eles pudessem falar, levantei a mão e disse: — E ele foi embora.

— *Embora?* — ambos disseram, dois pares de olhos arregalados à minha frente, dois queixos caídos, os dois se recusando a acreditar.

Mesmo sabendo que meus amigos estavam preocupados comigo e que eu devia a ambos uma boa explicação, finquei o pé e dei o assunto por encerrado.

Com a sra. Machado, no entanto, não foi assim tão fácil. Alguns dias depois de Damen ter ido embora ela se aproximou de meu cavalete e, fazendo o possível para evitar contato visual com o desastre do meu Van Gogh, disse:

— Sei que você e Damen eram muito próximos e que deve estar difícil para você, então achei que devia lhe dar isto aqui. Aposto que vai achar extraordinário. — E me entregou uma tela.

Simplesmente larguei a tela no chão, apoiada sobre o cavalete, e continuei a pintar. Claro que o trabalho de Damen era extraordinário; tudo o que ele fazia era extraordinário. Por outro lado, uma pessoa que vagou pelo mundo durante séculos teve tempo suficiente para aprender um monte de coisas.

— Você não vai nem olhar? — ela perguntou, surpresa com minha falta de interesse na obra-prima que Damen havia criado a partir de outra obra-prima.

Virando-me para ela, abri um sorriso forçado e disse:

— Não, mas obrigada pelo presente.

Quando o sinal enfim tocou, fui embora com a tela debaixo do braço e a joguei no porta-malas do carro sem ao menos dar uma espiada. E quando Miles quis saber o que era, apenas inseri a chave na

ignição e disse:

— Nada de importante.

Caramba, com isto eu não contava: a solidão que agora estou sentindo. Não me dava conta de quanto dependia do Damen e da Riley para preencher as lacunas, para remendar os cacos de minha vida. Embora minha irmã tivesse avisado que sumiria durante um tempo, depois que se passaram três semanas, entrei em pânico.

Pois dizer adeus a Damen, meu namorado gato, imortal e muito possivelmente do mal, foi mais difícil do que estou disposta a admitir. Mas dizer adeus a Riley é muito mais do que sou capaz de suportar.

Sábado, quando Miles e Haven me convidam para acompanhá-los em sua peregrinação anual pelo Festival de Inverno, o Winter Fantasy, não penso duas vezes antes de aceitar. Já é hora de sair de casa, deste buraco em que me encontro, e voltar ao mundo dos vivos. Essa será minha primeira vez no festival, e, por isso, eles mal podem esperar para me mostrar todas as atrações.

— Não é tão bom quanto o Sawdust Festival, no verão — diz Miles, depois que compramos nossos ingressos e atravessamos o portão.

— Porque é melhor — diz Haven, saltitando à nossa frente e virando o rosto para sorrir.

— Bem, tirando o frio, pra mim tanto faz — diz Miles —, já que os dois têm sopradores de vidro. E essa sempre é minha parte favorita.

— Por que será, hem? — ironiza Haven, rindo e passando o braço pelos ombros de Miles.

Vou caminhando ao lado deles, a cabeça girando em razão de toda a energia gerada pelo acúmulo de pessoas, de todas as cores, visões e ruídos que me cercam como em espiral. Chego a pensar que deveria ter ficado em casa, onde tudo é quieto e mais seguro.

Visto o capuz do moletom e estou prestes a ligar o iPod quando Haven se vira para mim e diz:

— Sério? Você realmente vai fazer isso aqui?

Em atenção a ela, e a Miles também, retiro os fones e os coloco de volta no bolso. Por mais que eu queira blindar a confusão à minha volta, não quero que meus amigos se sintam excluídos também.

— Andem logo, vocês duas! — diz Miles. — Vocês *têm* de ver o soprador de vidro! É sensacional! — Indo atrás dele, passamos por um Papai Noel bastante convincente e por diversos ourives, até pararmos diante de um homem que fabrica vasos multicoloridos usando apenas a própria boca, um longo tubo metálico e fogo. — Eu *preciso* aprender a fazer isso — suspira Miles, completamente maravilhado.

Parada ao lado dele, fico olhando a espiral de cores liquefeitas que aos poucos toma a forma de um vaso, depois passo ao estande vizinho, onde estão expostas umas bolsas bastante legais.

Pesco da prateleira uma bolsa pequena marrom de couro supermacio e penso que pode ser um ótimo presente de Natal para Sabine, algo que ela jamais ousaria comprar, mas que talvez queira secretamente.

— Quanto é esta aqui? — pergunto, e estremeço quando minha voz reverbera na cabeça como se fosse o som interminável de um trompete.

— Cento e cinquenta.

Olhando para a vendedora (uma mulher de túnica de batique, jeans desbotados e um pingente de prata com o símbolo da paz), vejo que ela está disposta a baixar o preço, e muito. Mas meus olhos ardem tanto e minha cabeça lateja de tal modo que não tenho disposição para pechinchar. Na

verdade, minha vontade é uma só: voltar para casa.

Devolvo a bolsa à prateleira e já vou me afastando quando a tal mulher diz:

— Mas pra você é 130.

Mesmo sabendo que ela está disposta a dar um desconto bem maior, agradeço educadamente e sigo adiante.

Até que alguém se aproxima por trás e diz:

— Poxa, você e eu sabemos que ela chegaria a 95. Por que desistiu tão rápido?

E, quando me viro, vejo uma mulher baixinha, de cabelos muito vermelhos, cercada de uma radiante aura púrpura.

— Ava — ela se apresenta, e estende a mão.

— Eu sei — digo, fazendo questão de não cumprimentá-la.

— Como tem passado? — ela pergunta, sorrindo como se eu não tivesse acabado de ser incrivelmente fria e grosseira, o que me irrita ainda mais.

Dou de ombros e viro o rosto para o estande do soprador de vidros, procurando por Miles e Haven, e sinto a primeira pontada de pânico quando não os vejo.

— Seus amigos estão na fila da barraquinha de comida mexicana. Mas não se preocupe, vão pedir algo para você também.

— Eu *sei* — digo, mesmo não sabendo de nada. Minha cabeça lateja demais para captar o que quer que seja.

E assim que faço menção de me afastar ela me toma pelo braço e diz:

— Ever, quero que você saiba que minha oferta ainda está de pé. Realmente gostaria de ajudá-la. — Ela sorri.

Meu primeiro instinto é soltar o braço e sair correndo, para o lugar mais longe possível, mas assim que ela me tocou minha cabeça parou de latejar, os ouvidos pararam de chiar e os olhos pararam de produzir lágrimas. Mas de repente lembro quem ela é realmente: a mulher terrível que roubou minha irmã. Então, com uma cara de ódio, desvencilho-me dela e digo:

— Você não acha que já *ajudou* até demais? — Franzo os lábios, encarando-a. — Já roubou a Riley de mim, o que quer agora? — Engulo em seco, tentando não chorar.

Ava olha para mim, as sobrancelhas franzidas de preocupação, a aura num lindo e vibrante tom de violeta.

— Ninguém rouba uma pessoa de outra. Riley é dona do próprio nariz. Além disso, sempre vai estar a seu lado, mesmo que você não possa *vê-la* — diz, e ergue o braço para me tocar novamente.

Mas não lhe dou ouvidos. Tampouco deixo que ela toque em mim novamente, por maior que seja o efeito calmante de suas mãos.

— Olha... deixe-me em paz, tá — digo, afastando-me. — E fique longe de mim. Tudo estava bem entre mim e Riley antes de você aparecer.

Mas ela não se mexe. Fica exatamente onde está, encarando-me daquele jeito irritante de tão calmo.

— Sei de suas dores de cabeça — diz baixinho. — Você não precisa viver assim, Ever. Posso ajudar, acredite em mim.

No entanto, por mais que eu queira me ver livre dessas dores, assim como do constante ataque de pensamentos alheios, dou meia-volta e fujo em disparada, desejando nunca mais ter de vê-la.

— Quem era aquela? — pergunta Haven, mergulhando um pedaço de tortilha no potinho de molho enquanto me sento a seu lado e dou de ombros.

— Ninguém — sussurro, a palavra esfuziando em meus ouvidos.

— Parece com aquela vidente da festa.

Recebo o prato de comida que Miles me entrega e tiro o garfinho de plástico da embalagem.

— A gente não sabia o que você ia querer, então pedimos um pouco de tudo — ele diz. — Então, comprou a bolsa?

Faço que não com a cabeça e imediatamente me arrependo, pois a dor é quase insuportável.

— Cara demais — digo, cobrindo a boca enquanto mastigo, lacrimejando com a reverberação que se produz em minha cabeça. — E você, comprou um vaso? — Nem preciso ler os pensamentos de Miles para saber que ele não comprou, já que não vejo sacola alguma a seu lado.

— Não. Só gosto de ver o cara soprando aquele tubo. — Ele ri e dá um gole em sua bebida.

— Peraí, galera. É o meu celular que está tocando? — Haven vasculha entre as tralhas de sua bolsa enorme, quase um armário portátil.

— Claro que é o seu celular — diz Miles. — Quem mais nesta mesa teria um ringtone de Marilyn Manson? — E dá uma mordida no recheio do taco, ignorando o taco propriamente dito.

— Parou com os carboidratos? — pergunto, observando-o comer.

— Parei. Só porque a Tracy Turnblad é gorda não significa que eu tenha de ser também.

Dou um gole no Sprite e olho para Haven. E quando vejo a expressão de felicidade no rosto dela logo deduzo quem está do outro lado da linha.

Ela nos dá as costas, tapa o outro ouvido e diz:

— Caramba, achei que você tivesse sumido... Estou na rua com Miles... Ever está com a gente, também... É, estão bem aqui do meu lado... certo. — Ela tapa o bocal do celular e, com os olhinhos brilhando, vira-se para nós e diz: — A Drina está mandando um beijo! — Depois espera que a gente mande de volta, mas isso não acontece. Então revira os olhos, levanta-se da mesa e sai andando. — Eles estão mandando um beijo, também — diz.

Miles balança a cabeça e olha para mim.

— *Eu* não mandei beijo pra ninguém. Você mandou?

Digo que não e misturo o feijão com o arroz.

— Lá vem encrenca. — Ele olha para a Haven e novamente sacode a cabeça, em tom de desaprovação.

Mesmo intuindo que Miles tem razão, não sei ao certo o que ele quis dizer com "encrenca". Pois a energia deste lugar está borbulhando e rodopiando feito uma sopa cósmica, grossa e empelotada demais para digerir.

— Como assim? — pergunto.

— Não é óbvio?

Dou de ombros, a cabeça latejando demais para ser possível captar qualquer obviedade.

— Essa amizade entre as duas... sei lá, é *muito sinistra*. Quer dizer, uma paixãozinha inocente entre duas garotas é uma coisa. Mas isso que rola entre elas? Não faz sentido algum. É sinistro demais.

— Sinistro como? — Separo um pedaço do taco e olho para ele.

Miles afasta o arroz para o canto e dá uma garfada apenas no feijão. Só então responde:

— Sei que o que vou dizer é horrível, mas juro que não estou falando por mal... Mas é quase

como se ela estivesse transformando a Haven numa espécie de discípula.

Arqueio as sobrancelhas.

— Discípula?

— É. Uma devota, uma adoradora, um clone, uma miniatura dela... Sei lá, isso tudo é muito...

— Sinistro — completo.

Ele dá um gole em sua bebida, olha para Haven e depois para mim.

— Repare só como ela está igualzinha a Drina — diz. — As roupas, as lentes de contato, os cabelos vermelhos, a maquiagem... E anda se comportando do mesmo jeito também. Ou pelo menos tentando.

— É só isso, ou tem algo mais? — pergunto, cogitando se Miles sabe de algo específico ou se está apenas captando uma *vibe* no ar.

— E precisa de mais alguma coisa? — pergunta ele, admirado.

Dou de ombros e abandono o taco no prato, já sem nenhuma fome.

— Cá entre nós, tem coisa mais sinistra que aquela tatuagem? Cara, o *que é aquilo*? — sussurra Miles, virando o rosto para ver se Haven não está ouvindo. — Quer dizer, eu *sei* que é um uróboro, mas o que será que isso significa pras *duas*? Será que é a última moda do *vampire chic*? Porque Drina nem gótica é. Aliás, nem sei o que ela pretende ser, com aqueles vestidinhos caretas de seda, com aquelas bolsas que combinam com os sapatos. Será que é uma espécie de culto? Uma sociedade secreta? E aquela infecção nojenta? *No-jen-to. Nem um pouco* normal, como ela acha. Sei não, mas acho que foi por causa dessa infecção que ela ficou doente.

Franzo os lábios e fico olhando para Miles, sem saber direito o que dizer, o que revelar daquilo que descobri. Por outro lado, fico me perguntando que motivos posso ter para guardar os segredos do Damen — os quais conferem uma dimensão totalmente nova para a palavra *sinistro*. Segredos que, pensando bem, não têm nada a ver *comigo*. Mas como demoro muito a falar, Miles prossegue com seu discurso, fazendo com que eu mantenha o cofre trancado, pelo menos por hoje.

— Essa coisa toda nem é... *saudável* — ele diz, fazendo uma careta de nojo.

— Que coisa? — pergunta Haven, acomodando-se a meu lado e jogando o celular de volta na bolsa.

— Não lavar as mãos depois de usar o banheiro — responde Miles sem titubear.

— Era sobre *isso* que vocês estavam falando? — Haven olha com desconfiança para nós dois. — Até parece que vou acreditar.

— Verdade! A Ever nunca lava as mãos, e eu estava falando dos riscos que ela está correndo. E dos riscos que *a gente* está correndo por causa dela. — Miles balança a cabeça, em tom de desaprovação, e olha para mim.

Reviro os olhos, roxa de vergonha, mesmo sabendo que se trata de uma mentira *deslavada*. Haven mergulha a cabeça na bolsa e, depois de retirar uns três ou quatro batons, um *BaByliss* e um monte de balinhas velhas há muito tempo sem o papel, finalmente encontra o cantil de prata que estava procurando, desenrosca a tampa e começa a despejar em nossos copos uma boa quantidade de um líquido transparente e sem cheiro.

— Tudo isso é muito engraçado, mas é óbvio que vocês estavam falando de *mim* — ela diz e abre um sorriso. — Mas querem saber? Estou tão feliz que não vou ligar.

Ergo o braço, determinada a impedi-la de batizar meu refrigerante. Faz tempo que jurei nunca mais botar uma gota de vodca na boca, desde aquela vez no acampamento de verão de minha escola

no Oregon, em que passei a noite inteira vomitando depois de ter bebido mais do que devia de uma garrafa que Rachel havia contrabandeado. Mas, assim que toco o pulso de Haven, fico apavorada ao ver um calendário pipocar à minha frente, com o 21 de dezembro circulado em vermelho.

— Relaxe, garota! Deixe de ser *careta*! Se joga um pouco, vá! — ela diz, e revira os olhos. — Vocês não vão perguntar por que estou tão feliz?

— Não, porque você vai contar de qualquer jeito — diz Miles, empurrando o prato depois de ter comido toda a proteína e deixado o resto para os pombos.

— Tem razão, Miles, vou mesmo. Mas não custa nada perguntar, né? Bem, foi Drina quem ligou. Ela ainda está em Nova York, entregando-se às compras como se não houvesse amanhã. Até comprou uns produtinhos pra mim, dá pra acreditar? — Com os olhos brilhando, Haven espera qualquer manifestação de entusiasmo, mas como Miles e eu nada dizemos, ela apenas faz uma careta e continua: — Olha, ela mandou beijos pra vocês dois, que não se deram o trabalho de mandar beijos de volta. Aliás, não fiquem achando que ela não percebeu, tá? — E depois de nos fulminar com o olhar, diz: — Daqui a alguns dias ela estará de volta. Acabou de me convidar pra uma festa hiperdescolada, mal posso esperar.

— Quando? — pergunto, fazendo o possível para não demonstrar o pânico que de fato estou sentindo. Aposto que é no dia 21 de dezembro.

Mas Haven simplesmente sorri e balança a cabeça.

— Sinto muito, mas não posso dizer. Prometi que não ia dizer.

— Por quê? — Miles e eu perguntamos juntos.

— Porque é uma festa superexclusiva, nome na porta e tudo, e eles não querem um bando de penetras tentando entrar.

— E por acaso é assim que você vê a gente? Como "um bando de penetras"?

Haven dá de ombros e toma um demorado gole de sua bebida.

— Isto está errado! — protesta Miles. — Somos seus melhores amigos, então, por lei, você tem de contar tudo pra gente!

— Não desta vez — diz Haven. — Jurei que não contaria. Mas estou tão pilhada que acho até que vou explodir!

Tento captar algo dos pensamentos dela, mas não consigo. Minha cabeça dói demais, meus olhos estão lacrimejando muito e as auras de todo mundo se confundem numa só. Nem me lembro da vodca quando dou um gole no refrigerante, que desce arranhando pela garganta, viaja por minha corrente sanguínea e imediatamente me deixa tonta.

Preocupando-se ao ver minha cabeça balançar, Haven pergunta:

— Você ainda está doente? Melhor pegar leve, então. Talvez ainda não esteja totalmente curada.

— Curada do quê? — Olho rapidamente para ela, tomo um segundo gole de Sprite, depois um terceiro, meus sentidos perdendo o fio a cada nova golada.

— Da gripe! Da febre! Dos sonhos! Lembra aquele dia em que você desmaiou na escola? Falei que o enjoo e as tonteiras eram só o início, não falei? Aliás, se você tiver os sonhos, prometa que vai me contar, porque eles são *irados*!

— Que sonhos?

— Eu não lhe contei sobre os meus?

— Não com detalhes. — Depois de mais um gole, observo que, apesar da tonteira, minha cabeça está mais clara, mais focada, aos poucos livrando-se das visões, das cores, dos ruídos e dos

pensamentos alheios.

— Foi muito frenético! Não vá ficar brava comigo, mas o Damen estava em alguns deles. Não que algo tenha rolado entre a gente, não foi um sonho *daqueles*. Na verdade, ele estava me defendendo, tipo assim, lutando contra as forças do mal pra me salvar, sabe? Muito bizarro. — Ela ri. — Ah! por falar nisso, Drina esteve com ele em Nova York.

Olho fixamente para Haven e sinto um frio repentino no corpo inteiro, apesar da vodca que corre no sangue. Mas quando dou outro gole o frio vai embora, levando junto minha dor e minha aflição.

Então bebo mais um pouquinho.

E um pouquinho mais.

Depois digo, apertando os olhos:

— Por que foi que você me contou isso?

Mas Haven apenas dá de ombros e diz:

— Ah, foi Drina que mandou falar.

vinte e oito

Depois do festival, voltamos ao carro de Haven, damos uma rápida passada na casa dela para reabastecer o cantil e seguimos para a cidade. Estacionamos numa rua qualquer, entupimos o parquímetro de moedas e nos precipitamos avançando trôpegos pela calçada, um do lado do outro, braços entrelaçados, fazendo com que os pedestres desviem de nós, cantando "(You Never) Call Me When You're Sober" a plenos pulmões. Completamente desafinados. E quase molhando as calças de tanto rir quando alguém passa por nós e torce o nariz.

Ao passarmos diante de uma dessas livrarias New Age que dão consultas de tarô, reviro os olhos e finjo que nem a vi, feliz da vida por não mais fazer parte desse mundo, graças aos efeitos da vodca. Enfim, livre.

Atravessamos a rua e vamos para a praia. Mais ou menos na altura do Hotel Laguna nos esborrachamos na areia e ali ficamos, completamente tontos, braços e pernas entrelaçados, passando o cantil de mão em mão até esvaziá-lo por inteiro.

— Droga! — resmungo e jogo a cabeça para trás, dando tapinhas no cantil, tentando extrair dele a última gota.

— Fique fria, garota — diz Miles. — Curta a onda e relaxe.

Mas não quero relaxar. E já estou curtindo a onda. Só quero ter certeza de que ela vai continuar. Agora que minha mediunidade foi para o espaço, faço questão de que ela fique por lá.

— Querem ir lá pra casa? — digo, enrolando a língua, torcendo para que Sabine esteja fora, para que a gente possa tomar a vodca que sobrou do Halloween e continuar com nossa festinha.

— Sem chance — diz Haven, fazendo que não com a cabeça. — Estou um lixo. Acho até que vou largar o carro na rua e voltar engatinhando pra casa.

— E você, Miles? — digo, quase suplicando, não querendo que a festa acabe. Esta é a primeira vez que me sinto assim, tão leve, tão livre e tão normal, desde que... bem, desde que o Damen foi embora.

— Não vai dar — ele diz. — Jantar em família. Sete e meia em ponto. Gravata opcional. Camisa de força obrigatória. — Às gargalhadas, cai para trás na areia, e Haven se joga por cima dele.

— Mas, e eu? Vou fazer o quê? — Cruzo os braços e olho torto para meus amigos, que riem e rolam na areia, sem nem ouvir o que acabei de dizer.

Na manhã seguinte, embora tenha dormido mais que a cama, o primeiro pensamento ao abrir os olhos é: *Minha cabeça não está latejando!*

Pelo menos, não do modo habitual.

Depois rolo para o lado e pesco a garrafa de vodca que escondi debaixo da cama, ontem à noite. Dou um gole demorado e fecho os olhos para saborear o quentinho do álcool, primeiro na língua, depois na garganta.

E quando Sabine coloca a cabeça para dentro de meu quarto a fim de ver se já acordei, fico em êxtase ao constatar que não vejo nem uma pontinha de aura em torno dela.

— Estou acordada! — Rapidamente escondo a garrafa sob o travesseiro, salto da cama e corro para abraçar minha tia, ansiosa para ver que tipo de energia será trocada entre nós, feliz da vida

quando nada acontece. — O dia está lindo, não está? — digo e abro um sorriso, os lábios ainda um pouco anestesiados, custando a obedecer.

Sabine olha para a janela, depois para mim.

— Se você está dizendo... E dá de ombros.

Olhando pelas vidraças da varanda vejo que o dia está cinzento e chuvoso. De qualquer modo, não estava me referindo ao tempo. Estava pensando em mim mesma.

Na nova Ever. Na versão melhorada de Ever. A Ever normal, que só vê, ouve e sente o que todo o mundo vê, ouve e sente.

— Esse tempinho me faz lembrar o Oregon... — digo, tiro minha camisola e vou para o chuveiro.

Assim que entra no carro, Miles olha para mim de cima a baixo e diz:

— Que diabos *deu em*...

Olho para minhas roupas (minissaia jeans, suéter e sapatilhas de balé; relíquias que Sabine guardou de minha vida antiga) e gosto do que vejo, sorrindo.

— Sinto muito, mas não entro no carro de estranhos — ele diz e abre a porta, ameaçando sair.

— Sou eu, juro! Palavra de honra! Até onde eu sei, pelo menos — retruco às gargalhadas. — E feche logo essa porta! Não quero ninguém caindo do meu carro, fazendo a gente se atrasar!

— Não estou entendendo lhufas — continua Miles, boquiaberto. — Quer dizer, quando foi que isso aconteceu? *Como* aconteceu? Ainda ontem você praticamente usava uma burca, e agora parece que assaltou o armário de Paris Hilton!

Olho para ele em tom de reprovação.

— Com muito mais classe, claro — diz Miles.

Sorrio e piso fundo no acelerador. As rodas do Miata derrapam no asfalto molhado e só voltam ao normal quando lembro que não posso mais contar com meu radar interno e Miles começa a berrar.

— Caramba, Ever, *que foi que deu em você*? Nossa, você ainda está chapada?

— Claro que não! — respondo, talvez um pouco rápido demais. — É que... resolvi sair da concha, sabe? Só isso. Sou um pouquinho tímida nos primeiros... muitos... meses — digo rindo. — Mas pode acreditar. *Esta* é a Ever de verdade. — Só espero que ele caia em minha conversa.

— Mas você tinha de escolher logo o dia mais horrível e mais chuvoso do ano pra *sair da concha*?

— Pra mim o dia está lindo, Miles. Você nem calcula quanto. Essa chuva me faz lembrar o Oregon.

Quando enfim chegamos ao estacionamento, paro na primeira vaga que encontro e salto do carro, seguida de Miles; nossas mochilas fazem as vezes de guarda-chuvas e nossos passos fazem com que a lama respingue em nossas pernas. Ao ver Haven tremendo de frio, gotejante, minha vontade é de sair pulando de alegria sob uma marquise porque não enxergo aura nenhuma nela.

— Meu Deus, Ever, que foi que... — ela diz, olhos arregalados me olhando de cima a baixo.

— Vocês dois precisam aprender a terminar suas frases — brinco.

— Estou falando a sério, quase não a reconheci! — ela exclama, ainda chocada.

Miles dá uma risada, passa os braços sobre nossos ombros e nos conduz para dentro.

— Não ligue, não — diz. — É que pra Miss Oregon aqui o dia está lindo.

Chegando à aula de inglês, respiro aliviada por não estar vendo ou ouvindo algo que eu não deveria. Stacia e Honor estão cochichando uma com a outra, fazendo caretas para minhas roupas,

meus sapatos, meus cabelos e até minha maquiagem, mas passo direto por elas, na maior tranquilidade. Sei que estão falando horrores a meu respeito, mas não escuto esses horrores, o que faz toda a diferença. E quando as vejo olhando para mim outra vez, sorrio e fico dando tchauzinho até que elas, assustadas, deixam-me em paz.

No entanto, na aula de química, no terceiro tempo, quase não sinto mais a onda do álcool. No lugar dela, uma avalanche de ruídos, cores e visões que por pouco não me sufocam.

A certa altura levanto a mão e peço permissão para sair ao corredor, já completamente sufocada ao atravessar a porta.

Cambaleando, vou para meu armário e tento lembrar a combinação de números para destrancá-lo.

Será 24-18-12-3? Ou 12-18-3-24?

Olho à volta no corredor, a cabeça latejando, os olhos lacrimejando, e subitamente me lembro da sequência correta: *18-3-24-12*. Reviro a pilha de livros e papéis, jogando-os no chão sem o menor cuidado, fazendo com que tudo fique em volta dos meus pés, até encontrar a garrafa de "água" que escondi entre eles, já pressentindo o delicioso alívio que está por vir.

Destampo a garrafa, jogo a cabeça para trás e dou um longo gole, seguido de outro, e mais outro, e mais outro. Torcendo para que a onda dure pelo menos até o almoço, dou o último gole quando escuto:

— Espere aí. Sorria. Não? Tudo bem. Já consegui o que queria.

E quase tenho um treco quando viro o rosto e dou de cara com Stacia, exibindo a foto que acabou de tirar. Lá estou eu no visor, perfeitamente focada, entornando vodca goela abaixo.

— Quem diria que você é tão fotogênica, hem? É tão raro termos a chance de ver você sem ser escondida debaixo daquele capuz... — ela diz sorrindo, olhando para mim de cima a baixo.

Fico olhando para ela e, embora meus sentidos estejam anestesiados pelo álcool, sei exatamente quais são as intenções da garota.

— Pra quem você quer que eu mande primeiro? Sua mãe? — Stacia arqueia as sobrancelhas e tapa a boca como se estivesse horrorizada. — Ai, não, desculpe, meus pêsames. Mas e se eu mandasse para sua tia? — Ou então posso mandar pra um de seus professores, o que você acha? Ou talvez pra *todos* eles? Não? É verdade, melhor mandar direto pro diretor, né? Um só coelho, uma só cajadada. Não tem erro. É morte certa, como dizem.

— Isto aqui é uma garrafa de *água* — digo. Recolho os livros do chão e os jogo de volta no armário com toda a displicência que consigo fingir, como se não estivesse nem um pouco preocupada; sei que ela tem muito mais capacidade de captar medo que um cão farejador. — O que você tem aí é uma foto minha bebendo água. Qual o problema?

— Água? — Ela ri. — Sei. *Muito* original de sua parte, devo acrescentar. Ninguém *nunca* pensou nisso antes, esconder vodca numa garrafa de água mineral... — Ela revira os olhos. — Ah!, poupe-me, Ever. Seus dias nesta escola estão contados. Basta um único testezinho de bafômetro e... Adeus, Bay View; olá, "Escola para Perdedores e Viciados".

Olhando para Stacia à minha frente, tão segura de si, tão petulante, sei que ela está com a faca e o queijo na mão, pois me pegou literalmente com a boca na botija. Mesmo que as evidências pareçam apenas circunstanciais, tanto ela quanto eu sabemos que não são. Ambas sabemos da verdade.

— O que você quer? — pergunto afinal, quase sussurrando. Sei que todos têm um preço, e ao longo do último ano ouvi pensamentos e tive visões suficientes para saber que Stacia também tem o seu.

— Pra início de conversa, quero que você pare de me aporrinhar — ela diz, cruzando os braços diante do peito e afundando a câmera sob a axila, longe de meu alcance.

— Mas não aporrinho você — digo, já enrolando um pouco a língua. — É *você* que *me* aporrinha.

— *Au contraire.* — Ela me observa, sorrindo, mas me execrando com o olhar. — Ter de olhar pra sua cara todo santo dia já é uma grande aporrinhação.

— Você quer o quê? Que eu peça transferência pra outra turma de inglês? — pergunto, ainda com a maldita garrafa nas mãos, sem saber ao certo o que fazer com ela: guardar de volta no armário ou escondê-la na mochila. De um jeito ou de outro, Stacia vai me dedurar, e a garrafa será confiscada.

— Você sabe que ainda me deve um vestido novo, não sabe? Desde aquele dia em que me atropelou feito uma louca neste mesmo corredor.

Então é isso: chantagem. Ainda bem que ganhei aquele dinheiro todo no hipódromo.

Vasculho minha mochila e retiro a carteira, nem um pouco incomodada em reembolsá-la se for para colocar um ponto final nessa história.

— Quanto é? — pergunto.

Ela me encara durante um tempo, calculando o tamanho do rombo que poderá fazer.

— Bem, como eu disse antes, era um vestido de *marca*, difícil de substituir, então...

— Cem dólares? — digo e tiro um Ben Franklin da carteira.

Stacia revira os olhos e diz:

— Até entendo que você não tenha a menor noção de moda, mas sinto muito, amor, você vai ter de aumentar essa sua oferta. Isso aí não dá nem pra começar — ela diz, os olhos fixos em meu bolo de dinheiro.

Sabendo que os chantageadores nunca se dão por satisfeitos e sempre voltam em busca de mais, acho prudente lidar com isso agora, antes que vá longe demais.

— Olhe só, *amor* — digo sorrindo, lembrando-me do que *vi* no dia de nossa trombada. — Nós duas sabemos que você comprou aquele vestido numa ponta de estoque de beira de estrada, quando voltava de Palm Springs para casa. Vou reembolsar o que pagou: 85 dólares, se não me falha a memória. Portanto, pega logo esta nota de 100 e pode ficar com o troco.

Ela me olha de cima a baixo, abre um sorriso forçado e enfim pega a nota, guardando-a no bolso. Depois olha de relance para a garrafa em minhas mãos e diz:

— Então, não vai me oferecer um drinque?

Se ontem alguém tivesse dito que hoje eu estaria escondida no banheiro da escola, enchendo a cara com Stacia Miller, eu jamais acreditaria. No entanto, é exatamente isso que fiz. Fomos juntas para o banheiro e nos agachamos num cantinho para entornar uma garrafa de água mineral recheada de vodca.

Nada como dividir vícios e segredinhos para aproximar as pessoas.

E quando Haven entrou e nos encontrou assim, arregalou os olhos e disse:

— Que *borra* é essa aqui?

Dobrando-me de tanto rir, deixei o corpo cair no chão, enquanto Stacia, enrolando a língua, os olhos quase fechando, disse:

— Ih. A *góxxxica* chegou. *Zentaí*.

— Por acaso perdi alguma coisa? — pergunta Haven, encarando-nos com uma expressão de desconfiança. — Isso é pra ser engraçado?

Falou de um jeito tão *sério*, tão autoritário, tão ridículo e tão *não* divertido que só nos fez rir ainda mais. Depois, pisando firme, saiu do banheiro e bateu a porta. Stacia e eu imediatamente voltamos a beber.

No entanto, só porque enchi a cara com ela no banheiro, isso não significa que agora tenho acesso à mesa dos VIPs. Nem me dou o trabalho de tentar. Vou direto para meu lugarzinho de sempre, tão tonta e confusa que leva um tempinho até eu perceber que não sou bem-vinda ali também.

Despejo o corpo no banco, arrasto os olhos para Haven e Miles e desando a rir, por nenhum motivo aparente. Pelo menos não para eles. Se os dois pudessem ver a própria cara, aposto que estariam rindo também.

— Que foi que deu nela? — pergunta Miles, largando o roteiro que estava lendo.

— Está chapada — responde Haven, séria. — Totalmente chapada. Peguei a garota entornando uma garrafa de vodca no banheiro. E sabe com quem, com tanta gente pra escolher? Stacia Miller.

Miles deixa o queixo cair e enruga a testa de um jeito tão engraçado que não me contenho: caio na gargalhada outra vez.

E percebendo que não fico quieta, ele se aproxima do banco, aperta meu braço e diz:

— Shhh! — Olhando à volta para ver se ninguém está ouvindo, continua: — Sério, Ever, pirou de vez? Caramba! Desde que o Damen foi embora você anda tão...

— Tão *o quê*? — Puxo o braço com tanta força que perco o equilíbrio e por muito pouco não vou ao chão, mas me ajeito a tempo de ver Haven balançar a cabeça com uma expressão de censura. — Vá, Miles, desembuche — digo, olhando para ele. — E você também, Haven, desembuche aí. — Mas a língua está tão pesada que as sílabas se misturam num arrastado *disimbuje*.

— Você quer que a gente *disimbuje*? — pergunta Miles. — Tudo bem, mas seria ótimo se a gente soubesse o que isso significa. — Ele vira para Haven. — Você sabe o que quer dizer *disimbuje*?

— Parece alemão — ela diz, olhando torto em minha direção.

Reviro os olhos e levanto para ir embora, mas as pernas não me obedecem e caio de joelhos no chão.

— Aaaaai! — grito e me jogo de volta no banco, abraçando as pernas, os olhos apertados pela dor que eu sinto.

— Vá, beba um pouquinho disto aqui. — Miles oferece sua garrafa de isotônico. — E pode ir passando as chaves. Nem morto que eu vou entrar num carro com você nesse estado.

E não entraria mesmo. Miles volta sozinho para casa, dirigindo o Miata.

E eu com minha tia Sabine.

Ela me acomoda no banco do carona, vai para a direção e arranca com o carro. Assim que atravessa o portão do estacionamento, balança a cabeça, em reprovação, e, muito séria, diz:

— *Expulsa?* Um dia você está na lista de honra da escola e no outro é expulsa! Como é que se explica uma mudança dessas?

Fecho os olhos e pressiono a testa contra a janela, aproveitando o friozinho do vidro na pele.

— Não fui expulsa — resmungo. — Fui suspensa, lembra? Foi você mesma que conseguiu a redução de pena. Aliás, com muita competência. Agora sei por que ganha tanta grana como advogada. — Olho pelo canto do olho para Sabine, a tempo de ver o efeito das palavras que acabo de dizer: no rosto dela, a expressão de preocupação logo dá lugar a outra, de espanto e ofensa, de um modo que nunca vi. E mesmo sabendo que deveria estar arrasada de vergonha e culpa, a verdade é que... bem,

não fui eu quem pediu para ela litigar em minha defesa, alegando *circunstâncias atenuantes*, dizendo que meu comportamento deveria ser analisado *sob o prisma da gravidade de minha situação, do custo emocional impingido a alguém que recentemente perdeu toda a família.*

Ainda que tenha agido de boa-fé, acreditando em cada palavra do que disse, isso não significa que ela tenha dito a *verdade*.

Pois a verdade é: por mim, ela não teria movido uma palha sequer para impedir minha expulsão.

Quando me pegaram diante do armário, a onda da vodca passou imediatamente e os acontecimentos do dia voltaram à minha cabeça feito o trailer de um filme que eu preferiria não ver: desde o momento em que me esqueci de fazer Stacia deletar a foto até a conversa que tive com o diretor da escola, quando soube que a denúncia havia sido feita por Honor e que Stacia havia voltado para casa depois de uma terrível "intoxicação alimentar". Mas não antes de pedir a Honor que entregasse a foto e relatasse sua "preocupação" ao diretor Buckley.

Devo admitir: mesmo tendo consciência da grande encrenca em que me meti, ou melhor, enorme, e das consequências permanentes que terei de enfrentar (*Isso estará para sempre em seu currículo!*), não posso deixar de tirar o chapéu para Stacia. Ora, a garota não só cumpriu com a promessa de me destruir, sujando minha barra tanto na escola quanto com minha tia, como também voltou para casa 100 dólares mais rica e ainda por cima livre das encrencas em que se meteria! Isso não deixa de ser admirável.

Pelo menos de um modo calculista, sádico e sinistro.

Por outro lado, graças aos esforços coletivos de Stacia, Honor e do sr. Buckley, amanhã não tenho de ir à escola. Nem depois de amanhã. Nem no dia seguinte. O que significa que terei a casa toda só para mim, o dia inteiro, todos os dias: a privacidade de que preciso para continuar bebendo e exercitando minha tolerância. Pelo menos enquanto Sabine estiver no escritório.

Porque, agora que encontrei o caminho para a paz, não vou deixar que ninguém se meta nele.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo? — ela pergunta, sem saber como lidar comigo. — Será que agora vou ter de esconder toda a bebida de casa? Colocar você de castigo? — Ela balança a cabeça em desaprovação. — Ever, eu estou falando com você! O que *deu em você* hoje, Ever? *O que está se passando em sua cabeça*? Quer que eu arrume alguém para ajudar você? Se quiser, conheço um excelente terapeuta especializado em casos de luto como o seu.

Nem preciso virar o rosto para saber que Sabine está olhando para mim; sinto na pele a preocupação que emana do rosto dela. Mas fecho os olhos e finjo que estou dormindo. Afinal, que explicação eu poderia dar? Como despejar nos ombros de minha tia toda essa história maluca sobre auras, visões, espíritos e ex-namorado imortal? Embora ela tenha contratado uma vidente para o Halloween, fez isso apenas de brincadeira, um modo inocente de animar a festa. Sabine é dessas pessoas que pensam só com o lado esquerdo do cérebro: é racional, organizada, tem um compartimento para tudo na vida, vê as coisas ora em preto, ora em branco, evitando o cinza ao máximo. E se viesse a saber de todos os meus segredos (caso eu fosse estúpida a ponto de revelá-los), seguramente faria mais do que arrumar alguém para *me ajudar*: não pensaria duas vezes antes de me internar em um hospício.

Tal como prometido, Sabine esconde todas as bebidas alcoólicas da casa antes de sair para o trabalho, mas, assim que ela vira as costas, busco na despensa todas as garrafas de vodca que sobraram do Halloween, que ela havia guardado em uma prateleira alta e das quais nem se lembrava

mais. Subo com elas para o quarto e me jogo na cama, feliz da vida com as três semanas inteiras sem aula. Vinte e um dias, longos e gloriosos, estendidos à minha frente como um banquete diante de um gato faminto. Uma semana por causa da suspensão e outras duas por conta das férias de inverno, providenciais. E pretendo aproveitar cada segundo, apenas vendo a vida passar, atravessando os dias num único torpor embalado a vodca.

Recostada no travesseiro, abro a primeira garrafa com a firme intenção de saborear cada gole, deixando que o álcool percorra todo o caminho entre a garganta e a corrente sanguínea para só depois dar o gole seguinte. Nada de pressa, nada de afobação. Apenas um fluxo lento e contínuo de goles até que minha cabeça se acalme novamente e o mundo volte a brilhar. Até que o álcool me transporte a um lugar bem mais feliz do que este. A um mundo sem lembranças. A uma história de vida sem perdas.

A um lugar em que *vejo* apenas o que está lá para ser visto.

vinte e nove

Na manhã do dia 21 de dezembro desço à cozinha e, apesar da ressaca avassaladora, da cabeça que roda e da vista embaralhada, dou uma de atriz e preparo meu café da manhã normalmente: quero que a Sabine vá trabalhar convencida de que tudo está bem, de modo que eu possa voltar ao quarto e novamente me anestesiar de vodca.

Assim que ouço o barulho do carro dela na garagem, despejo o cereal no triturador da pia, subo para o quarto, tiro a garrafa que escondi debaixo da cama e a abro, contando os segundos para dar o primeiro gole do dia e afogar nele minhas dores, ansiedades e medos, esvaziando a mente por completo.

Por algum motivo, no entanto, não consigo parar de olhar para o calendário sobre a escrivaninha, a data de hoje saltando do papel, gritando e acenando para mim, só faltando me cutucar. Então pulo da cama e paro diante dele, do quadradinho vazio que não marca nenhum compromisso, nenhum aniversário, nenhuma tarefa a cumprir, nada, a não ser as palavras *SOLSTÍCIO DE INVERNO* em letras miúdas, informação importante para quem fez o calendário, mas não para mim.

Volto para a cama, afundo a cabeça em um monte de travesseiros empilhados e dou mais um longo gole na garrafa, fechando os olhos ao sentir o quentinho gostoso que corre por minhas veias e cala os ruídos da mente — o que Damen costumava provocar apenas com o olhar.

Dou mais um gole, depois outro, rápido demais, nem um pouco preocupada em cumprir o que havia prometido a mim mesma menos de 24 horas antes. Mas agora que tirei do baú a lembrança de Damen faço questão de apagá-la novamente. Então continuo a beber, gole atrás de gole, engasgando aqui, tossindo acolá, até que finalmente consigo dormir, e a imagem de Damen evapora.

Quando acordo, percebo uma estranha sensação de paz e segurança, uma alegria interior que só os apaixonados conhecem. Como se eu estivesse cercada apenas de raios dourados de sol, muito segura, protegida, feliz. Então fecho os olhos com força, determinada a permanecer nesse mesmo lugar, a prolongar esse momento de felicidade para sempre. Até que sinto uma cosquinha na ponta do nariz, quase imperceptível, e novamente abro os olhos, saltando da cama logo em seguida, os braços recolhidos contra o peito, o coração em disparada. Quando observo, sobre meu travesseiro, uma pluma preta.

A mesma pluma que usei na fantasia de Maria Antonieta.

A que Damen guardou como *lembrança*.

E agora tenho certeza de que ele esteve aqui.

Vendo as horas no relógio, custo a acreditar que pude dormir tanto. E ao correr os olhos pelo quarto vejo, pendurada em uma das paredes, a pintura que eu havia deixado no porta-malas do Miata, colocada ali para que eu visse. No entanto, não é a versão de Damen para *Mulher de Cabelos Amarelos*, tal como eu pensava, mas a imagem de uma garota de pele muito branca e cabelos claros correndo através de um cânion escuro e nebuloso.

Igualzinho ao cânion dos meus sonhos.

E sem saber por quê, pego meu casaco, calço o primeiro par de chinelos que encontro e corro para o quarto de Sabine. Pego as chaves do meu carro, que ela havia escondido numa gaveta, e desço

às pressas para a garagem, sem fazer a menor ideia de minha motivação, muito menos do destino que devo tomar.

Sigo pela Pacific Coast Highway rumo ao norte e vou direto para o centro de Laguna Beach. Costurando o tráfego geralmente engarrafado diante da praia, desviando da multidão de pedestres, viro na Broadway. Assim que consigo me livrar do movimento das ruas, piso fundo no acelerador, sempre obedecendo a meus instintos. A certa altura, já muito longe do centro, dobro à direita antes de cortar um carro, paro no estacionamento da reserva ambiental, desço do carro e coloco nos bolsos as chaves e o celular antes de seguir pela trilha à frente.

A neblina está espessa, dificultando a visão, e apesar da voz que me aconselha a voltar para casa, dizendo que é loucura andar sozinha numa escuridão dessas, não consigo parar: impelida por uma força que não sei de onde vem, sigo adiante como se meus pés se movessem por conta própria e não me restasse opção além de obedecer.

Enterro as mãos nos bolsos do casaco, tilintando de frio, e avanço na trilha, tropeçando aqui e ali, sem fazer a menor ideia de onde ela vai dar, até agora sem qualquer destino em mente. Só vou saber quando chegar.

De repente, dou uma topada contra uma pedra e caio no chão, uivando de dor. Mas quando o celular toca os uivos já deram lugar a um mero gemido.

— Sim — digo, ofegando ao me esforçar para ficar de pé.

— É assim que você atende o telefone agora? Comigo não está funcionando, não.

— Fale, Miles. — Espano a terra que ficou em mim e continuo pela trilha, agora com um pouco mais de atenção.

— Eu só queria dizer que você está perdendo o maior babado. E como agora todo o mundo sabe que você é chegada a um agito, achei que devia chamá-la. Pra falar a verdade, eu nem devia esperar muito, pois a parada é mais engraçada que divertida. Digo, você tinha de ver, um bando de góticos, centenas deles, enchendo o cânion de ponta a ponta. Parece até uma convenção de dráculas ou algo do tipo.

— A Haven está aí também? — pergunto, sentindo um súbito frio no estômago ao mencionar o nome dela.

— Está, procurando pela Drina. Lembra a tal festa sobre a qual ela não queria contar? Pois é. É isto aqui. A garota não consegue guardar segredo, nem os dela mesma.

— Achei que elas não estivessem mais nessa onda de gótico.

— A Haven também. Está pê da vida porque não se vestiu adequadamente.

Chegando ao topo de uma colina, avisto um vale inundado de luz.

— Você falou que está num cânion, não falou?

— Falei.

— Pois é, eu também. Quer dizer, estou quase chegando — digo, e vou descendo pela encosta da colina.

— Peralá. *Você está aqui*?

— Estou. Caminhando em direção à luz.

— Passou pelo túnel antes? Hahaha... Entendeu? Túnel, luz? — E quando percebe que eu não respondi, continua: — Mas, peraí, como foi que você ficou sabendo da parada?

Bem, acordei meio chapada com uma pluma fazendo cócegas em meu nariz e um quadro sinistro pendurado em uma parede do quarto, então fiz o que qualquer maluco faria em meu

lugar: peguei um casaco, calcei os chinelos e saí por aí, dirigindo de camisola!

Sabendo que não posso dizer nada disso, fico muda, o que deixa Miles ainda mais desconfiado.

— Foi Haven que lhe contou, não foi? — ele pergunta. — Pois ela jurou que só tinha contado pra mim. Quer dizer, não me leve a mal, mas...

— Não, Miles. Juro que não foi ela quem contou. Simplesmente fiquei sabendo. Enfim, estou quase chegando, a gente se vê daqui a pouco... isto é, se não me perder na neblina.

— Neblina? Mas não tem neb...

Mas antes que ele possa terminar o telefone é bruscamente arrancado de minha mão.

— Olá, Ever — diz Drina, sorrindo. — Falei que a gente iria se encontrar de novo.

trinta

Sei que devo correr, gritar, fazer *alguma coisa*. No entanto, não consigo sair do lugar, os chinelos de borracha pregados ao chão como se tivessem criado raízes. E mantenho os olhos grudados em Drina, perguntando-me não só como vim parar aqui mas também o que a garota terá em mente.

— O amor é uma grande cilada, não acha? — Sorrindo, com a cabeça inclinada para o lado, ela me olha de cima a baixo. — Justo quando você encontra o homem de seus sonhos, um cara que parece bom demais pra ser verdade, você descobre, *de uma hora pra outra*, que ele *é* mesmo bom demais pra ser verdade! Pelo menos, pra *você*. E dali a pouco se vê sozinha, arrasada e, vamos combinar, chapada a maior parte do tempo. Mas devo confessar: me diverti muito acompanhando essa sua derrocada para o mundo dos vícios juvenis. Tão previsível, tão... *clichê*. Entende? Uma mentirinha aqui, outra ali, os pequenos furtos, as portas trancadas... Toda a sua energia direcionada para descolar uma birita. O que facilitou, e muito, minha vida. Pois a cada gole que dava você enfraquecia suas defesas. Bloqueava os estímulos externos, tudo bem, mas também ficava mais vulnerável, mais aberta, mais fácil de manipular. — Ela aperta meu braço, as unhas afiadas cravadas em meu pulso, e me puxa para perto. Tento me desvencilhar, mas não consigo. Drina é monstruosamente forte.

— Ah!, os mortais. — Ela contrai os lábios. — Alvos sempre tão fáceis! Adoro brincar com vocês! Por acaso você acha que montei todo este circo pra nada? Claro, poderia ter optado por algo mais simples. Poxa, se quisesse, teria acabado com você lá em seu quarto, quando ainda estava preparando o terreno. Teria sido bem mais rápido e menos trabalhoso. Por outro lado, nem de perto seria tão divertido. Pra nós duas, não acha?

Com os olhos ainda cravados em Drina, não posso deixar de notar a perfeição do rosto dela, o corte igualmente perfeito dos cabelos e do vestido de seda preta, justo e solto nos lugares certos, tudo isso acentuando uma beleza de tirar o fôlego. E quando ela corre a mão pelos cabelos vermelho-cobre, vejo o uróboro tatuado no pulso, que some um segundo depois, no tempo em que pisquei os olhos.

— Então, vejamos. Você achou que era o Damen quem a estava chamando aqui, convocando sua presença, contra sua vontade. Sinto muito decepcioná-la, Ever, mas sou eu quem está por trás de tudo isso, de toda essa encenação. Simplesmente *adoro* o dia 21 de dezembro, você não? O solstício de inverno, a noite mais longa do ano, com todos aqueles góticos ridículos festejando num cânion qualquer. — Ela faz que não está nem aí, seus elegantes ombros subindo e descendo, revelando o uróboro ora sim, ora não. — Desculpe se fui teatral demais. Mas é isso que torna a vida mais interessante, concorda comigo?

Novamente tento me desvencilhar, mas Drina crava as unhas ainda mais fundo, por pouco não tirando sangue de meu braço.

— Digamos que eu decidisse soltá-la — ela continua. — O que você faria? Fugiria de mim? Sou muito mais rápida. Gritaria por sua amiga? *Ops*, não vai dar. Haven nem está aqui. Parece que mandei sua amiga pra festa *errada*, no cânion *errado*. Neste exato momento, está andando de um lado pro outro feito uma barata tonta, procurando por mim no meio daquela multidão de pretensos vampiros! — Ela ri. — Achei que você gostaria de um encontro mais íntimo. — Ela de novo olha

para mim de cima a baixo. — Hoje você é minha convidada de honra.

— O que você quer de mim? — pergunto, cerrando os dentes de tanta dor quando Drina aumenta a pressão contra meu braço, ameaçando reduzir meus ossos a pó.

— Não me apresse — ela retruca, as pálpebras apertadas sobre os magníficos olhos verdes que me encaram. — Tudo a seu tempo. Onde estávamos mesmo? Antes de você cometer a grosseria de me interromper? Ah, sim, falávamos de *você*, de como veio parar aqui, de como as coisas não aconteceram do modo que imaginava. Mas na vida nada é o que imaginamos, certo? Nunca foi. E receio que nunca será. Veja bem, Damen e eu nos conhecemos há muito tempo. Há muito, muito, muito tempo. E, no entanto, apesar de todos esses anos juntos, apesar de nossa *longevidade*, você sempre dá um jeito de se colocar em nosso caminho.

Baixo os olhos, perguntando-me como pude ser tão estúpida, tão ingênua. Essa história nunca teve nada a ver com Haven. Apenas comigo.

— Ooooh, não seja tão cruel assim com você mesma. Não é a primeira vez que comete o mesmo erro. Eu fui a responsável pela sua morte em... quantas vidas, mesmo? — Ela dá de ombros. — Sei lá, já perdi as contas.

De repente me lembro daquele dia no estacionamento da escola, em que Damen disse que não suportaria me perder *outra vez*. Mas quando vejo a expressão de ódio no rosto de Drina, sabendo que ela é capaz de ler minha mente, procuro não pensar em mais nada.

Sem largar de meu braço, ela começa a andar a meu redor, obrigando-me a girar sobre os pés, circulando a língua por dentro da boca.

— Vejamos — diz. — Se não me falha a memória, e ela *nunca* falha, nas últimas vezes que nos encontramos, você e eu brincamos de um joguinho chamado *Doce ou Travessura*. E devo adiantar que você não se saiu lá muito bem em nenhuma das vezes. Mesmo assim, por incrível que pareça, você nunca se cansa de brincar! Então pensei: talvez ela queira tentar de novo.

Encaro Drina, a essa altura já estou tonta de tanto girar, sem falar no álcool que ainda corre em minhas veias. Mas nem por isso deixo de notar a ameaça velada nas palavras dela.

— Já viu um gato matando um rato? — Sorrindo, com os olhos brilhando, Drina passa a língua em torno dos lábios como se estivesse salivando. — Sabe como o gato gosta de brincar com sua presa estúpida, prolongando a agonia dela até se cansar da brincadeira e terminar o serviço?

Fecho os olhos, sem querer ouvir mais nada. Ora, se ela quer tanto me matar, por que não acaba logo com isso?

— Pois então, isso seria o *doce*, pelo menos para mim. — Ela ri. — Mas... e a *travessura*? Não está curiosa pra saber qual é a travessura? — Vendo que não vou responder, ela suspira e diz: — Poxa, você é um tanto burrinha, hem? Mas vou dizer assim mesmo. A travessura é a seguinte: finjo que deixo você ir embora, depois cruzo os braços e fico olhando você correr em círculos, tentando escapar, até que fica exausta e desiste. Aí vou lá e recolho meu *doce*. Então, o que vai ser? Morte lenta ou morte agonizantemente lenta? Mas escolha depressa, porque o tempo está correndo!

— Por que você quer me matar, afinal? — pergunto, olhando para ela. — Por que não me deixa em paz? Damen e eu nem estamos mais juntos! Faz semanas que a gente não se vê!

No entanto ela apenas ri.

— Nada pessoal, Ever. Mas, por algum motivo, minha relação com Damen sempre fica melhor depois que você é... *eliminada*.

Apesar de ter pedido uma morte rápida ainda há pouco, mudei de ideia. Recuso-me a desistir sem

lutar. Mesmo que esteja fadada a perder.

Drina balança a cabeça e me encara, visivelmente decepcionada.

— Tudo bem — diz. — Você escolheu a travessura, certo? Então vá, corra!

Ela solta meu braço, e eu fujo correndo pelo cânion, sabendo que provavelmente não há nada nem ninguém que possa me salvar, mas determinada a pelo menos fazer uma tentativa.

Afasto os cabelos dos olhos e corro cegamente pela névoa, com a esperança de reencontrar a trilha e voltar pelo mesmo caminho até o carro. Os pulmões ameaçam explodir em meu peito, os chinelos não tardam a ficar para trás, mas continuo correndo, pisando em cascalho frio e cortante, tentando ignorar os galhos secos que vão fincando em meus flancos e a certa altura arrancam meu casaco. Correndo rumo à vida — mesmo não tendo certeza de realmente querer vivê-la.

E enquanto corro lembro-me de outra ocasião em que tive de correr assim.

Mas, como no sonho, não faço a menor ideia de como tudo termina.

Acabo de chegar à clareira que leva de volta à trilha quando Drina irrompe da névoa e interpõe-se em meu caminho.

Tento esquivar-me, desviando e seguindo adiante, mas, na maior calma do mundo, ela levanta a perna e me passa uma rasteira, fazendo com que eu caia de cara no chão.

Estatelada, meu rosto sobre uma poça de meu próprio sangue, ouço a risada de escárnio que ela lança em minha direção. E quando tento levar minha mão ao rosto, meu nariz tomba para o lado, quebrado.

Cuspindo terra, sangue e dentes, reunindo as forças que ainda me restam, finalmente consigo ficar de pé. E observo quando Drina balança a cabeça e diz:

— *Cruzes*, Ever. Você está horrível! — E com uma cara de nojo, emenda: — Horrível demais! Não entendo o que Damen viu em você.

Sinto dores no corpo inteiro e mal consigo respirar. A boca está empapada de sangue, deixando um gosto amargo e metálico na língua.

— Bem, suponho que você queira saber de todos os detalhes, ainda que não vá se lembrar deles da próxima vez. Mas é sempre divertido ver sua cara de espanto quando explico tudo o que fiz. — Ela ri. — Não sei por que, mas por algum motivo nunca me canso desta cena em particular, apesar de já tê-la visto um milhão de vezes. Além disso, para ser bastante honesta, devo admitir que quanto mais prolongada sua agonia, maior meu prazer. Assim como as preliminares do sexo, entende? Quer dizer, *claro* que não entende. Por mais que você volte, vida após vida, sempre acaba morrendo virgem. O que seria muito triste se não fosse tão engraçado. — Drina deixa escapar mais um de seus risinhos irônicos. — Então, por onde começo? Vamos ver, vamos ver... — ela diz, olhando para mim com os lábios crispados, as unhas vermelhas tamborilando na cintura. — Já sei. Bem, em primeiro lugar, como você já deve ter deduzido, fui eu quem trocou o quadro que estava no porta-malas de seu carro. Quer dizer, *você* como a *Mulher de Cabelos Amarelos* de Picasso? Na-na-ni-na-não! Simplesmente não dá. Cá entre nós, Picasso teria ficado *furioso*. Apesar de tudo, eu realmente o amo. O Damen, claro. Não aquele espanhol velhote. — Ela ri. — E quanto à pluma preta, fui eu também. — Revirando os olhos, ela bufa: — Damen às vezes é tão... *piegas*. Ah, também fui eu quem plantou aquele sonho em sua cabeça. Meses de preparação, de mistério... Um toque de classe, não acha? E não, não vou explicar todos os comos e porquês. Demoraria muito. Além do mais, na atual conjuntura, nada disso é relevante. Pena que você não morreu naquele acidente, Ever, pois teria poupado a nós duas toda essa amolação. Você faz ideia do estrago que causou? Quer dizer, por sua

culpa Evangeline está morta, e Haven... bem, essa escapou por um triz. Poxa, Ever, quanto egoísmo de sua parte!

Ela olha para mim, mas me recuso a falar, o que talvez signifique uma confissão de culpa.

Drina ri e diz:

— Agora que você vai partir desta para a melhor, não custa nada confessar, né? — Erguendo a mão direita como se fosse fazer um juramento solene, ela continua: — Eu, Drina Magdalena Auguste — e pisca para mim ao dizer "Auguste" —, confesso que eliminei Evangeline, também conhecida como June Porter. Que, aliás, não estava contribuindo com nada, só ocupando espaço, portanto não merece consideração alguma. Eu precisava tirar a garota do caminho para ter acesso direto a Haven. — Ela sorri, seus olhos me encarando. — Sim, tal como você suspeitava, roubei sua amiga Haven de propósito. O que é muito fácil no caso dessas pessoas perdidas e mal-amadas que só precisam de um pouquinho de atenção para comer bem aqui, na palma de nossa mão. E, sim, também convenci a garota a fazer aquela tatuagem que por pouco não a matou, mas só porque não conseguia decidir se queria matá-la de uma vez por todas ou matá-la para depois trazê-la de volta como uma imortal. Faz tempo que não tenho uma discípula, sabe, e eu adorava ter uma. Por outro lado, a indecisão sempre foi meu ponto fraco. Diante de tantas opções, e de uma eternidade inteira pra experimentar cada uma delas, bem, às vezes fica difícil resistir à ganância e escolher uma só! — Ela sorri feito uma criança que acabou de fazer uma travessura e nada mais. — De qualquer modo, hesitei por muito tempo e Damen acabou interferindo, sendo o altruísta sentimentaloide que sempre foi. E depois... Bem, o restante você já sabe. Ah, já ia esquecendo: também fui eu quem conseguiu aquele papel para o Miles na peça. Mas justiça seja feita: é muito provável que ele tivesse chegado lá por conta própria, o garoto é *extremamente* talentoso. Mas eu não podia correr nenhum risco, então me infiltrei na cabeça do diretor e garanti o voto a favor de seu amigo. Quanto a Sabine e Jeff? Obra minha também. Você há de convir: mandei muito bem, não mandei? Imagine só, sua tia advogada, bonita, inteligente e bem-sucedida, apaixonando-se por aquele zero à esquerda! — Ela ri. — Patético, mas ao mesmo tempo muito engraçado, não acha?

Mas por quê? Por que tudo isso?, penso, incapacitada de falar em razão dos tantos dentes quebrados e do sangue que me faz engasgar. Mas sequer preciso abrir a boca para dizer o que quer que seja, já que Drina pode ler meus pensamentos. *Por que envolver tanta gente, por que não perseguir só a mim?*

— Eu queria mostrar como sua vida pode ser solitária. Provar como é fácil para as pessoas abandonar você em favor de algo melhor, mais excitante. Você está sozinha, Ever. Sozinha, isolada, mal-amada. Leva uma vida patética, que dificilmente vale a pena ser vivida. Portanto, como você pode ver, estou lhe prestando um favor. — Ela sorri. — Embora você não vá ter como me agradecer.

Olho para Drina, perguntando-me como uma pessoa tão extraordinariamente linda pode ser tão feia por dentro. Em seguida, olhando bem fundo nos olhos dela, rezando para não ser notada, dou um pequeno passo para trás.

Nem estou mais com Damen! Brigamos faz muito tempo! Por que você não vai atrás dele e me deixa em paz? Por que cada uma não segue seu caminho e esquece que tudo isso aconteceu?, penso, procurando distraí-la.

Drina ri e revira os olhos.

— Acredite em mim — diz. — Se tem alguém aqui que vai esquecer que tudo isso aconteceu, esse alguém é você! Além do mais, as coisas não são tão simples assim. Você não faz a menor ideia de

como elas funcionam, faz?

É verdade, não faço mesmo.

— Veja bem. O Damen é meu. *Sempre* foi. Mas, infelizmente, você sempre acaba aparecendo em nosso caminho, em seu estúpido, patético, monótono e repetitivo ciclo de vida. E, já que insiste nisso, cabe a mim encontrá-la e matá-la a cada vez.

Ela dá um passo em minha direção, e quando recuo piso a sola descalça e ensanguentada do pé em uma pequena pedra pontiaguda, apertando os olhos e contraindo o rosto com a dor insuportável.

— Você acha que *isso* dói? — diz Drina, às gargalhadas. — Ainda não viu nada, garota!

Então olho desesperada pelo cânion, em busca de uma saída qualquer, que me ajude a escapar. Dou um segundo passo atrás, mas novamente tropeço e vou ao chão, aproveitando a oportunidade para pegar a primeira pedra que vejo, grande e pontuda, e a arremesso contra Drina. A pedra acerta em cheio sua boca, abrindo um talho profundo nos lábios.

Nem um pouco intimidada, Drina dá uma longa risada, a ferida em seu rosto cheia de sangue, deixando à mostra dois dentes quebrados. Mas, para meu horror, volta ao normal em questão de segundos, os dentes novamente perfeitos, a boca sem traço algum de sangue, a mesma beleza impecável de sempre.

— Quanta falta de imaginação, Ever... — suspira. — Tente algo diferente, garota, quero me divertir um pouco!

Drina coloca-se à minha frente, mãos na cintura, sobrancelhas arqueadas, mas fico exatamente onde estou, recusando-me a fugir, a dar a cartada seguinte. Não quero dar a ela o prazer de me fazer de boba outra vez. Além disso, tudo o que ela falou antes é verdade. Minha vida é um desastre total. Pior, um desastre que acaba resvalando para todas as pessoas que me cercam.

Fico imóvel enquanto vejo Drina avançar em minha direção, sorrindo ao pensar no que está por vir, sabendo que meu fim está próximo. Então fecho os olhos e relembro aquele momento pouco antes do acidente, quando eu ainda era uma garota saudável e feliz, cercada pela família que tanto amava. A imagem me vem tão clara à mente que posso *sentir* o couro quentinho do banco do carro sob as pernas, o rabo de Buttercup batendo contra minha coxa; posso *ouvir* Riley cantando a plenos pulmões, feito uma maluca, completamente desafinada; posso *ver* o rosto sorridente da mamãe quando ela se vira para trás e faz um carinho nos joelhos de minha irmã, e os olhos do papai, que me observa pelo retrovisor com um delicioso sorriso de cumplicidade nos lábios.

Saboreando cada sensação, cada cheiro, cada ruído e cada emoção, como se novamente estivesse ali, faço o possível para não deixar esse momento escapar, ruminando-o na mente. Quero que ele seja minha última lembrança antes de partir: a lembrança de meu último momento de verdadeira felicidade.

Ainda estou perdida em meus pensamentos quando, de repente, ouço Drina exclamar assustada:

— Que *diabos* é isto agora?

Abrindo os olhos, vejo a expressão de choque em seu rosto, o queixo caído, os olhos arregalados que me examinam de cima a baixo. Então me examino também, e mal posso acreditar no que vejo: a camisola está novamente perfeita, os pés não estão mais ensanguentados, os joelhos não têm nenhum arranhão. Correndo a língua pela boca, sinto que todos os dentes estão lá outra vez, intactos, e levando a mão ao nariz vejo que ele está tão sólido como sempre foi. Não faço a menor ideia do que aconteceu, mas sei que preciso agir rápido, antes que seja tarde demais.

Drina recua perplexa, cheia de dúvidas, quando vou avançando em direção a ela. Não sei o que

trará o próximo passo, muito menos o seguinte. Sei apenas que estou correndo contra o tempo.

— Então, o que vai ser? — digo. — Doce ou travessura?

trinta e um

De início ela apenas me encara com os olhos verdes arregalados, incrédula, mas depois ergue o queixo e escancara a boca, revelando seus dentes. Antes que possa entrar em ação, porém, arremeto contra ela, determinada a dar o primeiro golpe, a derrubá-la enquanto é tempo. Antes de alcançá-la, no entanto, vejo a poucos metros de distância um círculo de luz dourada, uma espécie de véu cintilante que acena para mim, como em meus sonhos. Mesmo sabendo que foi Drina quem fabricou esses sonhos, e que decerto estou diante de uma armadilha, não consigo me conter: ando em direção à luz.

Saio tropeçando através da neblina reluzente, banhada por uma claridade tão amável, morna e aconchegante que logo me vejo livre de todos os receios e temores, ficando tomada de paz. Até que pouso num campo de relva muito verde, a queda amortecida pela grama.

Olhando ao redor, vejo flores com pétalas que parecem iluminadas por dentro, cercada de árvores tão altas que chegam a roçar o céu, os galhos cedendo ao peso de frutos maduros e apetitosos. E enquanto admiro a paisagem, deitada em silêncio, lentamente digerindo cada detalhe, tenho a estranha sensação de que já estive aqui antes.

— Ever.

De um pulo fico de pé e preparo-me para lutar. E quando vejo que estou diante de Damen, dou um passo atrás, desconfiada, sem saber ao certo de que lado ele está: do meu ou do de Drina.

— Ever, fique tranquila. Está tudo bem — ele diz sorrindo, oferecendo sua mão.

Mas fico onde estou, imóvel, nem um pouco disposta a morder a isca. Olho ao redor à procura de Drina, dando outro passo para trás.

— Ela não está aqui — ele afirma, encarando-me. — Você está segura. Somos só nós dois, você e eu.

Hesito um instante, sem saber se devo acreditar nele ou não, achando difícil estar *segura* ao lado de alguém como Damen. Encarando-o de volta, avalio minhas opções (que na verdade não são muitas), até que finalmente pergunto:

— Onde estamos? — Mas, no fundo, o que quero saber é: *Estou morta?*

— Você não está morta, isso eu posso garantir — ele responde rindo, depois de ler meus pensamentos. — Está em Summerland. — E percebendo a interrogação em meu olhar, explica: — É um tipo de lugar intermediário. Como se fosse uma sala de espera. Uma dimensão entre as dimensões, se assim preferir.

— Dimensões? — Aperto os olhos sem entender, a palavra soa estranha, enigmática, pelo menos do modo como foi usada. E quando Damen estende o braço para pegar minha mão, recuo rapidamente, pois sei que não consigo ver nada com clareza quando ele me toca.

Resignado, ele dá de ombros e acena para que eu o siga através de uma campina onde todas as flores, árvores e filetes de grama balançam suavemente, oscilando para um lado e para o outro como se estivessem em uma dança infinita.

— Feche os olhos — ele sussurra. E diante da minha recusa, insiste: — Por favor.

Então, concordo, mas não sem deixar uma pequenina fresta entre as pálpebras.

— Confie em mim, Ever. Pelo menos desta vez.

Por fim faço o que ele pede e fecho os olhos por completo.

— E agora? — pergunto.

— Agora imagine algo.

— Como assim? — No entanto, mesmo sem entender, imagino a figura de um elefante.

— Imagine outra coisa, rápido!

Assustada, abro os olhos e dou de cara com um elefante de proporções titânicas vindo em nossa direção. E fico maravilhada quando, também por obra de minha imaginação, ele se transforma em uma borboleta, uma linda e inofensiva borboleta-monarca, que pousa na pontinha de meu dedo.

— Como foi que... — Olho confusa para Damen, e depois para a borboleta de antenas pretas e irrequietas.

Ele ri.

— Quer tentar de novo?

Franzo os lábios e olho para ele, não resistindo à tentação e procurando pensar em algo melhor que um elefante ou uma borboleta.

— Vá, é muito divertido! — encoraja Damen. — Nunca me canso desta brincadeira!

Então fecho os olhos e imagino a borboleta transformar-se num pássaro e, segundos depois, ao reabri-los, vejo uma linda arara de múltiplas cores empoleirada em meu dedo. Mas quando ela deixa um nojento fiapo de titica branca em meu antebraço, Damen oferece uma toalha e diz:

— Que tal algum animal... mais limpinho?

Então coloco o bicho na grama e, assim que ele alça voo, aperto os olhos uma terceira vez, séria, compenetrada, firmando o pensamento. Quando abro os olhos de novo, Orlando Bloom está bem na minha frente.

Damen rosna alguma frase e balança a cabeça, desconsolado.

— Ele é de verdade? — pergunto baixinho, boquiaberta ao ver Orlando Bloom sorrindo e piscando para mim.

Damen faz que não com a cabeça.

— Você não pode materializar pessoas reais, apenas a imagem delas. Felizmente o galã aí vai sumir daqui a pouco.

E quando ele de fato some não posso deixar de ficar um pouquinho triste.

— O que está acontecendo, afinal? — pergunto, olhando para Damen. — Onde estamos? E como tudo isso é possível?

Damen sorri e faz surgir um belo cavalo branco. Depois me ajuda a montar na sela e fabrica outro cavalo para si, um preto, igualmente lindo.

— Vamos dar um passeio — diz, e me conduz por uma trilha.

Cavalgando lado a lado, atravessamos um vale salpicado de flores e árvores, à margem de um riacho de águas cristalinas, que refletem as cores do arco-íris. E quando vejo minha arara pousada ao lado de um gato, vou em direção a ela, pronta para gritar "Xô!", mas Damen puxa as rédeas de meu cavalo e me traz de volta à trilha, dizendo:

— Não se preocupe. Aqui não há inimigos. Só paz.

Continuamos cavalgando em silêncio, sem pressa alguma, apenas admirando a extraordinária paisagem à nossa volta. Mas as perguntas não demoram a fervilhar em minha cabeça. Nem sei por onde começar.

— Aquele véu de luz que você viu? — pergunta Damen. — Fui eu quem o colocou ali.

— No cânion?

— Sim. E em seu sonho também.

— Mas a Drina disse que era ela quem produzia aqueles sonhos... — Olhando para o Damen, não posso deixar de notar a segurança com que ele cavalga, a postura elegante na sela. Mas depois me lembro da pintura que vi em sua casa, aquela em que ele aparece montando um cavalo branco com uma espada na cintura. Agora está explicado: ele teve tempo de sobra para aprender a montar.

— Drina mostrava o cânion, mas era eu quem mostrava a saída.

— Saída? — digo, o coração retumbando outra vez.

Damen ri e balança a cabeça.

— Não *esse* tipo de saída. Já disse, você *não* está morta. Na verdade, está mais viva que nunca. E agora é capaz de materializar coisas, o que bem entender. A última palavra em gratificação instantânea! — Ele ri novamente. — Mas eu vou logo avisando: não venha aqui muitas vezes, porque é viciante!

— Quer dizer então que você e Drina criavam *juntos* os meus sonhos? — pergunto, olhando de esguelha para ele, tentando compreender melhor os eventos bizarros que se sucederam nos últimos tempos. — Assim... *em parceria*?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Poxa, não tenho controle nem sobre meus próprios sonhos? — pergunto, minha voz ficando aguda, e eu sem gostar nada do som resultante.

— Sobre esse em particular, não.

Olho para ele chocada, balançando a cabeça em reprovação.

— E você não acha isso *um pouco* invasivo demais? Caramba! E por que você não fez nada pra evitar que esse sonho horrível se transformasse em realidade?

Damen vira-se para mim e, com os olhos cansados e tristes, diz:

— Eu não sabia que era a Drina. Eu apenas observava seus sonhos e, vendo o pavor que você sentia com eles, resolvi indicar o caminho para este lugar.

— E por que a Drina não me seguiu até aqui? — pergunto, e novamente olho ao redor para ver se ela não está por perto.

Damen estica o braço e toma minha mão, pressionando meus dedos.

— Porque ela não podia ver a luz, só você podia.

Olho desconfiada para ele. Tudo isso é muito estranho. Nada faz sentido.

— Não se preocupe, com o tempo você entenderá. Por enquanto, tente apenas aproveitar um pouquinho.

— E por que tenho essa impressão de que já estive aqui antes?

— Porque foi aqui que a encontrei.

Olho para ele, perplexa.

— Na verdade, encontrei seu corpo ao lado do carro, mas sua alma já tinha vindo para cá, estava perambulando por aí. — Ele para os dois cavalos, me ajuda a descer e me conduz até um gramado quentinho, banhado pela luz dourada do vale, tão cintilante que aparentemente não emana de nenhum lugar específico. E segundos depois materializa um sofá de almofadas grandes e macias, com apoios para nossos pés. — Quer acrescentar algo? — pergunta.

Fecho os olhos e imagino uma mesinha de centro, algumas luminárias, um belo tapete persa e diversos objetos de decoração; e quando abro os olhos novamente estamos no centro de uma sala a

céu aberto, perfeitamente mobiliada.

— Mas... e se chover? — pergunto.

— Não diga iss...

Tarde demais, a essa altura já estamos completamente ensopados.

— Os pensamentos têm poder — explica Damen, produzindo um enorme guarda-chuva, o aguaceiro resvalando para o tapete. — Na Terra também é assim, só que demora um pouco mais. Mas aqui em Summerland é instantâneo.

— Isso me faz lembrar uma frase que mamãe sempre dizia: *Cuidado com seus desejos, porque eles podem se realizar!* — Começo a rir.

Ele concorda com a cabeça.

— Pois é. Agora você sabe de onde isso vem. Mas... que tal mandarmos essa chuva embora para que a gente possa se secar? — diz Damen, sacudindo a cabeleira molhada em minha direção.

— Mas como é que...

— Basta pensar num lugar ensolarado — ele responde sorrindo.

E dali a pouco estamos no meio de uma linda praia de areia rosada.

— Excelente. Mas vamos parar por aí, certo? — Damen ri quando fabrico uma felpuda toalha azul e um mar turquesa para combinar.

E tão logo me recosto na toalha, fechando os olhos contra o calor, ele confirma o que já vinha se insinuando em minha cabeça, mas que até então eu não havia escutado com todos os efes e erres.

— Ever... você já sabe que sou um imortal. E você também é.

Não é todo dia que alguém escuta uma notícia dessas.

— Então é isso... nós dois somos imortais — digo abrindo um dos olhos para vê-lo, ao mesmo tempo espantada com a naturalidade de meu tom de voz diante de uma conversa tão bizarra quanto esta. Por outro lado, estou em Summerland. O que pode haver de mais bizarro do que isto? — Mas foi você que me *fez* uma imortal naquele dia do acidente?

Damen faz que sim com a cabeça.

— Como? Tem alguma relação com aquela bebida vermelha?

Ele respira fundo, depois responde:

— Tem.

— Mas e eu? Por que não tenho de tomar aquilo toda hora, como você faz?

— Vai chegar um momento em que vai precisar também — ele responde, os olhos voltados para o mar.

Ainda confusa com toda essa história, sento na toalha e, enroscando um fiapinho solto do pano, lembro que num passado não muito distante eu considerava minha mediunidade uma maldição, um fardo difícil de carregar. Imagina agora que sou uma imortal.

— Não é tão ruim quanto parece — diz Damen, pousando a mão sobre a minha. — Olhe só para este lugar... Tem coisa melhor do que isto?

— Mas *por quê*? Quer dizer, por acaso não passou pela sua cabeça que talvez eu não quisesse ser uma imortal? Que talvez você não devesse interferir, apenas deixar que eu seguisse meu caminho?

Damen encolhe-se, baixa o rosto, mas quando o ergue novamente não olha para mim: olha para o mar, para a paisagem ao redor, menos para mim.

— Em primeiro lugar — diz —, você está coberta de razão. Fui egoísta. Para ser sincero, estava pensando muito mais em mim do que em você quando decidi salvá-la. Não suportaria perdê-la outra

vez, não depois de... — Ele para de repente e balança a cabeça. — De qualquer modo, não tinha certeza de que havia funcionado. Quer dizer, *sabia* que tinha trazido você de volta, mas *não* quanto tempo isso duraria. Só tive certeza de que você era mesmo imortal agora há pouco, naquele cânion.

— Você estava me observando no cânion? — olho fixamente para ele, mal acreditando no que acabei de ouvir.

Ele assente com a cabeça.

— Quer dizer que você estava *lá*?

— Não exatamente. Estava observando você... a distância. — Ele coça o queixo e diz: — São tantas explicações...

— Deixa eu ver se entendi direito: você estava me observando... "a distância", tudo bem, mas ainda assim podia ver tudo o que estava acontecendo. *E não tentou me salvar?* — A essa altura já estou tão furiosa que mal consigo respirar, falando em alto e bom som.

— Só quando você mesma quis ser salva. Foi aí que produzi o véu de luz e fiz você se sentir atraída por ele.

— *Quer dizer então que ia me deixar morrer?* — Me afasto dele, buscando colocar o máximo de distância entre nós.

Damen olha para mim completamente sério ao dizer:

— Se era isso que você queria, sim. — Ele balança a cabeça. — Ever, da última vez que nos falamos, lá no estacionamento da escola, você disse que estava com ódio de mim por causa do que fiz: porque fui egoísta, porque separei você de sua família, porque trouxe você de volta. Não gostei do que ouvi, claro, mas, pensando melhor, vi que você estava certa. Eu não tinha nada que interferir em sua vida. E então, no cânion, quando você se deixou levar por todo aquele amor... bem, foi esse amor que a salvou, que restaurou seu corpo, e foi então que eu soube.

Mas, e no hospital? Por que não pude me restaurar lá? Por que tive de passar por todo aquele sofrimento de fraturas e contusões, de braços e pernas engessados? Por que não pude... regenerar, como fiz lá no cânion?, penso, braços cruzados diante do peito, sem engolir os argumentos de Damen.

— Só o amor pode curar. A raiva, a culpa e o medo apenas destroem, apenas nos afastam de nossas potencialidades reais. — Damen me olha fixamente.

— Tem mais um detalhe — digo, fulminando-o com o olhar. — Você pode ler meus pensamentos, mas eu não posso ler os seus. Isso não é justo.

Ele ri.

— Você quer realmente ler meus pensamentos? Achei que meu ar de mistério fosse uma das características que você gostava a meu respeito.

Baixo os olhos para os joelhos, as bochechas ardendo em chamas quando me lembro de alguns dos pensamentos aos quais ele teve acesso.

— Há maneiras de se proteger... Talvez você devesse procurar a Ava.

— Você conhece a Ava? — disparo, subitamente me sentindo vítima de uma conspiração.

Damen faz que não com a cabeça.

— Eu a conheço apenas indiretamente — explica. — Só por meio de seus pensamentos.

Virando o rosto, vejo uma família de coelhinhos saltitando pela areia. Depois, novamente olhando para Damen, digo:

— E o hipódromo? O que foi aquilo?

— Premonição. O mesmo que aconteceu com você.

— Mas... e aquele páreo que você perdeu?

Ele ri.

— Às vezes preciso perder, senão as pessoas ficam desconfiadas. Mas depois recuperei o prejuízo, foi ou não foi?

— E as tulipas?

Ele sorri.

— Poder da mente. Materializo as tulipas do mesmo modo que você materializou aquele elefante e esta praia. Uma simples questão de física quântica. A consciência produz matéria onde antes só havia energia. Não é tão difícil quanto as pessoas acham.

Olho desconfiada para ele, ainda sem entender direito, por mais *simples* que ele ache que seja.

— Nós criamos nossa própria realidade. E, sim, você pode fazer isso em casa — ele diz já se antecipando à pergunta seguinte, a que acabou de se formar em minha cabeça. — Na verdade, você já fazia tudo isso, só não tinha consciência, pois os resultados levavam mais tempo para acontecer.

— Com você eles não demoram nada.

Damen ri.

— É que minha estrada já é longa. Tive tempo suficiente para aprender uns truques.

— Quanto tempo? — encaro Damen e pergunto, lembrando-me dos quadros e objetos que vi em sua casa, querendo saber exatamente quem é essa pessoa com quem estou lidando.

Ele suspira e desvia o olhar.

— Muito tempo.

— E agora eu também vou viver pra sempre?

— Isso é com você. — Ele dá de ombros. — Se não quiser, não precisa fazer nada disso. Basta tirar isso da cabeça e tocar a vida para a frente. E *soltar as amarras* quando for a hora certa. Apenas dei a você uma capacidade, uma opção, mas a escolha ainda é sua.

Olhando para o mar, para as águas que parecem faiscar de tão brilhantes, acho difícil acreditar que tudo isso seja obra apenas de minha vontade. E embora seja muito divertido brincar com esses poderes mágicos, meus pensamentos logo se voltam para questões mais sombrias.

— Preciso saber o que aconteceu com Haven. Naquele dia que peguei você... — Sinto um arrepio só ao lembrar. — E Drina? Ela também é imortal, não é? Foi você que a imortalizou? E como foi que tudo isso começou? Como foi que você se tornou imortal? Aliás, como é que alguém se torna imortal? Você sabia que ela matou Evangeline e quase matou Haven também? E aquele quarto sinistro em sua casa, o que é aquilo?

— Pode repetir a pergunta, por favor? — ele ri.

— Ah, mais uma. Que diabos Drina quis dizer quando falou que já me matou não sei quantas vezes?

— Ela disse isso? — Damen arregala os olhos, lívido.

— Disse. — Ainda me lembro da presunção e da arrogância no olhar dela quando fez a revelação. — E com a maior empáfia. "*Ih, lá vamos nós outra vez, sua mortal estúpida, você sempre cai nesta armadilha, blá-blá-blá.*" Achei que você estivesse vendo tudo, que tivesse ouvido a cena toda.

Ele faz que não com a cabeça.

— Não vi nem ouvi a cena *toda*, cheguei lá tarde demais — ele resmunga. — Meu Deus, Ever, a

culpa é toda minha, só minha. Eu devia saber, jamais podia ter envolvido você nesta história, não podia tê-la deixado sozinha...

— Ela também disse que viu você em Nova York. Ou pelo menos falou pra Haven que viu.

— Ela mentiu — resmunga. — Não fui para Nova York. — E quando Damen olha para mim, vejo tanta dor em sua expressão que estico o braço para tomar sua mão entre as minhas, comovida com tanta tristeza, com tanta vulnerabilidade, querendo apenas ajudá-lo de alguma forma a esquecer isso. Então beijo os lábios que já esperam pelos meus, muito inclinada a perdoá-lo seja lá do que for.

— O beijo fica mais doce a cada encarnação — ele brinca. Depois exala um suspiro, recua um pouco e afasta os cabelos de meu rosto. — Mas nunca passamos do beijo. E só agora sei por quê. — Ele encosta a testa na minha, preenchendo-me de uma alegria sem precedentes, de um amor que me consome por inteiro, depois lê meus pensamentos, suspira novamente e se afasta para dizer: — Ah, sim, suas perguntas. Por qual começar?

— Que tal pelo começo?

Damen assente com a cabeça e olha para longe, talvez para o fio de sua própria meada, e eu cruzo as pernas, preparando-me para o que está por vir.

— Meu pai era um sonhador — ele diz afinal. — Um artista, um diletante das ciências e da alquimia, o que era muito comum numa época em que...

— Que época? — pergunto, ávida por nomes, datas, lugares... qualquer informação concreta que possa ser pesquisada depois, não apenas uma ladainha filosófica de ideias abstratas.

— *Muito* tempo atrás. — Ele ri. — Sou *um pouquinho* mais velho que você.

— Sim, mas quantos anos você tem exatamente? Quer dizer, com que diferença de idade estou lidando aqui? — pergunto, e mal acredito quando ele sacode a cabeça, recusando-se a responder.

— Tudo de que você precisa saber é que meu pai, assim como os amigos alquimistas dele, acreditava que tudo podia ser reduzido a um único elemento, e que se você conseguisse isolar esse elemento depois poderia criar o que quisesse com ele. Meu pai se dedicou a essa teoria durante anos, criando fórmulas, abandonando fórmulas, e mais tarde, quando ele e minha mãe... morreram, dei continuidade a essa pesquisa, até que finalmente consegui aperfeiçoá-la.

— E quantos anos você tinha? — insisto.

— Era muito jovem.

Ele ri.

— Então você ainda pode envelhecer?

— Sim. Envelheci até certo ponto, depois parei. Sei que você prefere a teoria dos "congelados no tempo", dos vampiros, mas isso é fantasia, Ever, não é a vida real.

— Tudo bem, e então... — falo, ansiosa por mais.

— *Então*, meus pais morreram, fiquei órfão. Como você sabe, na Itália, de onde venho, os sobrenomes muitas vezes indicam a origem ou a profissão das pessoas. "Esposito" significa "exposto", ou "órfão". Esse nome me foi dado, mas deixei de usá-lo faz mais de um século, já que não se aplica mais.

— E por que você não usou seu sobrenome verdadeiro?

— É complicado. Papai era... perseguido. Então achei melhor me distanciar.

— E Drina? — pergunto, sentindo a garganta apertar só de mencionar esse nome.

— "Poverina", ou "pobrezinha". Ela e eu éramos tutelados pela Igreja, foi assim que nos conhecemos. Mais tarde, quando ela ficou doente, achei que não fosse suportar perdê-la, então fiz

com que ela tomasse minha bebida também.

— Ela disse que vocês eram casados. — Franzo os lábios, minha garganta quente e obstruída, sabendo que ela não disse exatamente isso, mas *sugeriu* quando deu seu nome completo, um nome de casada.

Damen mais uma vez desvia o olhar, balança a cabeça e resmunga algo entre os dentes.

— Então é verdade? — pergunto, o estômago embrulhado, o coração palpitando.

Ele faz que não com a cabeça.

— Não do jeito que você pensa. Poxa, faz tanto tempo que tudo isso aconteceu... Esse casamento já não tem a menor importância.

— Já que é assim, por que vocês não se divorciaram? Digo, já que *não teve importância*. — Minhas bochechas ficam quentes, os olhos, marejados.

— Você queria *o quê*? Que eu procurasse um juiz com uma certidão de casamento nas mãos, uma certidão de *vários séculos* atrás, e pedisse divórcio?

Crispo os lábios e olho em volta, sabendo que ele tem razão. Mas ainda assim...

— Ever, por favor. Você *precisa* entender. Você está por aqui faz apenas dezessete anos, pelo menos nesta encarnação, mas eu... eu já estou na estrada há séculos! Tempo mais que suficiente para cometer alguns enganos. E embora possa ser crucificado por muitas escolhas, minha história com Drina seguramente não é uma delas. As coisas eram diferentes naquele tempo. *Eu* era diferente. Era vaidoso, superficial e extremamente materialista. Só pensava em mim mesmo, só queria me dar bem. Mas assim que conheci você tudo mudou, e quando a perdi, bem... não sabia que uma dor tão grande fosse possível. Mas depois, quando você reapareceu... — Ele para de repente e olha ao longe. — Reencontrei você, mas logo em seguida a perdi novamente. Uma vez, duas vezes, três vezes... Um eterno ciclo de amor e perda... pelo menos até agora.

— Quer dizer então que a gente... *reencarna*? — digo, estranhando a palavra assim que ela sai da minha boca.

— Você, sim. Eu, não. — Ele dá de ombros. — Estou sempre aqui, sempre o mesmo.

— E quem fui eu? — pergunto. Mesmo sem saber se acredito mesmo nisso tudo, acho fascinante o conceito da reencarnação. — E por que não me lembro de nada?

Damen sorri, aliviado com a mudança de assunto.

— A viagem de volta para o mundo dos vivos passa pelo rio do Esquecimento. Não é para as pessoas se lembrarem de nada, estão aqui para aprender, para evoluir, para quitar as dívidas cármicas. Sempre recomeçando do zero até encontrar o próprio caminho. Porque a vida, Ever, não é uma prova com consulta a vidas passadas.

— Então você não está quebrando as regras, permanecendo aqui, lembrando de *tudo*?

— Alguns diriam que sim.

— E como você sabe de tudo isso, se nunca passou pela experiência da reencarnação?

— Tive anos de sobra para estudar alguns dos grandes mistérios da vida. E ao longo do caminho tive a sorte de encontrar os mais fantásticos professores. Quanto às suas vidas passadas, tudo de que você precisa saber é que sempre foi mulher. — Ele sorri e coloca meus cabelos para trás. — Sempre muito linda. E sempre muito importante para mim.

Volto os olhos para o mar e produzo algumas ondas só pelo prazer de produzi-las, mas depois desfaço tudo. Onda, mar, praia... tudo. E trago de volta a sala a céu aberto em que estávamos antes.

— Mudança de cenário? — pergunta Damen, rindo.

— Sim. Mudei o cenário, mas o assunto continua o mesmo.

Ele suspira.

— Então, depois de anos à sua procura, finalmente consigo reencontrá-la... e o restante você já sabe.

Respiro fundo e olho para o abajur a meu lado, acendendo-o e apagando-o várias vezes, tentando digerir essa avalanche de informações.

— Faz muitos anos que me afastei de Drina, mas ela tem o péssimo hábito de *reaparecer*. Naquela noite... no hotel, lembra? Quando você nos viu juntos! Eu estava tentando convencê-la a seguir seu caminho e me deixar em paz de uma vez por todas. Não consegui, óbvio. E, sim, sei que ela matou Evangeline, porque aquele dia na praia, quando você acordou sozinha na caverna...

Eu sabia! Sabia que ele não estava surfando!, penso, os olhos apertados.

— Eu tinha acabado de encontrar o corpo dela, mas era tarde demais para agir. Também sabia a respeito de Haven, mas, no caso dela, felizmente pude ajudar.

— Então era lá que você estava naquela noite... em que disse que tinha descido pra beber água, não foi?

Damen faz que sim com a cabeça.

— E sobre o que mais você mentiu pra mim? — pergunto, os braços cruzados diante do peito. — Naquela noite da festa, por exemplo, pra onde você foi depois que saiu lá de casa?

— Voltei para casa — ele responde, os olhos intencionalmente fixos nos meus. — Assim que vi o jeito que Drina olhou pra você, bom, achei prudente me afastar. Só que não consegui. Por mais que tentasse, não podia ficar longe de você. — Ele balança a cabeça. — Bom, agora você já sabe de tudo. Agora entende o motivo de meus sumiços naquele período.

Não digo nada. Apenas dou de ombros e desvio o olhar. Não pretendo dar o braço a torcer assim tão fácil, mesmo que ele esteja dizendo a verdade.

— Ah, e quanto ao meu quarto "sinistro", é assim que você chama, né? Acontece que aquele quarto é o *meu* lugar feliz. Mais ou menos como as lembranças que você tem daqueles derradeiros momentos de felicidade ao lado de sua família. — E quando ele olha para mim, desvio o olhar, envergonhada por ter dito o que disse. — Mas devo confessar: ri muito quando percebi que você pensou que eu fosse um vampiro!

— Ah, mas você há de convir: se tem imortais circulando por aí, por que não haveria de ter lobisomens, duendes, magos e fadinhas também? Poxa, Damen, você fala como se tudo isso fosse absolutamente normal!

Ele fecha os olhos e respira fundo. Quando os abre novamente, diz:

— Para mim é normal. Esta é a minha vida. E a sua também, se você optar por ela. Não é tão ruim quanto você acha, Ever, juro que não é.

Damen me encara por um bom tempo e, embora parte de mim ainda queira odiá-lo por tudo o que ele me fez, simplesmente não consigo. E quando sinto aquele calorzinho aconchegante, aquele delicioso formigamento na pele, olho para a mão que ele está segurando e digo:

— Para com isso.

— Com o quê? — Ele olha para mim com uma expressão de cansaço, um semblante pálido.

— Esse calorzinho, esse formigamento, *você sabe*. Pode ir parando com isso! — digo, o coração oscilando entre o amor e o ódio.

— Não estou fazendo nada disso, Ever. — Ele continua olhando para mim.

— Claro que está! Você faz isso acontecer através dos seus... deixe pra lá. — Cruzo os braços e reviro os olhos, sem saber em que tudo isso pode dar.

— Não sou eu quem está produzindo isto. Juro. Nunca recorri a nenhum truque para seduzi-la.

— Ah, não? E as tulipas?

Ele sorri.

— Você não faz a menor ideia do que elas significam, faz?

Viro o rosto sem dizer nada.

— As flores têm significados. Não há nada sem propósito.

Respiro fundo e uso a imaginação para reorganizar a mesa à minha frente, uma vez que, infelizmente, não posso reorganizar minha própria cabeça.

— Tenho tantas coisas para lhe ensinar... — continua Damen. — Mas a vida de um imortal não se resume a diversões e jogos. É preciso tomar cuidado, prosseguir com cautela. — Ele se cala um instante e me olha, para ter certeza de que estou ouvindo. — É preciso resistir à tentação de fazer mau uso de seus poderes. Veja o que aconteceu com Drina, por exemplo. Você também precisa ser discreta. O que significa que não pode dividir o que sabe com *ninguém*, absolutamente *ninguém*, entendeu?

Dou de ombros e penso: *Dane-se*. Sei que Damen leu meus pensamentos quando se aproxima para dizer:

— É sério, Ever. Você não pode contar nada a ninguém. Promete para mim?

Olho para ele.

Damen ergue as sobrancelhas e sacode minhas mãos junto com as dele, ansioso.

— Palavra de escoteiro — resmungo, e viro o rosto novamente.

Respirando aliviado, ele solta minha mão, recosta-se nas almofadas e diz:

— Mas já que estamos abrindo o verbo, você precisa saber que a escolha é sua. Ainda pode fazer a travessia, se quiser. Aliás, poderia ter morrido naquele cânion, mas optou por ficar.

— Mas eu já estava prontinha pra morrer! Na verdade, queria morrer!

— Você se reabilitou com suas lembranças, com o amor que sente por sua família. Como eu disse antes, *os pensamentos criam*. E em seu caso eles criaram a cura e a força. Se quisesse mesmo morrer, você teria simplesmente desistido. Num nível mais profundo de consciência, você decerto já sabia que queria continuar viva.

E antes que eu possa perguntar por que ele se infiltrava em meu quarto enquanto eu estava dormindo, Damen diz:

— Não é o que você está pensando.

— Então o que é? — pergunto, mesmo sem ter certeza de que realmente quero saber.

— Eu ia lá apenas para... observar. Aliás, nem sei como você podia me ver, já que eu estava... *transmutado*, digamos assim.

Abraço os joelhos e os aperto contra o peito. Embora não faça a menor ideia do que seja "transmutado", sei que tenho bons motivos para ficar devidamente apavorada. Ele dá de ombros.

— Ever, eu me sinto responsável por você, e...

— E queria dar uma conferida na mercadoria, não é? — Olho pra ele, minhas sobrancelhas arqueadas.

Mas Damen apenas ri e diz:

— Devo confessar, adoro aqueles seus pijaminhas de flanela.

Reviro os olhos.

— Você disse que se sente responsável por mim, como... como um *pai*? — Não posso deixar de rir diante da cara de espanto que ele faz.

— Claro que não, Ever! Mas... só estive em seu quarto uma única vez, naquela noite em que nos vimos no hotel. Se alguém esteve lá outras vezes...

— Drina! — Sinto um frio na espinha quando imagino a criatura rondando meu quarto, espiando minha vida. — Você tem certeza de que ela não pode dar as caras por aqui? — Mais uma vez olho à volta.

Damen toma minha mão para me tranquilizar e reafirma:

— Drina nem sabe que este lugar existe. Muito menos como chegar aqui. Para ela, você apenas sumiu no ar.

— Mas como foi que *você* chegou aqui? Já morreu alguma vez, como eu?

Ele faz que não com a cabeça.

— Há dois tipos de alquimia: a física, que conheci por intermédio de meu pai, e a espiritual, que descobri por conta própria depois de intuir que havia algo maior que o mundo da matéria. Algo mais... grandioso, sabe? Para chegar aqui, tive de estudar muito e praticar mais ainda. Cheguei a estudar M.T. — E vendo minha cara de pateta, ele explica sorrindo: — Meditação Transcendental. Com Maharishi Mahesh Yogi.

— Hmm, se você está tentando me impressionar, não está funcionando, porque não tenho a menor ideia do que isso significa.

Ele dá de ombros.

— Digamos que levei centenas de anos para traduzir a alquimia do físico para o mental. Mas você... desde que chegou a este campo, recebeu uma espécie de "passe para os bastidores". Suas visões e sua telepatia são subprodutos disso.

— Agora está explicado por que você tanto detesta aquela escola — digo, procurando desviar o assunto para algo concreto, algo que eu realmente consiga entender. — Quer dizer, você deve ter se formado... tipo assim, um bilhão, um trilhão de anos atrás, certo? — E vendo ele recuar, percebo que coloquei o dedo em uma ferida aberta: sua idade real. O que é engraçado, já que foi ele mesmo quem *optou* pela eternidade. — Quer dizer, pra que passar por tudo aquilo de novo? Por que você se deu o trabalho de se matricular?

— É aí que você entra — ele diz, sorrindo.

— Ah, então é isto: você vê uma garota de jeans largões e capuz na cabeça e gosta tanto que decide entrar na escola de novo só pra ficar ao lado dela?

— Mais ou menos isso — ele ri.

— Você não podia ter arrumado outro jeito de se aproximar de mim? Isso não faz sentido algum. — Balanço a cabeça e reviro os olhos, novamente aflita com as dúvidas e perguntas, mas só até Damen, passeando o indicador por minha bochecha, olhar fundo em meus olhos e dizer:

— O amor nunca faz sentido.

Ouço isso e fico ao mesmo tempo tímida, eufórica e insegura. Então, limpo a garganta e digo:

— Mas você não disse que mandava mal demais no amor? — direciono meu olhar para ele, as pálpebras apertadas, meu estômago duro e gelado feito uma bolinha de gude. E me perguntando: por que não consigo apenas ser feliz quando o garoto mais lindo do planeta se declara para mim? Por que insisto tanto nessa negatividade?

— Minha esperança era que desta vez fosse diferente — ele sussurra.

Desvio o olhar e, com a respiração embaralhada por pequenos espasmos, quase arfando, digo:

— Não sei se estou pronta para enfrentar tudo isso. Ainda não sei o que vou fazer.

Damen puxa-me firmemente contra seu peito, envolve-me em seus braços e diz:

— Não precisa decidir nada agora.

E quando recuo vejo uma expressão perdida e distante nos olhos dele.

— Que foi? — pergunto. — Por que está me olhando desse jeito?

— Porque sou péssimo com despedidas — ele responde, forçando um sorriso que nunca passou por seu rosto. — Está vendo? Agora são duas áreas em que mando mal à beça: o amor e as despedidas.

— Talvez tenham a ver uma com a outra. — Aperto os lábios, evitando chorar. — Pra onde você está indo, afinal? — digo, fazendo o máximo para manter a calma e a neutralidade na voz, apesar dessa estranha sensação de que estou morrendo por dentro, com o coração se recusando a bater, os pulmões implorando por ar.

Damen dá de ombros e desvia o olhar, mas não responde.

— Vai voltar um dia?

— Depende de você. — Em seguida, ele ergue o rosto para dizer: — Ever, você ainda me odeia?

Faço que não com a cabeça, mas mantendo nosso olhar.

— Você me ama?

Começo a olhar em volta. Mesmo sabendo que sim, que amo este garoto até o último fio de cabelo, com todas as células do corpo e todas as gotas de sangue, que estou fervendo de tanto amor, que o coração só falta explodir, mesmo sabendo de tudo isso não consigo trazer as palavras à boca. Por outro lado, se ele realmente pode ler meus pensamentos, eu nada preciso dizer. Ele já devia *saber*.

— Mas é sempre bom ouvir — ele diz, afastando meus cabelos para trás da orelha, roçando os lábios contra minha face. — Assim que se decidir, sobre mim, sobre a imortalidade, basta estalar os dedos que eu volto na mesma hora. Tenho toda a eternidade a meu dispor; você verá que sou bastante paciente. — Ele sorri e leva a mão ao bolso, de onde tira a pulseirinha que me deu de presente no hipódromo; a que eu arremessei contra ele no estacionamento da escola. — Posso? — Ele gesticula.

Com a garganta apertada demais para dizer o que quer que seja, faço que sim com a cabeça, e Damen coloca a pulseira em meu pulso. Em seguida, aperta meu rosto entre as mãos, afasta a franja para o lado e beija a cicatriz na testa, inundando-me com todo o amor e todo o perdão que decididamente não mereço. E quando tento me afastar ele me segura com mais força, daquele jeito, e diz:

— Ever, você precisa perdoar a si mesma. Nada do que aconteceu é culpa sua.

— Você não sabe de nada. — Mordo um dos lábios.

— Sei que você se responsabiliza por alguma coisa que não foi culpa sua. Sei que ama sua irmã mais que tudo na vida, e que todo dia se pergunta se está agindo certo ao encorajar as visitas dela. Conheço *você*, Ever. Sei tudo a seu respeito.

Viro o rosto, as bochechas ensopadas com as lágrimas que não quero mostrar.

— Nada disso é verdade — digo. — Você entendeu tudo errado. Sou uma aberração, e coisas ruins acontecem com todo mundo que se aproxima de mim, mesmo que seja eu o alvo da vez. — E balanço a cabeça, sabendo que não mereço ser feliz, que não mereço esse tipo de amor.

Damen me abraça novamente, com seu toque calmo e eficiente, mas não apaga a verdade dos fatos.

— Agora preciso ir — ele diz baixinho. — Mas, Ever... se você realmente quiser meu amor, se quiser mesmo ficar comigo, terá de aceitar quem somos. Vou entender se não puder.

Então aproximo-me para beijá-lo, ávida pelos lábios dele, pelo delicioso aconchego de seu amor, e a emoção vai se expandindo em meu peito até que transborda pelos poros, preenchendo cada fresta, cada sulco, cada centímetro cúbico do espaço à minha volta.

E quando abro os olhos outra vez, estou de volta a meu quarto, sozinha.

trinta e dois

— Então, o que aconteceu afinal? Procuramos por você em toda parte, mas não achamos. Pensei que você estivesse a caminho.

Rolo na cama, dando as costas para a janela e xingando a mim mesma por não ter inventado uma desculpa com antecedência, o que agora me coloca na terrível tarefa de improvisação.

— Eu estava, mas... Bom, de repente comecei a sentir umas cólicas e...

— Parou, parou — interrompe Miles. — Sério, não quero ouvir mais nada.

— Perdi alguma coisa? — pergunto e fecho os olhos para ler os pensamentos dele, as palavras rolando à minha frente como um letreiro de telejornal: *Eca! Que nojo! Por que elas insistem em falar desses assuntos?*

— Fora o fato de que Drina não apareceu? Não, nadica de nada. Passei a primeira parte da noite catando ela com Haven, e a segunda, tentando convencê-la de que a festa seria muito melhor sem ela. Olhe, juro por Deus, parece até que aquelas duas estão namorando. Nunca vi uma amizade tão sinistra assim. Everdade, Ever — ele diz sério, depois cai na gargalhada. Miles adora fazer piada com meu nome.

Arrastando o corpo, desço da cama e me dou conta de que este é o primeiro dia depois de uma semana que acordo sem ressaca. E mesmo sabendo que essa é uma *ótima* notícia, isso não muda o fato de que nunca me senti tão mal assim.

— Então, que tal a gente dar uma passada rápida no shopping e fazer umas comprinhas de Natal?

— Não vai dar — digo. — Ainda estou de castigo. — Vasculhando minha gaveta, encontro o moletom que ganhei de Damen na Disney e relembro aqueles dias que antecederam a grande virada, antes que minha vida passasse de muito estranha a definitivamente bizarra.

— Até quando vai esse castigo?

— Sei lá. — Jogo o celular sobre a cômoda e visto um moletom verde-limão, sabendo que tanto faz até quando vai meu castigo. Se quiser sair, saio, e daí? Basta chegar em casa antes de Sabine. Afinal de contas, não é lá muito fácil controlar alguém com meus poderes mediúnicos. Por outro lado, o castigo imposto por minha tia é a desculpa perfeita para que eu fique quietinha em casa, longe da energia caótica das multidões, e é basicamente por isso que tenho andado na linha.

Pego o telefone de volta a tempo de ouvir Miles dizer:

— Tudo bem. Então me liga quando estiver liberada de novo.

Visto os jeans e vou para a escrivaninha. Apesar da cabeça latejante, das mãos trêmulas e dos olhos que ardem, estou determinada a passar o dia longe do álcool, de Damen e das viagenzinhas ilícitas para o plano astral. Deveria ter sido mais insistente e exigido que ele me mostrasse como me proteger das intempéries da mediunidade. Quer dizer, por que a solução sempre acaba voltando para Ava?

Depois de um tempo, Sabine bate de leve na porta e viro quando ela entra no quarto, abatida e triste, os olhos vermelhos, a aura cinzenta com pontinhos escuros. Logo me dou conta de que tudo isso tem a ver com Jeff e com o fato de que ela finalmente descobriu a montanha de mentiras do picareta. Mentiras que eu poderia ter desmascarado desde o início, poupando minha tia de todo esse sofrimento, se não tivesse pensado primeiro em mim mesma.

— Ever — ela diz, parando ao lado de minha cama. — Andei pensando e... bem, não estou à vontade com essa história de castigo, e você já é quase uma adulta, merece ser tratada como tal, então decidi que...

Que já é hora de acabar com essa bobagem, penso, terminando a frase em minha cabeça. Mas quando percebo que a Sabine ainda atribui meu comportamento às perdas que tive, fico roxa de vergonha.

— ... que já é hora de acabar com essa bobagem. — Ela sorri, um gesto de paz que não mereço. — Mas quem sabe você não mudou de ideia quanto à possibilidade de conversar com alguém, porque conheço um terapeuta que...

Faço que não com a cabeça antes que ela possa terminar, mesmo sabendo que suas intenções são as melhores possíveis. Não quero ouvir falar de terapia. E quando Sabine se vira para sair, de repente me vejo dizendo:

— Tia, que tal a gente jantar fora hoje?

Ela hesita diante da porta, claramente surpresa com a proposta.

— Por minha conta. — Abro um sorriso para encorajá-la, já me perguntando o que vou fazer para tolerar uma noite inteira num restaurante apinhado de gente. Quanto à conta, tudo bem, posso recorrer à grana que ganhei no hipódromo.

— Acho uma ótima ideia — ela diz, tamborilando os nós dos dedos na parede antes de sair para o corredor. — Chego em casa por volta das sete.

Assim que a porta bate lá embaixo, Riley cutuca minhas costas e berra:

— Ever! Ever! Você pode me ver?

— Caramba, Riley, você quase me *mata* de susto! E por que está berrando desse jeito? — Nem sei por que a recebo com todo esse mau humor, já que é uma grande felicidade ver minha irmã outra vez.

Ela balança a cabeça e joga-se na cama.

— Pra sua informação, faz *dias* que estou tentando falar com você. Achei até que você não podia mais me ver, já estava começando a pirar!

— Eu *perdi* minha capacidade. Mas só porque comecei a beber, acredita? E muito. Fui suspensa da escola e tudo mais. Uma confusão. — Balanço a cabeça em reprovação.

— Eu sei — ela assente com a cabeça, as sobrancelhas franzidas de preocupação. — Estava acompanhando tudo, muitas vezes pulando à sua frente, gritando, assobiando e batendo palma, fazendo qualquer coisa pra chamar sua atenção, mas você estava chapada demais pra me ver ou ouvir. Lembra aquela vez, quando a garrafa voou de suas mãos? — Riley sorri e dobra-se numa reverência. — Pois é, fui eu. Aliás, sorte sua eu não ter quebrado a porcaria da garrafa bem na sua cabeça. Que diabos aconteceu com você, garota?

Dou de ombros e baixo os olhos para o chão. Sei que devo uma explicação à minha irmã, qualquer uma que a deixe mais tranquila, mas não sei por onde começar.

— Sabe o que é? Essa energia toda a meu redor começou a me sufocar, eu não estava mais aguentando. E quando descobri que o álcool aliviava isso tudo, acho que quis prolongar a paz que estava sentindo, sabe? Não queria voltar pra confusão de antes.

— E agora?

— E agora... — Hesito, olhando para ela. — Agora voltei pra confusão de antes! Sóbria e miserável outra vez! — digo às gargalhadas.

— Ever... — Riley evita me encarar, até que consegue e diz: — Por favor, não fique brava comigo, mas acho que você deveria procurar Ava. — E antes que eu possa ter um ataque, ela ergue a mão e suplica: — Escute o que eu tenho a dizer, certo? Realmente acho que ela pode ajudá-la. Na verdade, *sei* que ela pode. Ela tem *tentado*, mas você não deixa. Mas agora... bem, é óbvio que você está ficando sem opções. Quer dizer, ou você volta a beber, ou passa o restante da vida trancada neste quarto, ou vai falar com a Ava. Ninguém precisa ser um gênio pra saber qual é a melhor opção, né?

Apesar da enxaqueca, balanço a cabeça, olho para ela e digo:

— Olha, sei que você está encantada com essa mulher e tal. Tudo bem, é uma escolha sua. Mas essa Ava não tem nada pra me oferecer, então... me poupe, vai. Não quero mais ouvir o nome dela.

Riley balança a cabeça, impaciente:

— Você está enganada, Ever. Porque Ava pode ajudá-la, sim. Além do mais, o que é que custa dar uma ligada pra ela?

Fico ali, chutando a beirada da cama e encarando o chão, remoendo o fato de que minha vida só fez piorar depois que a tal Ava apareceu. E quando finalmente levanto o rosto, percebo que a Riley não só trocou as fantasias de Halloween pelas roupas normais de uma garota de doze anos (jeans, camiseta e um par de All Star), mas também ficou mais embaçada, difusa, quase transparente.

— Que foi que aconteceu naquele dia em que você foi até a casa do Damen? — ela pergunta. — Vocês ainda estão juntos?

Mas não quero falar de Damen, nem saberia por onde começar. Além disso, sei que ela está tentando desviar o assunto, evitar qualquer comentário sobre seu novo aspecto.

— O que está acontecendo com você? — pergunto, a voz aguda e frenética. — Por que está desbotando assim?

Mas ela apenas sacode os ombros e diz:

— Não tenho muito tempo.

— Como assim, "não tem muito tempo"? Você vai voltar, *né*? — digo, quase gritando. E sinto um frio na espinha quando ela se despede e vai embora, deixando em seu lugar um cartãozinho amassado com o telefone de Ava.

trinta e três

Antes mesmo de estacionar, vejo que ela já espera por mim à porta.

Ou a mulher é realmente vidente, ou está aí desde que a gente desligou o telefone.

— Olá, Ever, seja bem-vinda — ela diz sorrindo e conduz-me até uma sala muito bem-decorada.

Correndo os olhos pelo lugar, os porta-retratos, os livros de arte sobre mesas de centro, o conjunto de sofás e cadeiras, fico espantada com a normalidade de todo o cenário.

— Você esperava o quê? Paredes roxas e bolas de cristal? — Ela ri e acena para que eu a siga até uma cozinha bastante arejada, de piso claro e eletrodomésticos de inox, iluminada por uma claraboia. — Vou fazer um chazinho pra gente — diz, e coloca a água para ferver. Depois me oferece uma cadeira à mesa.

Observo Ava preparando a infusão, colocando biscoitos em um prato e acomodando-se à minha frente. Só então digo:

— Hmm, desculpe por ter sido tão... grossa com você... e tudo mais. — E dou de ombros, envergonhada da minha própria falta de jeito.

Mas Ava apenas sorri e coloca a mão sobre a minha. No momento em que estabelecemos contato, imediatamente me sinto melhor.

— Fico feliz que tenha vindo — ela diz. — Eu estava muito preocupada com você.

Com os olhos voltados para baixo, para a toalhinha verde sobre a mesa, fico sem saber por onde começar. Mas é Ava quem está no comando, portanto é ela quem começa:

— Tem visto Riley? — pergunta, os olhos fixos em mim.

Poxa, precisava começar logo por aí?

— Tenho — digo, finalmente. — E pra sua informação ela está com um aspecto bem estranho. — Franzo os lábios e desvio o olhar, convencida de que Ava é a responsável pelo estado de minha irmã, de alguma forma.

Mas ela apenas ri. *Ela ri!*

— Confie em mim. — Ela assente com a cabeça, tomando um gole do chá. — Não há nada de errado com Riley.

— Confiar em *você*? — devolvo, e balanço a cabeça enquanto ela bebe do chá e mordisca um biscoito, naquela serenidade que tanto me irrita. — Por que eu deveria? Foi você que fez uma lavagem cerebral em minha irmã! Foi você que convenceu Riley a se afastar de mim! — berro, já arrependida de ter vindo. Poxa, que erro colossal.

— Ever, sei que você está chateada e que adora sua irmã, mas por acaso você tem noção do que ela sacrificou para ficar a seu lado?

Volto os olhos para a janela, admirando as plantas do jardim, a fonte, a estatueta de Buda, preparando-me para a resposta estúpida que estou prestes a ouvir.

— A eternidade.

Reviro os olhos.

— Ora, tempo é o que não falta à minha irmã!

— Estou falando de algo *maior*.

— Ah, é? Como o que, por exemplo? — pergunto, já achando que o melhor a fazer é largar este

biscoito e me mandar logo daqui. Essa Ava é uma doida varrida, uma picareta, que fala as coisas mais absurdas como se fosse autoridade no assunto.

— Se Riley continuar aqui com você, não poderá ficar com eles.

— *Eles?*

— Seus pais e Buttercup — ela explica, correndo o indicador pela borda da xícara enquanto olha para mim.

— Mas como você sabe sobre...

— Por favor, Ever, achei que já tivéssemos virado essa página. — Ela olha firme em meus olhos.

— Isso é ridículo — resmungo, mais uma vez desviando o olhar, perguntando-me o que Riley pode ter visto nesta pessoa.

— Será? — Ela afasta os cabelos castanhos do rosto, revelando uma testa lisinha, livre de qualquer preocupação.

— Tudo bem, vou fingir que acredito. Mas já que você sabe tanto, então me diga: pra onde Riley vai quando não está comigo? — pergunto, encarando-a de volta e pensando: *Agora eu quero ver.*

— Fica vagando por aí. — Ela levanta a xícara e bebe mais um gole do chá.

— Vagando? Ah, tá bom. — Eu rio. — Até parece que você sabe.

— Ela não tem opção, uma vez que escolheu ficar com você.

Novamente olho para a janela, morta de raiva, dizendo a mim mesma que não tem como isso ser verdade.

— Sua irmã não atravessou a ponte.

— Mentira. Eu vi quando ela atravessou. Acenou pra mim e tudo mais. Todos eles acenaram. Sei disso porque *estava lá*.

— Ever, não tenho dúvidas de que você estava lá e viu tudo isso, mas o que estou dizendo é que Riley não chegou ao outro lado. Parou a meio caminho e voltou para encontrá-la.

— Sinto muito, mas você está enganada — digo. — Não foi nada disso que aconteceu. — Meu coração começa a bater mais forte quando relembro aquele último momento, os sorrisos, os acenos, e depois... depois nada, eles sumiram, enquanto eu implorava e lutava para que voltassem. Mas foram levados, e eu fiquei para trás. Por culpa exclusivamente minha. Era eu quem devia ter ido no lugar deles. Tudo que sai errado tem a ver comigo.

— Riley voltou no último segundo — continua Ava. — Quando ninguém estava olhando e seus pais já tinham atravessado com Buttercup. Foi sua própria irmã quem me contou, Ever, já falamos sobre isso um milhão de vezes. Seus pais seguiram em frente, você voltou à vida e ela ficou esquecida para trás. Agora passa a maior parte do tempo visitando você, a mim, velhos amigos e vizinhos... E algumas celebridades sórdidas. — Ela sorri.

— Você sabe sobre isso também? — digo, arregalando os olhos.

Ava faz que sim com a cabeça e diz:

— Tudo isso é muito natural. Mas a maioria das entidades acaba se cansando logo.

— Entidades?

— Entidades, espíritos, fantasmas... Tudo isso dá no mesmo. Mas os que já fizeram a travessia são um tanto diferentes.

— Então quer dizer que Riley ainda não fez?

Ava faz que sim com a cabeça.

— Você precisa convencê-la a partir.

Balanço a cabeça, pensando que essa decisão não é minha.

— Mas ela *já* partiu! Quase não vem me ver mais! — resmungo, fulminando-a com o olhar como se ela fosse responsável por tudo isso. E é.

— Você precisa dar sua bênção. Dizer a ela que vai ficar bem.

— Olhe só — digo, já cansada desta conversa, desta mulher intrometida, dizendo o que devo e o que não devo fazer da minha própria vida. — Vim aqui em busca de ajuda, não pra ficar ouvindo essas histórias. Se a Riley quer ficar por aqui, problema dela. Só porque tem doze anos, isso não significa que vá me obedecer. A garota é *muito* teimosa, sabia?

— É mesmo? Será que ela puxou a quem, hem? — diz Ava, que dá mais um gole no chá, mas sem tirar os olhos de mim.

No entanto, mesmo sabendo que sua intenção era fazer uma brincadeira, fico de pé, pronta para ir embora se preciso for, lembrando-me do que o papai costumava dizer sobre as negociações: "O segredo é estarmos sempre dispostos a abandonar a mesa." Com os olhos úmidos e a cabeça latejando, digo:

— Olhe, se você desistiu de me ajudar, é só falar.

Ela me encara por alguns instantes e faz sinal para que eu me sente de novo.

— Como quiser. — E então respira fundo. — O que você precisa fazer é o seguinte.

Quando Ava me acompanha até a porta, fico surpresa ao constatar que já está escuro. Acho que o tempo passou sem que eu percebesse, enquanto ela me ensinava o passo a passo da meditação, a me controlar, a criar meu próprio escudo para a mediunidade. Embora tenhamos começado com o pé esquerdo, sobretudo ao falarmos de Riley, estou feliz por ter vindo. É a primeira vez desde muito tempo que me sinto assim, completamente normal. Sem o apoio do álcool ou de Damen.

Agradeço novamente e vou para o carro, mas ela me chama antes que eu possa entrar.

— Ever?

E quando levanto o rosto vejo seu corpo emoldurado apenas pela luz suave da varanda, sua aura já não está mais visível.

— Queria muito que você me deixasse mostrar como se desfazer do escudo — ela diz. — Você verá: vai acabar sentindo falta de sua mediunidade.

Mas o assunto já foi discutido, mais de uma vez. Além disso, já tomei minha decisão e não pretendo voltar atrás. Agora é: olá vida normal, adeus mediunidade, imortalidade, Damen, Summerland e tudo quanto é esquisitice. Desde o acidente, só tive um desejo: ser normal outra vez. E agora que consegui, não vou titubear.

Faço que não com a cabeça e entro no carro, novamente olhando quando ela diz:

— Ever, pense no que falei, por favor. Você entendeu tudo errado. Despediu-se da pessoa errada.

— Do que você está falando? — pergunto, já ansiosa para chegar em casa e começar a curtir minha nova vida.

Mas Ava apenas sorri e diz:

— Você sabe do que estou falando.

trinta e quatro

Agora que meu castigo acabou e que estou livre da mediunidade, passo boa parte dos dias na companhia de Miles e de Haven, encontrando-os para um cafezinho, fazendo compras no shopping, vendo filmes, batendo perna na cidade, assistindo aos ensaios de *Hairspray*, feliz da vida por estar de volta à normalidade. E na manhã de Natal, quando Riley aparece, fico aliviada ao constatar que ainda posso vê-la.

— Ei, espere aí! — ela diz, bloqueando minha passagem à porta do quarto. — Você não vai abrir seus presentes sem mim, né? — E sorri tão radiante que sua imagem parece quase sólida, sem nenhum resquício do desbotamento de antes. — Sei o que você vai ganhar. — Ela força uma risada. — Quer uma dica?

— Nem meia dica! — respondo rindo, fazendo que não com a cabeça. — Estou adorando não saber de nada, pra variar.

Riley vai para o centro do quarto e executa uma série perfeita de estrelas acrobáticas.

— E por falar em surpresas — e dá um sorriso —, o Jeff comprou um anel pra Sabine! Dá pra acreditar numa histórias dessas? Saiu da casa da mãe, arrumou um apartamento só pra ele e está implorando pra Sabine voltar!

— Sério? — digo, feliz ao constatar que minha irmã abandonou de vez as fantasias e parou de copiar minhas roupas: hoje apareceu com um jeans desbotado e duas camisetas sobrepostas.

Ela faz que sim com a cabeça.

— Mas a Sabine vai devolver o presente, claro. Aliás, pelo menos eu acho. Nem ganhou ainda, então a gente vai ter de esperar pra ver. Mas as pessoas são tão previsíveis, você não acha?

— Você continua espionando celebridades por aí? — pergunto, ávida por uma fofoca qualquer.

Riley faz uma careta e revira os olhos.

— Parei completamente. Já estava ficando viciada, sabe? Além do mais, é sempre o mesmo enredo: elas enfiam o pé na jaca... quer dizer, nas compras, na comida ou nas drogas, e depois vão pra reabilitação. Jaca, culpa e internação, o mesmo ciclo vicioso de sempre. É muito chato.

Dou uma boa risada, em vez do abraço que realmente gostaria de dar. Estava morrendo de medo de perdê-la.

— Está olhando o quê? — ela pergunta desconfiada.

— Você.

— *E?*

— *E* estou tão feliz que você esteja aqui... e que eu ainda consiga vê-la! Achei que tinha perdido esse dom quando Ava me ensinou a fazer o tal escudo.

Riley sorri e diz:

— Pra falar a verdade, perdeu, sim. Tive de dar uma turbinada em minha energia, senão você não ia conseguir me ver. Aliás, até usei um pouquinho da sua. Não está se sentindo meio cansada?

Dou de ombros.

— Só um pouquinho. Mas é que acabei de acordar.

— Tudo bem. O importante é que estou aqui.

— Riley... — olho para ela —, diga pra mim. Você continua... *visitando a Ava*? — pergunto,

segurando a respiração enquanto espero pela resposta.

Ela faz que não com a cabeça.

— Que nada. Também parei com isso. Agora vamos lá pra baixo, estou doida pra ver sua cara quando você desembrulhar o iPhone! Oops! — Ela ri, colocando uma das mãos sobre a boca e atravessando de costas a porta fechada do quarto.

— Você vai mesmo ficar? — pergunto baixinho, e saio ao corredor, abrindo a porta da forma tradicional. — Quer dizer, você não tem nenhum compromisso? Algum lugar pra ir?

Riley acomoda-se no corrimão e desce escorregando, sorrindo e olhando para trás ao dizer:

— Compromisso nenhum. Lugar nenhum. Agora, não mais!

Sabine devolveu o anel, ganhei um iPhone novo e Riley voltou a me visitar todos os dias, por vezes até indo comigo para a escola. Miles começou a namorar um dos dançarinos de apoio de *Hairspray*; Haven pintou os cabelos de castanho-escuro, excomungou o gótico, começou o doloroso processo de apagar sua tatuagem com laser, queimou todos os vestidos *à la* Drina e adotou o look emo. O Ano-novo veio e foi embora, comemorado com uma reunião simples em minha casa, que incluiu cidra para mim (a essa altura eu já estava oficialmente sóbria), champanhe contrabandeado para meus amigos e um banho de jacuzzi à meia-noite: uma festinha recatada para os padrões, porém bastante divertida. Stacia e Honor continuaram olhando torto para mim, como sempre fizeram, ou talvez um pouco mais nos dias em que me viam vestindo algo bacana, o sr. Robins tocou sua vida adiante (sem a filha e sem a mulher) e a sra. Machado continuou torcendo o nariz para meus quadros na aula de educação artística. E, entre tudo isso, Damen.

Como o cimento num muro de tijolos, como a cola na encadernação de um livro, ele tem preenchido todos os espaços vazios de minha vida, mantendo a coesão das partes, a solidez de toda a estrutura. Sempre que faço uma prova na escola, lavo os cabelos, faço uma refeição, assisto a um filme, escuto uma música ou tomo um banho de jacuzzi, penso nele, consolada apenas por saber que ele anda por aí em algum lugar — ainda que eu tenha decidido ficar sozinha.

E eis que chega o Valentine's Day. A essa altura Haven e Miles já estão apaixonados — mas não um pelo outro. E embora sentemos juntos na hora do almoço, daria no mesmo se eu estivesse sozinha. Eles estão ocupados demais digitando em seus respectivos Sidekicks para notar minha existência, enquanto meu iPhone permanece a meu lado, silencioso e ignorado.

— Cara, isso é *hilário*! Vocês não vão *acreditar* em como ele é inteligente! — diz Miles pela milionésima vez, levantando o rosto do torpedo que acabou de receber, vermelho de tanto rir, já pensando na resposta que precisa dar agora.

— Caramba, Josh acabou de mandar, tipo assim, *trocentas* músicas! E eu nem mereço tanto... — resmunga Haven, digitando seu torpedo.

Embora eu esteja feliz por ambos, feliz por eles estarem felizes e tudo mais, não consigo pensar em outro assunto que não seja a aula de artes no sexto tempo: não sei se vou ou não à aula da sra. Machado. Porque hoje na Bay View não só é Valentine's Day como também é o Dia do Coração Secreto. O que significa que finalmente serão distribuídos aqueles pirulitos em forma de coração, com um cartãozinho rosa amarrado no palito, que eles vêm empurrando nos alunos durante toda a semana. Miles e Haven estão seguros de que receberão os seus, muito embora seus respectivos namorados não estudem aqui; quanto a mim, só espero chegar ao fim do dia sem maiores arranhões e com um mínimo de sanidade mental.

Mas devo admitir: depois que abandonei o pacote capuz/iPod/óculos escuros o interesse masculino por mim só aumentou. Não que eu tenha me interessado por alguém. Porque a verdade é a seguinte: não tem nenhum garoto nesta escola, ou neste planeta, que se compare a Damen. Nenhum. Zero. Simplesmente não é possível. E, tipo assim, não tenho a menor intenção de baixar meus padrões, pelo menos por enquanto, só para dizer que estou namorando.

Mas quando toca o sinal do sexto tempo chego à conclusão de que não posso matar aula. Meus dias de delinquente juvenil já ficaram para trás. Então respiro fundo e vou para a sala, já pensando no desastre de minha obra mais recente. Agora temos de fazer uma pintura ao estilo de um "ismo" qualquer. Escolhi o cubismo, depois de cometer o engano de achar que seria fácil. Não é. Pelo contrário, é muito difícil.

Já na sala, alguém se aproxima por trás, e quando me viro para ver quem é dou de cara com um garoto apontando um pirulito em minha direção. Achando que é um engano, nada digo e volto para minha tela. E quando o tal garoto cutuca minhas costas de novo nem me dou o trabalho de olhar.

— Garota errada, meu amigo — digo apenas.

Ele resmunga alguma palavra, depois limpa a garganta para dizer:

— Você não é a Ever?

Faço que sim com a cabeça.

— Então pegue logo este pirulito. — Ele balança a cabeça, impaciente. — Tenho uma caixa inteira pra entregar antes do fim da aula.

O garoto arremessa o pirulito em minha direção, e, assim que se afasta, largo o carvão na mesa para ler o bilhete, que diz:

Pensando em você.
Sempre.
Damen

trinta e cinco

Chegando em casa, subo em disparada para o quarto, louca para mostrar a Riley o pirulito que fez o sol brilhar e os passarinhos cantarem, virando meu dia de cabeça para baixo, muito embora eu nada queira com o remetente.

Mas quando a encontro ali, sozinha no sofá, segundos antes de ela se virar para mim, percebo algo no aspecto dela, talvez o corpinho miúdo, a expressão solitária, que me fazem lembrar o que Ava disse: que eu havia me despedido da pessoa errada. E o ar foge de meus pulmões.

— Oi — ela diz com um sorriso amarelo. — Você nem *acredita* o que acabei de ver na *Oprah*. Um cachorro que perdeu as duas patas da frente e ainda assim consegue...

Jogo a mochila no chão, sento a seu lado e confisco o controle remoto, apertando o botão de *mudo*.

— Que foi, garota? — ela reclama, querendo sua *Oprah* de volta.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto.

— Hmm... vendo televisão, esperando por você... — Ela junta os olhos e bota a língua para fora. — Dã.

— Não, o que eu quero saber é o que você está fazendo *aqui*. Por que não está... *em outro lugar*?

Riley repuxa os lábios para o lado e volta os olhos para a TV, o corpo rígido, o rosto imóvel, preferindo uma *Oprah* muda a mim.

— Por que você não está com mamãe, papai e Buttercup? — insisto, e noto o ligeiro tremor que desponta no lábio inferior dela, a princípio muito discreto, mas que logo se intensifica, fazendo com que eu me sinta péssima, de tal modo que preciso fazer um esforço especial para dizer: — Riley... É que... talvez fosse melhor você não vir mais aqui.

— Você está me *despejando*, é isso? — Ela pula do sofá, os olhos esbugalhados de ofensa.

— Não, Riley, não é nada disso, é que...

— Você não pode impedir que eu venha aqui, tá bom? — ela esbraveja, andando de um lado para outro no quarto. — Eu posso fazer o que eu quiser! Qualquer coisa! E você *nada* pode fazer pra me impedir!

— Eu sei, Riley, eu sei. Mas também não acho certo ficar botando pilha pra você vir.

Ela cruza os braços e arma um bico, depois se joga de novo no sofá e começa a balançar as pernas como sempre faz quando está com raiva, triste, frustrada ou os três sentimentos juntos.

— É que... bem, durante um tempo você andou ocupada com outras coisas, em outros lugares, e me parecia muito feliz com o que fazia. Mas agora não sai mais daqui, e estou achando que é só por minha causa. Olhe, mesmo que eu não suporte nem imaginar como seria minha vida sem você, o mais importante pra mim é que você esteja feliz. E... ficar por aí espionando vizinhos e celebridades, vendo *Oprah* a tarde inteira enquanto eu não chego, sei lá, não acho que essa seja a melhor forma de agir. — Paro um instante para respirar fundo, desejando não ter de continuar, mas sabendo que preciso. — Porque, mesmo que suas visitas sejam indiscutivelmente a parte mais legal de meu dia... não posso deixar de achar que há outro lugar, um lugar melhor, pra você estar.

Riley olha fixamente para a TV enquanto olho para ela; fica muda por um tempo, mas logo diz:

— Pra sua informação, eu *sou* feliz. Estou perfeitamente bem e feliz. *Aqui mesmo*. — Ela balança

a cabeça, revirando os olhos, e então cruza os braços sobre o peito. — Às vezes venho pra cá, outras vezes vou pra outro lugar. Um lugar chamado Summerland, que é muito legal, caso você não lembre. — E olha de soslaio para mim.

Faço que sim com a cabeça. Claro que lembro, como iria esquecer?

Riley se recosta nas almofadas e cruza as pernas.

— Então, tenho o melhor dos dois mundos inteiramente a meu dispor. Qual é o problema?

Franzo os lábios, olhando pra ela, mas não pretendo me deixar levar por sua argumentação. Sei que estou agindo certo, a única atitude que posso tomar.

— O *problema* é que... acho que existe um lugar mais legal ainda. Um lugar onde mamãe, papai e Buttercup estão esperando por você, e...

— Olhe, Ever — ela me interrompe —, sei que você acha que ainda estou aqui porque queria muito fazer treze anos e, como isso não vai acontecer, agora estou vivendo sua adolescência por tabela. Tudo bem, pode até ser, mas por acaso você já parou pra pensar que talvez eu esteja aqui porque eu também não conseguiria viver sem você? — Riley olha para mim com os olhinhos piscando freneticamente, e antes que eu possa responder ela ergue a mão e continua: — Primeiro fui andando atrás deles, porque afinal os filhos sempre andam atrás dos pais, né? Mas depois vi que você tinha ficado pra trás, então voltei pra buscá-la, mas quando cheguei lá você já tinha ido embora, e não consegui encontrar a ponte outra vez. Depois... bem, depois fiquei presa aqui. Mas então conheci umas pessoas que já estão por aqui há muitos anos, quer dizer, há muitos anos terrenos, e elas foram me mostrando coisas e...

— Riley... — começo a dizer, mas novamente sou interrompida.

— E só para a sua informação, já estive, *sim*, com mamãe, papai e Buttercup, e eles estão ótimos. Na verdade, mais que isso, estão *felizes*. Só querem que você pare com essa mania de ficar se culpando o tempo todo. Eles podem ver você. Você sabe disso, não sabe? Mas você não pode vê-los, nem ninguém que já tenha atravessado a ponte. Só os que ficaram para trás, como eu.

Mas não estou nem um pouco interessada em quem posso ou não posso ver. Ainda estou empacada naquela parte em que meus pais querem que eu pare de me sentir culpada, mesmo sabendo que os velhos só estão tentando amenizar minha situação, como qualquer pai ou mãe faria com uma filha. Porque a verdade é a seguinte: aquele acidente foi, sim, por minha culpa. Se eu não tivesse obrigado papai a voltar só porque eu tinha esquecido em casa uma porcaria de suéter, o das líderes de torcida de Pinecone Lake, a gente não estaria naquele lugar, naquele ponto da estrada, no exato momento em que um cervo estúpido irrompeu em nossa frente, obrigando nosso carro a desviar, despencar num barranco e bater de frente numa árvore, matando todo mundo, menos eu.

Culpa minha. E de mais ninguém.

Mas Riley balança a cabeça e diz:

— Se for pra culpar alguém, esse alguém é o papai, já que sabemos que não se deve dar uma guinada brusca quando um animal entra na pista. Tem de atropelar, não há outro jeito. Mas você e eu sabemos que papai jamais faria isso, então ele tentou salvar a gente, mas acabou salvando o cervo. Por outro lado, talvez a culpa seja do próprio bicho. Quer dizer, ele não tinha nada que ir pro asfalto quando tinha uma floresta inteira à disposição. Ou talvez a culpa seja da mureta de proteção, que deveria ser mais forte, de um material mais resistente, sei lá. Ou talvez do fabricante do carro, por não ter feito uma direção ou um freio que prestasse. Ou talvez... — Ela para e olha para mim. — Na verdade, o que estou querendo dizer é o seguinte: a culpa não é de *ninguém*. Foi só um acidente e

pronto. Aquilo *tinha* de acontecer.

Engulo a seco, tentando reprimir o choro. Seria ótimo se pudesse acreditar nisso, mas não consigo. Porque sei de tudo. De *toda* a verdade.

— Todos nós já aceitamos isso, e você precisa aceitar também. Tudo indica que sua hora ainda não tinha chegado.

Tinha, sim! Mas Damen apareceu, e eu me deixei levar!

Ainda lutando contra as lágrimas, volto o rosto para a TV. *Oprah* acabou, e no lugar dela está o *Dr. Phil*, um careca radiante com uma boca enorme que não para de se mexer.

— Lembra aquele dia em que você me viu toda desbotada, quase transparente? — continua Riley. — Era porque eu estava me preparando pra fazer a travessia. Cada dia eu chegava um pouquinho mais perto do outro lado da ponte. E quando decidi dar o último passo... bem, foi quando pareceu que você mais precisava de mim. E eu não suportaria deixar você. Aliás, não posso abandoná-la de jeito nenhum.

No entanto, por mais que eu a queira ao meu lado, já privei minha irmã de uma vida na Terra, não sou eu quem vai privá-la de uma vida no Além.

— Riley, já é hora de você partir — digo baixinho, talvez porque parte de mim não quer que ela me ouça. Mas tão logo as palavras escapam da boca, sei que estou tomando a atitude certa, então repito o que acabei de dizer, agora mais alto, sem o menor traço de dúvida ou hesitação. — Realmente acho que você devia ir — repito, mal acreditando em meus próprios ouvidos.

Riley levanta do sofá, os olhinhos murchos de tristeza, as bochechas brilhando com as lágrimas cristalinas.

Apesar do nó na garganta, digo:

— Olhe, você não faz ideia do tanto que me ajudou. Nem sei o que teria feito sem sua ajuda. Você é o único motivo que tenho pra sair da cama todos os dias e colocar um pé na frente do outro. Mas agora estou melhor, e já é hora de você... — Mas não consigo continuar, engasgada com minhas próprias palavras.

— Mamãe falou que você acabaria me mandando de volta... — diz Riley, sorrindo.

Olho para ela, sem entender direito o que acabei de ouvir.

— Ela falou: *Um dia sua irmã finalmente vai crescer e tomar a atitude certa.*

E tão logo ela diz isso nós duas caímos na gargalhada. Rindo do absurdo da situação. Rindo da mania que mamãe tinha de dizer: "*Um dia você vai crescer e...*" Rindo para aliviar um pouco a tensão e a dor de nossa despedida. Rindo apenas porque rir é bom pra caramba!

Quando acabamos e rir, olho para ela e pergunto:

— Mas você ainda vai aparecer de vez em quando só pra dar um alô, não vai?

Ela faz que sim com a cabeça, olhando em volta.

— Claro que vou. Mas acho que você não vai poder me ver, já que não pode ver mamãe e papai.

— E em Summerland? Será que lá eu consigo ver você? — pergunto, lembrando que posso procurar Ava novamente e pedir a ela que retire o escudo, mas só para que eu consiga visitar Riley em Summerland, nada mais.

— Sei lá. De qualquer modo, vou fazer o possível pra mandar algum tipo de sinal, algo pra você saber que estou bem, algo assim... a minha cara.

— Tipo o quê? — pergunto, já sentindo um frio na barriga ao vê-la desbotar. Não achava que podia ser tão rápido assim. — E como é que eu vou saber? Como posso ter certeza de que o sinal é

seu?

— Você vai saber, confie em mim. — Ela sorri, dá um tchauzinho e evapora.

trinta e seis

Assim que Riley se vai, não me contenho e começo a chorar, mesmo sabendo que fiz o que tinha de fazer, mas ainda achando que seria ótimo se não doesse tanto. Fico assim por algum tempo, enroscada no sofá, o corpo dobrado numa bolota, relembrando tudo o que ela disse sobre o acidente, que não tinha sido realmente minha culpa. Quem dera se eu pudesse acreditar nisso, mas sei que não é verdade. Quatro vidas foram tiradas naquele dia, e tudo por minha causa.

Tudo por causa de um maldito suéter azul de líder de torcida.

"Compro outro pra você", papai disse, olhando-me nos olhos pelo retrovisor do carro, dois pares de olhos igualmente azuis, os meus e os dele. "Se a gente voltar, vamos pegar o engarrafamento da cidade."

"Mas é meu suéter favorito", choraminguei. "Comprei no acampamento das líderes de torcida. Não tem pra vender em loja nenhuma!", resmunguei, sabendo que estava a poucos segundos de convencê-lo.

"Você realmente quer esse suéter?"

Fiz que sim com a cabeça, sorrindo ao ver que ele balançou a cabeça, respirou fundo e fez o retorno. Então, novamente olhou pelo retrovisor, no exato momento em que o cervo cruzou a estrada.

Minha vontade é de acreditar em Riley, reprogramar meu cérebro para pensar igual a ela, mas saber a verdade garante que eu nunca vou conseguir.

Enquanto seco as lágrimas do rosto, novamente me lembro das palavras de Ava. E raciocino: se me despedi da pessoa errada, segundo ela disse, e a pessoa certa era Riley, então talvez ela estivesse falando de Damen.

Pego o pirulito que havia deixado em cima da mesa e quase caio para trás quando ele se transforma em uma tulipa.

Uma grande, enorme e reluzente tulipa vermelha.

Então corro para o quarto, abro o laptop sobre a cama e faço uma busca rápida no significado das flores, rolando a página até que leio:

> No século XVIII, as pessoas muitas vezes comunicavam suas intenções por meio das flores que enviavam, uma vez que significados específicos eram atribuídos a cada tipo de flor. Aqui estão alguns dos mais tradicionais:

Vou descendo pela lista alfabética até encontrar as tulipas, e mal consigo respirar quando leio:

> Tulipas vermelhas — Amor eterno.

Em seguida, só por curiosidade, vejo qual é o significado das rosas brancas e dou uma bela risada ao ler:

> Rosas brancas — Um coração que não conhece o amor e, portanto, é incapaz de amar.

Agora sei que Damen estava me testando. O tempo inteiro. Guardando para si esse segredo enorme, sem fazer a menor ideia de como dividi-lo comigo, sem saber qual seria minha reação.

Flertando com Stacia só para me provocar, para depois bisbilhotar meus pensamentos e ver se eu me importava ou não. E fiquei tão hábil em mentir para mim mesma, em negar meus sentimentos sobre praticamente tudo, que acabei confundindo tanto a ele quanto a mim.

Não acho certo o que ele fez, mas não posso negar que seu plano deu certo. E agora, caso eu queira vê-lo novamente, basta dizer seu nome em voz alta para que ele se materialize à minha frente. Porque a verdade é que amo Damen; e venho amando-o a cada dia de minha vida. Desde o primeiro dia em que o vi. E mesmo depois de jurar a mim mesma que não. Não há nada que eu possa fazer, amo o garoto e pronto. E apesar das dúvidas que ainda tenho sobre essa história de *imortalidade*, devo confessar: Summerland *foi* muito, muito legal. Além disso, se Riley estiver certa quanto àquilo que disse sobre o destino, sobre os fatos acontecerem porque têm de acontecer, então quem sabe isso não se aplica também a esse novo capítulo de minha vida?

Fecho os olhos e imagino o corpo perfeito e quentinho de Damen enroscando-se contra o meu, o hálito saindo pelos doces lábios que vão roçando minha orelha, meu pescoço, meu rosto, até que finalmente encontram os meus. E procuro fixar essa imagem na cabeça, a sensação do nosso amor perfeito, do nosso beijo perfeito, enquanto sussurro as palavras que venho refreando durante todo esse tempo, aquelas que tanto temia dizer, aquelas que o trarão de volta para mim.

Vou repetindo essas palavras não sei quantas vezes, cada vez mais alto, até que minha voz ecoa por toda a sala.

Mas quando abro os olhos novamente vejo que estou sozinha.

E me dou conta de que esperei demais.

trinta e sete

Desço à cozinha em busca de um pouco de sorvete; sei que um curativo do tipo Häagen-Dazs, geladinho e cremoso, não vai sarar minha ferida, mas algum alívio ele há de dar. Retiro um pote da geladeira e aperto contra o peito para tirar uma colher da gaveta, mas deixo tudo cair quando ouço alguém dizer:

— Muito comovente, Ever. Muito, muito comovente.

Curvo-me ao chão, apertando os dedos dos pés praticamente esmagados por um pote de um litro de Vanilla Swiss Almond, quando levanto o rosto e deparo com Drina, sentada em um dos bancos da bancada, pernas cruzadas e mãos delicadamente pousadas sobre o joelho, quase uma dama do século passado.

— Foi tão encantador ver você clamando por Damen depois de fabricar aquela ceninha de amor na cabeça... — Ela ri e me olha de cima a baixo. — Ah, sim, ainda posso ver o que se passa em sua mente. Esse escudo que você providenciou... receio que seja mais fino que o Santo Sudário que está lá em Turim. Quanto a você e Damen... — Ela balança a cabeça. — No lugar de vocês, eu não contaria com um final feliz, do tipo "e viveram felizes para sempre". Porque, você sabe, não vou deixar que isso aconteça. É que tenho dedicado minha vida a destruir você, Ever, e para seu azar ainda sou capaz de fazê-lo.

Olho para ela, tentando controlar a respiração e ao mesmo tempo limpar da mente qualquer pensamento incriminatório, pois sei que ela poderá usá-lo contra mim. Mas o problema é o seguinte: *tentar* livrar a mente de alguma coisa é o mesmo que dizer a uma pessoa para *não* pensar em elefantes: depois disso, ela não consegue pensar em outra coisa *que não seja* elefantes.

— Elefantes? Jura? — Ela bufa um risinho de sarcasmo, um risinho grave e malévolo que ecoa por toda a cozinha. — Santo Deus, *o que será* que ele vê em você? — E com uma expressão de desdém varre meu corpo inteiro com os olhos. — Seguramente, não é a inteligência, muito menos o talento, já que ambos ainda não deram provas de existência. Aquela sua ceninha de amor, por exemplo... Tão Disney, tão Sessão da Tarde, *tão incrivelmente maçante*... Tenha dó, Ever. Por acaso esqueceu que Damen é um homem experiente, que já está por aí há *centenas* de anos, e passou inclusive pelos anos 60, a década do amor livre? — Ela balança a cabeça num gesto de impaciência.

— Se você veio atrás de Damen, ele não está aqui — digo afinal, a voz rouca arranhando a garganta, como se não tivesse sido usada por muitos dias.

Drina ergue as sobrancelhas e diz:

— Acredite em mim, eu *sei* onde Damen está. *Sempre* sei onde ele está. Aliás, é este meu ofício: saber onde Damen está.

— Claro, você é uma psicopata. — Franzo os lábios, sabendo que não é prudente enfrentá-la. Por outro lado, o que tenho a perder? Ela vai me matar de qualquer jeito...

— Psicopata, eu? — Drina faz uma careta de enfado e examina as próprias unhas, perfeitas como todo o restante. — Dificilmente.

— Bem, se escolheu passar os últimos trezentos anos perseguindo uma pessoa, então...

— Trezentos, não, sua tonta insuportável! — ela corrige, fulminando-me com o olhar. — Seiscentos!

Seiscentos anos? Sério?

Drina revira os olhos e fica de pé.

— Ah, os mortais... Tão burrinhos, tão simplórios, tão previsíveis, tão *comuns*... No entanto, apesar de todas as suas limitações óbvias, por algum motivo você sempre inspira Damen a servir a humanidade, a alimentar os famintos, a combater a pobreza, a salvar as baleias, a reciclar o lixo, a meditar pela paz, a dizer não às drogas, ao álcool, ao consumismo e a todos os verdadeiros prazeres da vida. Sempre uma causinha humanitária qualquer, cada uma mais maçante que a outra. E para quê? Será que vocês nunca aprendem? Alô-*ou*? *Aquecimento global!* É, parece que não. No entanto... *ainda assim*, de algum modo sempre sobrevivemos, Damen e eu, a essas pequenas recaídas dele, muito embora eu, às vezes, leve um bom tempo para reprogramá-lo, para trazê-lo de volta àquele Damen hedonista, vigoroso, lascivo e indulgente que conheço e de que tanto gosto. Acredite em mim, você não representa mais que um pequeno desvio de rota. Logo, logo estaremos outra vez no topo do mundo!

Ela vem andando na minha direção, alargando o sorriso a cada passo enquanto contorna a bancada de granito com a graciosidade de um gato siamês.

— Francamente, Ever, também não sei o que você vê em Damen. E não estou falando daquilo que veem todas as mulheres e, verdade seja dita, a maioria dos homens também. Quer dizer, é por causa de Damen que você sempre se dá mal. É por causa dele que está passando por tudo isto agora. Se não tivesse sobrevivido àquele maldito acidente, nada disto estaria acontecendo, estaria? — Ela balança a cabeça, desconsolada. — Justo quando achei que era seguro sair da toca, quando tinha certeza de que você estava morta... de uma hora para outra descubro que Damen se mudou para a Califórnia porque... *surpresa,* trouxe você de volta! — Novamente ela balança a cabeça e diz: — Era de esperar que depois de tantos séculos eu tivesse aprendido a ser um pouquinho mais paciente. Mas é que você me aborrece demais, Ever! A culpa não é *minha*, é?

Ela olha para mim, mas não digo nada, ainda estou decifrando o que acabei de ouvir. *Foi ela quem causou o acidente?*

Drina revira os olhos e diz:

— *Claro* que fui eu quem causou o acidente! Será preciso fazer um desenho para que você entenda? Fui *eu* quem espantou aquele cervo para a frente do carro, sabendo que seu pai era um boboca de coração mole que colocaria em risco a vida da própria família para salvar um animal. Os mortais são sempre muito previsíveis. Sobretudo os mais certinhos, esses que estão sempre tentando fazer o bem. — Ela dá uma risada. — No fim das contas, foi fácil *demais*. Nem deu para me divertir direito. Mas uma certeza você pode ter, Ever: desta vez, Damen não vai aparecer para salvá-la. Agora você não escapa.

Procurando algum tipo de defesa a meu redor, vejo o conjunto de facas do outro lado da cozinha, mas sei que não vou conseguir alcançá-lo a tempo. Não sou tão rápida quanto Damen e Drina. Pelo menos acho que não sou. E não tenho tempo para descobrir.

Ela exala um suspiro e diz:

— Para não restar dúvida, por favor, vá lá e pegue a porcaria da faca! Não sou eu quem vai impedir. — Ela confere as horas no relógio cravejado de diamantes. — Por outro lado, gostaria de começar logo, se você não se incomodar. Geralmente prefiro agir com calma, divertir-me um pouco. Mas hoje... Você sabe, não é? Valentine's Day e tal. Gostaria de jantar com meu amor logo depois de eliminar você. — De repente seus olhos ficam escuros e os lábios se retorcem, e num breve momento

ela deixa vir à tona todo o mal que esconde em si. Mas a beleza estonteante de sempre retorna segundos depois, é difícil não fitá-la. — Sabe, antes de você aparecer, em uma das suas... encarnações anteriores, eu era o único amor verdadeiro de Damen. Mas depois você tentou roubá-lo de mim, e o mesmo ciclo vem se repetindo desde então. — Com passos curtos e silenciosos, rápidos demais para que eu possa reagir de alguma forma, ela avança pouco a pouco e para bem à minha frente. — Mas agora quero meu homem de volta. E ele sempre acaba em meus braços outra vez, Ever, disso você pode ter certeza.

Estico o braço para pegar a tábua de carne, planejando golpeá-la na cabeça, mas ela se joga sobre mim com tanta força e rapidez que perco o equilíbrio e bato de costas contra a geladeira, imediatamente perdendo o ar e caindo ao chão, desnorteada. E tão logo a cabeça se estatela no granito, sinto um fiapo de sangue quente escorrer do crânio em direção à boca.

Antes que eu possa fazer qualquer movimento para me defender, Drina vem para cima de mim e começa a distribuir murros e tapas, rasgando minhas roupas, puxando meus cabelos e sussurrando em meu ouvido:

— Não perca seu tempo, Ever. Desista logo e vá embora. Vá se juntar à sua familiazinha feliz, estão todos à sua espera. Você não foi talhada para esta vida. E agora é sua chance de pular fora dela. Não há mais nada que a prenda aqui.

trinta e oito

Devo ter desmaiado, mas só por um instante, pois quando abro os olhos novamente Drina ainda está em cima de mim, o rosto e as mãos salpicados de sangue, sussurrando palavras com sua voz doce, tentando me convencer a entregar os pontos de uma vez por todas, a aceitar a morte e acabar logo com isso.

A proposta até que não era de todo ruim alguns minutos atrás, mas agora, não. A cachorra matou minha família e vai ter de pagar pelo que fez.

Fecho os olhos, determinada a voltar àquele mesmo lugar de felicidade: nós todos no carro, rindo, felizes, tomados de amor. A imagem logo me vem à cabeça, muito mais nítida do que antes, sem a interferência da culpa.

E assim que recupero minhas forças dou um vigoroso empurrão em Drina, arremessando-a para o outro lado da cozinha. Observo-a bater de costas contra a parede, os braços estatelados num ângulo bizarro, e escorregar para o chão.

Fica ali por alguns segundos, olhando estupefata para mim, depois fica de pé, limpa a sujeira da roupa e dá uma risada antes de se arremessar outra vez. Mas assim que me alcança dou outro empurrão, e mal acredito em meus próprios olhos quando a vejo alçando voo, atravessando a porta da cozinha e batendo contra a vidraça das portas do escritório, provocando uma explosão de cacos por todos os lados.

— Se você queria uma "cena do crime" — diz, retirando estilhaços do rosto, dos braços e das pernas, os cortes sumindo logo a seguir —, ficou ótimo! Mal posso esperar para ler as manchetes nos jornais de amanhã! — E de um segundo a outro, já sem qualquer arranhão no corpo, abre um sorriso e avança em minha direção, determinada a dar cabo de sua missão. — Você não pode contra mim, Ever — ela sussurra. — Aliás, essa sua patética demonstração de força está começando a me irritar. Francamente, garota, que espécie de anfitriã é você? É assim que costuma receber seus convidados? Agora entendo por que não tem nenhum amigo.

Desvencilho-me dela, disposta a arremessá-la contra todas as vidraças da casa se preciso for. No entanto, mal completo o pensamento quando sou invadida por uma dor de tal modo lancinante que me deixa paralisada, sem forças para fazer outra coisa senão observar Drina voltando em minha direção com um sorriso malicioso estampado no rosto.

— O velho truque da *cabeça no torno de garras serradas* — ela diz e dá uma gargalhada. — É infalível! Mas, justiça seja feita, Ever, eu avisei. Foi você que não quis me dar ouvidos. Por outro lado, a escolha ainda é sua. Posso apertar o torno um pouquinho mais... — Ela estreita os olhos quando me dobro em duas e vou ao chão, enquanto meu estômago se embrulha de náusea. — Ou você pode... jogar a toalha e acabar logo com esta agonia. É você quem decide. Simples assim.

Tento manter o foco ao perceber que ela se aproxima, mas a visão está embaralhada, sem falar em meus braços e pernas, que estão moles e fracos feito borracha, e ela é muito rápida para que eu possa lidar com isso. Então fecho os olhos e penso: *Não vou deixá-la sair vitoriosa. Não vou entregar os pontos desta vez. Não depois do que ela fez à minha família.*

E quando cerro o punho para lhe dar um soco, estou tão fraca, atrapalhada e destruída que fico perplexa ao constatar que acerto Drina na altura do peito, de raspão, e meu braço despenca. Dou

alguns passos cambaleantes para trás, completamente sem fôlego, sabendo que meu esforço foi em vão, que um soquinho desses não valeu de nada contra a poderosa Drina.

Fecho os olhos e me preparo para o fim, que agora é inevitável. Que pelo menos seja rápido. Mas quando minha cabeça e meu estômago se acalmam, abro os olhos novamente e vejo Drina recuando trôpega em direção à parede, apertando o peito e olhando de um jeito acusador para mim.

— Damen! — ela suplica, olhando um pouco atrás de mim. — Não deixe que ela faça isso comigo, *conosco*...

E quando viro o rosto deparo com Damen bem a meu lado, encarando Drina e balançando a cabeça, em tom de reprovação.

— Tarde demais — ele responde, e entrelaça os dedos nos meus. — Chegou a hora de sua partida, Poverina.

— Não me chame assim! — ela ruge, os olhos antes verdes e lindos agora estriados de vermelho. — Você sabe que *detesto* esse nome!

— Sim, eu sei — ele devolve.

Ele aperta minha mão quando Drina começa a tremer e a envelhecer, até que finalmente some no ar, deixando apenas o vestido de seda preta e os sapatos caros como provas de sua existência.

— Como foi que... — Olho para Damen em busca de alguma explicação.

Mas ele apenas sorri e diz:

— Acabou, Ever. Absolutamente, completamente, eternamente. — Depois me puxa para um abraço e me cobre de beijos quentinhos enquanto promete: — Nunca mais seremos importunados por ela.

— Eu... *matei* a Drina? — pergunto. Apesar de tudo que ela fez à minha família, e das tantas vezes que supostamente me matou, não sei ao certo como me sentir em relação a isso.

Damen faz que sim com a cabeça.

— Mas... *como*? Quer dizer, se ela é imortal, eu não deveria ter cortado fora a cabeça dela?

— Que espécie de livros você anda lendo, hem? — ele retruca rindo. Depois, novamente sério, diz: — Não é assim que funciona. Nada de decapitações, estacas de madeira ou balas de prata. Tudo se resume ao simples fato de que o rancor enfraquece e o amor fortalece. De algum modo você conseguiu acertar Drina justo no ponto mais vulnerável do corpo dela.

Aperto os olhos, meio que sem entender.

— Mas eu mal toquei na garota! — digo, lembrando-me do murrinho que desferi há pouco.

— Você mirou no quarto chacra dela. E acertou na mosca.

Hem?

— O corpo possui sete chacras. O quarto deles, ou o chacra do coração, como às vezes é chamado, é o centro do amor incondicional, da compaixão, do eu superior, de tudo aquilo que faltava a Drina. E isso a enfraqueceu, fez com que ela ficasse completamente vulnerável. Ever, foi a *falta de amor* que matou Drina.

— Mas se tinha esse ponto fraco... por que ela não tentou se proteger de alguma forma?

— Porque foi pega de surpresa. Porque era uma pessoa egocêntrica. Porque se deixou levar pelo próprio ego. Drina não se dava conta de quanto havia se tornado amarga, rancorosa, possessiva...

— E se você já sabia disso tudo, por que não me disse antes?

Ele dá de ombros.

— Era só uma teoria minha. Como nunca matei um imortal, não sabia se funcionaria ou não. Até

agora.

— Quer dizer que há outros imortais andando por aí? Drina não era a única?

Ele abre a boca para dizer algo, mas logo muda de ideia e permanece calado. Percebo uma expressão nos olhos dele... culpa? remorso? Mas em poucos segundos ele volta ao normal.

— Ela contou umas histórias aí sobre você e seu passado...

— Ever — intervém Damen. — Ever, olhe para mim! — E ergue meu queixo até que eu obedeça. — Faz tempo que estou na estrada e...

— Eu sei, *seiscentos anos*!

— Mais ou menos isso. O fato é que... bem, já vi muitas coisas e fiz outras tantas. Minha vida nem sempre foi tão correta ou tão pura quanto eu gostaria. Aliás, muito pelo contrário. — Ele me puxa de volta quando, preocupada com o que estou prestes a ouvir, ameaço recuar. — Confie em mim, Ever. Você está preocupada à toa! Não sou um assassino, muito menos uma pessoa do mal! O problema é que... houve épocas em que cedi às tentações da boa vida. Mas mesmo assim, sempre que a encontrava, abria mão de tudo só para ficar a seu lado.

Recuo novamente e desta vez consigo me desvencilhar.

Meu Deus, só pode ser isso!, penso. *Um caso clássico do garoto que perde a garota! E no caso dele... uma vez, dez vezes, cem vezes, ao longo de séculos, sempre abandonado antes de conseguir o que quer! Só por isso está tão interessado! Só por isso ele não vai embora de vez. Por minha causa. Para ele, sou uma espécie de fruto proibido que respira, vive! Será que vou ter de continuar virgem por toda a eternidade? Sumir por alguns anos, só para alimentar o desejo dele? Afinal, agora que estamos presos um ao outro para sempre, assim que ele conseguir o que deseja, será só uma questão de tempo até ele se fartar de minha companhia, até não conseguir mais olhar para minha cara e, então, voltar para a "boa vida" de que realmente gosta.*

— *Presos um ao outro?* É assim que você nos vê? Acha que está *encalhada* comigo para o restante da eternidade? — E olha para mim de um jeito que me deixa na dúvida: não sei se está ofendido ou brincando.

Por um instante, esqueci que meus pensamentos não são apenas meus quando ele está por perto. Portanto, sentindo o rosto queimar de vergonha, tento me explicar:

— Não, não é isso! É que... bem, achei que era assim que você se sentia a *meu* respeito. Quer dizer, a gente está cansado de ver isso em histórias de amor! E em nosso caso mais ainda, *já que tantas vezes nos perdemos um do outro*. Não é à toa que você sempre volta a me procurar. Não porque goste de mim, mas porque faz seiscentos anos que está tentando entrar nas minhas calcinhas!

— Nas anáguas, nas pantalonas... Acredite em mim, as calcinhas só entraram na moda muito, mas muito tempo depois — ele retruca. Mas quando vê que não estou rindo, puxa-me para perto e diz: — Ever, eu gosto de você, sim, mas não por este motivo. E se me permite um conselho, sei por experiência própria que a melhor maneira de lidar com a eternidade é vivendo um dia de cada vez.

Depois me dá um beijo, mas logo toma a iniciativa de se afastar. Então pego sua mão e o puxo de volta para dizer:

— Não vá embora. — Fico encarando Damen. — Nunca mais saia do meu lado, por favor.

— Nem para buscar um copo d'água para você? — ele brinca.

— Nem pra isso — respondo, as mãos explorando o rosto inacreditavelmente perfeito que tenho à minha frente. — Damen, eu... — As palavras param na garganta.

— Você o quê? Fala. — Ele sorri.

— Senti muito sua falta — finalmente consigo falar.

— Também senti a sua — ele devolve. Depois se aproxima para beijar minha testa, mas subitamente recua.

— Que foi? — pergunto, observando a maneira como ele me olha, o sorriso largo entre os lábios, a expressão de carinho no rosto. Então passo os dedos sob a franja e levo um baita susto ao perceber que a cicatriz não está mais lá.

— O perdão cura — ele diz sorrindo. — Sobretudo quando perdoamos a nós mesmos.

Olho fundo nos olhos dele, sabendo que deveria dizer alguma coisa, mas sem saber se encontrarei as palavras certas. Portanto, apenas fecho os olhos e dou vazão aos pensamentos para que eles sejam lidos.

Mas Damen ri e diz:

— É sempre melhor quando é dito.

— Mas eu já disse. Foi por isso que você voltou, não foi? Achei que fosse vir mais cedo. Tipo assim, eu até estava precisando de sua ajuda.

— Ouvi quando você chamou, claro. E teria vindo antes, mas precisava ter certeza de que você estava realmente pronta, não apenas se sentindo sozinha depois que Riley se foi.

— Você sabia disso também?

Ele assente com a cabeça.

— Você agiu certo.

— Então... você quase me deixou morrer naquela cozinha só porque queria ter uma certeza?

Damen faz que não.

— Jamais deixaria você morrer, Ever. Não desta vez.

— E Drina?

— Subestimei o ódio dela. Não imaginava que ela fosse capaz.

— Vocês não liam os pensamentos um do outro?

— Faz tempo que aprendemos a blindar nossos pensamentos — ele responde olhando para mim, acariciando meu rosto com o polegar.

— Você vai me ensinar a blindar os meus também?

Damen sorri e diz:

— Com o tempo vou lhe ensinar tudo, prometo. Mas, Ever, você precisa ter consciência do que tudo isso implica. Se optar pela eternidade, nunca mais verá sua família outra vez. Não vai atravessar aquela ponte. Você precisa saber onde está se metendo. — Ele ergue meu queixo e olha fundo em meus olhos.

— Mas eu posso, tipo... *cair fora* quando quiser, não posso? Foi você mesmo quem disse.

— Quanto mais o tempo passa, mais difícil fica.

Sei que o preço da eternidade é alto, mas sei também que as coisas podem se arranjar. Riley prometeu mandar algum tipo de sinal; depois disso vejo o que faço. E se a eternidade começa hoje, é assim que vou vivê-la: até o fim do dia, e só. Sabendo que Damen estará sempre a meu lado. *Tipo assim*, *sempre*, *certo?*

Ele busca meu olhar, esperando uma resposta.

— Eu amo você — digo baixinho.

— Também amo você — ele devolve, os lábios pedindo os meus. — *Sempre* amei. E *sempre* vou amar.

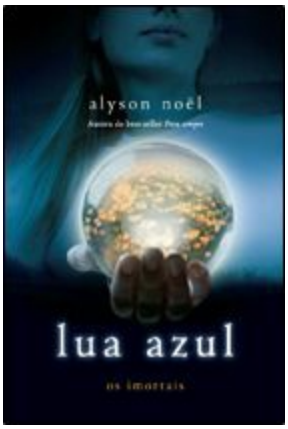


ALYSON NOËL é autora de nove romances. Nasceu em Orange County, na Califórnia, e após o ensino médio decidiu conhecer o mundo – viajou por toda a Europa e acabou por se fixar na ilha grega de Míkonos. Hoje, de volta aos Estados Unidos, mora com o marido em Laguna Beach e dedica-se integralmente a seus livros.

conheça os livros da série Os imortais



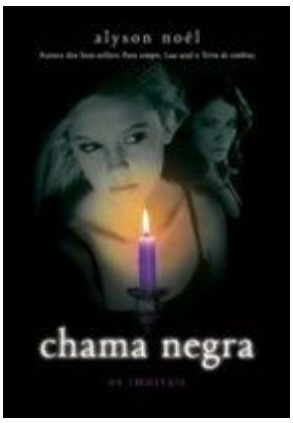
Volume 1



Volume 2



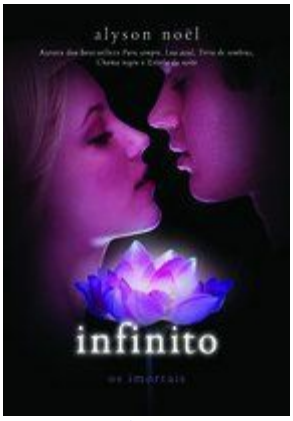
Volume 3



Volume 4

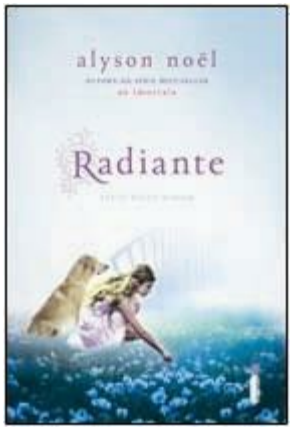


Volume 5

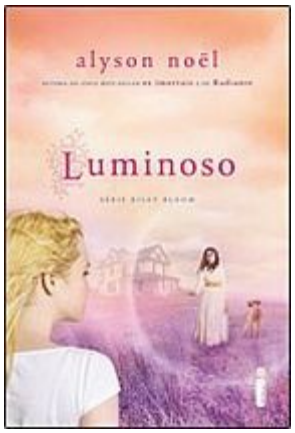


Volume 6

conheça os livros da série Riley Bloom



Volume 1



Volume 2

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
dedicatória
agradecimentos
as cores da aura e seus significados
um
dois
três
quatro
cinco
seis
sete
oito
nove
dez
onze
doze
treze
catorze
quinze
dezesseis
dezessete
dezoito
dezenove
vinte
vinte e um
vinte e dois
vinte e três
vinte e quatro
vinte e cinco
vinte e seis
vinte e sete
vinte e oito
vinte e nove
trinta
trinta e um
trinta e dois
trinta e três
trinta e quatro
trinta e cinco

trinta e seis
trinta e sete
trinta e oito
Sobre a autora
Conheça os livros da série Os imortais
Conheça os livros da série Riley Bloom